cdericod'Almeida

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE LOULÉ

Monografia

DO

CONCELHO de LOULÉ

POR

FRANCISCO X. D'ATHAIDE OLIVEIRA

Bacharel formado em Theologia e Direito
pela Universidade de Coimbra, Conservador Privativo do Registo Predial
da Comarca de Loulé
e socio correspondente do *Instituto* de Coimbra

PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (A VAPOR)
Travessa de Cedofeita, 54
—
1905

Dr. Marçal Pacheco

A Marçal Pacheco

Á tua memoria saudosa, meu querido e inolvidavel amigo, dedico e consagro: A MONOGRAFIA DO CONCELHO DE LOULÉ.

E assim seja este meu livro comprehendido naquellas doces affeições a que o poeta, teu e meu amigo, se referiu, quando chorou a tua morte:

AO MENOS...

Ao menos, dorme o somno derradeiro
na terra, em que folgou quando creança!
reclina-se no tumulo e descança
onde floriu o seu abril primeiro!

Elle ha-de ouvir, por noites estrelladas
em notas doces de ideaes balladas
aquella aragem acariciadora
que lhe embalava a meninice outr'ora!

Quando o sol apontar além da serra
e na alameda aves soltarem himnos
talvez se oiça no tumulo qu'o encerra:
«Reconheço-vos, canticos divinos!
«Reconheço-vos, sol da minha terra!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

A minha alma agradecida á tua memoria sagrada dedica-te este pobre documento de infinda gratidão.

O Autôr.

DUAS PALAVRAS

Ha annos recebi do Ex.mo Snr. Abbade de Miragaia, continuador do Portugal *Antigo* e *Moderno,* uma preciosa carta em que me lembrava fizesse a *Monografia do Concelho de Loulé.* Respondi agradecendo a lembrança, mas confessando-me incapaz de levar a bom fim um tratado daquella natureza. Ultimamente pensei que em nenhum trabalho melhor podia significar a minha consagração á memoria do Dr. Marçal Pacheco do que em um livro, que tratasse do seu concelho. Além desta principal consideração, ainda o desejo de mostrar o meu reconhecimento para com um concelho, que se tem esmerado em considerações para comigo, que sou um extranho, fez que, apesar da minha insufficiencia, me dispuzesse a escrever um livro, onde consignasse tudo o que havia de notavel neste concelho. Eis a razão do presente livro.

*
* *

Para escrever, porém, um livro desta natureza, tinha de manusear velhos *infolios,* de consultar arquivos antigos, e de me informar ácerca das tradi-

ções authenticas, concernentes a factos, já distantes da nossa época; e por isso tive de recorrer a esses *infolios,* arquivos e tradições.

Então notei que o trabalho era maior do que eu suppunha e que pouco adiantaria, se não encontrasse pessoa ou pessoas que me auxiliassem. Encontrei, felizmente, o que desejava, e é dever meu agradecer aqui essa coadjuvação. Para o exame dos arquivos paroquiaes muito me auxiliaram os reverendos parocos de todas as freguezias do concelho e os coadjutores das duas freguezias da villa e de Boliquême; para o estudo do arquivo camarario prestou-me relevantes serviços o digno Escrivão da Camara, aposentado, o Ex.^mo^ Snr. Joaquim Claudio Rafael Pinto; para o estudo do arquivo da Misericordia e Hospital devo identicas finezas ao seu Ex.^mo^ Vice-Provedor, o Dr. Diogo Marreiros Mascarenhas Neto; para o exame dos cartorios auxiliaram-me os Ex.^mos^ Escrivães Joaquim Antonio Teixeira e Thomaz Joaquim Rua. A todos estes cavalheiros agradeço a fineza das suas attenções e a prontidão dos seus serviços.

*
* *

Não me bastavam informações e apontamentos antigos, pois tinha tambem de informar sobre assuntos dependentes das Repartições da Fazenda e da Camara. Semelhantemente encontrei no Ex.^mo^ Snr. José de Azevedo Pacheco, digno Escrivão de Fazenda, e no Ex.^mo^ Snr. Eduardo Rafael Pinto, digno Secretario da Camara, valiosissimos auxiliares que não só puzeram ás minhas ordens todos os documentos das suas respectivas Repartições, mas me forneceram curiosas informações, que muito me auxilia-

ram neste trabalho. Cumpre-me, pois, egualmente retribuir tantos obsequios com a expressão do meu profundo agradecimento. E ainda sob este ponto de vista devo mais uma vez agradecer aos parocos e coadjutores supra-mencionados as informações do estado actual das suas respectivas freguezias.

*
* *

As *curiosidades historicas*, e outras noticias espalhadas neste livro, vieram-me de diversas fontes, sendo a tradição oral uma das principaes. Para o povo tive de appellar porque aquelles que muito devem a Deus em fazel-os nascer ricos, pouco se occupam de conservar *memorias*, porque menos cuidam em ouvil-as. Appellei pois para o povo e encontrei o que esperava. Ha nesta villa quatro monumentos vivos de genuinas tradições: um, ainda rapaz, é tão habil carpinteiro como cuidadoso e seguro *reporter* do que, em criança, ouvira a seu avô; outro, de mais edade, official de barbeiro, possue um livro onde aponta todos os factos do seu tempo, por ordem cronologica, sendo esse livro um precioso arquivo; outro é official de pedreiro e tem 82 annos: outro, actualmente, é official de diligencias do juizo de direito, e um pouco mais velho do que o antecedente. Foram estes os que melhor me informaram, e muitas vezes vi que as suas informações estavam em harmonia com as datas constantes dos documentos.

A estes quatro artistas, meus amigos, os Snrs.: José Francisco dos Santos Verdugo, Joaquim da Piedade Tortinho, José Ignacio d'Avila e Quintino José, agradeço egualmente todas as suas apreciaveis informações, que muito me auxiliaram.

*
* *

Para escrever a parte historica do livro e a apreciação das condições orograficas, hidrograficas, meteorologicas e geologicas do concelho, tive de consultar diversos auctores. Entre os primeiros citarei: *Um manuscrito de 1565 dos visitadores de Santiago a este concelho,* o *Diccionario Geografico* de P. Luiz Cardoso, o *Santuario Mariano,* e a *Corografia do Reino do Algarve* de João Baptista da Silva Lopes; entre os segundos, o *Algarve* de Charles Bonnet e a *Geografia* de Girardo A. Pery. Tudo o mais, que é realmente o de menos valor, pertence ao signatario destas linhas, que, ousadamente, ou confiado na benevolencia dos leitores, sáe a publico com obra de tão pequeno merecimento.

Loulé, 30 de Janeiro de 1905.

F. X. d'Athaide Oliveira.

MONOGRAFIA do CONCELHO de LOULÉ

CAPITULO I

Historia dos Concelhos

Para fazer um estudo completo dos actuaes concelhos, temos de remontar ao tempo dos romanos. Segundo a apreciação de Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, documentada em textos historicos, os romanos para a boa administração da Peninsula hispanica dividiram-na em *provincias* e estas em *chancellarias*. As cidades eram *colonias* ou *municipios*.

Colonias eram aquellas que tinham sido fundadas por tropas, familias romanas, ou por ellas habitadas; gosavam de grandes privilegios. Governavam-se pelas leis romanas, e os seus habitantes eram considerados cidadãos romanos; *municipios* eram os que se governavam por suas proprias leis, tendo todos eguaes direitos. Os mais privilegiados eram os municipios do antigo *direito latino*, considerados moradores romanos e podendo exercer cargos civis, militares e ecclesiasticos.

Nas lutas gigantescas entre Roma e a Peninsula hispanica teve esta de escolher chefes superiores que, ao mesmo tempo que a levavam para o campo da batalha, lhe davam leis para o seu regimen interior; e de todos estes o seu principal legislador foi Sertorio, que, copiando talvez alguns preceitos das leis romanas, criou os municipios, cuja instituição os gôdos adotaram.

Na edade média apparecem as instituições locaes, inspiradas nos preceitos romanos e organisadas por Sertorio, mas já um pouco influenciadas nos costumes de então, chamadas *municipios* e *communas*. Sómente depois que o sol da liberdade irradiou do nosso céu em 1822, 1826 e 1832 e 1834 é que obtivemos doutrina mais pura em todos os ramos da publica administração. Até 1832 ainda o nosso paiz estava dividido em *comarcas, termos* e *vintenas*.

O sabio Alexandre Herculano, referindo-se á fórma administrativa por que o nosso paiz se governava no tempo anterior á conquista das nossas liberdades, escreve:

« Todo o reino estava dividido em districtos ao mesmo tempo administrativos e militares chamados *terras*, a que era proposto como chefe supremo um nobre denominado o rico-homem ou tenente *(ricus-homo, dives-homo, tenens)*, e, ás vezes, senhor da terra *(dominus terrae)*. Ao mesmo tempo estes districtos formavam uma comarca judicial, um julgado *(judicatum)*, cujo magistrado tinha simplesmente o nome de juiz ou o de juiz da terra *(judex, judex terrae)*.

« Commumente estes districtos subdividiam se em prestamos *(prestimonium, aprestamum)*, isto é, numa porção de casaes, aldêas, ou freguezias, cujos rendimentos, no todo ou em parte, revertiam em beneficio dum prestameiro *(prestamarius)*; eram a retribuição de um encargo publico geralmente militar, mas ás vezes civil. Com o decurso do tempo, e conforme o accrescimo da cultura e da povoação, os julgados tambem se dividiram; e districtos houve repartidos em mais de um julgado. »

O mesmo sabio historiador, querendo fazer uma classificação dos differentes concelhos que encontrou, com auctoridades e attribuições diversas, reduziu-os a tres classes: *rudimentares, imperfeitos* e *perfeitos*. Nos *rudimentares* havia um governador militar e administrativo, e era necessario o consentimento dos municipes para a sua eleição, porém o *juiz do districto* e os *mordomos do fisco* decidiam as questões judiciaes e financeiras. Nos *imperfeitos* comprehendiam-se cinco formulas: 1.ª, semelhante aos rudimentares, mas sem aquelle *juiz* e sem o *mordomo do fisco*, mas com um juiz especial, nomeado pelo rei, e com jurisdicção sobre o concelho; 2.ª, comprehendia os *homens bons* em logar do juiz, parecendo-se aos juizes arbitros; 3.ª, em logar do mordomo do fisco para varios concelhos, havia um especial, electivo,

para cada um; 4.ª, os chamados *burgos* com garantias, muitas vezes inferiores ás dos concelhos imperfeitos; e os que os habitavam não eram *colonos,* mas *burguezes,* sendo o tributo lançado sómente sobre a propriedade urbana. Nestes os *conselheiros villões* estavam ligados ao municipio, e as suas obrigações limitavam-se a prestar serviços pessoaes, durante a paz e a entrar em guerra, montados nos seus cavallos, e trabalhar gratuitamente nos castellos e edificios do Estado, sob pena do *marabotino de maio;* 5.ª, finalmente era aquella em que não havia *cavalleiros villões.*

Os concelhos perfeitos comprehendiam quatro formulas: a 1.ª tinha por tipo o foral de Santarem; a 2.ª o foral de Salamanca; a 3.ª o foral d'Avila; e a 4.ª finalmente os que tinham regimentos e organizações especiaes, não seguindo nenhuma daquellas formulas, ou adotando de cada um dos outros municipios as attribuições que mais lhes convinham.

Esta differença de regimentos, cada um com os seus privilegios; esta diversidade de nomenclaturas, e até de nomes, devia necessariamente produzir uma extraordinaria confusão na administração central. Por isso o marquez de Pombal tratou de imprimir em corporações tão variadas uma certa homogeneidade, que lhes faltava, reformando-as. E reformou-as dando a cada municipio, communa, concelho ou *termo um juiz de fóra,* tres vereadores *(mais velho, segundo e mais moço)* um procurador e um escrivão com um recebedor particular. Assim, ao menos, deu-lhe um certo pessoal com designações determinadas. Mas isto não podia durar muito, e effectivamente não durou, porque o triunfo pleno da causa liberal — como escreve o snr. Marques Gomes — alterou completamente o velho sistema governativo. A primeira lei administrativa propriamente dita, que tivemos em Portugal, foi o decreto n.º 23, de 16 de maio de 1832. Creou este decreto seis grandes magistrados — Prefeitos de provincia, delegados destas, Sub-Prefeitos de comarcas e outros, ainda delegados destes, Provedores de concelho.

A lei de 25 de abril de 1835 e o decreto de 18 de julho do mesmo anno estabeleceram um novo sistema, por que criaram 17 grandes circumscripções, a que deram o nome de *governos civis,* presididas cada uma pelo seu chefe, chamado governador civil, e dividiram cada uma em mais pequenas circumscripções, a que chamaram *administrações do*

concelho, sendo cada uma destas presidida por um *administrador de concelho.* Criaram desta vez 789 concelhos. Loulé foi um destes.

Outra lei, a de 6 de novembro, e mais outra, a de 31 de dezembro, de 1836, conservando o numero de governos civis existentes, alteraram-lhes as designações: eram *governos civis* e passaram a ser *administrações geraes;* os seus chefes eram governadores civis e passaram a ser administradores geraes. Desta vez degolavam-se 26 concelhos, nenhum do Algarve.

A lei de 29 de outubro de 1840, mandando subsistir a denominação de governos civis e de governadores civis, suprimiu 1 concelho e creou 3 de novo, mandando tambem que o administrador do concelho fosse de nomeação régia. Devemos dizer que estes ultimos decretos não obedeceram sómente ao prurido de fazer innovações nos nomes das circumscripções e nos nomes dos seus chefes, porque em um delles foi-se reduzindo o ordenado do governador civil, que era de 1:600$000 reis a 1:000$000, e no outro reduziram-se tambem os ordenados dos empregados.

Dividido o paiz em 17 grandes circumscripções, e cada uma destas subdividida em concelhos, ficou Faro séde do governo civil ou districto e este dividido em 15 concelhos, Aljezur, Villa do Bispo, Lagos, Villa Nova do Portimão, Monchique, Silves, Lagôa, Albufeira, Loulé, Faro, Olhão, Tavira, Villa Real de Santo Antonio, Castro Marim e Alcoutim.

E tem sido conservado este numero até hoje, havendo apenas duas alterações que foram remediadas: a 1.ª foi o concelho de Aljezur unir-se ao de Monchique por decreto de 6 de novembro de 1836 e separado pela lei de 27 de setembro de 1837; a 2.ª serem suprimidos os concelhos de Aljezur, Villa do Bispo e Castro Marim, mandando unir aquelles a Lagos e este a Villa Real de Santo Antonio pelo celebre decreto do snr. João Franco e restituir-se a sua primitiva autonomia por outro decreto de entidade mais liberal.

Façamos agora um estudo verdadeiro e consciencioso do CONCELHO DE LOULÉ, que, segundo o artigo 42.º do codigo administrativo, é regido por uma Camara composta de sete vereadores, conforme determina o art. 43.º do citado codigo.

Regulando o assunto, diz o art. 45.º do mesmo codigo.

«As camaras municipaes teem presidentes e vice-presidentes, nomeados pelos vogaes, em escrutinio secreto, na primeira sessão de cada anno, constituindo-se para este effeito sob a presidencia do vogal mais velho, e preferindo, quando haja empate na votação, o mais velho dos votados.

§ 1.º Nas faltas e impedimentos permanentes e simultaneos dos presidentes e vice-presidentes procede-se sempre a novas nomeações.

§ 2.º Nos impedimentos temporarios e simultaneos dos presidentes e vice-presidentes, presidirão os mais velhos dos vogaes presentes.

§ 3.º Emquanto funccionarem vogaes effetivos não poderão presidir os substitutos.»

Com relação aos membros do corpo administrativo regula o art. 23.º do Cod. Adm., que diz:

«Art. 23.º—Nas faltas ou impedimentos dos vogaes em exercicio chamar-se-hão os substitutos e supplentes nos termos dos §§ 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º do art. 6.º, em numero egual ao dos vogaes impedidos, e pelo tempo por que durar o impedimento.»

Com relação á publicidade das actas camararias, diz o art. 49 § 5.º:

«A camara, no mesmo dia em que remetter ao administrador do concelho um resumo das suas deliberações, fará affixar uma cópia na porta do edificio municipal, onde permanecerá durante oito dias.»

CAPITULO II

Concelho de Loulé

§ 1.º

Territorio

O concelho de Loulé está situado no coração do Algarve e confina do Nascente com os concelhos de Faro e Tavira, do Norte com o Alemtejo, do Poente com Silves e Albufeira, do Sul com o oceano atlantico.

A sua área, segundo uns, é divisivel em duas zonas: *litoral* e *serra;* segundo outros em tres: a 1.ª, tambem chamada de *beiramar,* comprehende terreno plano ou pouco accidentado, constituido por camadas do terreno terciario, alluviões e areias, bem cultivados, á excepção das dunas; 2.ª, tambem chamada do *barrocal,* comprehende porções de terrenos já mais accidentados e alguns montanhosos, com valles e platós, formados esses terrenos de rochas e argila, de calcareos secundarios e de marnes com algum grés e rochas eruptivas, mais ou menos basalquicas; a 3.ª, chamada *Serra,* constituida de grandes cadeias de montanhas, formadas de rochas schistosas e de culminantes graniticos; differe esta sensivelmente da primeira e da segunda, quer a consideremos sob o ponto de vista geologico quer na sua flora e na sua fauna.

Applicando esta divisão ao nosso concelho, a 1.ª zona é limitada a norte, pela estrada do litoral, pouco mais além; a 2.ª pelas visinhanças de Salir, e a 3.ª pelo Alemtejo.

Embora a fauna da 1.ª e 2.ª zona seja sensivelmente a mesma, com o mesmo rigor não podemos affirmar com relação á sua flora, pois que na 1.ª é o pinheiro que lhe imprime feição mais caracteristica pela circumstancia dos seus terrenos silicosos e areentos; no emtanto é certo que nelles se dão arvores e plantas, encontradas na 2.ª zona. São estas duas zonas onde se acumulam as riquezas botani-

cas do Algarve. A oliveira, a figueira, a vinha, a alfarrobeira, a amendoeira, o pinheiro, o loureiro, o limoeiro e a larangeira e todas as arvores de fructo produzem admiravelmente, accrescentando que os fructos mimosos das arvores fructiferas são os melhores do Algarve, com excepção dos de Monchique.

Dão-se ainda, principalmente na 2.ª zona, os cereaes, legumes, batata redonda e batata doce, a canna sacharina e outros vegetaes exoticos, como o algodoeiro, a bananeira, o mandobi e outras. A palma, a pita, o sumagre, o labdano, o opio ou a papoula, o carrasco e o carapeto, cujos grãos produzem milagres de tinturaria, plantas medicinaes e aromaticas, nascem expontaneamente nos nossos terrenos; emfim estas duas zonas constituem a parte mais preciosa da nossa agricultura, no concelho de Loulé. Já o mesmo não succede na 3.ª zona: ahi o reino vegetal soffre grave alteração porque quasi só ali encontramos o sobreiro, o azinheiro, o medronheiro, o esparto (na região do Alte) e poucos mais tipos botanicos de algum merecimento. No nosso concelho é tão raro o castanheiro que não sabemos até aonde existam taes exemplares.

Pelo que diz respeito á fauna entre as tres zonas, são mais abundantes as duas primeiras em numero de especies, sendo aliás certo que, raramente, se encontra na serra o lobo, que ainda mais raramente desce para o litoral.

Abunda, porém, a 3.ª zona em cera e mel, gado azinino, suino e caprino.

Estudada pois a constituição intima do territorio do concelho, sua fauna e flora, entremos no estudo do seu clima.

§ 2.º

Clima

Está o paiz dividido em zonas, pois que, apesar da sua pequena extensão, são muito variaveis as circumstancias meteorologicas, orograficas e geologicas, e estas teem uma grande influencia no nosso clima. Nesta classificação o Algarve está comprehendido na 7.ª zona, que é limitada ao N. por uma linha que passa por Cacella, Salir, S. Bartholomeu e Silves, indo terminar em Lagos. Dos estudos feitos

no posto metereologico de Lagos comparados com os feitos noutros postos do Alemtejo conclue-se que o clima, na parte central desta provincia, é muito mais suave do que noutras regiões, e muito especialmente neste concelho, onde as serras, na parte norte, de Alte, Salir, Ameixial e Querença, offerecem maior barreira aos ventos do norte e porque a predominancia dos ventos do mar, ao sul deste concelho, a certas horas do dia, exerce notavel influencia, suavizando grandemente a temperatura, tanto de verão como no inverno.

§ 3.º

Orografia

Não obstante as freguezias de S. Clemente e S. Sebastião acharem-se comprehendidas dentro da 2.ª zona, teem ainda assim alguns serros de respeitavel altura. Assim em a freguezia de S. Clemente de Loulé temos o serro da Cabana Queimada com 300 metros de altura, Cruz da Assomada com 289.m no logar onde está a cruz, e 305 no seu ponto mais elevado; e a propria villa de Loulé no seu ponto mais elevado está a 170.m

Na freguezia de S. Sebastião de Loulé temos o serro do Cabeço da Camara com 231.m no seu ponto mais elevado e com a média de 200 metros; Cerro da Picota a 305.m, Alfeição a 331.m, Monte Secco a 315.

Em Boliqueme não encontramos elevados serros. Em Alte o Espargal a 267m,077, Rocha Amarella a 315.m, Nave dos Cordeiros a 171.m, Francilheira a 273.m, Rocha da Pena, a 470.m, Rocha dos Soidos a 482.m e Bella Vista a 405.

Em Salir, a começar pela povoação, que está a 267,m30, temos o Serro dos Negros, cujo ponto culminante, a suéste, tem 445.m e outros serros como o do Minhoto, Vermelhos, Lavajo e Cumeada dos cavallos (em Salir e no Ameixial) cuja altura regula entre 350.m a 400m. Em Querença tambem se encontram alguns serros bastante elevados, como por exemplo o dos Andrezes de 305 até 330.m de altura, o do Bico Alto a 451m,015 e a propria egreja da Paroquia está a 276m,066 sobre o nivel do mar.

Estas são as alturas dos serros principais do concelho de Loulé em relação ao nivel do mar.

§ 4.º

Hidrografia

Além do rio de Quarteira, possuimos importantes e muitas *bacias littoraes* espalhadas por todo o concelho, que não só fertilizam as suas margens e muito favorecem a agricultura, mas auxiliam as industrias. Citaremos as principais, começando logo pela ribeira do Cadouço, na freguezia de S. Clemente de Loulé, que, no seu percurso até o mar, rega muitas hortas e faz moer muitas asenhas; a ribeira do Almancil; a ribeira do Boliqueme nesta freguezia; a ribeira das Mercês, da Benemola e da Tôr, em Querença; o rio Secco, ribeira do Salgado, do Lavajão e de Salir, nesta freguezia; a ribeira do Algibre e de Alte, em Alte; a grande Ribeira do Vascão com os seus afluentes dos Cravaes, Algandur e Valle da Roza, no Ameixial. Todas estas ribeiras semeiam a vida pelos campos que atravessam, já porque dão valor aos predios marginaes, já porque fazem moer centenares de asenhas.

Carlos Bonnet descreve a ribeira ou rio de Quarteira desde as suas primeiras origens pela seguinte forma: A oeste de Alportel ha umas pequenas fontes — Aguas d'Alte e Fonte Santa — que dão origem a uma pequena ribeira chamada a ribeira das Mercês, que atravessa a freguezia de Querença, a oeste, recebendo ahi o afluente Benemola, que vae depois passar á ponte da Tôr, tendo já nella entrado o chamado Rio Secco. O Rio Secco com outros afluentes — a ribeira do Salgado, e a ribeira de Salir e outros, entram nesta ribeira, que mais adiante toma o nome de ribeira do Algibre e segue até Paderne. Ahi muda de nome para ser conhecida pela ribeira de Paderne. Já então, muito engrossada por tantos afluentes, descreve uma grande curva, e recebe a ribeira d'Alte. Banha o sopé do monte, onde se acha ainda o castello de Paderne, e segue até Quarteira, sendo então ahi cognominada o rio de Quarteira. E desta forma — termina Carlos Bonnet — são as fontes de Alte, Paderne e Querença as que concorrem com maior porção d'agua para formar o rio de Quarteira.

§ 5.º

Hidrologia

Possue o concelho de Loulé nas freguezias de S. Clemente, Querença, Alte e Salir, bastas fontes de agua potavel muito apreciada; de somenos importancia são as fontes nas freguezias de Almancil, S. Sebastão de Loulé e Boliqueme. A Fonte d'Alfarrobeira, a Fonte do Cadoiço e toda a campina de cima, pertencente á freguezia de S. Clemente de Loulé, são de uma riqueza extraordinaria; a Fonte de Alte só por si é origem de uma grande ribeira; as fontes do Salir dão agua á farta para a sua freguezia, e ás nascentes do Ameixial succede o mesmo. Das margens da Ribeira Benemola rompe uma fonte sob uma ingreme rocha, deitando tão grande porção de agua e com tal impeto e violencia, que chega a cortar a propria ribeira e vai buscar a margem fronteira.

Além d'estas aguas communs ha em Salir, Querença e Alte abundantes depositos de agua ferrea.

Ao sul da freguezia de S. Clemente de Loulé existe uma copiosa fonte, chamada a *Fonte Santa*, cujas aguas são de maravilhosos effeitos para doenças cutaneas, para dôres e mais doenças rheumaticas.

No verão temos visto muitas barracas armadas junto da Fonte onde se acolhem os doentes, visto não haver ali predios urbanos, que os recebam.

Aconselhâmos a Camara deste concelho que mande analizar aquellas aguas e faça o que teem feito no norte as respectivas Camaras.

E sabem o que se fez com relação ás aguas mineraes do Luso, districto de Coimbra?

Estudadas que foram as aguas, o administrador do concelho nomeou uma commissão que foi encarregada de estudar os trabalhos a realizar. A Camara Municipal nomeou outra commissão auxiliadora; e de accordo combinaram os trabalhos cuja despeza foi calculada em 1.000$000 de reis.

Por lei de 29 de julho de 1850 foi a Camara auctorizada a contrair um emprestimo d'aquella importancia para a construcção de um edificio, ou contractar a obra por empreza, como fez. Depois de baldadas diligencias installou-se

uma *Sociedade* para o melhoramento dos banhos do Luso, cujos estatutos foram approvados por assembleia geral de accionistas em 27 de agosto de 1853 e pelo alvará regio de 21 de dezembro do mesmo anno. O fundo da sociedade era representado por 600 acções de 10$000 reis cada uma, a juro de 5 %, devendo o estabelecimento, logo que o producto liquido da exploração tivesse reembolsado os accionistas dos capitaes dispendidos, voltar para o municipio, como effectivamente já voltou.

E' o que a Camara Municipal de Loulé tem de fazer, se a analise das aguas dér resultado. Para isto tudo sómente se exige paciencia e pouco dinheiro, e antes de tudo, boa vontade de ser util ao municipio.

§ 6.º

Hidrografia da Costa

Com relação a este assunto limitamo-nos a transcrever a *Corografia do Reino* do Algarve:

«Desde a barreta de Vallongo continúa a costa de areia com a restinga da parte de fóra, sem que a praia, a qual toma o nome de Ancão, permitta que as artes lancem as rêdes, nem mesmo onde se achão os restos do forte novo de Loulé, 8 milhas a O. Em Quarteira, 1 milha mais a O., fórma o mar uma enseada, em que a praia é mais coberta de areia, e por isso as artes lançam nella as rêdes. Aqui desagúa a ribeira do mesmo nome, que não dá entrada nem a lanchas, as quaes ficam encalhadas na praia com as artes. Na margem direita da ribeira está a torre velha, que a defendia; e a povoação em uma eminencia pouco distante para o interior. Perto de Vallongo 1/4 de legoa a O. se lançava a armação de Quarteira, e existe o forte arruinado daquelle nome: nesta praia deitam as artes os seus lanços.

«De Vallongo até á ponta de Albufeira, 5 1/2 milhas a N. 13.º O, é a costa muito aspera, bordada de uma arriba de rocha escarpada, que parece uma forte muralha formada pela natureza com mais de 50 braças de altura em alguns sitios. Observa-se entre as suas camadas grande quantidade de conchas petrificadas, e muitas ainda no seu estado natural, seguindo-se-lhe logo muitos lanços de carbonato calcareo, com direcção ao mar, mais ou menos obliquamente.»

§ 7.º

População

Carlos Bonnet, no seu *Algarve* (Portugal) *Description Geographique et Geologique de cette province,* pasmado do augmento de população deste concelho, depois de ter comparado differentes estatisticas, escreveu: *Actuallement les villes qui participent le plus à l'accroissement sont, Loulé et les villages de son canton; puis Olhão.*

De fórma que entre todos os concelhos desta provincia era o concelho de Loulé que occupava o primeiro logar em crescimento de população.

E este augmento é ainda hoje extraordinario. Ainda em 1890 a estatistica affirmava que o concelho de Loulé accusava uma população de 38:512 almas, e já em 1900 existiam 44:063 habitantes, sendo 22:388 do sexo masculino e 21:675 do sexo feminino, assim distribuidos pelas freguezias do concelho:

Freguezias	Habitantes	Masculinos	Femininos
Almancil	3:233	1:623	1:610
Alte	4:846	2:491	2:355
Ameixoal	1:592	840	752
Boliquême	4:981	2:487	2:494
S. Clemente	12:840	6:560	6:280
S. Sebastião	9:671	4:794	4:877
Querença	2:270	1:181	1:089
Salir	4:630	2:412	2:218
	44063	22388	21675

Devemos declarar em abono da verdade que é completamente destituida de fundamento a differença que se encontra entre a população das duas freguezias, de S. Clemente e de S. Sebastião. O recenseamento foi feito por uns emprezarios de *cinco reis por cada habitante.* Nem se incommodaram em sahir de suas casas. Desenganem-se: as estatisticas sómente representarão a expressão da verdade quando forem formadas por parocos de cada uma das freguezias. Deem um subsidio ao paroco, façam-no jurar essa estatistica, por elle organizada e terão uma boa estatistica. Deixem de uma vez os *emprezarios.*

§ 8.º

Molestias endemicas

Para melhor caracterizar os pontos em que as molestias endemicas costumam particularmente fazer a sua residencia, dividiremos o concelho em trez zonas: a 1.ª começa ao nivel do mar e estende-se a uma altura de cem a cento e cincoenta metros; a 2.ª d'ahi a 300 metros; a 3.ª de trezentos metros até o limite do concelho pelo lado norte. Estas zonas não se acham separadas por limites absolutos, mathematicos, mas por limites de aproximação.

A 1.ª zona, occupando terreno baixo, alagadiço, e mais ou menos pantanoso, está, principalmente no verão, mais ou menos sujeita ás febres palustres. O paludismo, no tempo de Carlos Bonnet, em 1850, fazia muitas victimas; e aquelle escritor até cita um proverbio então corrente: *qui veut mourir, doit aller á Aljezur ou sur les bords de lá Quartiere.*

Felizmente uns certos cuidados hygienicos na limpeza das ribeiras e no esgoto das terras encharcadas, tornaram exagerado o proverbio no tocante a Quarteira, onde já se não notam os caracteristicos do paludismo nas faces macilentas dos seus moradores.

Na 2.ª zona, na região do barrocal, notam-se principalmente, na quadra outomnal, e na passagem para a quadra da primavera, as febres infecciosas, mais ou menos caracteristicas; e na 3.ª zona, propriamente da serra, desapparecem as molestias endemicas, excepto, e isso raramente, nas aldeias encostadas ás ribeiras, onde existem aguas estagnadas e alagamentos de esparto, ou de tremoços a adoçar.

Succede, embora reputemos estes casos meramente exoticos, apparecer, de annos a annos, as chamadas febres tefoides, como não ha muitos annos succedeu em Alte, mas esses casos não os podemos classificar entre as molestias endemicas d'um concelho ou de uma freguezia.

Na villa de Loulé tambem teem apparecido, depois de intervalos maiores ou menores, casos similhantes de tifos, devidos certamente a focos de infecção, pois que a hygiene aqui é uma palavra de significação desconhecida para a gente do povo.

— Em a N. Senhora da Piedade não querendo não ha doenças — dizem. E com este argumento se ficam, sem aten-

der aos conselhos da hygiene. De modo que neste assunto a gente da Quarteira está mais adiantada do que muita gente da villa.

* * *

A este proposito e para explicar quaesquer duvidas resultantes do que deixamos escrito, servir-nos-emos do trabalho importante sobre o *Sezodonismo* do Senhor Ricardo Jorge, e que nos foi mostrado pelo snr. dr. Joaquim Bernardo de Souza Oliveira, illustre clinico d'este concelho.

Diz o illustrado auctor da obra citada:

«Professava-se outr'ora que o pantano dava a febre e a febre vinha do pantano: palustre e sezonatico eram afinal tudo um.

«Não é assim: ha empaludismo sem sezonismo e sezonismo sem empaludismo. A qualidade malarigina do pantano ou de qualquer deposito de agua morta ou dormente vem-lhe de servir de viveiro ás larvas dos mosquitos, e não quaesquer mosquitos, mas um genero determinado — o *anopheles*. Estes, porém, não depositam as suas larvas sómente sobre os pantanos, mas sobre quaesquer charcos ou poças, uma vez que conservem a agua durante o tempo da colisão das larvas. São depois esses mosquitos que nos transmittem as sezões. Portanto guerra contra o parasita é a grande divisa prophylatica como contra todas as molestias infecciosas e endemicas. Ora a quina não só mata o parasita, mas obsta a que elle communique ao homem a enfermidade.»

«Aplique-se pois a quina, mas em quantidade bastante para nos livrar das febres.

«O anapheles desova nas agoas, e nellas pululam suas larvas. Cerrar-lhe, o viveiro é cortar o mal. Portanto a prophylaxia tem de haver-se não só contra o paul mas contra todo o deposito d'agua em condição de gerar mosquitos; faça-se o escôo dessas aguas, e está morto o parasita». Foi assim que morreu a hydra de Lerna — diremos nós.

Eis um pequeno resumo d'aquella obra importantissima. As condições de Quarteira modificaram-se desde que procederam ao escôammento das aguas, que se conservavam estagnadas no paul, nas ribeiras e em quaesquer depositos demorados. Voltará porém a malaria, logo que se descuidem e não façam aquella limpeza. O que dizemos relativamente

a Quarteira é aplicavel áquellas regiões onde se deem taes enfermidades. Secar o deposito de agua, e aplicar a quina ao enfermo, logo e logo que se manifeste a enfermidade, são os meios unicos de acabar com as febres.

Ha ainda um meio de matar as larvas dentro do deposito d'agua, é lançar no deposito petroleo por derramamento ou por meio de um rolho de panno que se passeia sobre a agua; basta que chegue á percentagem de 20 cc. por metro quadrado.

E' este o conselho do illustrado auctor da obra citada. Seguir os conselhos e os preceitos da sciencia é acabar com um mal, que bastante tem dizimado a população.

§ 9.º

Minas

Parece não ser assente que os phenicios ou carthagineses exercessem na antiga Iberia a industria mineira. Pelo menos aqui não encontramos trabalhos nesse sentido que se lhes possam atribuir. Dos romanos encontram-se muitas provas de que tivessem aqui explorado as nossas minas. Parece até que em Querença e em Alte se encontraram muitos vestigios dos seus trabalhos de exploração. Neste concelho foram registadas em 1868, 27 minas de cobre, 14 em Querença, 9 em Alte, 3 em Salir, e 1 nas freguezias do Loulé; e mais quatro minas de ferro, tres de carvão de pedra, uma de guano e duas de manganez.

Em 1890 foram registadas mais duas minas de cobre, uma em Alte e outra em Querença. Em 1895 foram registadas duas de ferro e duas de cobre em Alte. Em 1897 mais outra de manganés em Alte. Em 1898 foram registadas quatro minas de cobre, e em 1899 uma de carvão de pedra em S. João dos Mattos d'Almancil. Em 1900, uma de prata, outra de cobre e outra de carvão de pedra; em 1901 e em 1903 uma de cobre e outra de ferro.

Possue tambem este concelho excellentes pedreiras e bons materiaes de construcção; abundando em Alte e Salir ardosias, e calcareos em a freguezia de S. Clemente.

Na parte do barrocal extrae-se boa pedra para cal, e na freguezia de S. João dos Methos d'Almencil existem alguns d'esses fornos.

§ 10

Viação publica

Sendo a viação publica um dos factores que mais influem no desenvolvimento e riqueza de um paiz, com verdade devemos dizer que não é o concelho de Loulé que menos tem collaborado nesse assumpto. E' atravessado por duas estradas distritaes, de Faro a Lagos, e de Tavira para esta cidade; tem cinco estradas municipaes para as povoações do Salir, Alte, Boliquême, Quarteira e Almancil. Para completar a rede de estradas da séde para as povoações do concelho, só lhe faltam as estradas para Querença e o Ameixial. E certamente a camara já teria emprehendido esses trabalhos, se o governo lhe pagasse a importancia de 11.504:433, em divida ha muitos annos, correspondentes aos subsidios das estradas de Alte e Almancil, consoante o art. 20 da lei de 15 de julho de 1862.

Aconselhariamos á camara que, obtido aquelle pagamento, os seus primeiros trabalhos de viação devessem ser applicados á estrada de Loulé a Querença até entrar na estrada que de Faro vae para o Alemtejo.

Razões de toda a ordem aconselham o emprehendimento d'aquelle trabalho.

No N. E. do concelho é este atravessado por uma estrada, ha muitos annos começada, mas ainda não concluida, que será uma arteria importantissima, communicando o Algarve com o Alemtejo.

E' sabido que a construcção das estradas empedradas ou a Mac-Adam começou em Portugal no mez de Agosto de 1849 de Vendas Novas a Elvas. Chegaram tarde ao Algarve essas estradas, mas Loulé foi o primeiro concelho ou dos primeiros que as iniciaram.

Atravessa a via ferrea este concelho na sua parte sul e quasi constitue a linha divisoria entre a zona do litoral e do barrocal. Infelizmente, porem, a via ferrea muito pouco auxilia o commercio do concelho, por isso que a sua Estação dista 5 kilom. da villa.

§ 11.º

Emigração

São os habitantes do concelho de Loulé essencialmente trabalhadores, mas não são aventureiros; circumstancia esta que os torna tão amigos de suas familias e do torrão, onde nasceram, que é raro o caso de emigração. Podem-se apontar a dedo, e é quasi certo que o raro emigrante, que d'aqui tem saido, muda de região, não porque lhe falte onde exerça a sua actividade, mas porque circunstancias especiaes da sua vida em relação intima com o seu comportamento o forçaram a isso.

E' certo que, na temporada das ceifas e na faina dos trabalhos da cortiça, saem para as provincias do norte e até para a Andaluzia milhares de operarios a exercer os seus misteres, mas são de curta duração as suas auzencias.

Parece, pois, que essa febre de emigração, que se nota ainda hoje nas nossas provincias do norte, e tanto se affirmou nos tempos em que colonizamos sa Indias, o Brasil e a Africa, deixou de atacar o habitante deste concelho, se em algum tempo o affectou.

Verdade é que nem sempre a aventura e a ambição do ouro são os unicos factores da emigração; succede muitas vezes que a negação para o serviço militar influe principalmente no indeviduo para deixar a patria, mas examine-se com cuidado este ramo de publica administração e observar-se-á que este concelho paga sempre, sem o mais pequeno debito, o seu imposto de sangue.

Segundo as estatisticas publicadas, o districto administivo de Faro apenas deu um emigrante em 1871, em 1872, deu cinco, em 1873 deu 7, em 1874 nenhum. D'aquelles emigrantes nenhum era do concelho de Loulé.

§ 12.º

Agricultura

Neste concelho é a agricultura a sua principal fonte de riqueza. Muitas causas teem obstado ao seu desenvolvimento; communs ao paiz e especiaes deste concelho.

Nas epocas primitivas da constituição do nosso paiz

em nacionalidade independente, tivemos de sustentar luctas terriveis contra os nossos inimigos, e assim devemos occupar na guerra braços que roubavamos á agricultura. Mais tarde a febre das riquezas, que vinham das Indias e as conquistas na Africa, Asia e America, em vez de promoverem a agricultura, continuaram a influenciar contra ella..., e assim foi a agricultura do país como deste concelho, caminhando sem norte nem guia, por falta de poderosas iniciativas.

Data de 1852 um tal ou qual progresso na nossa agricullura, devido certamente á construcção de estradas e caminhos de ferro, á abolição dos morgados e desenvolvimento da instrucção publica, factores que muito contribuiram para o seu progresso.

Outras causas especiaes deste concelho deveram ter influido contra o nosso progresso agricultural; as guerras dos guerrilhas em 1833 e annos seguintes até á prisão do Remechido, porque nem o lavrador da serra ousava fazer sementeiras, nem o da região do litoral a fazer plantações; aquelles viviam escondidos por entre os montes para escapar aos guerrilhas que os roubavam e aos liberaes que os assassinavam; estes tinham desamparado suas casas e refugiado nos grandes centros ou assentado praça nos corpos militares de então para melhor e maior segurança propria, de suas familias e de suas propriedades.

Alem disso neste concelho ha uma grande falta de capitaes por modico preço. O que tem dinheiro não o empresta com juro inferior a 10 %.

Nenhum banco agricola auxilia o grande e o pequeno lavrador; e emquanto um negociante se estabelece com toda a facilidade para quebrar amanhã, o lavrador não alcança quem o auxilie a não ser á custa de elevadas taxas de juro.

E todavia a nossa propriedade agricola é bastante valorizada. Vivemos numa região privilegiada pela natureza.

Como já dissemos, a região deste concelho divide-se em duas zonas distinctas, a do litoral e a da serra, mas ambas comprehendidas na grande região *meridional*, segundo a classificação feita do globo em região *hyperboria, media e meridional*. Por isso emquanto o nosso concelho na sua zona do litoral de 15 kilometros de largura, pouco accidentada e muito cultivada, produz trigo, cevada, centeio, milho, legumes, batatas, (doce e redonda), laranja, fructas, vinho,

azeite, figo, amendoa e alfarroba, canna do assucar, mandobi e amendoim e os melhores fructos; na zona da serra, inculta em grande parte, ainda assim ha em abundancia trigo, centeio, bolota e lande, sobreiros e azinheiros, mel e cera.

A fauna agricola deste concelho é tambem bastante notavel pelas suas especies: gado cavallar, muar, asinino, bovino, ovino, caprino e suino. Devemos porem notar que na região da serra é mais abundante o gado caprino, por isso que sendo a propriedade do litoral muito dividida, os lavradores d'esta zona teem feito guerra a esta especie que tudo destroe, menos a propriedade do seu dono, que, quasi sempre, nenhuma possue. Como é sabido no Algarve, e por tanto neste concelho, a superficie empregada na pastoriação do gado só pode servir na primavera e principio do estio, quando abundam os restolhos, ou quando os matos da serra se cobrem de flores.

Não temos estatistica que em especial nos traduza a porção de terrenos incultos que este concelho possue; mas deve esta zona não cultivada ser representada em muitos milhares de metros quadrados, tanto na região do litoral, onde as areias abundam nas proximidades das costas, como na região da serra, onde abundam tambem enormes tractos de terreno, nu e escalvado, que a indolencia indigena não tem querido explorar, semeando alem o penisco e aqui lançando á terra a semente do azinheiro e do sobreiro. Nesta grande incuria accresce a acção dos governos com a canga dos impostos que mata o lavrador. O sr. Hintze Ribeiro nas *Questões parlamentares* escreveu:

«Aboliram-se os dizimos no continente em 1832, nas ilhas em 1861. Em substituição lançaram-se as decimas sobre os predios, sobre os foros, sobre a industria de cultura e exploração; instituiu-se o quinto dos bens denominados da corôa; creou-se o imposto predial em Lisboa e no Porto. E sobre isto lançou a lei de 12 de dezembro de 1844 5 % de addicionaes».

«A lei de 22 de julho de 1850 elevou os addicionaes de 5 a 15 % com aplicação ás estradas».

«O decreto de 31 de dezembro de 1852, transformando o imposto de quota, as decimas, em imposto de repartição manteve esses 15 % addicionaes e lançou mais 2 % para falhas e annullações por sinistros».

«Depois a lei de 30 de julho de 1860, regulando o imposto de viação, fixou em 20 % a percentagem dos addicionaes, e a lei de 1867, para acudir ás exigencias do thesouro, elevou de 20 a 40 %... por um anno; mas assim ficou».

«Já aqui temos 40 % de addicionaes á contribuição predial».

«Veiu a lei de 1880; converteu de novo o imposto de repartição em imposto de quota, fixando o contingente annual em 3.107:000$000 reis até que, pela revisão das matrizes se apurasse um rendimento sobre que a decima incidisse em quantia superior».

«Ora esse contingente, assim fixado, representava a fusão da contribuição principal com os addicionaes e, portanto, uma média constante de 14 % sobre a propriedade».

«Foi uma consolidação de addicionaes; mas em breve a lei de 1882 veiu lançar novos addicionaes sobre a importancia de todas as contribuições».

«A media do imposto predial subiu, pois, 14,84 por % do rendimento liquido da propriedade».

Mas não é só a isto que temos de attender; é necessario considerar tambem os impostos districtaes, municipaes e parochiaes».

O limite para estas contribuições foi fixado em 100 % no anno de 1887».

«Ora lançar 100 % sobre a importancia das contribuições do estado, o mesmo é que elevar esta importancia ao dobro».

«E ainda temos a accrescentar 11,76 %, média dos addicionaes que a lei de meios estabeleceu para compensar os encargos que dos districtos forem transferidos para o estado, em virtude do que se preceituou nos decretos districtaes d'este genero».

«Sommemos tudo e temos um total de impostos de 30,48 % sobre o rendimento liquido da propriedade».

Não ficou aqui: o estado pediu e pedirá sempre e de cada um mais. As leis de 1886 e seguintes teem elevado o imposto a quasi 70 % dos nossos rendimentos.

Este concelho compõe-se de oito freguezias, mas na Repartição de Fazenda conservam-se ainda juntas as freguezias de S. Clemente e de S. Sebastião, e d'estas estão descritas na Matriz 2.391 predios urbanos e 19.134 predios rusticos.

Em Almancil, 80 predios urbanos e 3.660 rusticos.
Em Alte, 547 urbanos, 8.416 rusticos.
Em Boliquême, 222 urbanos, 9.954 rusticos.
Em Querença, 170 urbanos, 5507 rusticos.
Em Salir, 523 urbanos e 10.816 rusticos.

O rendimento collectavel dos predios está avaliado em 169.320:488 reis.

E assim o valor predial: 3.383.409:760 reis.

Portanto estão inscritos na matriz predial d'este concelho 4.163 predios urbanos e 61.585 predios rusticos.

§ 13.º

O Commercio

Caçadores no principio, nomadas depois, os povos, nos primitivos tempos, apenas conheceram a industria primaria e esta muito imperfeitamente, escreveu um auctor. Com a propriedade veiu a industria agricola. Augmentaram as necessidades com o progresso; o tracto entre os homens resultou desse progresso; veiu a divisão do trabalho individual e territorial, e de tudo isto resultou a permutta entre os excessos que cada um produzia; e então teve de se criar o chamado commercio.

O commercio pode, pois, ser considerado no sentido lato e assim comprehende todos os actos mercantis e ainda as industrias, que são em si um commercio; ou no sentido restricto e então só é commercio o exercicio da compra e venda com a caracteristica da especulação.

Neste concelho, o mais populoso da provincia, e o que, pela sua posição topografica, está mais no caso de satisfazer ás condições de uma importante praça, faz-se commercio em larga escala. São deste concelho muitos dos principaes commerciantes em artigos agricolas e em fructos. Centro de uma grande actividade mercantil pela sua approximação de portos maritimos e terrestres: proximo do Alemtejo e no centro do Algarve, onde a propriedade está mais valorizada; por isso hoje Loulé está considerada um dos centros mais importantes do commercio algarvio.

E maior seria ainda o desenvolvimento commercial se a estação de via ferrea não distasse desta villa 5 kilometros aproximadamente.

§ 14.º

Industrias

Podemos classificar as industrias sob quatro grandes pontos de vista: industrias textis, (comprehendendo-se nestas a industria do algodão, da lã, da seda, tecidos mixtos e rendas)—as industrias do vestuario (comprehendendo-se nestas a do fato, chapellaria, calçado e luvas)—as industrias de metaes (comprehendendo-se nestas os ferreiros, serralheiros cuteleiros, armeiros e todos os que se occupam em trabalhos de fundição, de bronze, de cobre, chumbo, ouro e prata)—artes ceramicas e fabricas de vidro (comprehendendo as fabricas de telha, de louça de barro, de louça faiança, porcelana e vidros)—de papel e impressão (em que se comprehendem os trapeiros, fundição de typo, tipografos e outros)—industrias diversas (alcool, vinagre, materias gordas, sabão, madeira e outros)—industria da pesca (da qual trataremos em artigo especial)—e industrias extrativas (minas, pedreiras, marmores, materias de construcção, granito, calcareos, ardosias, cal, gesso, argila e sal).

De quasi todas estas industrias temos representantes neste concelho e com razão por isso é este concelho classificado como um dos mais industriosos. Entre aquelles artigos não vemos indicada a industria da empreita, e dos baraços, que naturalmente não foram classificadas por ainda se não ter criado o imposto, visto que pobres mulheres exercem aquella industria. Temos tambem os trabalhos de pita.

QUADRO DOS INDUSTRIAES

Açougue 1, advogado 1, agencias indeterminadas 49, fabricas de aguardente 61, alfaiates, 12, algodão-fanqueiros, 14, almocreves 2, arameiro 1, fabricas de azeite, 26, barbeiros 9, Boticas (administradores de) 3, boticarios (com estabelecimento) 4, bufarinheiros 2, cabresteiros 1, caixeiros de escritorio 3, fabricantes de cal 2, carpinteiros (obra meuda) 5, carros (alugadores de) 104, casas de hospedes 4, cera (lagar de expremer) 1, cereaes (mercador de) 5, chapeos 2, confeiteiros (com estabelecimento) 1, cortumes (fabricantes de) 7, couros cortidos (m.ºs de) 1, esparteiros 23, estalagens para guarda de animaes 3, estancia de madeiras 1, farinhas

(m.or de) 2, feitor 1, ferreiro, (fabricantes de objectos de pregaria) 4, forneiros (emprezarios de) 11, fructas seccas 3. louça de barro (fabricantes de) 18, Medico 1, moinhos d'agua (donos) 28, moinhos de vento (donos) 23, moleiros 76, operarios 20, peixe fresco ou salgado (m.or de) 3, pianos (mestre de) 1, quinquilherias 1, relogios usados (concertadores de) 4, sabão (fabricas de) 2, sangradôr 1, sapateiros (sem estabelecimento) 29, seges (alugadôres de) 29, tecidos (fabricantes de) 3, telha (fabricantes de) 13, tendeiros 61, tipografia (empreza de) 1, vendedor de quaesquer objectos em feiras 1, vinho (mercador por meudo) 351.

Devemos notar que neste quadro sómente figuram os officiaes e artistas, pois que, segundo a lei, sómente estão inscriptos n'este concelho, (que, para os effeitos da contribuição, está na 3.ª classe) aquelles que tirem um lucro diario de quinhentos reis ou mais. Por isso é tão resumida a estatistica, pois que se numerassemos todos os que trabalham nos seus officios, o numero de sapateiros excederia a oitocentos e proporcionalmente os que trabalham em outros officios.

§ 15.º

Praias

Tirou-nos a Carta Constitucional o privilegio, que outra carta passada em 9 de agosto da 1357 nos tinha concedido, de não pagarmos dizimos nem outros direitos; mas não pôde tirar-nos o privilegio de possuir uma das melhores praias algarvias, pela sua extensão e por ser limpa de pedras e de alfaques. Na epoca propria da estação, afluem á nossa praia quasi todos os habitantes do concelho de Loulé e do concelho de Faro, principalmente de S. Braz: Se por ora a praia de Quarteira não figura na lista dos *gommosos*, que se divertem, em tempo virá a figurar. De anno para anno é notavel a sua differença para melhor e cremos que em breve a moda fará da praia de Quarteira uma das melhores do paiz.

Haja cuidado de criar em Quarteira casinos e outras pequenas cousas, que não custam muito dinheiro, mas correspondem ás necessidades da moda; e todos veremos que a praia de Quarteira ha de ser a preferida.

A curta distancia da estação do caminho de ferro, á sombra de uma villa importantissima e de uma cidade, que é a séde do distrito, extensa e limpa, a nossa praia gosa de todas as condições exigidas para que seja muito visitada. O que as pessoas que moram em Quarteira teem de fazer é crear ali umas certas commodidades; o que Albufeira não soube fazer, parecendo antes obedecer ao insulso desejo de que lhe não visitem a praia, talvez pelo receio de que os visitantes em um dia lhe consumam os mantimentos com que fornecem o mercado em um anno. Não procedam assim: abasteçam o mercado e construam casas para alugar em condições, e veremos que um dia a praia de Quarteira ha de ser a mais visitada.

§ 16.º

Peixe e marisco

Na costa de Quarteira, comprehendida na area do concelho de Loulé, pesca-se muito e excellente peixe. São diversos os apparelhos com os quaes os maritimos realizam a pesca.

Pescam á *linha,* com o *espinhel,* com a *gorazeira*, com o *palangre,* com a *barqueira, abano, covãos, á fisga,* com a *rede-pé,* com a *levada, tresmalho* e *barga,* com a *rede das pescadas,* com a *xolra* e *redes de arrastar.*

Não ficam aqui os nossos maritimos de Quarteira, em numero aproximado de dois mil, contando com as crianças e as mulheres; porque além d'aquelles meios para ganhar a propria subsistencia e a de suas numerosas familias, teem onde possam trabalhar; na epoca propria, nada menos de tres armações de atuns: 1.ª pertencente á companhia dos parceiros de Quarteira, denominada *Olhos d'agua*; 2.ª O *Forte,* pertencente á companhia *Louletano Silvense*; finalmente a 3.ª denominada do *Medo Branco* e pertencente á companhia do Cabo de Santa Maria.

Existem mais em Quarteira duas armações de sardinha: 1.ª pertencente ao nosso amigo, o sr. José Viegas Martins, e a 2.ª pertencente tambem ao nosso amigo, o sr. Luiz Ramalho Ortigão...; ora se as tres armações de atum rendem annualmente a media de trinta contos, as duas de sardinha rendem aproximadamente cinco contos.

Ha, porém, mais; na nossa praia pescam continuamente 12 artes de chavega, e sómente por excepção, agora, pescam 10. Ora na opinião dos entendidos aquelles 10 rendem a media de oito a dez contos.

Por isso o concelho de Loulé blasona-se de ter no seu termo a costa mais abundante em bom peixe.

Pesca-se egualmente muito marisco e de boa qualidade: centolas, conquilhas, ostras, etc., etc., etc.

§ 17.º

Ecclesiastico

E' um facto documentado pela Historia que os Apostolos, depois da Ascensão de Christo, trataram de cumprir o preceito do Divino Mestre, ensinando pelo mundo as santas doutrinas do christianismo. Não é temerario affirmar-se que S. Paulo viesse prégar ás Hespanhas, pois foi expressa a sua determinação em as visitar na sua Epistola aos Romanos, cap. XV, vers. 24-28. Não nos são conhecidas as terras em que o santo ensinou, exercendo a sua missão, mas sabe-se que S. Thiago foi o grande fundador das Egrejas das Hespanhas, a quem nossos ascendentes, nas guerras contra os arabes, e mais inimigos da religião de Christo, invocavam no meio dos combates para alcançar victoria. São conformes os auctores em que Santo Hesychio, Isicio ou Iscio, discipulo de Santo Iago ou Santhiago, foi quem prégou pela primeira vez o Evangelho em Carteia, e porque esta velha cidade, na maioria dos antigos escritores, esteve fundada dentro dos limites do nosso actual concelho de Loulé, necessario se tornou abrir aqui este artigo.

Como mais adiante demonstraremos, Carteia foi fundada, pouco mais ou menos, no local occupado hoje pela nossa Quarteira, e sendo Carteia a primeira cidade algarvia onde pela primeira vez se prégou as santas doutrinas do Martir do Golgota, cabe hoje ao concelho de Loulé a subida honra de conservar aqui o berço das nossas cathedraes.

A este proposito merece particular attenção o *Sanctuario Mariano*. Diz elle:

«O primeiro bispo do Algarve e que nelle deu principio á prégação do Santo Evangelho foi Santo Ezichio (ou

Hezichio) discipulo do Apostolo Santiago. Delle diz Dextro *ad an Christi, 52,* que prégara em uma e outra *Carteya:* aquella junto ao estreito de Gibraltar, e esta não longe de Cartagena. O lugar de Carteya onde o Santo prégou é bem nomeado dos historiadores antigos pelas batalhas navaes que ali se deram... E assentando que a Carteya ficava no nosso Algarve, na qual vemos hoje a pescaria de Carteyra, com pouca differença e corrucção de Carteya, na costa, que corre de Faro para Albufeira, aonde ha vestigios da torre a que os nossos chamam agora *Vigia*... E nella teve principio a Cadeira Episcopal do Algarve e o seu primeiro Bispo Ezichio.»

Causas desconhecidas, fenomenos geologicos, talvez, fizeram que a Egreja cathedral de Carteya fosse transferida para Ossonoba, como dahi para Silves e successivamente para Faro.

Ha no concelho de Loulé um *vigariado da vara,* actualmente o parocho collado de Salir; parocos collados em 4 freguezias, de S. Clemente, Alte, Almancil e Ameixial, e parocos encomendados em S. Sebastião de Loulé e em Boliquême. Nestas freguezias ha coadjuctores em S. Clemente, S. Sebastião, em Salir, Alte e Boliquême.

§ 18.º

Beneficencia

O nosso paiz, de remotas éras, manifestou o desejo de fazer bem, amparando os desgraçados e accudindo-lhes nas suas doenças. Os Hospitaes são de longa data e as Misericordias propriamente ditas começaram no tempo da rainha D. Leonor, inspirada pelo seu benemerito confessor. Temos em Loulé Misericordia e Hospital, e mais demoradamente de ambos escreveremos no seu logar proprio, quando estudarmos a freguezia de S. Clemente de Loulé.

Tambem nesta villa ha um Albergue, instituição de caridade, altamente recomendavel. Infelizmente tendo fallecido tanta gente rica nesta villa ainda ninguem se lembrou de contemplar a Misericordia, o Hospital e o Albergue com uma pequena dadiva. Já é!...

§ 19.º

Associações de Previdencia

Costumam commumente dividir estas associações em tres classes: associações de soccorros mutuos, montes-pios de sobrevivencia e sociedades de seguros de vida.

Quasi se póde dizer que nenhuma destas classes de associações existe neste concelho, a não ser umas semelhanças de compromissos maritimos em Quarteira, formados pelos maritimos que entram nas armações, e um monte-pio que nos dizem existir em Boliquême, mas de tão pequena nomeada, que não sabemos se ainda existe.

Deste Monte-Pio escreveu João Baptista da Silva Lopes: «Na freguezia de Boliquême ha um Monte-Pio que consiste em perto de 12 moios de trigo, o qual se emprega ou reparte pelos lavradores no tempo das sementeiras para pagarem nas colheitas com o premio de 6 %. São administradores o paroco, dois eleitos pela freguezia e um escrivão; anda muito mal administrado.»

Os que menos pódem precisar do auxilio de taes associações teem diligenciado estabelecer, nesta villa, um grande centro de artistas, associações de providencia, mas nada teem conseguido: os artistas mais abonados dispensam-nas, os menos abonados preferem gastar mal o que adquirem, embora no dia seguinte dois ou tres emprezarios, com a mira na percentagem, andem pelas portas de bolsa em punho a pedir para o artista que adoeceu. Uma vergonha!

E note-se que ainda assim é com os artistas mais abonados que nos temos visto quando, por vezes, temos tentado estabelecer nesta villa algumas dessas associações... Não pensam alguns infelizes que, roubando ao vinho 10 reis por dia, poderiam assegurar o seu futuro e o de suas familias!

§ 20.º

Tribunal e repartições publicas

Pela Carta Constitucional foi estatuida a divisão dos poderes da nação: poder legislativo, que é exercido pelas côrtes geraes, compostas de uma camara, vitalicia e here-

ditaria, e da camara dos deputados, de eleição popular — poder morador, exercido pelo rei, que é irresponsavel e inviolavel — poder executivo, exercido pelos ministros com seus delegados — e poder judicial, exercido pelos juizes de direito e pelos jurados (juizes do facto).

O poder judicial está dividido em dois districtos, ou relações, e estas em juizes de comarca, 1.ª, 2.ª e 3.ª classe. A comarca de Loulé é de 1.ª classe, e compõe se o tribunal de juiz de direito, que tambem é presidente do tribunal do commercio, delegado do procurador regio, distribuidor e contador, e cinco escrivães, sendo o do primeiro officio escrivão privativo do commercio, com os seus respectivos officiaes de diligencias.

Tem ainda a comarca uma conservatoria privativa.

Tem a respectiva auctoridade administrativa com um secretario e um amanuense. Tem mais tres juizes de paz: 1.º comprehende as freguezias da villa, Querença, Boliquême e Almancil; 2.º, Alte; 3.º, Salir e Ameixial.

§ 21.º

Instrucção publica

A instrucção publica divide-se em tres ramos: instrucção superior, secundaria e primaria. Occupar-nos-hemos da ultima.

A instrucção primaria neste concelho é subministrada pelos professores officiaes e pelos professores particulares. A instrucção primaria em o nosso paiz tem sido muito descurada. De 1862 a esta parte é que os governos se convenceram da sua utilidade e necessidade. Em 1862 havia no reino 1:336 escolas publicas para o sexo masculino e 127 para o feminino; em 1874 tinha augmentado o numero: 1:387 do sexo masculino e 458 do feminino. Hoje augmentou muito o numero de ambas; e não obstante temos um grande numero de analfabetos; o que não é para admirar, attendendo-se á população e ao numero de escolas. Façam-se as competentes operações e ver-se-ha que em todas as escolas do paiz não ha capacidade sufficiente para receber o decimo da população, em edade de frequentar as escolas de instrucção primaria.

Além das escolas particulares, pagas pelos chefes de familia, temos no concelho de Loulé nove escolas, do sexo masculino e quatro do feminino. Ha mais uma escola, já criada para Benafim, freguezia de Alte, do sexo masculino, mas ainda sem professor nomeado.

Em cada uma das respectivas freguezias indicaremos as suas escolas officiaes. Ha outros factores da instrucção: a imprensa e o theatro.

§ 22.º

Imprensa

A introducção da arte tipografica no paiz começou, segundo alguns auctores, em 1474 ou 1479; segundo outros, de 1464 a 1466, trazida pelos estrangeiros, explorada depois pelos judeus, sendo Leiria a cidade onde appareceu o primeiro prelo. «Tarde, porém, appareceu a primeira folha com feição jornalistica — escreveu o snr. Augusto de Lacerda, pois só em Março de 1625 viu a luz da publicidade a *Relação Uuiversal do que succedeu em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente,* que só viveu até agosto de 1627.» Em 1641 appareceu segunda, a *Gazeta, em que se relatam as Novas todas que houve nesta corte e que vieram de varias partes,* que acabou em Setembro de 1647. Tudo isto foram uns pequenos ensaios pois que só muito mais tarde appareceu verdadeiramente o jornal.

Em 31 de Março de 1889 appareceu em Loulé o primeiro numero do *Algarvio* de que foram seus redactores principaes o auctor destas linhas e o nosso bom amigo e digno escrivão do juizo de direito, o snr. Joaquim Antonio Teixeira. Annos depois appareceu o *Loulctano,* e ambos deram a alma a Deus, vindo substituil-os um jornal de annuncios, meio de que se serviu o seu redactor para seu sustento e o de sua familia. Tambem já morreu com o seu redactor. Finalmente appareceu a *Folha do Sul,* que ainda vive.

Creio que estas publicações hebdomadarias costumaram o povo á leitura, senão para se instruir, certamente para saber novidades.

Aquelles hebdomadarios tinham os seus estabelecimenos e officinas nesta villa.

§ 23.º

O Theatro

O theatro é tambem uma escola. *Monet oblectando:* ensina, divertindo. Pediu a camara ao governo concedesse a antiga capella do convento do Espirito Santo para um theatro. Cedeu o governo a capella, mas sómente para o theatro. Fizeram-se no principio alguns trabalhos para collocar a egreja nas condições exigidas, e deram-se algumas recitas por curiosos entre os quaes muito se notabilizou o fallecido Augusto Barros. Representaram nelle algumas companhias ambulantes, e outras de Lisboa em vilegiatura.

Ha annos resolveu-se abrir um bazar e applicar o seu producto ás despezas a fazer no theatro. Cortou-se porém tão largo, que, não obstante a soffrivel quantia apurada no bazar, o theatro ficou sem o mais essencial. Quem quizer ir ao theatro tem de levar cadeiras de casa.

No anno passado alguns rapazes formaram entre si uma companhia e deram algumas recitas; logo appareceu outra no mesmo intuito. Succedeu o que esperavamos: como os grillos da fabula comeram-se e desappareceram.

Aconselhariamos aos rapazes que se associassem novamente, dando-nos assim noites agradaveis. Certamente o povo de Loulé lhes prestaria todo o auxilio.

§ 24.º

Edificios da Camara

Paços do Concelho

De quatro edificios temos conhecimento onde a camara municipal celebrou as suas sessões: o 1.º em um predio, onde o snr. Manoel dos Santos Gallo mandou construir uma cocheira, em frente da cadeia; 2.º o predio onde actualmente habita o snr. João do Pilar Tachinha, ao fundo da praça; 3.º a sala, junto ao tribunal judicial, na rua do Espirito Santo; 4.º o predio em 18 de Junho de 1885 comprado pelo snr. Antonio Vaz Mascarenhas, quando presidente da camara, e nessa qualidade, por quatro contos e

oito centos mil reis a José Candido de Andrade, e que este, por cabeça de sua mulher, herdara de José Rafael Pinto, que o mandara construir.

Este predio está situado no Alto da Praça e tem accomodações sufficientes para nelle estarem alojadas as Repartições da Fazenda e da Administração do concelho e casa da esquadra.

Tribunal Judicial

E' situado na rua do Espirito Santo e está alojado no antigo convento da mesma denominação. A sala do tribunal é sufficiente, mas carece de outras accomodações, que melhor servissem para sala dos jurados, e gabinetes. Embora o tribunal ali tenha estado desde 1835, a licença official do governo só foi concedida em 14 de fevereiro de 1864.

Terreiro Publico

No local, que servira de claustro ás freiras do Espirito Santo, está alojado o Terreiro publico com entrada pela rua do Espirito Santo.

Cadeia

Está situada na rua da mesma designação da epigrafe deste artigo. Não faremos a sua descripção para não envergonharmos os membros ainda vivos das vereações passadas, nem macularmos a memoria para nós sagrada dos que morreram. Diremos apenas: aquillo não é cadeia, é uma sentina.

Esquadra

Está alojada numa dependencia dos Paços Municipaes. Tem duas pequenas salas, uma das quaes serve para prender grillos.

Açougue e Matadouro

Antes do actual açougue vendia-se a carne ao publico em uma casa pegada aos arcos do peixe, ao fundo da Praça. Na gerencia de uma vereação presidida pelo snr. Antonio

Vaz Mascarenhas mandou a camara construir casa de açougue e matadouro em a freguezia de S. Sebastião com frente para a Horta de El-Rei.

Escola do Conde Ferreira

Este predio foi concluido em 24 de Março de 1866 e está situado na freguezia de S. Clemente, na Praça desta villa. A sua construcção obedeceu aos preceitos do Conde Ferreira, consoante as condições do seu legado. Estão nelle alojadas as duas escolas officiaes de instrucção primaria, sexo masculino e feminino, pertencentes á dita freguezia.

Mercado do Peixe

A venda do peixe faz-se ao fundo da praça, sob uns arcos. E' local improprio, e de ha muito teria sido removido, se a gerencia da camara, que terminou em ultimo de Dezembro de 1904, tivesse feito a praça, em frente da qual, por nossos peccados, *hibernou.*

Cemiterio Publico

Cemiterio deriva de uma palavra grega, que significa *dormir.* E' porque segundo a fé catholica os ossos dos nossos pais, parentes, amigos e inimigos ali *dormem* até ao momento em que serão acordados e chamados ao som da trombeta no dia do juizo final. Em todas as religiões os cemiterios são logares sagrados; e em todas as nações desde a cidade a mais civilizada até o burgo o mais pobre, o cemiterio é um logar sacrosanto e digno do mais profundo respeito.

Conta um escritor celebre que tentando certo europeu convencer uma tribu de pretos selvagens de que deixasse aquelle torrão ingrato e fosse habitar paiz mais fecundo, obtivera dos pretos a seguinte resposta:

Por ventura teremos de dizer ás ossadas dos nossos pais, erguei-vos e segui-nos a terra extrangeira?

O que prova o respeito pelo logar onde esses ossos estavam enterrados.

Conta tambem o navegador Cook, nas suas viagens, que na occasião de declarar aos habitantes selvagens do arquipelago de *la Societé* que ia deixal-os para sempre, es-

tes lhe perguntaram onde seria o logar da sua sepultura, e como o celebre marinheiro designasse a egreja de S. Paulo em Londres, elles repetiram enternecidos o nome da egreja, como prova de respeito e veneração que professavam pelo seu bemfeitor.

Pois, apesar de tudo, o cemiterio de Loulé é o logar que menos tem prendido a attenção do publico. Nem uma capella, nem um carneiro onde se guardem os ossos dos nossos maiores. Quem pela primeira vez entrar no cemiterio de Loulé julgará entrar em um grande curral. Nenhum respeito pelo local onde jazem os ossos das pessoas mais queridas. E' uma vergonha que sómente atesta o atraso moral, civil e religioso de quem manda. Pois que o cemiterio além de ser uma instituição religiosa é tambem uma instituição civil.

Pedimos á camara municipal, que parece animada de fazer alguma cousa util, que volva seus olhos misericordiosos para o *curral,* onde jazem os ossos de seus pais; de seus pais, não, mas de seus amigos, pois que a maioria da camara não é natural de Loulé.

§ 25.º

Expostos

E' um dos ramos da administração publica que demanda mais circumspecção desde que a lei quasi considera taes as crianças que as mães desnaturadas arredaram dos seus peitos, as crianças abandonadas pela morte dos seus, e as crianças, filhas de mães pobres. A todas estas teem as camaras que subministrar subsidio de lactação e o sustento até a uma certa edade.

Não é para aqui discutir este assunto, mas as enormes despezas que a camara de Loulé está fazendo com os expostos, pois em 1904 lhes votou a verba de 2:500$000, aconselham que se não exorbite. Conhecemos ha tempos uma camara em que um dos membros só concorria ás sessões quando tinha de apresentar vasto reportorio de petições para crianças pobres. E como na antiga lei havia uma auctoridade, que estava incumbida de proteger as crianças vadias e de lhes mandar ensinar um officio, chamado o *pae dos velhacos,* os membros da camara alcunhavam o seu col-

lega de pae das *ditas*. Todos sabem até onde póde chegar o abuso, quando se trata de averiguar se a mãe está ou não nas condições da lei para receber o subsidio de lactação do proprio filho.

E' bem empregada a verba destinada para a lactação das crianças, mas só para aquellas nas circunstancias da lei. Ha districtos e concelhos onde se tem sido tão cuidadoso na administração deste ramo de serviço publico, que a relação dos expostos tem diminuido extraordinariamente: com certeza que acabaram com os *paes das ditas*. Por exemplo: em Aveiro houve, em 1851, 414 expostos; nos annos de 1874 e 1875 apenas 64 em cada anno. Atribue-se este resultado a um regulamento elaborado pelo snr. Anthero Albano da Silveira Pinto, approvado em sessão extraordinaria da Junta Geral.

Actualmente não nos receiamos tanto das exposições como dos pedidos de subsidios de lactação para as crianças, filhos-familias por quem se faz previamente recomendar por intermedio de trunfos politicos.

§ 26.º

Impostos

E' complicada a nomenclatura dos impostos em o nosso paiz, e para que se fixe na memoria de todos, pois que no coração de cada um está ella bem radicada, faremos a sua classificação official.

Os rendimentos que constituem a receita do estado são os seguintes: *impostos directos, imposto do sello* e *contribuição de registro, impostos indirectos*, e os *rendimentos dos bens nacionaes e outros*. Nos impostos directos comprehendem-se: a *contribuição predial*, a *contribuição industrial, contribuição de renda de casas, contribuição sumptuaria, contribuição bancaria*, e ainda a *decima de juros, direitos de mercê, imposto sobre minas, emolumentos*, alguns impostos addicionaes e multas.

A contribuição predial ordinaria foi criada em 31 de Dezembro ds 1852, sómente relativa aos predios inscritos até 1868; a extraordinaria foi criada em 1869 e sómente se refere aos predios inscritos depois de 1868.

A contribuição industrial foi criada em 1860, posteriormente reformada. A contribuição de renda de casas, que veiu substituir a contribuição pessoal, foi criada em 1872, bem como neste anno foi egualmente criada a sumptuaria. Os outros impostos foram successivamente criados por diversas leis posteriores a 1871.

Os *impostos indirectos* consistem em direitos de importação, exportação e reexportação, criados em 1871, direitos de consumo em Lisboa, direitos de tonelagem, sanitarios, de quarentena e de lazareto, impostos de bebidas alcoolicas entradas no Porto e Villa Nova de Gaia, imposto do real d'agua, imposto de cereaes, de pescado, de transito em caminho de ferro, sobre o tabaco, para obras nas barras e portos, taxa complementar aduaneira, emolumentos geraes das alfandegas, de Lisboa e Porto, e direitos de navegação do Douro.

E', como os leitores veem, uma enfiada de algemas que nos apertam os pulsos, e o... coração. Ora o concelho de Loulé paga:

Contribuição predial . .	29:861$930	reis
» urbana . .	145$791	»
Industrial	8:783$323	»
Renda de casas	2:594$005	»
Decima de juros . . .	1:108$999	»
Real d'agua de 1903 a 1904	5:545$168	»

e outras contribuições.

§ 27.º

Receita e despeza do municipio em relação a 1904

Receita . . 22:765$361 reis

Despezas mais importantes

Instrucção (comprehendendo-se tambem a percentagem de 15 % sobre as contribuições directas) . . .	4:623$870	reis

Expostos	2:500$000	reis
Viação	2:900$500	»
Juros e amortização para a praça a construir	1:551$998	»
Annuidades para a estrada d'Alte .	1:320$090	»
Illuminação publica	700$000	»
Limpeza	800$000	»
Medicos do partido (3). . . .	1:700$000	»
Sub-delegado de saude.	100$000	»

representando o resto despezas com o pessoal e outras muitas, mas menos importantes.

§ 28.º

O Estandarte da Camara

Quando pelas festas antoninas o Estandarte da camara de Loulé foi visto em Lisboa despertou uma certa attenção. Cremos não existir semelhante em todo o paiz. E' de seda verde e tem de um lado o Senhor crucificado, sendo a Imagem em setim branco e a cruz de setim côr de grão; do outro lado tem a corôa real de setim com as cinco chagas, estas de setim azul, aquella de setim branco. Deste mesmo lado tem as armas da villa, as tres torres e o loureiro, tambem de setim. Todo o centro do Estandarte é verde, como verdes são as franjas que o orlam. Tem a data de 1815.

Desejamos apurar a razão deste estandarte, tão differente dos que temos visto, mas não nos foi possivel. Vimos que durante aquelle anno varias vezes se lembrou a refórma do velho Estandarte, até que na ultima se resolveu definitivamente fazer-se um novo estandarte, ficando o velho a figurar nas festividades, em que o tempo ameaçasse chuva. Cremos portanto que o novo Estandarte foi feitó pelos desenhos do antigo.

Temos para nós que a côr do Estandarte obedeceu á côr do loureiro que figura nas armas da villa. E nada mais podemos affirmar.

CAPITULO III

Loulé

§ 1.º

Villa — Algarve, séde de concelho e de comarca; diocese e districto de Faro — da qual dista 16 quilometros

E' opinião geral, entre os que de remota data escreveram de Loulé, atribuir a sua fundação aos cartaginezes. Assim o teem affirmado o illustre Rezende, o P.e Luiz Cardoso e outros antigos escritores. De Loulé lê-se no *Sanctuario Mariano* o seguinte:

«A notavel villa de Loulé fica no coração do reino do Algarve, dista de Faro duas leguas, fica-lhe a costa do oceano ao Meio-dia, em distancia de legua e meia. Está fundada em um campo lhano, fresco e agradavel, e cingida de antigos muros com um grande e forte castello e junto a elle uma copiosa fonte de excellente agua. A sua fundação se atribue aos cartaginezes. Depois a possuiram os romanos, dos quaes se conservam ainda algumas memorias.»

Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno* escreve:

«Loulé é uma das mais antigas povoações do Algarve. Não se sabe com certeza quando nem por quem foi fundada. Pretendem alguns que foi construida com os materiaes da antiquissima cidade de *Carteia,* o que não é verosimil; pois *Carteia* era na costa, e segundo alguns, no local onde hoje é Quarteira.

Carteia era uma povoação fundada, segundo uns, pelos antigos lusitanos, e segundo outros, pelos Finicios.

Outros escritores dizem que Loulé foi fundada pelos cartaginezes, 404 annos antes de Jesus Christo.»

Escritores ha que sustentam ser muito antigas as for-

tificações de Loulé, remontando ao tempo dos romanos; e sobre esse ponto quasi nenhuma duvida temos, embora não possamos declinar o nome que Loulé tivesse nesse tempo. Na historia das reedificações das nossas muralhas em 1442 affirma-se que eram romanas as velhas construcções desse castello.

Na *Monarchia Lusitana,* onde sempre encontramos noticias relativamente a fundações de cidades construidas pelos cartaginezes nenhuma encontramos relativamente a Loulé ou a qualquer povoação que devesse ficar assente nesta região; e daqui concluimos que é incerta a sua fundação por aquelle povo.

A uns 12 quilometros de Loulé para o sul existe um sitio, conhecido pelo *Loulé Velho,* hoje quasi invadido pelas aguas do oceano. Em épocas de grandes vasantes muitos individuos, nossos contemporaneos, pescadores ou moradores proximos do sitio, viram gravados nos blocos a descoberto inscripções, cuja letra lhes era completamente desconhecida. Por varias vezes tentamos descobrir esses blocos, mas nunca tivemos essa fortuna. O mar vai avançando e cremos porém, que só em alguma occasião extraordinaria, se poderá apurar o significado dessas inscripções. No emtanto é um facto atestado pela tradição deste povo que naquelle logar estivera fundada a villa primitiva, hoje substituida pela actual.

E' certo, porém, que os antigos geografos, referindo-se a uma das tres Carteias encontradas nos antigos historiadores, dizem que uma estivera situada no logar, hoje Quarteira. Ora esta *Carteia* deveria ficar muito perto, talvez pouco mais de dois quilometros, distante de *Loulé Velho.* Se a tradição diz ser Loulé Velho uma villa importantissima, a historia diz que *Carteia* importantissima era. Poder-se-ha affirmar que naquelles vestutos tempos coexistissem, a tão pequena distancia, uma da outra, duas cidades tão importantes? E' pouco crivel. Existiria primeiramente uma e depois outra? E' possivel, formando-se a mais moderna das ruinas da mais antiga. Nesta hypothese, qual a mais antiga?

Combinando e conciliando o que os antigos escritores dizem em seus livros, poder-se-ha acceitar a seguinte solução: Loulé Velho, fundação dos cartaginezes, a primeira; *Carteia,* fundação romana, a segunda.

Os *Cuneos* foram antigos povos da Lusitania, que habitaram a parte meridional do Algarve, e entre as suas principaes cidades são apontadas Lacobrica (Lagos), Porto Annibal (Portimão), Ossonoba (Estoy) e Balsa (Tavira).

Ora, com relação a Carteia, affirmam os escritores ser fundação romana. Verdade é que ha quem ensine ser Carteia fundação Fenicia ou Cartigineza, mas suppomos affirmação destituida de fundamento.

Conhecemos Carteia desde o tempo em que Lelio ali refugiou a sua armada depois que Scipião Africano tomou Cartagena. (Tito Livio, Liv. 28, cap. 30). O auctor de *Bello Hesp.* affirma que o filho de Pompeu, vencido por Cesar, perto do Munda, se retirou a Carteia, onde havia um presidio. Diz elle: *Cneus Pompeius autem cum equitibus paucis, nonnullis que peditibus ad' navale præsidium parte altera contendit Carteiam.*» O mesmo questor das Hespanhas (Plinio) escreve que em Carteia havia salgamentos e negociação de peixe salgado (Hist. Nat. Liv. IX, cap. 30).

No lugar de Quarteira (Carteia) teem-se descoberto junto da praia vestigios de antiguidades, formados da conhecida argamassa de que Plinio dá noticia. (Hist. Nat. Liv. 38, cap. XIV, assim como Santo Izidoro nas (Etym Liv. XV, cap. IX) e Rezende (Edic. Rom., p. 206), e bem póde ser que a torre chamada da *Vigia* seja a famosa daquelles povos.

O P. Salgado nas suas *Mem. Eccl. do Alg.*, p. 30, diz que vira duas medalhas de prata achadas no sitio de Quarteira, as quaes estavam bem conservadas. Em uma se via *Cabeça laureada;* no reverso um *Delfim;* em cima *Lucius Marcius,* ligado o *M* com o Al... Marci; e debaixo *Carteia.* A outra medalha era ornada de muitos simbolos; na parte mais nobre se via um *Delfim* e um *Tridente* transverso, que, parece, fere o dito peixe; debaixo *Carteia*; no reverso um *Leme;* em cima IIIIVIR; e debaixo dois DD *Decreto Decurionum.* Todas estas circumstancias fazem crer que Quarteira está no logar da antiga Carteia; e sendo esta situada mui perto do Loulé Velho, se não coexistiram, talvez esta fosse mais velha do que aquella.

Parece ainda que sendo a actual villa de Loulé mais moderna do que as duas cidades supra designadas, foi todavia fundada pelos romanos, pois que o auctor do *Portugal Antigo e Moderno* affirma já existir esta villa em 745

da nossa éra, ignorando-se ainda hoje o nome que então tinha.

*
* *

Em 1249 foi Loulé tomada aos mouros pelas hostes de D. Paio Peres Correia. O Mestre de S. Thiago fizera-se acompanhar da sua gente mais aguerrida. Neste combate contra os mouros da villa batalharam, sob o seu commando, D. João Affonso, alferes mór, seu irmão D. Affonso Telles, seus primos D. Mem, D. Gonsalo, D. João, D. Fernando Guarcia, D. Martem Peres da Vida, com os tres illustres irmãos D. Gil Martins, D. Fernando e D. Affonso Lopes.

Em pouco tempo a villa foi tomada de assalto. De modo que em dois dias houve duas assignaladas victorias. Uma na vespera da tomada da villa, no sitio dos Furadouros, onde os mouros, acossados pelos christãos, se viram forçados a retirar para a villa, emquanto o exercito portuguez ia escolher posições sobre um outeiro, ainda hoje conhecido pelo Cabeço do Mestre, pelo facto do Mestre de S. Thiago ahi ter descançado uma noite; a outra que terminou com a entrega da villa.

Não deve causar duvida dizerem alguns historiadores que o castello de Loulé fôra entregue ao nosso monarca por D. Affonso X, rei de Hespanha, parecendo assim significar que o Mestre o não tomara de assalto. E' sabido que no tempo de D. Affonso III se levantou grave discussão entre os dois monarcas ácerca das conquistas feitas aos mouros pelos nossos soldados, sob o commando de D. Paio Peres Correia. O rei de Hespanha, sob pretexto de que o Algarve lhe pertencia por virtude de uma doação do rei de Niebla, não levou a bem que o rei de Portugal se apossasse de castellos em região que lhe fôra doada, e por isso, da sua parte se foi apossando do castello de Loulé, já tomado aos mouros; o monarca portuguez, porém, allegando o seu direito de conquista e mostrando a inanidade da suposta doação, fazia valer os seus direitos aos castellos conquistados. Felizmente o monarca hespanhol convenceu-se dos direitos do nosso rei e entregou-lhe o castello de Loulé.

Consta pela tradição que em 1249 já era esta villa conhecida pelo seu nome actual de Loulé. Ouçamos o que a lenda diz a este respeito:

«Em uma das correrias emprehendidas em terras de mouros do Al-Fagnar, por D. Fernando I, rei de Leão, cognominado o *Grande*, chegou elle á frente dos seus soldados, mui proximo do castello de Loulé. Então levantou-se entre os seus cabos de guerra, que o rodeavam, discussão ácerca do nome da arvore, que, de longe, avistavam sobre o castello. Uns diziam ser uma alfarrobeira, outros um chópo, outros o alamo, outros o aloendro, e outros um loureiro.

— *Laurus ést* — atalhou o monarca.»

Era effectivamente um loureiro; e dahi em diante foi á villa dado o nome de *Laurus é*, mais logo *Lauroé*, (como ainda hoje se lê nos antigos manuscritos), e finalmente *Loulé*.

Em abono desta lenda estão as armas da villa constituidas por um loureiro sobre um castello.

*
* *

Engastada a villa de Loulé, como joia preciosa, na corôa portugueza, deu-lhe D. Affonso III o seu foral em Lisboa, no mez de Agosto de 1266; e em 12 de Julho de 1269 deu outro foral aos mouros forros.

D. Manoel lhe deu novo foral em 20 de Agosto de 1501. Este foral ainda hoje se conserva na camara desta villa em pergaminho e em perfeito estado de conservação.

A primeira pagina, e na parte superior, illuminada a côres; no centro a corôa portugueza; de cada lado a esfera armilar. As primeiras letras de cada periodo são egualmente a côres. Embora não esteja dividido por capitulos, estão as suas materias subordinadas a epigrafes, não numeradas.

No foral de Loulé trata-se do *Pão*, do *Zimbro* e do *Sumagre*, do *Gado*, da *Caça*, da *Pesca*, dos *Polvos* e *Enxarrocos*, do *Marisco*, dos *Alhos* e das *Cebolas*, da *Fructa*, dos *Pannos*, da *Estopa*, da *Lã*, do *Linho* em *cabello*, da *Courama* em *cabello*, das *Pelles*, das *Mercearias*, *Especiarias*, *Boticarias* e *Tinturarias*, *Papel* e *Pergaminho*, das *Pedras preciosas*, das *Bestas*, da *Madeira*, *Louça*, *Lenha* e *Carvão*, dos *Navios*, do *Junco* e *Junça*, *Palma* e *Esparto*, do *Ferro* e *cousas grossas delle*, do *Estanho* e *outros metaes*, da *Telha* e *Louça de barro*, da *Mallegoa* e *Azulejos*, da *Louça de barro*, da *Pedra lavrada*, do *Açougue*, das *Marinhas* e do *Sal*, das

Moendas e *Moinhos,* das *Pastagens,* da *Passagem,* das *Mortalhas, dos que vendem fructa para fóra,* das *Cousas dadas em pagamento,* dos *Privilegios,* dos *Titulos, Tempo e logar em que se deve gosar dos privilegios dados aos visinhos,* das *Ordenanças,* das *Mercadorias e cousas do mar,* das *Barcas de portagem,* das *Cousas que veem por terra,* das *Penas do foral,* etc.

Como é sabido, os foraes eram codices particulares, cadernos de leis que o conquistador ou fundador de cidades, villas, freguezias, aldeias, concedia aos povos que entravam no seu dominio. Os foraes são de instituição gothica. Os romanos não concederam aos povos dominados foraes propriamente ditos. No seculo V, quando os barbaros do norte invadiram a nossa peninsula, não tinham leis escritas. Amenizando os seus costumes com o tempo e entrando numa fase relativa de progresso, os seus reis foram publicando leis sobre religião, administração publica e sobre o direito de propriedade. No tempo dos godos essas leis eram promulgadas em concilios, compostos dos bispos e dos senhores. E' claro que taes leis muitas vezes oprimiam os povos. Vieram os arabes e não mais se pensou em foraes. Com as victorias de Pelagio e com a constituição de nacionalidades christãs, novamente se foram introduzindo os foraes. Os foraes mais antigos do reino são do tempo de D. Henrique e de D. Thereza. Então os bispos, senhores, conventos e todos os que tinham gente sob o seu dominio, puzeram-se a promulgar foraes. Desde D. Affonso I até D. Affonso III e principalmente D. Diniz existem muitos foraes.

Vendo D. Manoel a grande confusão e até as muitas irregularidades que havia nos foraes, publicou uma *Carta Regia,* e nella ordenou que se procedesse á factura de novos foraes por todo o reino, e mandou recolher os originaes de todos os foraes até ahi publicados. Estes foraes são conhecidos pelos foraes novos. O que temos pois em Loulé é um foral novo.

*
* *

Em 4 de Dezembro de 1298 (L. dos Most., fl. 182— Torre do Tombo) a egreja Matriz, templo antigo, de fabrica ordinaria, por escambo feito por El-Rei D. Sancho com

D. João Ortez, Mestre da Ordem de S. Thiago, passou para o padroado desta Ordem; e desde então a essa Ordem ficou pertencendo: e foi ella pela commenda que ficou pagando ao paroco a sua congrua.

Fr. Agostinho de Santa Maria no seu *Sanctuario Mariano* diz de Loulé:

«Conquistou-a do poder dos Mouros El-Rei D. Affonso III. E porque ficou destruida, e sem fórma de Republica, a povoou depois no anno de 1268, concedendo-lhe grandes foros e creações. Teve votos em Côrtes. Foi Cabeça de Condado, cujo titulo deu El-Rei D. Affonso V a D. Henrique de Menezes, filho do Conde de Vianna. El-Rei D. Sebastião assistindo em Evora lhe deu o titulo de Villa Notavel. Tem esta villa uma só paroquia dedicada a S. Clemente e é da Ordem de S. Thiago. E' priorado com cinco Beneficiados, quatro simples e um Curado. Comprehende em si 500 fogos e no termo 700. Tem tres conventos, dois de Santo Agostinho, um de Franciscos Descalços, um Recolhimento de Terceiros e um Hospital Real, dedicado á N. S. dos Pobres, ou do O, como dizem alguns; mas o dos Pobres é o que com que é mais conhecido; titulo imposto por causa de uma albergaria que logo nos principios se fundou naquelle logar, que depois converteu em Hospital El-Rei D. Affonso V para se curarem os soldados, depois que se recolheu da tomada do Tangere; o qual persevera-o debaixo da protecção da mesma Senhora.»

D. Affonso V fez conde e senhor de Loulé a D. Henrique de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna. Depois passou este senhorio para D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, que o deu em dote a sua filha D. Guiomar Coutinho, quando casou com o infante D. Fernando, filho mais novo de El-Rei D. Manoel. Não ficando geração deste matrimonio, vagou o senhorio para a corôa. Depois foi dada a alcadaria-mór aos condes de Valle de Reis.

Em 1799 foi feito marquez de Loulé pelo principe regente, depois D. João VI, Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 8.º conde de Valle de Reis, pae do duque de Loulé, Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto. O 4.º conde de Valle de Reis foi Nuno de Mendonça, por Philippe IV em 16 de Agosto de 1628.

As armas dos duques de Loulé são: escudo *franchado* de verde e ouro, sobre o de verde uma banda encarnada, perfilada douro, com a legenda Avé-Maria.

Dentro do concelho de Loulé e do de Albufeira, no sitio de Quarteira, existe uma grande propriedade rustica e urbana, que pertenceu aos antigos duques de Loulé, e hoje ao conde de Azambuja, D. Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barreto e sua esposa D. Maria da Assumpção Ferreira, da Quinta de Palhavã, suburbios de Lisboa. Esta grande propriedade, como consta dos arquivos, pertencera a D. João, rei de Portugal, mas por uma escritura de escambo outhorgada em 7 de Fevereiro de 1472, passara para a familia, hoje representada pelo conde de Azambuja, aquella propriedade, recebendo o rei de Portugal a Villa de Sarnache, no termo de Coimbra. Aquella propriedade tem o numero tres mil nove centos e quarenta e um, e acha-se descrita a folhas cento e oitenta e nove, verso do Livro B, decimo, da Conservatoria Privativa do Registo Predial da Comarca de Loulé.

Esta nobre familia descende dos antigos soberanos de Biscaia, que já reinavam no seculo IX, com o titulo de *condes* e *senhores* de Biscaia. Sendo 12.ª condessa soberana e senhora de Biscaia, D. Joanna Manoel, e casando com D. Henrique II de Castella (pae de D. Pedro o Cruel) em 1335, acabou a autonomia da Biscaia, que se encorporou a Castella.

D. Diogo Lopes de Mendonça, desta illustre linhagem, e sua mulher D. Leonor, filha de Fernão Pires de Lara, meio irmão de D. Affonso VII de Castella, tiveram por filho (o 3.º) a Fernão Iniguez de Mendoza, que veiu para Portugal, no sequito da rainha D. Brites, segunda mulher do nosso D. Affonso III (depois que este rei annulou o seu casamento com a condessa Mathilde de Bolonha) em 1253. Fernão Iniguez de Mendoza casou em Portugal com D. Guiomar Affonso de Rezende e foram estes os progenitores dos verdadeiros Mendonças portuguezes. Um quarto neto de Fernando Iniguez, chamado Antonio de Mendonça, casou com D. Izabel de Castro, filha de Fernão de Almada, 2.º conde de Abrantes e de D. Constança de Noronha, neta de D. Affonso, conde de Grijou, filho legitimado de D. Henrique II de Castella e de D. Izabel, filha tambem legitimada de D. Fernando I de Portugal.

João de Mendonça, terceiro neto de Antonio de Mendonça, foi vice rei da India e general da armada portugueza, fallecido em Agosto de 1578, ao lado de El-Rei D. Sebastião, em Alcacer Quibir. Deste nasceu Nuno de Mendonça, que foi o 4.º conde de Valle de Reis, e deste nasceu outro Nuno de Mendonça. Seguindo sempre esta linha, chegamos a Ruy de Moura Telles, casado com D. Luiza de Castro, filha de D. Francisco Rolim de Moura, 14.º senhor de Azambuja e delles procede o duque de Loulé, cujo pae foi condemnado á morte por sentença de 21 de Novembro de 1811, pelo crime de traidor á patria, visto que acompanhava o exercito de Massena, quando este invadiu Portugal em 1810. Em 1818 obteve perdão no Rio de Janeiro de D. João VI, o que não obstou a que fosse assassinado, no palacio de Salvaterra, em 29 de Fevereiro de 1824. Deste nasceu o 1.º duque de Loulé, nomeado em 3 de Outubro de 1862, tendo nascido em 6 de Novembro de 1804 e casado em 1 de Dezembro de 1827.

*
* *

E' Loulé villa muito antiga, e se tem algumas ruas largas e espaçosas, tem outras onde o camartelo do progresso ainda não conseguiu entrar. No emtanto as suas condições naturaes e hygienicas são de tal ordem que Carlos Bonnet não duvidou affirmar, no seu apreciavel livro o *Algarve*, que era a melhor villa do Algarve onde se podia viver: *C'est la ville de l'Algarve la plus agréable dans laquelle on puisse demeurer.* Sirva-nos esta opinião auctorizada de premio de consolação, pois está sendo hoje raro que, quem aqui vem encontrar abrigo e pão, faça justiça a Loulé.

E' muito abundante de agua e farta de todos os artigos d'alimentação, que já não se vendem tão baratamente como noutros tempos.

Os seus habitantes são agradaveis e hospitaleiros, laboriosos e arrojados. Filhos predilectos da sua terra não desculpam facilmente os que a menosprezam. Educados consoante os principios liberaes, amam a liberdade e difficilmente se curvam perante os que praticam arbitrariedades ou lhes impõem inconvenientemente a auctoridade. Pena é que não tenham pensado em introduzir aqui essas associações, que são uma força para a classe artistica, e uma insti-

tuição que lhes garanta a sua velhice. Talvez os que menos teem a esperar dessas instituições tenham mais de uma vez tentado criar um Monte-Pio ou instituição similar, que sirva de abrigo para o futuro do artista, mas este tem sempre resistido a crer no beneficio de taes instituições. Pois parece impossivel que, sustentando ha muitos annos duas philarmonicas dispendiosas, á sua verdadeira altura, não se sinta em circumstancias de sustentar uma associação de soccorros mutuos.

Hoje a classe artistica é assás preponderante nesta villa, e poderia ter uma associação como raras no Algarve. Não pensam em tal, succedendo por isso que o artista impossibilitado de trabalhar um dia, tenha de recorrer no dia seguinte á caridade publica de bolsa na mão. Isto dá pena e chega a causar vergonha.

*
* *

De longa data e em occasiões diversas, tem a freguezia de Loulé contribuido para as freguezias do concelho e extranhas, com parte importante da propria substancia. Loulé tem sido meza farta aonde as povoações limitrofes teem ido banquetear-se.

Sem precizarmos decretos, que, mencional-os, daria grande trabalho, diremos que Loulé deu em tempo a Santa Barbara de Nexe, 204 fogos; a S. Braz, 212; ao Ameixial, 28; a S. João da Vinda, 45; e, mais tarde, por occasião de ser erecta a freguezia de S. João dos Mattos d'Almancil, sitios inteiros. Não foi bastante, porque em 1836 teve de dar a Boliquême todos os fogos do sitio de Quarteira!

Não bastou ainda porque em 1 de Julho de 1891 foi canonicamente dividida a monumental freguezia de Loulé em duas freguezias. Eis a *Carta* notavel do venerando prelado desta diocese, na qual, conformando-se com o decreto do governo, completou religiosamente a divisão, que civilmente fôra já decretada:

«D. Antonio Mendes Bello, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo-bispo da Diocese do Algarve, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc.

Aos Reverendos Parocos e fieis das freguezias de

S. Clemente e de S. Sebastião da Villa de Loulé, e a todos que desta Nossa Carta tiverem conhecimento, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Divino Salvador.

Fazemos saber que nos autos perante nós processados para a divisão da freguezia de S. Clemente de Loulé e creação de uma nova paroquia com a invocação de S. Sebastião, depois de preenchidas as formalidades legaes, foi proferida a sentença do theor seguinte: — *Christi nomine invocato.* — Vistos os autos *et cetera.* — Mostra-se que por Decreto de 13 de Agosto de 1890 foi Sua Magestade El-Rei servido ordenar que a freguezia de S. Clemente da Villa de Loulé, desta Diocese, fosse dividida em duas, conservando uma a sua séde na actual egreja matriz de S. Clemente, destinando-se para séde da outra o templo da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da mesma villa, com a invocação de S. Sebastião. — Mostra-se que o templo destinado para séde da nova parochia, comquanto não tenha a capacidade, que seria para desejar, é, ainda assim, com excepção do de S. Clemente, o mais apropriado, dentre de todos, que na freguezia existem, para servir de egreja paroquial. — Mostra se que a referida egreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco tem sacrario, paramentos e alfaias necessarias para o culto religioso, compromettendo-se a mesma Ordem a ceder para o exercicio das funcções da nova paroquia aquelles paramentos e alfaias pelo tempo de dois annos, durante os quaes deve a respectiva junta adquirir outros que seus sejam, para o desempenho do ministerio paroquial e preenchimento do serviço religioso. — Mostra-se que, por não haver na mencionada egreja pia baptismal, nem ambulas para os Santos Oleos, se promptifica a junta de paroquia a supprir tal falta, mandando fazer aquella e procurando munir se destas, com a possivel brevidade — (documento numero um). — Mostra-se que pela creação da nova paroquia, melhor, mais prompta e facilmente pódem ser attendidos, satisfeitos e promovidos os interesses religiosos e commodos espirituaes dos fieis da importante e muito populosa villa da freguezia de Loulé. — Mostra-se que, em conformidade com o citado decreto de 13 de Agosto, é considerada como linha divisoria para delimitar a area das duas paroquias a estrada municipal, que vem de Salir, entrando na actual freguezia de S. Clemente pelo sitio da Cruz da Assumada e na villa de Loulé, pela rua de Portugal, largo das

Bicas Novas, rua da Conceição, largo da Estalagem, Bicas Velhas, rua da Horta d'El-Rei, rua do Cemiterio, caminho para a estrada municipal, que vae até ao logar de Quarteira e mar.—Mostra-se que, segundo esta delimitação, ficam pertencendo á freguezia de S. Clemente de Loulé, aproximadamente, dois mil duzentos e vinte e cinco fogos, todos do lado oriental da referida linha, e á nova freguezia de S. Sebastião todos os fogos do lado occidental da mesma linha, em numero, pouco mais ou menos, de dois mil cento e sessenta e tres, devendo ter-se como dependentes e filiaes das duas egrejas os templos e capellas respectivamente situadas nos limites de cada uma dellas.—Mostra-se que, tendo-se dado conhecimento, na fórma do Direito, da divisão da actual freguezia e creação da nova, com a mencionada delimitação aos moradores da paroquia de Loulé, nenhum protesto, nem reclamação apresentaram no praso marcado.—Mostra-se, finalmente, que em observancia do disposto no Real Decreto, a que Nos temos referido, foi arbitrada pela junta do arbitramento e derrama das congruas, no concelho de Loulé, ao paroco da freguezia de S. Sebastião, agora creada, a congrua de quatro centos mil reis, a qual se prefaz pela quantia de trezentos mil reis, que teem de derramar-se, e pela de cem mil reis em que foram computados o pé d'altar e mais rendimentos parochiaes, sendo arbitrada á cuadjutoria, na mesma tambem creada, a congrua de cento e trinta e tres mil trezentos e trinta e tres reis, quantias respectivamente eguaes ás arbitradas para a congrua do paroco e ajudador da freguezia de S. Clemente (Documento numero dois).—O que tudo visto, resposta do Doutor Promotor e mais dos autos.— Usando das faculdades que Nos confere o Sagrado Concilio de Trento (sess. 21, cap. 4 *ad reformet)* e das demais que Nos foram concedidas, erigimos e constituimos canonicamente, em harmonia com o Real Decreto de 13 de Agosto de 1890, a egreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, da Villa de Loulé, em egreja paroquial da nova freguezia de S. Sebastião da mesma Villa, com os privilegios e regalias proprias das egrejas paroquiaes, ficando a dita paroquia com os limites já descriptos e aos quaes Nos reportamos. Aos parocos que daqui em diante forem della conferimos a jurisdicção ordinaria com o direito de perceberem a congrua assignada e arbitrada na fórma referida, bem como os emolumentos,

benesses e qnaesquer proventos que lhes pertencerem legitimamente, como até agora se observava na egreja de S. Clemente, e os declaramos inteiramente separados e desligados da freguezia de S. Clemente, para todos os effeitos ecclesiasticos, ficando a cargo da respectiva junta de paroquia as despezas reclamadas pela acquisição de paramentos, alfaias, cera, guisamentos e mais objectos necessarios para a decencia do culto. Esperamos da prudencia, descernimento e zelo religioso dos parocos da nossa freguezia, bem como da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, que serão sempre respeitados e mantidos, tanto os direitos paroquiaes, como os que á mesma Veneravel Ordem pertencerem, na conformidade das leis, contribuindo uns e outros para a regularidade, decencia e explendor do culto, conservação da paz e boa harmonia, que entre todos deve existir, como é proprio de filhos dedicados da Santa Egreja Catholica.

Paço, etc.— Faro, 1 de Julho de 1891.

Antonio, Arcebispo-Bispo do Algarve.»

E — louvado Deus, apesar de todos estes golpes — a freguezia de S. Clemente de Loulé, ainda hoje, é a maior freguezia do districto do Algarve. Como uma catadupa que destróe ou sobrepuja todos os obices criados pela mão dos homens, a freguezia de S. Clemente não perdeu ainda as honras de ser a primeira freguezia, em população de quasi todas as provincias do paiz! Dividam-na mais outra vez e verão como das proprias cinzas ella renasce mais rica e abundante.

CAPITULO IV

Noticias historicas

Abrimos dois capitulos, um subordinado á epigrafe *Noticias historicas,* e outro á epigrafe *Curiosidades historicas,* que bem podiam ser os dois ultimos capitulos deste livro; como, porém, na sua maior parte essas *noticias* ou essas

curiosidades se referem á Villa de Loulé, antes de ser dividida pelas duas freguezias, por isso as consignamos aqui.

§ 1.º

Tomada do Castello de Loulé

Os nossos antigos cronistas não são concordes na maneira e pelo tempo em que D. Paio Peres Correia tomou o castello de Loulé.

De uma *cronica inedita da Conquista do Algarve*, encontrada nos velhos arquivos da camara de Tavira e escrita em linguagem daquelles tempos, deduz-se que o combate junto do nosso castello foi rijo e muito sangrento. A este combate assistiu D. Affonso III e nos labios deste rei pôz o cronista a magua que lhe causara tamanha mortandade. Ouçamos as palavras do cronista:

«...e porque ho Mestre morria alguma gente nas pellerejas e combates... disse-lhe El-Rei, falando com elle: *Mestre, muito me pesa por os cavalleiros que vos morrerão na conquista destes luguares porque eram todos mui estremosos homens.*

—*Senhor — disse o Mestre — não tomeis nojo por os mortos porque morrerão ao serviço de Deus e salvação de suas almas; e logo ho Mestre partio de Loulé e foice lançar sobre Aljezur.*»

Este dialogo, que suppomos escrito por um contemporaneo, convence-nos de que, na tomada do castello de Loulé, morreram muitos illustres cavalleiros, caso que bastante maguou El-Rei; e convence-nos ainda de que naquelle tempo a morte de um cavalleiro christão em combate contra os mouros era um documento de salvação das suas almas. Naquelle tempo o morrer pela patria era um documento que nobilitava. Hoje, dizem-nos, que o suicidio de quem se mata por um namoro, é cousa ainda mais santa; como mais santo é ainda suicidar-se uma pessoa porque o negocio não corre á medida dos desejos do suicida... pela simples razão de que não ha mais santo principio do que o modernamente proclamado: cada um governa-se como póde e não como deve.

§ 2.º

Movimentos geologicos

Sem escrever dos tremores de terra que atormentaram esta villa e concelho em datas antigas, escreveremos dos succedidos em 27 de Dezembro de 1732, 1 de Novembro de 1755, e de 12 de Janeiro de 1856. O primeiro começou das 5 para as 6 horas da tarde ao cabo de S. Vicente e se foi estendendo—como escreve João Baptista da Silva Lopes—, pelo resto do reino, vindo a soffrer mais as povoações de Portimão, Lagos, Albufeira, Loulé, Faro e Tavira, morrendo muitas pessoas e desabando muitos edificios. O segundo porém, foi mais destruidor, e, como apenas nos referimos a Loulé, e nos livros da camara exista um auto, onde se narra este successo, vamos para aqui transcrevel-o:

«Memoria do grande terremoto em dia de todos os santos — 1755.

Antonio de Azevedo e Silva, escrivão da camara nesta Notavel Villa de Loulé e seu Termo por Sua Magestade, que Deus guarde. Certifico ser verdade tudo o abaixo expresso e declarado que de consentimento e mando dos vereadores actuaes, sendo Presidente do Senado da Camara o dr. José Mendes Guerreiro, juiz de fóra nesta villa; membros o Capitão Antonio Correia da Costa, mais velho; Capitão Vicente da Cunha e Costa, segundo; Miguel José de Abreu, o mais moço; o Capitão Rodrigo da Ponte Palermo, procurador do concelho por ausencia do Capitão Joaquim José da Silva; em misteres, Francisco Fernandes, official de ferreiro, e Carlos Martins, sangrador e barbeiro, aqui escrevi:

Em dia 1 de Novembro das 9 para as 10 horas do dia foi Deus Nosso Senhor servido mandar um terremoto tão valente e duração de 10 minutos té um quarto de hora, que derrubou quasi todas as casas desta villa, e as que não caíram ficaram inhabitaveis; padeceu a Egreja Matriz estrago grande e não caiu de todo, o mesmo a Egreja de S. Francisco e a dos Capuxos, e Santo Antonio. Caiu a Egreja da Graça e todos os mais templos padeceram na fórma referida; partiram-se as torres do Castello, caindo muita parte dos seus muros e caiu a Torre da Vela. Da torre da Matriz

caiu o relogio, e se desfizeram as grimpas. Morreram quatro mulheres, a filha do dr. Francisco Gouveia de Abreu, na sua casa junto ao muro das Religiosas, na praça; outra na Egreja da Graça com as pedras do arco da Capella dos Passos; outra aos muros que dão para a Horta d'El-Rei, onde chamam a Porta Nova, e outra, vindo da egreja. Morreram mais tres creanças, uma filha de Abreu Martins, outra filha de Francisco Martins Neto. Caiu muita parte do Convento das Religiosas, e por isso se lhe fez acomodação em uma cabana na sua cerca, e saíram muitas para as casas dos seus parentes com ordem e licença do seu Prelado. Caiu a cadeia, saindo d'ella todos os presos. Morreu um menino de Manoel de Andrade Oleiro. Na Egreja de Boliquême morreu muita gente, e em Quarteira levou o mar tudo, afogando oitenta e sete pessoas, grandes e pequenas. A camara teve de fazer a sua sessão em uma casinha na rua Ancha, que foi de Antonio Martins Correia por não haver casa capaz em outra parte. E para que aos vindouros conste o referido, mandaram escrever esta noticia, que todos assignam, etc.»

Em 12 de Janeiro de 1856 houve outro tremor de terra, que fez tambem muitos estragos.

José Rafael Pinto, paroco nesse tempo, fez a descripção desse tremor no livro das visitas, pertencente ao arquivo da Matriz. Sem repetirmos uma a uma as suas palavras, transcreveremos a parte principal:

«Desde o principio de Setembro até os fins de Dezembro passado, as chuvas tinham caído com pouca interrupção, mas depois foram tão abundantes e continuadas, que as nascentes augmentaram a um ponto extraordinario e outras appareceram de novo. Assim continuou o tempo até ao dia 12 de Janeiro de 1856. Pela manhã, a athmosfera estava carregada, mas o sol apparecia de quando em quando, não ventava, nem chovia; pelas 11 horas da manhã ouviu-se um estrondo como um trovão ao longe e logo em seguida sentiu-se um grande abalo de terra, que durou por espaço de dois segundos; a oscillação, segundo me pareceu, foi de noroeste a sueste; foi tão grande a violencia que não ficou edificio algum que não soffresse; a egreja Matriz na parede da frente deu para fóra, a aboboda da sachristia deu tambem de si, e onde fez maior impressão foi na sachristia das Almas

que rachou toda. A egreja de S. Sebastião tambem abriu fendas no frontispicio e aboboda. E assim soffreram os edificios da villa e suburbios. Na villa muita gente se retirou das suas casas para o campo. Passados uns cem minutos repetiu-se outro abalo menos violento e sete minutos depois tornou a repetir-se, mas com pouca intensidade. O povo aterrado fugia para as ruas e largos, implorando Misericordia em voz alta, e muitos se dirigiram para a ermida de N. Senhora da Piedade. Para alentar os espiritos e obstar á grande reunião de povo na ermida da Senhora da Piedade, fiz armar um barracão no largo de S. Francisco, para onde fiz conduzir em procissão a Imagem veneranda da Senhora da Piedade e ahi acompanhada de mais de duas mil pessoas, de ambos os sexos e de todas as edades, fizemos preces e rogativas a Deus. Era um espectaculo suggestivo: tanta gente com a fronte contricta e cheia de lagrimas a implorar misericordia. O Senhor se compadeça de nós. Loulé oito horas da noite do dia 12 de Janeiro de 1856. O Prior, *José Rafael Pinto.*»

A' hora em que o venerando paroco lavrou esta noticia não sabia talvez que um espirito forte desta villa, que não era sapateiro, foi encontrado de joelhos no alto da praça a chorar e a pedir perdão a Deus das asneiras que tinha dito em toda a sua vida! Não lhe soletramos o nome porque é já falecido.

Seguiram-se outros tremores de terra, e que, felizmente não deixaram grandes vestigios.

§ 3.º

Innundações

Encontra-se em um livro antigo do registo dos obitos o seguinte termo:

«Em 24 de Outubro de 1587, ás tres horas da tarde, choveu tanta agua, e durante a noite, que foi um diluvio. Saiu a ribeira do Cada-Vae fóra do seu curso, quebrando a baixo do moinho, na dita ribeira, tomando o figueiral logo abaixo de Maria de Andrade, rompendo pela Horta

Nova, dando nas casas de Francisco Leitão, rompendo pelas ruas abaixo, assomando á rua da Larangeira e entrando nas mais ruas comarcãs de Francisco Leitão e travessas desta e as de S. Sebastião e Manoel Vaz, e outras ruas, derrubando todas as casas, que achava diante, que foram cento e dez, as quaes seus donos não souberam mais onde eram, levando tudo o que estava dentro d'ellas, pipas cheias, potes de azeite, ceirões de trigo, roupas e dinheiro, que faria bem de perda cem mil cruzados.

E a gente que se achava nas casas as levou o diluvio, logo que as afogou, até ao Almargem, que é legoa e meia da villa. E as pessoas que morreram e se enterraram, (afóra muitas, que se puderam salvar, e que se acharam), são as seguintes. Digo mais que o diluvio deu tão grande abalo nesta villa e a todo o reino do Algarve, que o bispo D. Geronimo Barreto veiu de Faro visitar a villa, e se numerou as casas e as pessoas, e se deu por mão do bispo quinhentos cruzados de esmola aos pobres; e accudiu o governador d'este reino do Algarve com suas esmolas tambem, e escreveu a sua magestade para prover o necessario, como proverá. As pessoas que o diluvio afogou são as seguintes:

(Nesta altura o paroco menciona sessenta e duas pessoas mortas pelo diluvio, designando-lhes os seus nomes). Continua:

«Augmentou o diluvio por parte de Santa Anna e quebrou pelas vielas e fazendas abaixo até á Marroquia, levou toda a casa do Mosteiro, que está fóra da villa e levou toda a cerca que tem parede muito alta. E tudo quanto estava á roda levou. Os religiosos, que são da Piedade, da Ordem de S. Francisco, estão muito desconsolados. A tudo se está dando remedio, porque o bispo, o governador e D. Brites de Almeida do morgado de Querença, estão á porfia, quem melhor ha-de beneficiar á sua custa.

O governador tem com cuidado escripto, e a camara egualmente, a sua Magestade. O governador, *Fernão Telles de Menezes*.

Por verdade o assignei em 4 de Novembro de 1587.»

Em seguida ao termo lavrado no livro dos obitos da freguezia de S. Clemente de Loulé, e que, por especial obse-

quio do paroco Alexandre João do Nascimento, então encomendado naquella freguezia, lemos, encontra-se mais o seguinte:

«Falleceu mais um moço de 12 annos, na rua de Portugal, em virtude do diluvio. «Falleceu hoje a mulher de Francisco Domingos, carpinteiro, que o diluvio apanhou na Franqueada».

No *dicionario* de Pinho Leal menciona-se outro diluvio em Loulé pelos annos de 1692, no qual faleceram 17 pessoas. Folheando o livro de obitos relativamente áquelle anno, encontramos a seguinte declaração, que transcrevemos *ipsis verbis:*

«Em o primeiro dia de janeiro da era de 1692 nas duas horas da noite, que hera na terça feira em que foi o primeiro dia do dito mes para a quarta feira depois da meia noite socedeo hum diluvio nesta V.ª em que morrerão desesete pesoas, e m.tªs casas caidas, como foi a de Marcos Nunes Almocreve, na qual casa se afogou elle e seis pesoas como sua molher, dois filhos, huma cunhada e dois netos; em casa de M.el Correa tres filhos, em casa de Ant.º Gliz Almocreve sua molher e dois filhos; Dona Joanna Isabel da Silva e ambas duas crianças de M.el de Andrade; huma de João da Cruz; e a maior culpa de tudo tem sido a causa os do governo deste povo, porque tendo sosedido já outro, maior que este, fizerão humas paredes para ter mão na agua e tendo feito a agua alguns portos não quizerão os officiais da camara assim presentes como passados alevanta-los, com que veiu a agua e enfiou e passando no quintal de João Thaide rebentou e levou as casas e pesoas; e a este quintal se tinha prohibido levantar as paredes sem algum perigo e o governo desta V.ª lhe deu licensa para alevantar por pagar foro a elles, qual o mesmo supra concelho culpado é.

(Nesta altura menciona as pessoas que morreram no diluvio, que são 19).

Continua:

«Cahio a casa de Marcos Nunes e levou quanto tinha

a casa. Cahio uma casa de M.el Mendes Estaço e levou 5 pipas de vinho. Cahio uma casa de M.el Correa e levou-lhe muita roupa. A esse Manuel Mendes derrubou tres potes de azeite.

Levou a casa de Clemente Pereira e quanto nella tinha. Levou alqueires de azeite.....A Sant'Anna levou uma fazenda porque entrou por todas as casas e salvou-se a gente pelos sobrados e pelos telhados; derrubou a casa do P. Ant.º Pinto e por santo Ant.º foi tanta a agua que levou a cerca dos frades capuxos.....e a ponte da estrada que vae para a Snra da piedade.

O cura M.el Gago Raposo.

D'estas duas narrações respeitantes aos dois diluvios (1587—e—1692) tiramos as seguintes conclusões:

1.º que em 1587 chamava-se ribeira *de Quedavai* a toda a ribeira desde a sua nascente, nos Almargões, (sendo ahi que se deu a grande enchente, que depois entrou na villa)—até o mar.

2.º No *Portugal Antigo e Moderno,* referindo-se ao Mosteiro de Santo Antonio, lê-se:

«Aqui viveram os religiosos (o mosteiro era em uma planicie junto da villa) até 1692, em cujo anno se passaram para outro que haviam fundado de novo (por o primeiro estar arruinado) um pouco acima do sitio do primeiro».

Portanto: o primeiro convento dos frades capuxos ficava mais abaixo em uma planicie, pouco mais ou menos, no lugar hoje occupado por uma eira; e como os dois diluvios o tivessem arruinado, os frades mudaram-se para o logar, onde já tinham feito construir o convento, cujas ruinas hoje se observam. Mudaram-se em 1692, no mesmo anno em que se realizou o segundo diluvio, o que nos faz crer que elles se tinham préviamente prevenido, mandando ali construir o novo convento.

3.º que D. Brites de Almeida era em 1587 morgada de Querença; devendo, porém, advertir-se que esta morgada é pessoa diversa da celebre Brites de Almeida, padeira de Aljubarrota, que tambem residiu em Loulé. Tendo conhecimento de que a camara desta villa batizara ha poucos mezes uma rua da freguezia de S. Sebastião de Loulé com o nome de Brites d'Almeida, quizemos apurar qual das duas

Brites de Almeida merecera as honras de ser memorada. Nada apuramos: nem cremos que a propria camara seria capaz de deslindar o caso.

4.º que já em 1692 era costume dizer-se mal da camara, quando esta não procedia bem.

§ 4.º

Guerras, revoluções e revoltas

Não vamos n'este artigo fazer a historia de todas as guerras, revoluções e revoltas, que oprimiram a nação e portanto a freguezia de Loulé. Referir-nos-emos sómente ás que tiveram por palco esta villa e nella principalmente se tornaram mais sensiveis. Das guerras, revoluções e revoltas que affectaram o paiz, encontramos a sua descripção na historia geral de Portugal, e seria prolixidade repeti-las aqui. Indicando pois as guerras, revoluções e revoltas, que começaram em Loulé ou que nelle principalmente se fizeram sentir, começaremos pela invasão ingleza em Farrobilhas, freguezia de Loulé, no dia 24 de junho de 1596. Era Farrobilhas uma povoação com sua egreja e torre, que os habitantes de Loulé ali tinham mandado fundar e edificar em 1462, pouco mais ou menos. Em 1596 andavam inglezes e hespanhoes em guerra, e como então viviamos sob o dominio hespanhol, entenderam os inglezes que se deviam vingar da Hespanha á nossa custa. No dia 24 de junho d'aquelle anno uma força de marinheiros inglezes, embarcados em uma armada de 130 vellas, em numero de tres mil homens, desembarcou em Farrobilhas, incendiou a povoação e arruinou a egreja e a torre, e foi caír sobre Faro. Esta armada estava sob o commando do duque de Essex, que mais tarde recebeu o devido premio das suas façanhas, em Inglaterra.

Em 24 de julho de 1833 entraram os guerrilhas em Loulé; roubaram os estabelecimentos e mataram a tiro muita gente. E todavia o padre que lavrou os termos de obito declara nos mesmos que os infelizes assassinados a tiro tinham morrido em combate. Este padre não duvidou mentir para desculpar os facinoras. Ha infelizmente d'esta gente que assim atraiçoa a sua santa missão. Em opposição a este procedimento canalha e infame, o santo padre

João da Mata era chamado a levar o sagrado Viatico a um seu paroquiano de Salir e morria varado de um tiro no caminho para o enfermo, com o viatico ao pescoço! Desgraçado do que, por politica, não duvida macular a santa religião do christianismo, collocando-se ao serviço das paixões odientas!

Em 25 de julho de 1861 revoltou-se a villa contra os impostos. Para esse dia tinham sido convidados os gremios para a repartição do imposto. Tinha-se aqui reunido muita gente das freguezias.

Conta-se que houve quem inspirasse a massa popular a queimar as matrizes. Um deu o exemplo e logo muitos contribuintes descontentes correram a secundar o feito.

Foram queimadas as matrizes; o escrivão de fazenda, teve de fugir para salvar a vida; a auctoridade administrativa, sem o auxilio da força publica, commetteu o erro de saltar no meio dos revoltosos com um par de pistolas aperradas. Teve de fugir, porque seria victima. Diz-se que quem inspirara a queima dos papeis fora quem mais outra vez influira para o socego do povo revoltado.

Em 21 de maio de 1904 — produziu-se outra revolta nesta villa. Estava aqui empregado no real de agua um individuo, que não conheceu que vivia no meio de um povo, cioso em demasia da sua liberdade. De uns excessos deste empregado resultou uma certa má vontade contra elle.

Deu isto causa a que os pescadores *nas aguas turvas* fizessem horrivel propaganda contra o empregado, que teve de fugir em a manhã do dia 22 para escapar á morte.

Felizmente não houve victimas e aquelles pescadores lucraram á vontade. Mais de seis mezes, o real de agua nada rendeu. Quando tudo entrou no caminho legal, os *pescadores*, costumados a nada pagar, quizeram promover nova revolta, mas então o povo perguntou-lhes o que tinham feito da importancia do imposto que devera ser pago durante os mezes de *sucto* e não chegara a entrar nos cofres publicos? Retiraram-se os pescadores porque perceberam que o povo os ficara conhecendo.

Afora as que mencionamos, nenhuma outra conflagração se tem dado neste concelho, pois que os movimentos politicos, que apparecem em occasiões de eleições, são apenas valvulas de segurança... dos que não votam, que são sempre os mais *exaltados*.

§ 5.º

Inscripções e memorias antigas

Alem das inscripções relativamente modernas e que já mencionamos, outras ha, não muito antigas, mas que merecem especial menção.

No cunhal de um predio situado ao fundo da praça, e que está servindo de hotel, existe a seguinte inscripção:

Aeternit. Sacr.
Immaculatissimae
Conceptionis Mariae
Joannes IV Portugallae Rex
Una cum general. Comitiis
Se et Regina sua
Sub. annuo censu tributaria
Publicé vovit:
Atque Deiparam Imperii tutelarem electam
Álabe Originalé preservatum perpetuo defensurum
Juramento firmavit,
Viveret ut Pietas Lusitan.
Hic vivo lapide memoriale perenne
Exarari jussit.
Anno Christi M.DCLVI
Imperii sui XVI.

Esta inscripção, como todo o português de lei deve saber, foi mandada lavrar em titulos de pedra, e estes assentados ás Portas das cidades e villas de Portugal, por D. João IV, dezessis annos depois de se sentar sobre o throno dos seus maiores, reis de Portugal. A inscripção foi composta pelo Desembargador Antonio de Souza Macedo, e foi collocada ali, porque uma das Portas da villa era, pouco mais ou menos, naquelle logar.

Cremos que meia duzia de pessoas desta villa, não mais, terão lido aquella patriotica inscripção. Pois é pena. Quando D. João IV, em sua acclamação tomou a Senhora da Conceição por Patrona do reino, e jurou em as Côrtes que se celebraram em 25 de Março de 1656, com todos os seus vassallos, defender a sua purissima Conceição, expondo

para isso as proprias vidas, se necessario fosse, logo se tratou de que a Universidade de Coimbra com todos os seus lentes fizessem o mesmo juramento. E com ordem do mesmo rei se fez aquelle juramento em um sabado, 28 de Julho do mesmo anno. Em seguida mandou o rei que se fixasse em pedra, ás portas das cidades e villas de Portugal, aquella inscripção, onde se fez aquelle juramento.

*

* *

Havia no largo do convento do Espirito Santo, quasi ao canto do predio urbano das senhoras Faiscas, uma fonte raza, ornada de quatro arcos que a rodeavam, fechando cada um em ogival, mas não formando em cima tecto. Em um desses arcos estavam a par do escudo das armas de Portugal com a orla de 15 escudos, as armas da villa, que são um loureiro verde sobre tres castellos; por baixo d'aquellas em letra onceal e algumas romanas restauradas estava a seguinte inscripção:

«*Era de mil quatro centos e quatro annos*
foi feita esta obra»

data esta que corresponde ao anno de 1366.

Sendo presidente da camara Antonio Vaz da Fonseca e Mello, em 1837, mandou encanar a agua da fonte para o logar das *Bicas Velhas*, e depois entupiu a mesma fonte. Teem, pois as *Bicas Velhas* esta data, mas não ficaram de uma vez prontas, pois que os trabalhos, tendo sido interrompidos, só acabaram em 1887.

Então collocaram as mesmas armas de Portugal com os 15 escudos, desapparecendo as armas da villa. Aquella inscrição tambem lá figura. No centro do frontispicio das Bicas está a figura, em pedra, de uma mulher nua das coxas para cima. Um pedreiro, que tem hoje 82 annos, affirmou-nos que elle trouxera das ruinas do convento da Graça aquella pedra. Não sabemos para que os frades de S. Agostinho queriam aquella peça.

As *Bicas Novas* teem a seguinte data, como lá se vê: $18\frac{21}{10}67$.

*

* *

Sobre a porta do cemiterio está uma lapide, que veiu da Misericordia Velha em 1826. Parece portanto que os dizeres da lapide se referiam á antiga igreja da Misericordia de Loulé.

Dizem os dizeres d'aquella inscripção:

AMTTLD
PRS NEZNTSE
CRIVÃOE CAPELAÕ
E IR MAOS MA FA
Z ERSEOCO S MOAS
DA CA ZA
IS94

Não no satrevemos a traduzil-a.

No portal que serve de entrada para a sachristia da Misericordia estão gravadas as seguintes palavras:

ESTA PORTA ESTÁ ABERTA
PARA TODOS MISERAVEIS LOV
ADO SEJA DEWS

Como já dissemos, este portal era certamente o que dava entrada para o antigo hospital, albergaria ou hospicio.

No mesmo sistema de escrever, mettendo umas n'outras letras, existe á porta, que abre para a escada por onde se sobe ao Hospital, a seguinte inscripção:

O Muito Reverendo Padre Fr. Antonio da Piedade, sendo provedor, mandou levantar este Hos-

pital Real sob a invocação da N. S. dos Pobres, sendo vigario neste hospicio em 9 de Janeiro de 1784.

Ao lado d'esta ha outra porta com a seguinte:

O Muito Reverendo Padre Antonio da Piedade augmentou este hospital no anno de 1784.

Todas as letras destas inscripções são maiusculas, como as do portal, que dá entrada para a sachristia da Misericordia.

Não encontramos nenhuma inscripção romana. Nem d'isso nos admiramos, pois que pouco cuidado se presta em Loulé aos antigos monumentos.

CAPITULO V

Curiosidades historicas e modernas

A rua das Cabanas tirou o seu nome do seguinte facto: por occasião do tremor de terra de 1755 muitas casas cairam e quasi todas ficaram arruinadas. Então quasi toda a gente mandou levantar cabanas em um largo, e ahi se conservou, emquanto as casas não foram reparadas ou reconstruidas. Ficou o largo conhecido pelo *das Cabanas* e foi mais tarde nesse largo que se abriu aquella rua, que conservou o nome do largo.

*

* *

Em frente do predio, na praça, onde o Snr. Domingos Rodrigues Marques tem o seu estabelecimento de capella, havia uma fonte quadrilonga, quasi rasa com a terra. A camara municipal de que era presidente Joaquim Candido de Magalhães, mandou entulhar a fonte depois de ter encanado a agua para as *Bicas Novas*. Dizem que essa agua não é boa por causa das infiltrações do peixe. Não é essa a razão: a agua não é boa por que a fonte communica subterraneamente com uns depositos de aguas sujas da rua ao norte da Praça.

*

* *

O sino do relogio caiu da torre matriz em 1755. Foi então collocado em uma torre das muralhas que existem á direita e um pouco atraz da parede do Snr. José Francisco Verdugo, onde hoje está a farmacia do Snr. Sequeira. Ainda hoje nessa torre se encontram os buracos, por onde passavam os pesos do relogio. Mais tarde, ahi por fins de 1803 e principios de 1804, o juiz de fora, que era presidente da camara, mandou levantar sobre o arco da praça uma torre

para o relogio; mas como fosse despachado para outra comarca, e desejasse terminar aquella obra, mandou fechar a torre na altura em que ia, ficando por isso mais baixa do que a planta indicava. O juiz chamava-se Gabriel de Bettencourt Vasconcellos e Lemos. O sino pequeno é de 1805, o grande de 1806.

O pelourinho ficava quasi em frente do arco do relogio; sobre quatro degraus em redor erguia-se uma columna redonda, que em cima tinha uma pedra quadrada e de menor saliencia do que a columna. De dentro saiam quatro ferros, que terminavam em unhas.

Quando foi presidente da camara Mello Vaz, mandou apeiar a columna e escangalhar os degraus. Foi a columna vendida a José Rafael Bento, que a collocou ao canto do predio, hoje da camara. Como esta columna tornasse a entrada para a rua do Postigo, mais estreita, foi dali tirada e collocada á porta do jardim, hoje tambem pertencente á camara, na rua do arco do relogio. Mais tarde, querendo Marianno da Costa fazer um armazem, perto do seu predio á Corredôra, comprou a columna, e hoje quem a quer contemplar tem de ir áquelle armazem. Faz-se em Loulé commercio em tudo: até com as *memorias,* profanas ou sagradas.

*

* *

A torre da Matriz não tinha cupula. Diz a tradição que o templo fôra mesquita de mouros, e que aquella torre lhes servia de vigia e de onde elles annunciavam as horas destinadas á oração. A esta torre chamavam os arabes Almadena.

*

*

O primitivo sino do relogio, que servira na torre da Matriz e ainda fôra collocado na torre das muralhas, estava arruinado, e por isso foi fundido em 1837, e serviu de materia prima para as bicas que estão nas *Bicas Velhas.*

*

* *

A cruz erguida sobre a porta principal da egreja da Misericordia foi offerecida pelo Visconde das Altas Moras.

*

* *

A villa era antigamente cercada de muralhas com seis portas e um forte castello: de umas e outro ha ainda as ruinas. A população crescendo, rompeu a cerca das muralhas, cujos restos se vêem hoje no interior da villa.

*

* *

Em 1804 havia em Loulé uma familia muito distincta e nobre: a familia dos Silveiras. Neste tempo apenas restavam tres irmãos: Roiz Dias Silveira, Desembargador, segundo nos informam, no Porto, e duas senhoras, ambas solteiras. Uma destas senhoras casou com o juiz de fora, em Loulé, Salgueiros. Não levou o irmão a bem este casamento e partiu do Porto para Loulé no intento de perseguir o juiz; este sendo avisado partiu para Lisboa, dando-se a circumstancia de se encontrarem em

Felizmente não se conheciam e por isso, o Desembargador seguiu para Loulé, e o juiz de direito para Lisboa.

A nobresa da familia Silveira foi aqui bem conhecida. Tinha á porta do predio umas argolas, e todo o criminoso que tivesse a mão na argola não podia ser prezo. Privilegio este de que gosavam alguns predios das pessoas mais nobres do Reino e muitos conventos.

Deste casamento nasceu D. Maria Joanna Salgueiros que casou com Antonio Vaz da Fonseca e Mello, pae de Antonio Vaz Mascarenhas.

*
* *

Na freguezia de S. Sebastião, dentro da Villa, ha uma rua denominada do *Lagar Novo*. Este nome foi posto para distinguir da rua do *Lagar Velho*, que abria para a rua do *Postigo*, no ponto hoje occupado pelo predio de D. Anna Barros e ia abrir no outro extremo á rua do Espirito Santo. Naturalmente parte da casa do snr. José de Souza Faisca está construida em parte dessa rua.

*
* *

Entre outras familias distintas de Loulé havia a familia *Lobos* e a familia *Pessanhas*. Pelo casamento do Tenente Coronel Diogo Lobo Pereira com D. Ginebra Maria Pessanha ficaram ligadas estas duas familias, cujos descendentes foram muito conhecidos pelos Lobos Pessanhas.

Em um dos capitulos seguintes occupar-nos-emos das familias antigas de Loulé.

*
* *

Loulé tinha assento em cortes no banco n.º 9.

*
* *

Além dos mercados publicos, que se realizam nesta villa todos os domingos, tem Loulé tres feiras: uma nos ultimos tres dias de agosto; outra no dia 8 de dezembro, e a terceira na segunda dominga da Quaresma.

*
* *

Antes de 1834 era a comarca de Loulé administrada no civel por um juiz de fora, que era presidente da camara, ou senado, como então era mais geralmente conhecida esta corporação.

*
* *

Na muralha em frente da egreja de N. Senhora da Conceição, e portanto no centro da villa, havia, não ha muitos annos, um moinho de vento. Não sabemos se era permittido que tal moinho trabalhasse de noite; se trabalhava devia ser um bom despertador para a gente que habitava proximo, quando o vento soprasse rijo. Um dia foi abaixo com um pé de vento.

* *

Ha no sitio d'Apra uma fonte antiquissima, quasi raza com o chão, com quatro arcos, que fecham em cima, formando um tecto e com a sua competente cupula. Não tem data. Em tempo o conhecido escritor Lopes Mendes tiroulhe o desenho, e o mandou publicar.

*
* *

Em razão da abundancia de forragens nos arredores desta villa, esteve em Loulé no seculo XVIII (de quartel ao castello) um regimento de dragões.

*
* *

Antigamente era Loulé uma das praças mais importantes do Algarve; seus muros tinham sido reedificados em 1422 por D Henrique de Menezes, 1.º conde de Loulé, filho do conde de Viana; e então observou-se que a sua primitiva construcção era romana. Parte desses muros caiu com o tremor de terra de 1755.

*
* *

Quando por Carta de lei de 4 de setembro de 1559 se mandou que no Algarve se vendesse vaca a seis reis o arra-

tel, carneiro e porco a sete reis, bode e cabra a quatro, e ovelha a tres reis, era exceptuado Loulé, onde se vendiam estes generos menos um real em arratel.

*
* *

Em sessão de 14 de maio de 1755 accordou a camara que os moradores das freguezias do Ameixial, Salir, Alte e Querença fossem obrigados, pena de 500 reis, a entregar ao Escrivão da Camara um alqueire de gafanhotos, quando a pessoa fosse cabeça do casal de quatro pessoas, e meio alqueire quando de menos pessoas. Em 27 do mesmo mez e anno, duplicou a quantia de gafanhotos, que seriam entregues ao Escrivão e por este mandados enterrar. A praga de gafanhotos tinha augmentado.

*
* *

Em 31 de dezembro de 1755 a camara nomeou o juiz e mais officiaes das confrarias da Senhora da Piedade, S. Sebastião e Santa Luiza e bem assim os juizes e mais officiaes das diffe entes mordomias da villa.

*
* *

O ordenado do thesoureiro do Municipio até 25 de março de 1809 era de 10:000 reis, e dahi em diante foi de 24:000 reis, entrando o aluguel da casa onde se recolhia o trigo de foros, pois era pago á custa do mesmo thesoureiro.

*
* *

Em 20 de maio de 1802 foi José Raphael Pinto nomeado capitão de uma das companhias de ordenanças. Tinha então 36 annos, e quatro mil crusados em bens de raiz e negocio.

*

* *

Dentro da area da freguezia de S. Clemente está situado o *Cabeço do Mestre*, a pequena distancia da villa onde D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago, assentara barracas de campanha, depois do combate no sitio dos Furadouros contra os mouros, e antes de atacar o castello de Loulé. Deriva o nome do commandante das forças portuguezas.

*

* *

No sitio da Cabeça Gorda existe um enorme algueirão, cujo fundo é desconhecido.

*

* *

Tem a freguezia de S. Clemente duas bellas quintas, de D. Elisa Mascarenhas, e da Marqueza de Pomares, e excellentes hortas.

*

* *

Teem sido encontradas na parte da villa antiga, toda situada na freguezia de S. Clemente, extensas minas subterraneas, que se suppõem communicações entre as portas da villa, no tempo dos arabes.

*

* *

Ao sair da praça para a rua da cadeia passa-se pela *Rua do Postigo*. O nome deriva do *Postigo* ou *porta da Traição* que havia em todas as muralhas.

*

* *

Ha nesta villa, freguezia de S. Clemente, uma rua chamada *Martim Farto*. Era certamente algum potentado.

Faleceu em 1588, e nos livros do registo dos nascimentos daquelles tempos figura aquelle cidadão como padrinho de quasi todas as crianças, que se batizaram por aquella epoca.

*

* *

A antiga villa comprehendida dentro dos muros, no tempo dos mouros, era pequena, comparada com a villa actual, pois que nella apenas se continham as seguintes ruas: Rua da Matriz, Rua da Igreja, Rua do Carapeto, Travessa dos Alegres, Largo do Carmo, Rua do Arco, Rua do Postigo, Rua da Cadeia, Rua de Martim Farto, Rua da Conceição, Rua do Espirito Santo, Rua Nova e Rua da Fonte.

*

* *

Espalhadas por quasi todos os pontos da villa velha teem sido encontradas covas, ás quaes os mouros chamavam *matamorras* ou matmorras, do feitio de uma cisterna, algumas pequenas, com uma, duas ou tres braças de profundidade e largura em proporção, em que os mouros costumavam guardar os trigos depois de desbulhados e limpos; e estando limpos, cobriam-os com alguma palha e terra, e ali se conservavam sem corrupção, nem gorgulho até seis annos. D'este vocabulo arabe deriva a nossa palavra *masmorra*.

No quintal do nosso amigo João Correia encontraram-se ha bem pouco tempo tres dessas *matmorras*.

Preferimos a lição dos que ensinam dever-se chamar a estas covas verdadeiros *silos*, como explicamos na nota respectiva.

*

* *

Correm nesta villa muitas lendas de mouras encantadas. D'essas lendas fiz ementa em um livro *As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve*.

mirante em frente da Misericordia, onde mais tarde esteve o sino do relogio, havia vigias, que se communicavam por sinaes com Quarteira, afim de se sair ao encontro dos mouros, quando estes vinham apanhar cativos. A este mirante se chamava então a *Torre da Véla*.

*

* *

Cada uma das duas freguezias de Loulé tem duas escolas officiaes de instrucção primaria, de ambos os sexos, alem dos professores particulares de ambos os sexos pagos pelos paes das crianças.

*

* *

Na freguezia de S. Sebastião ha dois outeiros — *Valle Balanças* e Picavessa, onde existem dois algueirões, cujo fundo é desconhecido.

Tem a norte o sitio da *Canada*, onde se encontram grandes traços da antiga estrada ou canada por onde passavam os gados, que, da Quinta de Quarteira, antes pertencente aos nossos reis, transitavam para Lisboa. Perto d'esta estrada ha o sitio da Picota, nome que adqueriu por ali terem sido enforcados uns ladrões, que, em certa epoca, roubaram alguns desses gados, segundo reza a tradição. E' sabido que Picota é portuguez antigo, que significava forca.

*

* *

Temos na freguezia de S. Clemente um sitio chamado *Torrejão*, e na de S. Sebastião outro cognominado o Castellão. Ambos designam antigos castellos ou torres de vigia; mas já se não encontram indicios alguns, que tal atestem.

*

* *

No *Foral* concedido por D. Manoel a esta villa dá-lhe o titulo de *Honrada*, e D. Sebastião lhe deu depois o titulo

de Notavel. Diz a tradição que o titulo de honrada lhe proveiu de um emprestimo, feito pelo senado ao rei, de 30:000 reis, vindo um regimento propositamente a esta villa para escoltar aquella quantia.

*

* *

Tem as duas freguezias duas bellas filarmonicas — Marçal Pacheco — Alunos de Minerva, e as sociedades recreativas: *Cooperativa de Instrucção e Recreio Popular*, (Sociedade dos artistas) — *Gremio Louletano*, *Recreio Artistico*, *Recreio Commercial* e o *Grupo Musical 21 de Outubro*.

*

* *

Na freguezia de S. Clemente corre a grande ribeira do *Quedavae* e outros ribeiros; e na de S. Sebastião a ribeira de *Navaes*, do *Algibe* e outros ribeiros.

*

* *

E' voz geral que a praça de Loulé, no meio para cima, comprehendendo o Largo dos Innocentes, está assente sobre um grande lençol d'agua. Effectivamente em todo aquelle espaço existem mais de cem poços de excellente agua.

*

* *

Na rua da Praça, em um predio pertencente ao fallecido José Caetano Benevides, e que foi vendido ao snr. João Correia, existia um antiga portal de pedra, do tempo de D. Manoel. Desappareceram as cantarias dessa porta, que seriam certamente conservadas em um meio mais adiantado, quando o actual possuidor do predio o mandou reformar de novo. Aquella porta foi cuidadosamente observada pelo nosso benemerito Estacio da Veiga e por ella se mostrou bastante interessado. Perderam-se aquelles restos veneran-dos de uma obra, devida ao gosto dos nossos antigos.

*

* *

Estacio da Veiga, estudando as cavernas da provincia algarvia, diz, com relação a Loulé:

«A villa de Loulé pode dizer-se que assenta os seus alicerces no centro da zona desafrontada do jurassico superior. São numerosas as cavernas nesta região, cuja maioria não teem nome, tomando algumas o nome dos sitios em que existem; tal é a da Esparguina da Lapa, ao norte do Valle Judeu; a caverna do Barrocalinho, a oeste e distante 5 quilometros da villa; a caverna dos Mattos da Nora, a sueste e a 6 quilometros da torre de S. Clemente; e, outras mais. São na região de Loulé assás conhecidas as *pedras de raio*. Já se vê, pois — continúa aquelle escritor — que na ultima edade da pedra foi o seu territorio e o de todo o seu concelho frequentado por homens que faziam uso dos instrumentos de pedra polida e que nesta extrema parte do occidente, como noutras regiões da Europa, construiram os *tumuli*, as galerias cobertas, as *antas* ou *dolmens* para depositarem os seus defuntos, assim como para os mesmos fins e para sua vivenda aproveitaram as cavernas naturaes, chegando ainda numa época menos remota a escavarem grutas artificiaes, onde a natureza do solo não tinha formado cavernas; e portanto, havendo tantas cavernas na região jurassica de Loulé, não irá fóra de proposito esperar-se que ellas possam corresponder com a mesma affirmação, se um dia forem estudadas. Em o pego do Boi, a 3 quilometros de Loulé, achou João Nunes de Faria, em sepultura, na Quinta do Vao, um machado de *schisto dioritico*.»

*

* *

Na *Gazeta de Lisboa*, n.º 11 — 1807 (1.º supplemento), lê-se o seguinte:

«Para o Reino do Algarve se transportou da Villa e Escolas de Chacim, Provincia de Traz-os-Montes, uma familia muito sabedora da creação e fiação da seda, a pedimento de Manoel José da Gama Lobo, um dos maiores proprieta-

rios de amoreiras da Villa de Loulé, que, com espirito patriotico, se propõe adiantar este ramo de cultura e industria nacional: uma pessoa desta côrte muito distincta e muito zelosa do adiantamento do mesmo ramo, tem mandado vir dos ditos sitios uma mestra das fiações para ensinar e para fiar a sêda da sua lavra e de outros creadores, que a ella recorrerem».

A familia, a que aquella noticia se refere, effectivamente aqui residiu e esteve incumbida da creação do bicho da sêda em um grande armazem, proximo da Horta das Azenhas. Falecendo mais tarde Manoel José da Gama, seus herdeiros não mais fizeram caso do desenvolvimento daquella industria, e por isso o chefe da familia, vinda de Traz-os-Montes, estabeleceu uma loja de fazendas na Praça desta Villa.

Existem ainda nesta Villa descendentes daquella familia, representados na ex.ma esposa e filho do nosso amigo Belchior Maria Fructuoso da Silva, medico municipal deste concelho de Loulé.

*

* *

Em 1775, houve nesta villa uma grande questão entre um desembargador, ascendente de Sebastião Alexandre da Guerra Lobo e um juiz de fóra, que era então o presidente do senado. O desembargador mandou fazer um grande predio á entrada da rua de Portugal, mas o juiz de fóra, que estava de mal com aquelle, embargou a obra com o fundamento de que naquelle predio, puramente particular, se procurava imitar os estilos reaes, empregados pelo Marquez de Pombal nos edificios do Estado; e que o desembargador empregava o estilo de reintegrancia no cunhal do predio, a exemplo dos predios reaes.

Durou esta questão muito tempo, e a obra sómente foi completada ha poucos annos, pois que o desembargador faleceu e o filho não mais se importou com o predio.

*

* *

A nascente da estrada, que entra em Quarteira, e em

pequena elevação, encontram-se mais de cem cabanas, pertencentes aos maritimos. Antes de 1755 nenhuma cabana ali havia, mas tendo o tremor de terra deitado por terra todos os predios da povoação, para ali se mudaram os maritimos, e parte dos seus descendentes ali ficaram.

*

* *

Era Loulé uma das villas do reino, que contribuiam com um subsidio para a Universidade de Coimbra. Seria porque a Universidade se sustentava com esmolas dos concelhos que os ricos desta terra desdenharam de mandar educar seus filhos na Universidade? O demonio o jure, porque os santos nada teem que ver com isso.

*

* *

Carlos Bonnet aponta uma curiosidade relativa ao sitio onde está a *Fonte d'Apra*. Diz elle:

«*Je cite cette fontaine parce que'lle se trouve dans une localité, où en faisant un trou de trois á quatre palmes on trouve de suite de l'eau qui surgit; ce phénomene parait sur une superficie d'au moins trois centes mètres carrés. Cette fontaine a le nom de Fonte d'Agra.* O que demonstra a abundancia de agua naquelle sitio, pertencente á freguezia de S. Clemente.

*

* *

Quando, em 1287, toda a gente se julgava andar bem na sua indifferença pelas artes e pela sciencia, e por isso só pensava na guerra, alguns Prelados, Priores e Reitores se reuniram em Monte-mor, o Novo, e ahi formaram uma exposição datada a 2 dos dias de Novembro, na qual lastimavam a falta que havia no reino de pessoas doutas e letradas para habilitar os mancebos nos estudos. Do Algarve sómente compareceram os Reitores de S. Clemente de Loulé e de Santa Maria do Faro.

*
* *

Em 1431, no mez de Dezembro, se deu em Lisboa uma sentença, na qual foi julgado que os Mouros de Loulé que obtivessem dos christãos terrenos maninhos para cultivar, ou os christãos, obtivessem dos Mouros terrenos da mesma natureza com o mesmo fim, pagassem a El-Rei uma dizima e outra á Egreja.

Desta sentença é forçoso concluir que, com a tomada de Loulé pelos christãos nem todos os Mouros largaram a villa, ficando alguns, talvez paes de muitos que por ahi vemos constantemente a bater com a mão no peito na posição de santos ascetas, ou então a fazer negocio com as cousas mais santas.

*
* *

Na *Carta Prehistorica* de Estacio da Veiga encontra-se registada a antiga freguezia de Loulé com documentos que atestam ter ella sido povoada pelos povos prehistoricos. Em relação ao povo paleolitha aponta as cavernas denominadas Esparguina da Lapa, Barrocalinho, Mattos da Nora e outras menos importantes. Esqueceu-lhe apontar o algueirão da Goldra, uma das mais importantes da antiga freguezia de Loulé. Estas cavernas não teem sido estudadas por pessoas habilitadas, visto que o governo prohibira a Estacio da Veiga esse estudo.

Não mencionou, certamente por esquecimento, os diversos instrumentos de pedra polida, que nesta freguezia encontrou, e que elle menciona no percurso da sua obra monumental; instrumentos que caracterizam o periodo neolithico.

CAPITULO VI

Freguezia de S. Clemente

§ 1.º

Matriz

Em 12 de Maio de 1565 D. Pedro de Menezes, fidalgo da casa d'El-Rei Nosso Senhor, commendador das commendas da Villa de Cacella, e da egreja de SS. Ivador de Santarem e Treze, e João Fernandes Barregão, Prior da egreja de N. Senhora do Castello da Villa de Alcacer do Sal, visitadores do Mestrado de S. Thiago, desta comarca do Algarve, eleitos em capitulo geral, visitaram a egreja de S. Clemente, Matriz da Villa de Loulé. Então havia apenas uma freguezia na Villa de que era Orago S. Clemente.

Nesta visitação faz-se a descripção da Matriz e descrevem-se cousas dignas de notar. Chamamos a attenção dos nossos leitores.

Havia então um prior que tinha de renda dois moios e meio de trigo e mais outros dois moios pela razão do Priorado, e meio moio de Beneficio annexo. Em cevada dois moios e meio, em vinho cento e trinta e cinco almudes, sendo cento e oito do Priorado e vinte e sete da ração annexa. Em dinheiro quatro mil e duzentos e trinta reis, mais tres mil e sete centos e trinta reis do Priorado, e quinhentos reis de ração annexa. E tinha ainda mais, á custa do Bispo, e Cabido, outra meia ração, de quinhentos reis e em trigo trinta alqueires e em vinho vinte e dois almudes. E tinha mais metade do pé d'altar, porque a outra metade era do Bispo de Silves e do Cabido.

Os dois beneficiados da Ordem teem cada um, em trigo, cento e cinco alqueires. Em vinho dois toneis, em dinheiro mil e duzentos reis. Nada diz com relação aos outros dois Beneficiados pagos pelo Bispo e Cabido.

Descrevendo a Egreja Matriz de S. Clemente diz: «a

capella-mór é de abobada e tem um altar de alvenaria, ao qual se sobe por cinco degraus; tem um retabulo pintado e dourado por partes e tres paineis: no do meio está um crucifixo, no da parte do Evangelho uma Imagem de N. S., com um menino ao collo, e na parte da Epistola o de S. Clemente; e ao pé do retabulo, junto do Sacrario, estão pintados de uma parte S. Thiago e da outra S. Pedro. E o arco do crucifixo é de pedraria.

«O corpo da Egreja é de tres naves, com esteios e columnas de pedra e arcos de alvenaria, madeirada; e da parte do Evangelho, da capella-mór, está uma capella de abobada de N. Senhora e junto outra capella de abobada da invocação de S. Braz, e tem um altar de alvenaria em que está S. Braz de vulto.

«Da parte da Epistola está uma capella de abobada da invocação de Santo Antonio; nas umbreiras junto do arco do cruzeiro estão dois altares de alvenaria. E junto á porta da sacristia está um altar metido em um arco da parede. Entrando pela porta principal, á mão direita, está uma capella de abobeda da invocação de N. S. da Conceição.

«Sobre a porta principal está o côro de madeira e sobe-se a elle por uma escada de pedraria.

«A pia de batizar está em um arco debaixo da escada, que vai para o coro, a modo de capella, com suas grades fechadas.

«O campanario é uma torre de cantaria, alta e muito boa em que estão dois sinos grandes e sobre a capella-mór está uma campainha, que tangem, quando levanta a Deus. Sobre a porta principal está o *Abito* de S. Thiago lavrado em pedra.

«A capella da Conceição, que está, entrando pela porta principal da matriz, á direita, foi instituida por Fernão Peres Camacho e sua mulher Constancia Vaz.

«Catharina Vaz, mulher que foi de Francisco Leiria instituiu a capella da Resurreição que está junta á porta da sacristia.

«Gonçalo Mendes Caeiro instituiu a capella de S. Braz.

«A capella de Nossa Senhora, que está á porta do Evangelho, foi instituida pelos Taides; a capella de Paderna está a mão direita, quando se entra na egreja pela *porta do*

sol e foi instituida por André Martins e sua mulher Maria Annes, que ali estão enterrados.»

No tempo em que Fr. Agostinho de Santa Maria visitou a egreja Matriz de Loulé, viu a capella de N. S. da Consolação, que elle descreve no *Sanctuario Mariano,* pela seguinte fórma:

«Na egreja Matriz da Notavel Villa de Loulé, é venerada uma formosa capella, que é a primeira que se encontra á direita ao entrar na egreja, na qual está uma devotissima imagem de N. S. da Consolação. E' de estatura mais de seis palmos, de preciosa escultura, e tem sobre o braço esquerdo o doce fructo do seu ventre. Esta santa imagem foi mandada fazer em 1690. E' tão antiga a capella como a propria egreja. Nos principios eram os rapazes solteiros que festejavam a Senhora: depois, porém, era uma nobre matrona desta Villa, chamada Antonia Palerma de Faria, que se encarregou da festa, e instituiu missa quotidiana, consignando um alqueire de trigo, ou trezentos reis em dinheiro, ao capellão, e desta capella nomeou por administrador dos bens que lhe aplicou o seu primo Manoel de Sousa Machado; mas como este era muito rico, não quiz acceitar a administração, e assim em seu logar nomeou por administrador ao capitão-mór Francisco de Faria Mascarenhas, seu primo, e por capellão a seu sobrinho Nuno Mascarenhas, filho do mesmo capitão-mór».

Esta capella é hoje conhecida pela capella da Senhora da Boa Morte. Esta imagem da Senhora da Boa Morte veiu para ali de alguma egreja; e o paroco desse tempo, não encontrando logar nesta capella, onde collocasse a imagem, mandou construir toscamente um accrescentamento ao altar, ficando assim occultos aos olhos dos fieis uns lindos azulejos. Felizmente descobriu-se o que estava occulto e consta-nos que brevemente se reparará o mal feito.

Em frente da Matriz fica o cemiterio, hoje conhecido pelo cemiterio velho para o distinguir do novo.

No *Sanctuario Mariano* lê-se mais o seguinte: «Tem a Villa de Loulé uma só paroquia dedicada a S. Clemente. E' priorado com cinco Beneficios, quatro simplices e um curado»; e na *Corografia do Reino do Algarve* apenas se

diz: «A egreja da freguezia é um templo antigo, da fabrica ordinaria». Com relação á época em que o templo foi construido nada dizem. Pena é que o *Diccionario Geografico* do Padre Luiz Cardoso sómente fosse publicado até á letra C, por que, tão minucioso como mostrou ser na descripção dos templos, deveria informar-nos sobre tal assunto.

Actualmente o templo da Matriz está por esta forma: na frente e ao centro o altar-mór; ao lado da Epistola o altar de Santo Antonio; do Evangelho o altar do SS.. Aos lados, começando pelo lado da Epistola, o altar do Senhor Jesus, o altar da S. do Carmo e da Senhora do Rozario, e o altar da Senhora da Boa Morte, que como no principio, devia ser antes da N. Senhora da Consolação. Pelo lado do Evangelho temos o altar do Sagrado Coração de Jesus, o altar das Almas, e ao fundo o baptisterio. Existe um côro novo mandado construir no tempo do paroco José Claudio Rafael Pinto e, sob a planta desse santo homem, hoje uma gloria dos padres algarvios, o benemerito paroco de Bensafrim — Antonio Nunes da Gloria.

Ultimamente, no tempo do actual paroco Carlos Genovez Pereira, deitaram todo o forro do templo abaixo, e substituiram-no por um telhado de telha de Marselha.

Eis as condições da actual Matriz da freguezia de S. Clemente de Loulé.

E realmente o templo precisava e precisa de grandes reparos.

§ 2.º

Misericordia

Não obstante encontrarmos, logo nos principios da monarquia, estabelecimentos de caridade, comtudo as chamadas Misericordias datam do tempo da Rainha D. Leonor, que influenciada ou inspirada pelo seu confessor, Fr. Miguel Contruras, as instituiu. D. Leonor, atribulada de continuos desgostos, vendo seu irmão apunhalado pelo rei, seu esposo, e por ultimo a morte deste, teve de vestir sua alma de crepes. Então Fr. Miguel Contruras soube aproveitar o momento e inspirou-lhe a ideia da fundação da Misericordia de Lisboa, que, a breve trecho, se propagava por todo o paiz. Em 15 de Agosto de 1498 fundava a desditôsa rainha

o primeiro estabelecimento das Misericordias, na capella de N. Senhora da Terra Solta ou da Piedade, em Lisboa; e logo se lhe seguiram por todo o reino instituições da mesma natureza sob os mesmos Estatutos, que sintetizavam as seguintes doutrinas: vigiar e soccorrer com pão e dinheiro os enfermos — visitar os enfermos e os presos, provendo-os de remedios (mésinhas) e de alimentos, e assistir-lhes á agonia e morte — dar sustento aos pobres envergonhados — recolher esmolas e legados — encarregar-se dos peditorios para obras da caridade — assistir aos padecentes e recolher seus corpos — finalmente fazerem as amizades, terminando amigavelmente as pendencias e procurando obter os perdões dos criminosos.

Instituições da natureza destas teem sempre o apoio do publico no nosso paiz, e por isso tiveram todo o paiz do seu lado. Loulé tambem quiz Misericordia e obteve-a; mas porque o espirito dos seus habitantes entibiasse, á semelhança do que se tem entibiado com o actual cemiterio, que é uma vergonha, o Hospital de Loulé passava uma vida de pobre pedinte. Então, não um habitante da villa — mas um rei — ordenou por carta de 25 de Fevereiro de 1570 que á Misericordia se annexasse o hospital, esperando assim levantal-a. Dois annos antes — em 26 de Outubro de 1568 — D. Sebastião tinha declarado que tendo Fernão Gomes, morador na cidade de Goa sido nomeado testamenteiro de Diogo Alvares Telles, e nessa qualidade encarregado de empregar quinhentos e noventa mil reis na compra de bens de raiz em favôr da Misericordia de Loulé, o mesmo testamenteiro, para ser agradavel a sua pessoa (o Rei) empregara aquella quantia na compra de valores nacionaes, com direito a receber a mesma Misericordia annualmente dos cofres do Estado a quantia de trinta e sete mil reis.

D. Sebastião, justificando o procedimento do testamenteiro, que alterava a vontade do testador, pois lhe ordenara a compra de bens de raiz, diz que elle assim procedera visto haver o rei muita precisão do dinheiro para fazer face ás fortificações das praças de Ceuta e Tanger, e á compra de barcos para guarnecer as nossas costas das invasões dos mouros, que ainda no anno antecedente (1567) tinham assolado os nossos mares.

E por esta *carta* se obrigou o rei a fazer o pagamento

da referida quantia de trinta e sete mil reis em o primeiro de cada anno pelo recebedôr das sizas de Loulé, ou pelo almoxarifado de Faro, impondo a estes a pena de vinte e tres dinheiros, sempre que o pagamento não fosse feito naquelle dia por descuido d'elles.

Em 8 de outubro de 1692 entrou o Padre João de Aguiar na administração da Misericordia e Hospital de Loulé, que era conhecido sob o titulo de N. Senhora dos Pobres.

O Padre Aguiar era uma alma caritativa e um homem honrado. Possuia bens e era activo no desempenho da sua administração, que bem a zelou e augmentou com a doação por elle feita em favor da Misericordia de 230:500 reis e 683 alqueires de trigo, com obrigação de 80 missas rezadas e 32 cantadas. Por virtude desta doação obteve elle a faculdade de nomear successor na administração da Misericordia e Hospital, tendo esse successor a mesma faculdade, com a clausula de, não tendo elle nomeado esse successor, ser feita a nomeação pelo provedor da comarca de accordo com o prelado ecclesiastico (Carta de lei de 16 de março de 1683).

Por alvará de 15 de dezembro de 1672 D. Pedro II doou a favor da Misericordia uma pensão de 100:000 reis, que João Baptista da Silva Lopes affirma ter sido sempre paga pelo almoxarifado de Faro até 1813.

Por escriptura de 13 de julho de 1674, o padre João de Aguiar nomeou para o substituir na administração os frades de S. Agostinho (vulgo-Grillos), nomeação que elles aceitaram, depois de confirmada, sendo em seguida approvados uns *Estatutos* para o regimen da casa pelo alvará de 16 de julho de 1696.

Em 1781 o provedor Fr. Antonio da Piedade iniciou as obras no hospital e Misericordia, mandando fazer uns pequenos trabalhos na torre; e em 1782 despenderam-se em obras na sachristia e claustro 76:280 reis.

Em 1783 (a 9 de setembro) principiaram-se as reedificações no hospital por se deitar a baixo o telhado e paredes, obras estas que, neste mez, importaram em 580$260 reis.

Nos trabalhos de outubro despenderam-se 244$060 reis, de novembro 198$910 reis, de dezembro 237$880 reis, somando estas despezas n'este anno 1:263$110 reis. Em 1784 as obras da sacristia e hospital importaram em reis,

4:486$685, que, sommados com aquella conta, dão em reis, 6:392:393.

Com as novas edificações ficaram alojados nos baixos o albergue e hospicio, e nos altos o hospital.

E' de notar que naquelles tempos era tudo mais barato pois que as cargas de areia em jumento eram reputadas a 25 reis cada carga, e de besta maior a 50 reis. A ripa posta no hospital era comprada a 240 reis a duzia. E para fazermos uma ideia mais clara do valor que então tinha o dinheiro basta dizer que o medico vencia annualmente reis 9$600, o cirurgião 3$200 reis tambem por anno, e o advogado da Misericordia vencia o ordenado annual de 4$000 reis.

De todas estas reedificações existem as contas nos livros respectivos e attestam-nas as inscripções, que mencionaremos mais adeante.

Trabalhos posteriores realizados em 1866 tornaram as enfermarias mais adequadas, dando-se uma nova forma ao corredor da entrada, e ficando este com mais luz por intermedio das vidraças. Alusiva áquelles trabalhos encontra-se a seguinte inscripção:

Esta reedificação foi principiada
pela Meza da Santa Casa,
e acabada pela mesma no anno
de 1866.

Entre as duas enfermarias ha uma pequena capella com o Senhor Cruxificado.

A' porta da sachristia está uma inscripção, que reproduzimos, e que nos parece não ser feita para ali e pertencer antes ao portal que dava entrada para o hospicio, hospital ou albergaria.

A igreja da Misericordia, que, no dizer de Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuario Mariano,* data do anno 1400, tem tres altares, e as suas paredes estão revestidas de quatro grandes quadros, adequados ao hospital. Tem coro de onde os convalescentes podem ouvir missa; e a sua porta principal parece pertencer ao estilo manuelino. Sobre a porta principal da porta de fora está um nicho envidraçado e dentro uma Senhora, de vulto, que nos dizem ser a Senhora do O'; e em frente da mesma porta está uma colu-

na de pedra, tendo na parte superior uma cruz, de um lado com o Senhor da Pedra Fria e do outro lado a Rainha Santa Izabel.

Sobe-se para a egreja por dois lanços de degraus, um de cada lado.

§ 4.º

Hospital

São de longa data as enfermarias e hospitaes onde caritativamente eram tratados os enfermos e invalidos. Na opinião do Snr. Victor Ribeiro, esses estabelecimentos rudimentares, na sua origem, podem reduzir-se a tres classes: uns devidos á generosidade e caridade regia ou a particulares illustres, outros annexos ás ordens militares e religiosas, e outros creados sob a influencia autonoma dos nascentes burgos ou sob o influxo das liberdades das communas conferidas nos foraes.

Sabemos pela historia que em Loulé existia uma albergaria desde os seus primitivos tempos, albergaria que D. Affonso V transformou em hospital, no anno de 1471, para — segundo affirma Fr. Agostinho de Santa Maria — *nelle se curarem os soldados, depois que se recolheram da tomada de Tanger.*

Não sabemos hoje localizar esse hospital, pois nada encontramos escripto a este proposito, nem a tradição nos fornece quaesquer indicios. Sabemos pelas inscripções registadas ás entradas do predio, (que fôra convento dos Grilos), que em 1784, o hospicio e o hospital ali estavam alojados. A inscripção collocada sobre a porta principal diz assim, traduzida em letra corrente:

> *O muito Reverendo Padre Fr. Antonio da Piedade, sendo provedor, mandou levantar este Hospital Real da Invocação de N. Senhora dos Pobres, sendo vigario n'este hospicio em 9 de Janeiro de 1783.*

Sobre outra porta, ao lado esquerdo, ha a seguinte inscripção:

> *O muito Reverendo Padre Fr. Antonio da Piedade augmentou este hospital no anno de 1784.*

Parece deduzir-se das inscripções que houve ali um hospicio, de que o Padre Fr. da Piedade era vigario, e um estabelecimento da piedade de que era provedor. E d'esta forma em 1784 havia um hospital, o fundado por D. Affonso IV, e o hospicio.

Como a Misericordia fosse pobre — diz João Baptista da Silva Lopes — annexou-se-lhe o hospital por carta de 25 de fevereiro de 1570. E annexado se conservou até hoje sendo certo que até 1848, foram sempre conservadas separadas as rendas do Hospital e da Misericordia; estas na importancia de 174$220 reis e 31 alqueires de trigo, quatro de azeite, uma gallinha e rendimentos da tumba; aquelles em 130$459 reis, 188 $^1/_2$ alqueires de trigo.

Com o tempo foram crescendo os encargos e as difficuldades da sua administração: augmentavam os enfermos; os artigos d'alimentação encareciam; ao mesmo tempo que os devedores dos foros se tornavam mais remissos. Até succedeu que mão impia carregasse sobre algumas escripturas, fazendo-as desapparecer! Chegou a tal estado que a Mesa da Misericordia via-se forçada a fechar o Hospital. Então valeu-lhe o benemerito filho d'esta villa, Marçal Pacheco, que embora não recebesse do seu concelho, e sim de um districto extranho, o diploma de deputado, sentindo a triste sorte dos infelizes do seu concelho, conseguiu do governo, um subsidio importante, mensal.

A noticia de que a Misericordia estava muito rica, como propositadamente se espalhara para criar difficuldades ao Provedor e á Mesa, produziu os resultados previstos: augmentaram mais e mais os enfermos, e as despezas augmentavam extraordinariamente. Se o Provedor recusava a entrada de doentes por não comportarem os fundos da casa mais despezas, levantava-se voz em grita contra o Provedor, acoimando-o de miseravel. Miseraveis eram os que gritavam! pois nunca offereceram um pequeno obulo ao Hospital, Cresceram as despezas, e ainda mais outra vez a voz do filho benemerito intercedeu junto do governo e conseguiu novo subsidio, igualmente mensal.

E julgam que o hospital pódia receber mais enfermos? Oh! a malicia humana tem sempre bastas portas! Em uma

epocha o elevado preço das receitas e os bifes na convalescença dos enfermos novamente iam abrindo o caminho para a falencia.

O Provedor e a Meza não quizeram experimentar as honras de continuar na gerencia, e pediram a Deus que do ceu mandasse um raio de luz afim de convencer os confusos de que não é prova de caridade dar ao afilhado grossa fatia da mesa alheia. Por isso ou por que as lagrimas dos desgraçados que não podiam entrar no Hospital os commovesse, já não ha luxuoso receituario, nem os bifes são parte obrigada nas convalescenças.

A Meza actual, compenetrando-se do que lhe cumpre reprimir exageros, tem sabido manter-se no seu logar. Consta-nos que os foros foram vendidos e reduzidos a inscripções. Terão menor rendimento, mas evitam-se assim enormes desgostos.

Em outras terras ha quem se lembre do Hospital, legando-lhe uma esmola; em Loulé não nos consta que alguem houvesse que d'elle se lembrasse, a não ser quando d'elle necessita.

E aqui iamos desempenhando um papel bastante desagradavel, por que iamos sendo ingratos. Estamos a tempo de affastar de nós tal macula: conhecemos tres homens que se entregaram, de coração, a favor da Misericordia e Hospital: Diogo Alvares Telles, que, em 1568, deixou aquelles estabelecimentos 500$000 reis; o Padre João de Aguiar que lhes deixou 203$500 reis e 683 alqueires de trigo; e Marçal Pacheco, que empregou toda a sua boa vontade e influencia junto do governo para conseguir os dois subsidios. E temos por certo, (por que sempre nos manifestou a sua intenção), que se podesse ter feito testamento, o Hospital e a Misericordia receberiam farta esmola.

Nas *Memorias para a Historia Eclesiastica do Bispado do Algarve,* pag. 405, lê-se que no tempo de D. Simão da Gama, bispo do Algarve, e com seu consentimento os religiosos descalços de Santo Agostinho, em 1693, estabeleceram um hospicio, em Loulé, com o orago de N. S. das Dores, aos quaes foi imcumbida pelo Padre João de Aguiar, em escriptura de 1694, a administração do hospital dos pobres; e assim durou até que, por sentença do Bispo d'Elvas, D. José Maria da Cunha d'Azevedo Coutinho, datada de 24 d'outubro de 1820, como Presidente da Junta do Melho-

ramento das Ordens Religiosas, ordenou que podiam largar a administração, a qual então passou para a Santa Casa da Misericordia. Desta fórma havia até 1820 o Hospital para todos os doentes pobres e um hospicio para os frades e mais religiosos doentes.

§ 5.º

Convento da Graça

Era convento de frades de Santo Agostinho, religiosos observantes — que, no anno de 1580, o Cardeal Rei D. Henrique offereceu á Ordem do Padre Santo Agostinho, e antes pertencera aos Franciscos Claustraes, segundo affirma o auctor do *Santuario Mariano*, ou aos Templarios na opinião do auctor da *Chorografia do Reino de Portugal*. Era certamente um famoso convento pelo que ainda hoje se pode ver nas suas ruinas.

O grande portão, como aqui se diz, ou antes o arco que formava a entrada para o templo é um trabalho primoroso, de pedra. Assenta o arco sobre duas columnas lisas, de marmore polido, e no ponto de intercessão florões com cachos de pinhas, e flores, que nos parecem de liz. O arco é floreado e sobre elle estão desenhados dois triangulos, que se cruzam. Em tempo, haverá coisa de seis annos, desenhou o Snr. Leite de Vasconcellos aquelle arco.

Varias capellas, hoje transformadas em casas de habitações de familias pobres, ainda denotam a sua primitiva grandesa. Entramos em duas casas, que tem o numero de policia 31 e 35; aquella é formada por seis columnas metidas na parede que continuam a formar o tecto, onde fecham com dois medalhões, tendo cada um no centro a cruz, como as dos antigos cruzados novos; esta, ainda no mesmo gosto, porem mais simples. Para não incommodar os pobres habitantes d'aquellas casas, e por que o coração se nos confrangia ao contemplar preciosos trabalhos de arquitectura por ali dispersos e ao abandono, não quizemos ir mais adiante..

No claustro vimos a famosa arcaria, que o compunha, fechada com modernos trabalhos de pedra e cal, por entre os quaes, numa triste promiscuidade, vimos soccos, colum-

natas, pilares, pedestaes, enfeixados ou separados, dando tudo a triste prova do nosso vandalismo. Lages antigas, que serviram de campas mortuarias, estão servindo de solo a algumas casas, e por isso não nos foi possivel ler as suas inscripções. Em algumas d'estas ainda podemos vêr desenhos, quasi apagados, de mitras e baculos.

Uma das portas do convento e que julgamos ser a principal tem no cimo um grande medalhão artisticamente trabalhado e nelle desenhado em vulto um coração, cuja base assenta sobre um livro, e atravessado por duas settas, saindo da parte superior como que uma chama, que nos parece simbolizar a Fé.

Emfim ainda hoje este convento pode servir de estudo aos que desejem ter conhecimento do estilo antigo na arquitectura. Parecem-nos, é verdade, embora sejamos leigos na materia, que as ruinas do convento, accusam escolas e estilos diversos.

Este convento, que abrange uma extensa area, foi vendido em 1834 por 500$000 reis e as suas duas cercas por 300$000. Como se diz em linguagem de hoje: um ovo por um real.

§ 6.º

Convento dos Grilos

Deste convento já sufficientemente nos occupamos, quando escrevemos do Hospital e Misericordia. Este convento compunha-se apenas do corpo e arco da igreja, cujos altos e baixos estão hoje alugados. A outra parte, á direita da Igreja, era constituida pelo hospital, hospicio e albergue, deitados abaixo em 1783, como já dissemos.

Neste convento, onde actualmente estão alojados a Misericordia e hospital, existe a capella ou a Igreja da Misericordia, como é aqui conhecida. Desta igreja diz o Santuario Mariano: — «A egreja deste hospital, que mostra muita antiguidade, é dedicada a Nossa Senhora dos Pobres: ...fazendo-se varias diligencias só consta dos foraes antigos daquella casa, que já no anno de 1400 era fundada, e já no mesmo tempo era aquella Santa Imagem a consolação e alivio d'aquella villa».

Esta igreja começou a ser conhecida por igreja da Mi-

sericordia em 1826, data em que foi profanada a antiga igreja da Misericordia, que era no predio pertencente ao snr. Joaquim Maldonado Pires.

No mesmo dia em que sairam as imagens da velha igreja da Misericordia para a actual, entrou na velha igreja um esquadrão de cavallaria que ali se aquartelou.

§ 7.º

Convento do Espirito Santo

Era um convento de freiras franciscanas de N. Senhora da Conceição. Começou por uma casa de mulheres pobres, ás quaes se reuniram as Beatas que estavam encarregadas do hospital, e de lá saíram quando os frades grillos delle tomaram posse. Como eram poucas e pobres, foram, antes de 1834, mandadas para o convento das Bernardas de Tavira.

Este convento foi vendido pela Fazenda Nacional, e compradas duas partes, uma por José Mendes Corrêa, outra por Claudio José Pinto, ficando para o Estado o predio, propriamente convento, que se compunha das cellas, do terreiro e da capella. Mais tarde o Estado entregou á Camara as cellas e o terreiro, que hoje constituem as salas do tribunal e uma sala velha, onde a mesma camara por muitos annos celebrou as suas sessões.

Ainda mais tarde o governo de S. Magestade cedeu á Camara a egreja, mas com a condição de nella fazer um theatro, theatro que se começou, mas ainda não está concluido.

Na parte do convento comprada por Claudio José Pinto, onde hoje existe o quintal, junto da muralha, havia uma grande mina, que passava sob o convento e se dirigia para o lado das *bicas velhas*. O seu proprietario mandou entulhar a mina. Talvez, sendo desentulhada, se apurasse o intuito dessa mina, pois nos parece, visto a sua abertura ser proxima de uma das portas da villa, que serviria de communicação com as outras portas, pois que a sua direcção era para a chamada *porta nova*.

Na parte comprada pelo mencionado Corrêa, vulgarmente o Rombinha, foram construidos varios predios entre

os quaes o habitado pelo snr. Joaquim Marcella Adelino Pereira, na Praça desta villa.

Todo o convento com os seus dois quintaes foi vendido por 400$000 reis. Se fosse hoje!

§ 8.º

Ermida de S. Genes ou S. Gens

Consta da tradição que no serro dos Barreiros, sitio a trés quilometros de distancia d'esta villa, havia uma ermida dedicada a S. Genes. E' ainda a tradicção que diz ter-se tirado das ruinas dessa Ermida uma pia, (que servia para a agua benta), e que foi levada para o sitio de Santa Luzia, quando se tratava de fundar esta Ermida. A lenda accrescenta que tendo muitos annos, talvez seculos depois, um sujeito mandado construir dois moinhos naquelle serro, coincidindo ficar um no mesmo local da Ermida arruinada, nunca este chegou a trabalhar, pois que ao começar a moenda, immediatamente caíu, porque o santo não queria que sobre um local que lhe era consagrado se collocasse um objecto profano.

Não se encontram vestigios alguns de tal Ermida, e quer-nos parecer que se existiu, já em 1565 se tinha arruinado, pois que da *visitação* dos freires de Santhiago não consta ermida alguma com aquella invocação, naquelle sitio.

Damos muito credito ás tradições e jámais quando ellas têm origem em sitios mais ou menos ermos, e por isso não duvidamos de que haja alguma cousa de verdade com relação á supposta Ermida.

A propria lenda vai buscar, muitas vezes, a sua origem a verdadeiros factos.

No sopé do outeiro, onde se diz achar-se fundada a ermida de S. Genes, têm sido encontradas muitas sepulturas, com pedras, servindo de cabeceira, e com botijas vidradas, escuras, um pouco esverdeadas.

§ 9.º

Ermida de N. Senhora de Farrobilhas

A sueste d'Almancil e a pouco mais de meia legua distante de Faro ha o sitio de Farrobilhas, onde existem marinhas, alguns pardieiros e cabanas de pescadores. Houve ali em tempo uma povoação, fundada pelos moradores de Loulé, que á sua custa a fizeram com boa egreja e competente torre para defeza do porto. A respeito desta povoação, Ermida ou Igreja, os procuradores de Loulé apresentaram seus capitulos em Côrtes a El-Rei D. João II, dizendo que elles haviam feito á sua custa a povoação e porto de Farrobilhas, haveria uns 15 ou 20 annos, vencendo a demanda com que os de Faro os queriam contrariar e ali fizeram boa egreja e torre para a defensão do porto, como não haveria outra no Algarve; e que já ali se faz tanta pescaria que os direitos da dizima nova e velha rendiam 45$000 reis etc., e pediam que os pescadores desta povoação não vendessem o seu peixe senão a quem trouxesse mantimentos para a villa, e que 30 moradores, que ali fossem sentar morada, não servissem cargos do conselho; o que El-Rei lhes concedeu, mas só para 20, em sua resposta a estes e outros artigos, por alvará de 4 de janeiro de 1482, como se vê na L. 2 do Guad. f. 14 e seg. Torre de Tombo.

Esta Ermida, em 1565, quando os visitadores do Mestrado de S. Thiago a visitaram, era de todos as pertencentes á freguezia de Loulé, a mais limpa e aceiada. Dizem elles nessa visitação:

«Visitamos esta Ermida. A capella é forrada de azulejos e tem duas grades no arco da capella. Sobe-se ao altar por tres degraos de alvenaria, forrados de azulejos e no altar está uma imagem, em vulto, de N. Senhora, muito devota, e detraz na parede um godomicil de imagem, a modo de retabulo.

«O corpo da egreja é de bom tamanho. Junto do arco do cruzeiro estão dois altares, no da parte do Evangelho de Nascensa de Christo e adoração dos Reis; no altar da banda da Epistola está uma imagem de vulto, de São Lourenço e um retabulo pequeno, pintado, e nelle as imagens de N. Senhora e de Santo Antonio; e outro retabulo pequeno da

Nuciação, madeirado e muito bem forrado. Sobre o arco do cruzeiro está um devoto crucifixo de vulto e N. Senhora d'uma banda e S. João d'outra. Da banda do norte tem um portal com suas portas boas e da banda do ponente está uma torre grande, de tres sobrados, com suas janellas, *de onde se vigiam os Mouros*. Em cima da torre está uma campa boa...

Achamos por informação que os mariantes e os pescadores teem cuidado desta egreja, e elles a proveem de que é mister e teem azulejos para a forrar toda.»

Não obstante a sua boa conservação naquella epoca, hoje della nada existe. E' que a povoação, e egreja e a torre foram arrazadas pelos inglezes, em julho de 1596, pois que neste porto desembarcaram e foram arrazar e queimar Faro.

§ 10.º

Ermida de S. Domingos

Na *Visitação*, a que nos referimos, dizem os visitadores do Mestrado de S. Thiago:

«Achamos ser madeirada a capella. Tem um altar d'alvenaria e nella a imagem de S. Domingos, de vulto, muito velha e gastada do tempo. O corpo da egreja é de bom tamanho e tem dois altares juntos do arco do cruzeiro, e cada um tem uma imagem de Santos, muito velhos, que não estão em condições para estar no altar: Está madeirado de castanho e telha vã com caibros de baixo e está de tal maneira que se não pode soffrer entre christãos. As paredes de toda a ermida são de pedra e barro e estão a cair. E tem uma casa velha em que viveu um ermitão.»

E mais nenhumas informações temos da ermida de S. Domingos, que, naturalmente, foi profanada, depois da informação dos visitadores. E tanto tempo ha que a ermida desappareceu, que da memoria dos vivos não consta onde tal capella estivesse construida. E' de suppor estivesse na rua ainda hoje designada pela *rua e alto* de S. Domingos.

Diz ainda o documento, que transcrevemos: e tem á

roda um chão com oliveiras e figueiras, e a ermida está junto da Villa.

De onde se vê que nesse tempo a Villa ainda não chegava á rua de S. Domingos.

§ 11.º

Ermida da N. S. do Carmo

Correspondentes ás tres antigas portas da Villa existiram, de ha muitos annos, arrumadas ás muralhas, mas da parte de fora, tres Ermidas: N. S. do Carmo, N. S. do Pilar e N. S. da Conceição.

Não existe hoje a primeira Ermida, que foi arrazada quando se procedeu á construção de uma ermida, por influencia do benemerito filho desta terra, o fallecido dr. Marçal Pacheco... Os santos desta Ermida foram transferidos para a Igreja Matriz. Esta Ermida estava á porta das muralhas, que davam para Nascente. Não se sabe quando se fundou este templo.

§ 12.º

Ermida de N. S. do Pilar

Esta Ermida, arrumada ás muralhas, mas da parte de fora, corresponde á velha porta da Villa que dava para o Sul. E' pequena e tem um só altar, sobre o qual está collocada a Imagem, e tem uma sacristia.

Mão impia lançou em certa noite. ha mais de vinte annos, dinamite sobre o portal da ermida, que se espedaçou, sem todavia fazer grandes estragos na capella. Não foi possivel descobrir o auctor de tal façanha. Não podemos apurar a data em que foi construida.

§ 13.º

N. S. da Conceição

Correspondente á porta velha que dava para o Poente existe a Ermida de N. S. da Conceição. Está igualmen-

te arrumada ás muralhas, mas da parte de fora. Tem egualmente um só altar e competente sacristia. Tem tambem pulpito.

O tecto desta Ermida em 1841 estava maravilhosamente pintado pelo ensigne pintor desta Villa, o celebre Joaquim Josê Rasquinho. Hoje essa pintura foi substituida por trabalho a gesso.

Quer-nos parecer que qualquer das collinas tres Ermidas foram construidas depois de 1565, pois que os visitadores da ordem do Mestrado de S. Thiago não as visitaram. Das duas Ermidas que ainda existem é a da S. da Conceição a mais bem conservada, e a que ainda tem mordomia.

O altar occupa toda a parede fronteira do edificio e é formado de um riquissimo trabalho de talha, e bem assim o throno, onde se venera a imagem da Senhora. As outras tres paredes estão, do alto a baixo, revestidas de magnificos azulejos com admiraveis desenhos, alusivos a diversos factos da vida da Santa Virgem. Ao lado da epistola está um bello desenho, representando o nascimento da Virgem e sob o desenho o seguinte em letras maiusculas: *Orietur Stella ex Jacob consurgit Virgo de Israel.*

A seguir, vê-se outro desenho, que alude á entrada da Virgem no templo e sob elle os seguintes dizeres, tambem em letras maiusculas, como em todos os outros: *Et introduxit me in vestibulum templi.*

Em seguida outro desenho do casamento da Virgem e sob este: *En thalamus conjunta Virgo Puriõr astris nulla judicitiae damna subire potest.*

Começando do lado do evangelho, igualmente de cima: vê-se um desenho e sob este as seguintes palavras: *Domine, in virtuite lua letabitur rex.*

Mais abaixo existe outro desenho, que não podemos ler, por que ahi formaram uma porta que dá entrada para o pulpito, porta esta mais moderna. A seguir encontra-se o seguinte *Orietur vobis tementibus nomen meum sol justitiae.* O quadro a que estas palavras se referem representa o nascimento de Christo.

O tecto da capella está reformado de novo em obra de gesso, tendo ao centro um lindo quadro alusivo a Assumpção da Virgem, obra do nosso insigne pintor Rasquinha, e que, antes da reforma do tecto, já ali existia.

Em redor das paredes, na parte interior da capella, existe uma grossa cimalha de preciosa talha.

A esta ermida chamavam os antigos: *A Ermida da Conceição das portas da Villa.*

§ 14.º

Nossa Senhora das Portas do Ceu

A nascente de Loulé está fundada a Ermida de N. S. das Portas do Ceu. Foi edificada pelos annos de 1600, com as despezas e por devoção de dois virtuosos casados — Antonio Fernandes Estrada e Branca da Fonseca. Foi erecta debaixo do titulo de N. Senhora da Penha de França, mas como n'esta villa houvesse convento de Religiosos Eremitas Observantes de Santo Agostinho, estes oppozeram-se a que se desse tal titulo, por quanto em Lisboa se havia edificado um convento seu, dedicado a N. S. com o mesmo titulo, e tinham Breve Pontificio para impedir em todo o reino a edificação de qualquer templo com o titulo de Penha de França. Em virtude do que se fez a substituição do titulo, sendo chamada a Ermida de N. S. das Portas do Ceu.

A ermida não passava então de 30 palmos. Vê-se que foi posteriormente accrescentada, não sabemos por quem, nem quando.

Tres individuos nomeados pela camara administram as rendas da Ermida e celebram a sua festa, uma das mais apreciadas e concorridas pela gente da Villa e arredores.

§ 15.º

Ermida de S. Anna na Rua de Portugal

Os visitadores do Mestrado de Santiago visitaram esta ermida. Dizem:

«Visitamos esta Ermida, e tem um só altar para o qual se sobe por dois degraus, e n'elle duas toalhas velhas e um frontal velho, e em cima a Imagem de Sant'Anna, de vulto.

«O corpo da egreja é de bom tamanho, lageado; as paredes são de pedra e cal, e está descoberta e o telhado derribado, e umas portas muito velhas. O arco do cruzeiro está fendido por partes e tem um campanario com uma campa.

«Achamos que Alvares Telles edificou esta Ermida e lhe não deixou bens alguns para a sua conservação e culto».

Existe uma Ermida com esta invocacão, com portas para a rua, e encorporada no predio nobre que pertenceu a Sebastião Alexandre da Gama Lobo».

Será a mesma que foi visitada em 1565?

Ha quem affirme, fundado numa tradição vaga, que esta Ermida não é a mesma, embora com a mesma designação, que hoje vemos encorporada ao predio que foi da familia de Sebastião Alexandre da Gama Lobo. Diz a tradição vaga que a Ermida visitada pelos freires de Santiago era effectivamente proxima da Estrada de Portugal, mas algum tanto mais distante da villa, na fazenda de figueiras de D. Maria Augusta.

Effectivamente esta opinião justifica um pouco o que a historia affirma em relação á Ermida actual. Sabe-se que a Ermida visitada estava muito velha e com o telhado em terra porque o seu fundador lhe não deixara bens alguns. Sabe-se egualmente que as senhoras Lobos, irmãs de Sebastião Alexandre da Gama Lobo, desde o principio do seculo passado, cuidavam da actual capella e festejavam estrondosamente a Santa Imagem, pois que aquellas senhoras eram muito ricas. Sabe-se ainda que ha uns vinte annos o herdeiro de Sebastião Alexandre, reconstruindo o predio nobre junto e dentro do qual está a actual Ermida, fez grandes despezas com esta, e era quem estava na posse da mesma Ermida, tendo chave para o côro de onde ouvia a missa. Tudo isto faz suppor um direito por parte do proprietario do predio nobre, e o caracter de Sebastião Alexandre e de suas irmãs foi tão serio que se não póde affirmar tivessem-se apossado da Ermida Velha *com o telhado derrubado,* segundo a affirmação dos freires da Ordem. E' por tanto crivel que tendo-se arruinado de todo a velha Ermida, os ascendentes de Sebastião Alexandre mandassem construir junto do seu predio nobre uma Ermida sob a mesma invocação da Ermida arruinada.

E' sabido que as Ermidas podem ser de tres especies: 1.ª, pertencentes a algum individuo ou corporação; 2.ª, pertencentes aos visinhos de algum logar; 3.ª, dependentes da egreja paroquial; e como os donos do predio nobre eram os que faziam as despezas das festas e concertos da capella, é-nos licito acreditar que esta Ermida não é a mesma que fôra visitada pelos freires de Santiago.

§ 16.º

Ermida de Santa Luzia

Esta Ermida, a norte da villa e fundada num alto, é muito antiga, mas de data mais moderna do que a de Sant'Anna. A Ermida primitiva era muito pequena e sómente occupava o espaço comprehendido pelo altar-mór. Não se sabe quando foi augmentada. Tendo andado pelas mãos de alguns mezarios nomeados pela camara teem estes celebrado sempre a festa annual. Ultimamente, ha dois annos, achando-se a Ermida muito gastada do tempo, foi nomeada uma meza, e seu presidente, o snr. Aniceto Aboim, muito digno farmaceutico, n'esta villa. Encontrando em seus companheiros boa vontade e nos fieis boas disposições, mandou deitar abaixo algumas das paredes e augmentar a capella, que deve ficar bonita. Já neste anno se celebrou a festa, mas a meza espera que os fieis ajudem a concluir a obra.

§ 17.º

Santa Catharina

E' uma capella antiga a S. E. da villa de Loulé, a uns dois quilometros de distancia. Tem um altar com a imagem da Santa. Em 1565 ainda não existia esta capella.

Ha um termo, em data de 4 de janeiro de 1815, donde consta o seguinte, em relação a esta capella:

«Nesta compareceu o coronel Francisco Paulo Lobo Pessanha, desta villa, e por elle foi dito: que tendo este Senado cedido do direito que tinha a eleger officiaes para a

mordomia de Santa Catharina dos Quartos, com a condição de elle estabelecer Fabrica á Capella e obrigar-se aos reparos e concertos d'ella, por este termo se obrigava a reparar e concertar a referida capella de todo o preciso, com decencia, de hoje para todo o sempre; para o que estabelecia de Fabrica 12$000 reis annuaes, e obrigando-se a fazer as mais despezas necessarias, caso a referida Fabrica não chegar. E quando aconteça que elle ou algum dos seus successores não cumpra estas condições, ficará de nenhum effeito a cessão por este Senado feita, continuando este a nomear então officiaes; o que ouvido pelo Senado o houveram obrigado por si e seus descendentes aos reparos, concertos e asseio da referida Capella, com todas as condições declaradas debaixo das quais o Senado cedeu o direito que tinha de eleger officiaes para a mesma, ficando ella como pertencendo á casa do dito coronel debaixo das condições declaradas de que se lavrou este termo.»

Por virtude destas clausulas, tendo a referida capella caido em muita velhice e quasi em ruina, a snr.ª marqueza de Pombares, representante daquelle coronel, mandou ha dois annos restaural-a e aformoseal-a.

§ 18.º

Area da freguezia de S. Clemente

Pela divisão das duas freguezias, ficaram pertencendo á freguezia de S. Clemente de Loulé as seguintes ruas:

«Largo da Matriz, Rua da Egreja, Rua do Carapeto, Travessa das Alegres, Largo do Carmo, Rua do Carmo, Rua do Arco, Rua da Corredoura, Rua da Mouraria, Rua de Faro, Rua da Ponte Nova, Rua dos Grillos, Rua da Graça, Rua dos Innocentes, Rua da Carreira, Rua do Cabo, Rua João Fernandes, Rua da Laranjeira, Rua do Paço, Rua de S. Domingos, Rua de Portugal, Rua da Estalagem, Praça, Rua do Postigo, Rua da Cadeia, Rua Nova, Rua Martim Farto, Rua do Espirito Santo, Rua da Fonte, Rua da Horta d'El-Rei, Rua das Cabanas, e os seguintes sitios:

«Cassima, Canos, Cabeça do Mestre, Campina, Barrei-

ras Brancas, Pedragoza, Valle de Ungel, Concelho, Serro do Concelho, Cabeça Gorda, Ninho do Pombo, Torres d'Apra, Barrocal das Torres, Cabeceira, Barranco d'Apra Soalheira d'Apra, Serro d'Apra, Nora d'Apra, Fonte e Barrocal de Fonte, Poço Novo, Quinta d'Apra, Caiado, Poço de Betunes, Goldra, Cabeça da Goldra, Vargens da Goldra, Valle de Rens, Goucinha, Arenhas, Santa Catharina, Arieiro, Alfarrobeira, Torre da Alfarrobeira, Valle Formoso, Montes do Valle Formoso, Serro, Serro do Môcho, Poço da Amoreira, Franquiada, Barreiros Vermelhos, Quartos, Torrejão, Pego de Centeio, Cova, Papa Cabedaes, Costa, Valle, Pereiras, Areias, Cruz da Assumada, Valle da Rosa, Melhada Velha, Carvalhal, Clariannes, Serro de Santa Luzia, Corregos de Santa Luzia e Santa Luzia».

CAPITULO VII

Freguezia de S. Sebastião

§ 1.º

Ermida de S. Sebastiãe do Rabaldo

Antes de 1518, por occasião de uma grande peste, muitas paroquias tomaram a resolução de fundar fóra do povoado, mas á entrada do mesmo, ermidas dedicadas a S. Sebastião, advogado contra a peste. Alguns individuos desta villa, fundaram uma pequena ermida a S. Sebastião, no logar hoje conhecido pelo largo de S. Francisco, naquelle tempo fóra da villa, sendo conhecida a ermida com a designação de S. Sebastião do Robaldo (arrabaldes). Esta ermida foi visitada pelos representantes do Mestrado de S. Thiago em 1565. Eis o que consta d'essa visitação:

«Visitamos a dita ermida, a qual está como se diz na visitação feita em 1518; d'onde consta que os irmãos mandaram fazer a capella, que está forrada de madeira de pinho. As paredes estão pretas e as imagens das paredes despintadas, que se não enchergam, e o mesmo o crucifixo que está sobre o arco do cruzeiro.

Achamos por Mordomo Bastião Peres, que tem em seu poder uma vestimenta velha e um calix quebrado no pé e a patena toda quebrada e mandamos se não diga mais missa com ella, e o mordomo mandará pedir pelas eiras as esmolas que queiram dar para a compra do dito calix.»

Do exposto se vê que a referida ermida era dos visinhos e portanto nenhuma ingerencia nella tinha a Junta de Parochia, cumprindo apenas a auctoridade administrativa tomar contas dos legados mas nos termos das leis. No entanto algum motivo houve para que o Senado desta villa tivesse dominio naquella ermida, pois que em 30 de junho

de 1717, os *Irmãos Terceiros da Veneravel Ordem de Penitencia de S. Francisco* fizeram ao Senado desta villa a seguinte petição:

« Dizem os Irmãos da Veneravel Ordem de Penitencia do Padre S. Francisco da Congregação desta villa de Loulé que, para maior serviço de Deus e consolação de todos deste povo, desejam ter na mesma villa uma capella assim para nella fazerem com mais solemnidade os actos que os Estatutos da dita ordem mandam, como tambem nella terem as suas sepulturas, como é costume e uso nas mais terras, onde se frequenta esta devoção, e porque em o tempo presente são ainda tão poucos os meios n'esta terra, senão por que não teem ainda aquelles rendimentos que possam suprir os gastos que podem fazer em principiarem uma nova capella, por que só nos alicerces se fariam grandes despezas, e para melhor se suavizar, desejam a dita capella na ermida de São Sebastião *extra muros* d'esta villa, por ser lugar mais retirado para o serviço de Deus; e porque sem licença d'este nobillissimo Senado não podem conseguir o que tanto desejam; por isso: Pedem a Vossas mercês pelo amor de Deus sejam servidos conceder-lhe a dita licença para fazerem a sua capella na tal ermida e querem elles supplicantes que vossas mercês e seus successores gosem o direito antiguissimo assim de fazerem a eleição como tudo o mais que sempre for uso e costume; o que elles supplicantes em nenhum tempo impugnarão.

E. R. M.ce »

O senado da camara concedeu a licença pedida para fazerem na ermida de S. Sebastião as obras pedidas com a condicção de ficar o senado sempre considerado directo senhorio, da antiga capella devendo a Ordem fazer as obras dentro de seis annos e todas as despezas por sua conta, quando excederem ás rendas da ermida.

Effectivamente, comparada a antiga ermida de S. Sebastião com a actual egreja de S. Francisco da Ordem Terceira, vê-se que esta muito augmentou e accrescentou aquella. A Ordem Terceira além de formar uma boa egreja para o tempo accrescentou-lhe casas para os seus capellães, e casas de despacho.

Ora no Convento de Santo Antonio dos Capuchos,

havia tambem uma Ordem Terceira de S. Francisco, e a existencia destas duas Ordens deu origem a varias questões. Em 1817 a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, erecta na ermida de S. Sebastião, conseguiu do Romano Pontifice Pio VII dois *Breves* muito honrosos e que em certo modo lhe davam especiaes privilegios sobre a outra Ordem, a constituida no convento dos Capuchos. Estes, receiosos de que os *Breves* lhe podessem fazer concorrencia, citaram a Ordem erecta na ermida de S. Sebastião para que não fizessem uso dos *Breves*. Então a Veneravel Ordem dos Terceiros, erecta na ermida de S. Sebastião, que era secular, apresentou o seguinte requerimento:

«Dizem o Ministro e mais Irmãos da Meza da Veneravel Ordem Terceira do Serafico Padre S. Francisco da Villa de Loulé, erecta legitimamente na ermida de S. Sebastião, que elles se acham citados a requerimento da Veneravel Ordem Terceira do mesmo Serafico P. S. Francisco, erecta no Convento de Santo Antonio dos Olivaes, da mesma villa, observando que no dito requerimento figura o Rev. Padre guardião do mesmo Convento, não é contemplado o Ministro da Ordem, e finalmente pedem que os suplicantes cedam os *Breves* de S. Santidade, obtidos pela mesma Ordem, suspensos os efeitos das graças concedidas nos ditos *Breves;* e encontrando no mesmo requerimento o respeitavel despacho de V. S.ª — **Como pede** — não podem deixar de pedir aclaração do mesmo despacho, porque os *Breves* de S. Santidade teem todas as qualidades que os fazem validos, porque teem o beneplacito regio, foram vistos e examinados, sentenciados e mandados observar e cumprir por Sua Ex.ma Rev.ma e por elle mandados publicar e afixar publicamente na egreja da mesma Ordem em S. Sebastião da mesma villa. Nestes termos é preciso que os efeitos não admitam suspensão e que emquanto á exhibição, estão prontos a exibil-os em Meza e que um tabelião os venha copiar, deixando os proprios, que não devem saír do poder dos supplicantes. Protestam por toda a nullidade do dito requerimento em tempo e logar competente e esperam, portanto, que V. S.ª, declarando o seu respeitavel despacho que se entenda sómente emquanto á exhibição mas sem suspensão dos efeitos, e se faça a exhibição na fórma do mesmo requerimento pelos supplicantes offerecida.»

Esta petição tem o seguinte despacho: Responda o Rev. Padre Guardião do Convento de Santo Antonio dos Olivaes, da villa de Loulé. Faro 21 de Janeiro de 1817 — Barahona — Vigario Capitular.

O Guardião respondeu: «Em primeiro logar dizem os supplicantes no seu requerimento que observam no requerimento dos supplicados figurar o Rev. Guardião do Convento, não sendo contemplado o Ministro — respondo que é indispensavel e necessario que o Guardião Commissario figure não só nesta mas em todas as mais pendencias e negocios da Ordem, não só por ser desta o seu cabeça e Prelado ordinario, mas tambem porque sem elle segundo os Estatutos Geraes e Constituições não pode a Ordem fazer ou dispôr de qualquer cousa, assine e convenha sob pena de ficar tudo nullo e irrito. Quanto á segunda, responde o mesmo Guardião que suppostos os privilegios allegados de elle ser o cabeça e Prelado Ordinario da Ordem, no dia 12 de Janeiro convocou a Meza e em claustro pleno explicou que a Meza da outra Ordem erecta na Ermida de S. Sebastião intencionava, passado anno e dia da publicação dos Breves, que obtiveram da Sé Apostolica, incomodar esta Ordem segundo as insinuações que pessoas fidedignas lhe tinham participado, afim de deliberarem o que fosse mais conveniente para o bem da mesma ordem; unanimamente acordaram todos que era conveniente e justo se fosse obviar todo e qualquer incidente que podesse occorrer para cujo fim convinha que os ditos *Breves* fossem examinados para se conhecer se com efeito poderiam ou não causar-nos encomodo, especialmente havendo noticia que as suas permissas não tinham sido legitimas, e que sem duvida vinham ofender os direitos da Ordem da Communidade e Religião a que a mesma se acha anexa. O Snr. Ministro, aprovando esta deliberação fez conhecer que era muito justo que a verdade se aclarasse para os vindouros nos não arguirem de tibios e frouxos; mas ahi mesmo deu tambem uma honrosa escusa da sua parte, porquanto — disse elle — se achava Ministro de ambas as Ordens e não lhe convinha figurar contra uma, nem contra outra, em tal pendencia, do que se lavrou termo. Quanto ao mais que os supplicantes do requerimento supra allegam responde, dizendo que temos toda a duvida que os seus *Breves* tenham todas as qualidades que os fazem validos, porque devendo seguir-se certas

rotinas na sua averiguação e exame nada é certo, antes só sabemos que de repente se publicaram e afixaram, sem procederem a todas aquellas diligencias que sempre se praticam para a sua devida execução. Estes e outros motivos que os Irmãos da Meza desta Veneravel Ordem mostrarão em tempo e lugar competente, são os que os obrigaram a pedir a V. S.ª fizesse pelo seu respeitavel despacho, que benignamente lhes concedeu, apparecer em juizo os ditos e proprios *Breves,* para á vista delles formarem embargos de *ob* e *subrepção,* e como a suspensão dos efeitos delles é uma consequencia de taes embargos, expressada nas leis, espera da costumada rectidão e benignidade de V. S.ª que, indeferindo o requerimento dos supplicantes, faça executar *in totum* o sabio e respeitavel despacho, que V. S.ª já concedeu aos supplicados. E quanto ao protesto que se declara no requerimento, contra protestamos tambem pelas nullidades que se possam encontrar a seu tempo, a não haver prejuizo de qualidade alguma nos Privilegios e regalias assim da Communidade como da Ordem do Convento de Santo Antonio. Loulé 8 de Fevereiro de 1817.»

Ora nestes *Breves* concedia o Romano Pontifice indulgencias perpetuas da Porciuncla aos fieis que, confessados e sacramentados, visitassem, do 1.º dia de Agosto até á vespera do dia dois do mesmo mez, a Igreja de S. Sebastião erecta na villa de Loulé.

Esta questão durou muitos annos, pois que em 7 de julho de 1826, a Ordem Terceira, erecta na ermida de S. Sebastião, apresentava ao Prelado, em Faro, o seguinte requerimento:

«Dizem os Irmãos Terceiros da Veneravel Ordem da Penitencia, erecta na egreja de S. Sebastião, da villa de Loulé, que pelos Romanos Pontificios lhes são concedidas varias graças e indulgencias, do tempo antigo, e ultimamente confirmadas pelo Summo Pontifice Pio VII, já mandadas publicar pelo Ex.mo Rev.mo Snr. Arcebispo D. Francisco Gomes, entre as quais se comprehende a do jubileu da Porciuncola em 2 de agosto, e tendo sido embargado o curso das mesmas indulgencias a requerimento do P. P.e e guardião do convento de Santo Antonio e confrades da outra Ordem Terceira, estabelecida no dito convento, sobre o que *corre causa*, expondo-se não deverem ser exequiveis

as graças concedidas aos supplicantes, principalmente as da Porciuncula, por a igreja de S. Sebastião não distar do convento de Santo Antonio os tres mil passos ou tres milhas na forma dos Decretos Apostolicos, recorreram os supplicantes ao Santo Padre Leão XII, pelo Rescripto de Sanação, que apresentam com o Regio Beneplacito, dado em 11 de agosto de 1825, o qual tem agora lugar, visto que em Roma fundou o anno do jubileu, e como está proximo o dia 2 de agosto em que os Fieis com as devidas disposições podem lucrar aquella Plenaria Indulgencia, por si, e por suffragio das Bemditas Almas... P.e a V. Ex.a se digne mandar passar editaes para que conste se pode lucrar a dita indulgencia da Porciuncula na dita Ermida de S. Sebastião, onde existe a Irmandade dos supp.tes.»

Por este requerimento se manifesta que ainda a questão não tinha chegado a seu termo. E nunca chegou porque as corporações monasticas acabaram com o celebre decreto de Joaquim Antonio d'Aguiar.

Conservou-se pois a Ordem Terceira de S. Francisco na posse mança e pacifica do seu templo.

Em 1873 a parte interior do templo estava uma lastima. O soalho de madeira velho e por algumas partes rôto vendo-se a descoberto a terra das sepulturas. Por isso a Meza da Ordem, presidida pelo fallecido José Francisco de Azevedo e Silva, de que era thesoureiro o Snr. Francisco Fabião de Campos e mezarios alguns dignos cavalheiros desta villa, quasi todos fallecidos hoje, resolveram mandar fazer as obras precisas. Começaram em 11 de Maio deste anno e terminaram em 10 de Outubro do mesmo anno. Nessas obras gastou-se o melhor de 476$735 reis. Como a sacristia estivesse muito estragada e com falta de pinturas, o digno medico municipal, o Ex.mo Snr. Belchior Fructuoso da Silva, irmão e mezario da mesma Ordem tomou a sua conta fazer essas despezas, por um peditorio especial por elle feito entre os irmãos.

Todas aquellas despezas com o templo foram costeadas com os fundos da Ordem, e com subscripções abertas entre os seus irmãos.

Mais tarde, em 1876, houve necessidade de fazer obras nas paredes externas da capella, e o benemerito filho desta villa, Dr. Marçal Pacheco, então deputado, não por Loulé,

conseguiu do governo um subsidio de 200$000 reis, que foi aplicado naquellas obras, que importaram em 201$865 reis.

Mais tarde, mandou a Ordem Terceira fazer a bonita capella do Senhor Jesus, lavrando-se por essa occasião uma acta para que nunca fosse mudada aquella invocação, ficando sempre ali a doce Imagem do Senhor. Depois tendo uma irmã da Ordem Terceira, D. Maria das Dores Aragão Palermo, hoje falecida, desejos de deixar uma memoria á sua querida Ordem, lembrou-se de mandar fazer uma capella, fronteira ao Senhor Jesus, que é onde actualmente está o Sacrario. Algum tempo depois, desejou o Rev. Parocho Miranda, que servisse de Sacrario uma obra de madeira, tosca e sem merecimento, mas a Ordem oppoz-se pois que o *Pelicano* dentro do qual se continha o vaso com a sagrada especie, obra muito antiga, e pertencente á Ordem, era de um grande valor e merecimento artistico.

As obras com a capella do Senhor Jesus importaram em 42$055 reis.

Por essa occasião um irmão da Ordem, o snr. João Correia, confeiteiro, mandou fazer um valioso nicho envidraçado, dentro do qual está a Santa Imagem do Senhor Jesus, nicho que lhe importou em 45:000 e que offereceu á mesma Ordem.

Em fins de novembro de 1890 recebeu a Ordem Terceira de S. Francisco do venerando Prelado, por intermedio do vigario da Vara, uns *Itens* a que a mesma Ordem devia responder ácerca do seu templo e dos auxilios que esta Ordem poderia prestar á nascente freguezia.

Não só porque a Mesa da Veneravel Ordem era composta de catholicos, mas porque devia ao Venerando Prelado especiaes obsequios e favores relevantes, auxiliando-a e coadjuvando-a com valiosa esmola para o acabamento da capella do Senhor Jesus, a Mesa apressou-se em dar resposta aos Itens e em reunir em sessão extraordinaria para consignar em acta as suas declarações. Segue-se essa acta.

SESSÃO DE 4 DE DEZEMBRO DE 1890

Aos quatro dias do mez de dezembro de 1890. nesta villa de Loulé e Casa do Despacho da Veneravel Ordem de S. Francisco, estando a Mesa reunida, compareceu o Rev.º Prior de Salir, Vigario da Vara deste districto eclesiastico,

o qual apresentou um officio do Venerando Prelado desta Diocese, em que se manda ouvir a Mesa d'esta Veneravel Ordem sobre differentes perguntas constantes do dito officio, e depois de responder como julgou conveniente a bem da Ordem e da futura Paroquia, decidiu que se levasse ao conhecimento do Ex.mo e Rev.mo Prelado o seguinte, visto que um dos artigos do mesmo officio se achava ridigido por forma que podia dar logar a equivocos e interpretações erroneas:

«Declara esta Ordem Terceira de S. Francisco que consentindo que o templo de S. Francisco seja a séde de uma nova freguezia, nem por isso esta Ordem abdica dos seus direitos ao templo, alfaias e mais objectos a ella pertencentes, direitos garantidos pelos Romanos Pontifices e pelos nossos Reis, e ainda ultimamente por D. José I e mais tarde pelos decretos de 5 d'agosto de 1833 e de maio de 1834.

«Que esta Ordem, cedendo por favor seu, o uso commum das alfaias, quando estas não estejam em serviço da Ordem, pelo tempo de dois annos, affirma assim esse direito, do qual, pelo facto do emprestimo, não cede cousa alguma;

«Que sendo o templo de S. Francisco seu, e pela Ordem mantido o seu explendor á custa dos sacrificios dos seus Irmãos e rendimentos da Ordem, emprestando esta o templo, nem por isso cede os seus direitos sobre elle, direitos que o seu commissario continuará a exercer, como até agora exercia, excepto naquelles casos em que a lei exija auctorisações ou audiencia do paroco;

«Que, neste supposto, o seu commissario fica com o exercicio pleno das suas funcções, e para todos os effeitos a séde da nova freguesia ficará como se fora extranha e separada do edificio da Ordem.

«Que as procissões e mais actos da pura gerencia desta Ordem nunca podiam ser alterados sem o expresso consentimento da Ordem e do seu commissario e que bem assim a procissão, em terreno proprio da Ordem, se realizará sem a audiencia do Paroco. Affirma ainda esta Ordem que sendo-lhe auctorizado o guardar o Santissimo Sacramento em seu Sacrario pelo especial privilegio da Santa Sé insiste em que o mesmo Sacrario seja aberto pelo seu commissario sempre que tenha de cumprir algum dos seus Estatutos

como a administração da Communhão aos Irmãos da Ordem, como até agora se tem feito, sem a previa auctorisação nem licença do Paroco;

«Que as chaves pertencentes á Ordem continuarão em seu poder como determina o D. C. R. de 10 de Dezembro de 1703 a 28, bem como ao seu commissario o levar a estola nas procissões e mais actos da Ordem sem licença do Paroco;

«E assim esta Ordem affirma mais esta vez que não cede (nem perde) de qualquer direito que lhe pertença com o emprestimo do seu templo para séde da nova freguezia, ficando salvos todos os direitos da Ordem e do seu Commissario, garantidos e respeitados como até agora, pois espera que a nova Junta da Paroquia se habilitará com fundos sufficientes para de futuro construir um templo seu, para deixar de mendigar favores alheios. E porque esta Orpem não deseja de futuro criar embaraços e nem soffrer obstaculos, ordenou que esta resposta fosse enviada ao Venerando Prelado, etc.

Eram nesse tempo Commissario o Snr. Joaquim Fortunato Xavier Morreiros — Ministro Belchior Maria Fructuoso da Silva, Vice-Ministro Padre Alexandre João do Nascimento — Procurador Geral José Joaquim Rocha Junior — Definidores — Francisco Xavier d'Athaide Oliveira, Joaquim Jorge, José Filippe da Piedade, Joaquim Antonio Carrusca, Alexandre João do Nascimento Senior, e Victoriano José das Almas.»

No dia 1 de Julho de 1891 foi publicada a sentença do Venerando Prelado, que deixamos registada no capitulo III a paginas 56, 57 e 58.

Não tem a Ordem sido prejudicada nos seus direitos?

A consciencia das pessoas que nos respondam. Deus lhes terá pedido contas se acaso não respeitaram os direitos da Ordem e o conselho do seu Venerando Prelado expressamente exarado no final da sentença?...

§ 2.º

Convento de Santo Antonio

Pelo que já escrevemos no capitulo IV § 3.º, artigo. — Inundações, temos como certo que o primitivo convento

de Santo Antonio foi fundado em terreno mais plano, um pouco abaixo do actual. Pinho Leal escreve que o primitivo convento do Santo Antonio, fundado em 1546 por Nuno Rodrigues Barreto e sua mulher D. Leonor de Milão, estava assente em uma planicie pouco abaixo do actual, e para este se passaram os frades em 1692, por estar o antigo muito arruinado.

Naturalmente o convento primitivo estava fundado mais abaixo, porém dentro da mesma cerca. Tendo esta cerca passado por differentes mãos, cada um dos seus proprietarios a amanhou por forma que mais produzisse e nada se importou com quaesquer ruinas, embora dignas de respeito.

§ 3.º

Nossa Senhora da Piedade

Fora da villa, para o nascente, vê-se coroando um outeiro, o sanctuario de Nossa Senhora da Piedade. Deste sanctuario dizem os visitadores do Mestrado de S. Thiago, em 1565, o seguinte:

«Visitamos esta Ermida, que tem uma capella de abobeda, feita de novo, quadrada e uma chave. O altar é d'alvenaria, e n'elle está a Imagem de N. Senhora. Tem alpendre quadrado do tamanho da capella, ainda descoberto. Prometteu o mordomo Pedro Alvares que ainda neste verão se faria a cobertura de abobeda. Segundo a declaração do mordomo havia 12 annos que a ermida fôra edificada de novo por Bartholomeu Fernandes, serralheiro, á sua custa. Nas costas da dita Ermida estava uma casa, madeirada de castanho, de telha vã, em que o capellão vivia.»

Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuario Mariano*, publicado em 1716, escreve desta Ermida o seguinte:

«E' este santuario muito antigo, e supposto que tem sómente trinta pés de comprido, é de perfeitissima arquitectura, e a sua capella mór quadrada e fechada de abobeda de meia laranja e fica-lhe a porta para *occidente*. Na capella mór se vê collocada uma devotissima Imagem de N. Senhora, com o titulo da Piedade; está recolhida em um

nicho com o Santissimo Filho morto em seus braços. E' de escultura de madeira e de perfeitissima mão.

«E' esta santa Imagem tão antiga que, os que hoje vivem, não sabem dizer quem foi o fundador da sua casa. E' do padroado da camara daquella villa e ella é que apresenta o ermitão.

«Um milagre refirirei, de todos sabido e foi que havia na villa um Mouro, tão tenaz na sua cegueira, que nada o reduzia. Era escravo de um cavalleiro, ao qual desapparecera o cavallo, havia dias; por isso o amo criminava o escravo na perda do cavallo, e o Mouro o buscava com cuidado. Succedeu um dia chegar o Mouro á meia ladeira do monte da Senhora da Piedade e lembrando-se da grande devoção dos christãos com a Senhora, disse entre si:

— Se a Senhora da Piedade me descobrisse o meu cavallo seria tambem christão.

« Ditas estas palavras, viu o cavallo. Batizou-se, recebendo o nome de Antonio, por estar ali proximo o convento de Santo Antonio, e por sobre nome, Piedade, da Senhora que operará o milagre. Depois casou e teve filhos que ainda hoje (1716) vivem e ha ainda pessoas que conheceram o Antonio da Piedade.»

Consta da tradicção que antes da edificação d'aquella Ermida no cimo do outeiro, havia uma gruta, onde estava a Imagem da Senhora ornada de flores. Dizem que essa gruta abria na base do mesmo outeiro, junto de um valle, e onde hoje ainda existe uma especie de capella, guardando dentro uma Fonte. Parece, pois, que áquella gruta se refere o *romance* que se lê no *Romanceiro do Algarve,* por Estacio da Veiga, que passamos a transcrever:

A SENHORA DA PIEDADE

Em nome de Deus Bendito
Saiba toda a christandade,
Que está o mundo assombrado
De ver um santo milagre,
Que a uma certa donzella
De seus quinze annos de idade,

Que numa serra morava
Chamada serra do Algarve,
Por sua graça infinita
Fez a Virgem da Piedade.

Com seu pai e mãe estava,
Com elles ia á cidade,
Escrever e ler sabia
Desde tenra mocidade.
Sua mãe á Virgem dera
Um altar ao pé de um valle.
Estando ali a donzella
Naquella gruta uma tarde,
Offerecendo umas rosas
A' sua divina Imagem,
Passou, que não ao accaso,
Um fidalgo de linhagem,
Que havia muito mirava
Para a sua virgindade.
Ameigando a donzellinha
Com seu damnado semblante,
Estas palavras lhe disse
Com amorosa humildade:
—Guarde Deus a ermitanita,
Nunca vi tanta beldade!
Entre as rosas que Deus cria
Não ha uma que eguale!
Se o meu amor te mereee,
Ai! Vamos para a cidade;
Vestir-te-ei de prata fina,
Terás quanto desejares,
Andarás entre senhoras
Que hão de vir a visitar-te;
Quando a passear tu fores
Levarás comtigo pagem.
Rosa linda, vem comigo
Isto que peço, faze.

—Não gaste, senhor fidalgo,
Não gaste o tempo debalde,
Que o meu pensamento é outro
Mais proprio da minha idade.

A minha alma só a entrego
A' Virgem Mãe da Piedade.

Elle quaudo aquillo ouvira
Bem que começou a airar-se;
Da gruta logo a arrancara,
Se lhe ella não gritasse,
Com pranto a triste pedia
Que d'ali a não levasse;
Torna-lhe inda em altas vozes,
Que se fosse, que a deixasse,
Que pelo Sangue de Christo
Mais pranto não lhe arrancasse.
Elle sem querer ouvil-a
Segue com seu rogo ávante;
Quauto mais ella chorava
Mais se lhe rendia amante;
Nem tiuha já que pedir-lhe
Que elle estava delirante.
Numa volta que lhe dera
Pode a donzella escapar-lhe
E aos pés do altar prostrada
Com fervorosa humildade,
Já não pede ao cavalleiro,
Pede á Virgem da Piedade,
Que outro amparo ali não tinha
Para a sua virgindade.

Enche-se a gruta de flores
Da mais pura castidade;
Do ceu desceram donzellas
Com palmas sautas na mão
Em signal de santidade,
E entre todas a levarau
Para a celeste cidade.
Elle que vê tal prodigio
Fica em grande anciedade;
D'ali se parte sosinho
Vai-se logo metter frade.
Dizem que o mundo esquecera
Depois d'aquelle milagre
E que morrera tão santo
Como a Virgem da Piedade.

Hoje a famosa Ermida da Piedade está muito accrescentada. Antigamente tinha apenas trinta pés de comprimento e abria a sua porta principal para o occidente, hoje a sua porta principal abre para o oriente e é bastante espaçosa. Do seu lado desfructa-se vista esplendorosa para a villa e para o mar. Celebra-se com toda a pompa a festa da Virgem na segunda dominga depois da Paschoa. E' grande a devoção de todo o concelho, como dos concelhos limitrofes para com a Virgem Mãe de Piedade. (B)

§ 4.º

N. Senhora da Conceição de Quarteira

A Ermida da N. Senhora de Quarteira está fundada no local da antiga Carteia, e — quem sabe! — talvez no mesmo local em que esteva fundada a primeira cathedral do Algarve.

A Ermida é moderna, porque certamente foi construida depois da Ermida de N. Senhora do Bom Successo, em Valle Judeu. Fazemos esta affirmação porque o Santuario Mariano escreve da Ermida de Bom Successo, então recente fundação, e não diz uma palavra da Ermida de N. Senhora da Conceição de Quarteira.

Tem a Ermida o seu altar-mór e n'este está a imagem da Senhora, de muita devoção d'aquelle bom povo, tendo á sua direita um nicho com S. José e á esquerda outro com Santo Antonio.

O culto é feito com o rendimento das armações, chegando a receber durante muitos annos duzentos mil reis; succedeu porém nestes ultimos annos haver desintelligencias entre os devotos, e a festa da Senhora tem decaido da sua grandeza. E' pena porque á festa concorria toda a população dos arredores. Aconselhamos os fieis daquelle povo a que continuem na sua devoção, pondo de parte quaesquer melindres, que nunca podem justificar a falta da solemne festa.

§ 5.º

N. Senhora da Boa Hora

No sitio de Gilvrazinho, Gilbrazinho ou Gilvazinho, ha uma Ermida sob a invocação de N. Senhora da Boa Hora.

E' mais moderna do que a Ermida de N. S. do Bom Successo. O *Santuario Mariano* não faz menção d'esta Ermida pela simples razão que no seu tempo ainda não fôra construida. Data a sua construcção de 1740. Tem esta Ermida uma capella central onde se venera a Virgem sob a invocação de N. Senhora do Boa Hora, tendo ao lado dois nichos ou pequenas capellas, uma de S. Luiz, e outra de S. José.

Felizmente o actual recebedor, o sr. Apolonia, trata com todo o cuidado e esmero a capella, que anda sempre muito acceiada. Merece por isso os nossos louvores.

§ 6.º

Nossa Senhora do Bom Successo

Dentro da freguezia de S. Sebastião de Loulé, a mais de seis quilometros da villa, no sitio do valle Judeu, vê-se o Santuario de N. Senhora do Bom Successo. D'esta Ermida lê-se no *Santuario Mariano* o seguinte:

«E' esta Ermida e casa da Senhora tão moderna, que teve seus principios pelos annos de 1693 ou 1694. O motivo que houve para a sua edificação devemos crer foi soberano, porque não são accaso semelhantes obras. Indo administrar os sacramentos a um enfermo, o Beneficiado e thesoureiro da egreja Matris de S. Clemente, o padre Diogo Fernandes Rasquinho, e vendo aquelle sitio, disse para aquelles lavradores que o acompanhavam: V. mercês haviam de fundar aqui uma Ermida a N. Senhora, para nella ouvirem missa e para que d'ella lhes administrassem os santos Sacramentos. Assentou bem o conselho no coração de um, chamado dos Adains, que respondeu: Haja quem me ajude, que logo se dá principio á obra... Deu-se logo principio á obra, ajuntando-se os materies e procurando-se as licensas, que tudo correu sem contradiccão; e no mesmo tempo se mandou fazer a Imagem da Senhora; sob a invocação do Bom Successo.

A Ermida não tem mais que o Altar-mór onde a Senhora está collocada. Ve-se recolhida em um nicho, fechado com vidraças e cortinas. E' de escultura de madeira e tem cinco palmos de estatura e sobre o braço esquerdo

se vê o bello Infante Jesus. Ambas as Imagens teem ricas coroas de prata».

§ 7.º

Area da freguezia de Sebastião

Pela divisão das duas freguezias ficarem pertencendo á freguezia de S. Sebastião de Loulé as seguintes ruas da villa:

Largo de S. Francisco, Rua de Santo Antonio, Rua de S. Sebastião, Rua de Portugal, Rua Ancha, Rua do Outeiro, Rua do Lagar Novo, Rua Nova da Piedade, Largo de Manuel da Mana, Rua do Marquez de Pombal, Rua de Camões, Rua de Mousinho de Albuquerque, Rua Brites de Almeida, Rua Galhardo, Rua de Alexandre Herculano, Rua João de Deus, Rua Vasco da Gama, Rua Rasquinho, Rua Serpa Pinto, Rua D. Francisco Gomes, Rua Nova de Quarteira, Rua do Sol, Rua dos Ferradores, Largo do Chafaris, Rua da Barbacan, Biccas Novas, Rua de N. Senhora da Conceição, Largo das Bicas Velhas, e Rua da Horta d'El-Rei.

E os seguintes sitios:

Aldeia do Valle Telheiro, Alfeição, Alto do Valle Telheiro, Amendoeira, Barranquinho, Barrocalinho e Corgo, Barros do Valle Telheiros, Burtual, Cabanita, Cabeça Alta, Mattos, Cabeço da Camara, Canada, Cazas da Nora, Cazas do Valle Telheiro, Castellão, Cercas e Casas, Corgos do Monte Secco, Cova de Barro, Covanca, Cruz da Assumada, Deserto do Valle Telheiro, Egreja, Esparguina, Estrada e Portella, Estrada, Franqueada, Granja, Jogo, Ladeira de Gilvrasinho, Ladeira do Monte Secco, Lagoa do Monprolé, Monprolé, Monteiros, Monte dos Zorros, Navais, Nora dos Velhos, Palmeiral, Parreiras, Pedra d'Agua, Pereiro, Picota, Piedade, Poçanço, Poço de Gilvrasinho, Poço Geraldo, Poco do Pezo, Poço do Valle Judeu, Quarteira, Rocha do Cabeço da Camara, Mocho e Cabeços, Raposeira, Venda, Serra, Serro dAlfeição, Serro Alto, Serro de Gilvrasino, Serro do Monte Secco, Serro Redondo, Serro do Valle Ju-

deu, Serro do Val Telheiro, Soalheira da Nora dos Velhos, Sobradinho, Terras Ruivas, Valle da Boa Hora, Valle da Rosa, Valle Telheiro, Varjota, Vargem da Mão, Zimbral.

Ficou, pois, esta freguezia confrontando do nascente com a freguezia de S. Clemente de Loulé, do norte com a freguezia de Querença, Salir, e Alte, do poente com a freguezia de Boliquême e do sul com o oceano Atlantico. (C)

CAPITULO VIII

Almancil

O padre Luiz Cardoso, que, no seu *Diccionario Geographico*, foi sempre minucioso em informações, diz de Almancil apenas o seguinte: «Aldêa no Reino do Algarve, comarca de Tavira, termo e freguezia de S. Clemente da villa de Loulé. «Já d'antesos visitadores do Mestrado de S. Thiago, que por ali deviam ter passado na sua visitação á Ermida de *Farrobilhas*, nem a Almancil se referiram; o que faz crêr que em 1565 nem Ermida ali havia.

Dizem os antigos que effectivamente nos principios da Monarquia Portugueza ali existia apenas uma pequena casa de venda ou hospedaria, de origem arabe, e por tanto chamada *Almançal*, que significa hospedaria.

D'esta freguezia, que em 1841 ainda o não era, diz João Baptista da Silva Lopes:

«Da freguezia de Loulé cortou a Junta do Districto de 1836... para formar a freguezia de Almancil, denominada S· Lourenço dos Matos de Almancil, larga porção de terrenos, que se juntaram á antiga freguezia de S. João da Venda, que é suprimida, sendo substituida por aquella. «No entanto refere-se á egreja de S. Lourenço de Almancil, mas sem ainda ser séde de nova freguezia, pela maneira seguinte:

«Esta egreja é notavel pela belleza com que estão pintados os azulejos, de que todas as paredes estão revestidas, e todos os passos da vida do santo, e pela delicadeza do altar, cujas almofadas são de alabastro preto e de varias côres, colhido ali mesmo. Tem de rendimento oitenta mil reis, bons paramentos, casas sufficientes, que podem servir para a residencia do parocho; pelo que a todos os respeitas foi bem formada esta nova freguezia, que no decreto de 6 de novembro de 1836 vem mencionada em a nova divisão administrativa.»

E' possivel, pois, que o nome de Almancil venha do arabe Almançal, como tambem é possivel que os azulejos, que hoje adornam o bonito templo d'aquella freguezia sejam os mesmos que adornaram a egreja de Farrobilhas a que nos referimos, quando escrevemos da freguezia de Loulé. No entanto, (o que não destroe a nossa supposição) é certo que a tradicção é constante em affirmar que os azulejos foram fabricados proximo do sitio e dentro da area da nova freguezia.

No *Mappa geral estatistico* relativo ao anno economico, de 1864-1865 figura Almancil com 400 fogos, sendo a derrama arbitrada ao paroco 200$000 reis, pé de altar e mais rendimentos paroquiaes, 130$000; derrama 70$000 reis, secretario 4$200 réis, cobrador 4$000, total da derrama 78$200 réis.

Modernamente a freguezia de S. João dos Mattos d'Almancil tem progredido muito.

Ao seu actual paroco, o muito reverendo Joaquim da Cruz Guerreiro, devemos as seguintes informações:

O 1.º termo que se encontra lavrado, quando a egreja de S. João da Venda era matriz da freguezia tem a data de 22 d'abril de 1658, sendo cura o P.e Sebastião de Faria Pessanha. Em 1849 a séde d'esta paroquia foi mudada para a Egreja de S. Lourenço, sendo augmentada com parte da antiga freguezia de S. Clemente de Loulé, ficando assim denominando-se a nova freguezia: S. João Baptista e S. Lourenço de Almancil. Começou assim a denominal-a o P.e Prior d'aquelle tempo Filipe Antonio de Brito, desde o termo 61 de 1887, porque antes do termo 61 o nome dado era *S. João Baptista d'Almancil.*

Pelo rol da população feita em 1904 vê-se que esta freguezia tinha então 815 fogos com 3.503 almas: 1780 do sexo masculino, 1723 do feminino.

E' esta freguesia constituida por casaes, mais ou menos separados entre si, sem constituir em aldeia ou povoação. Tem a grande propriedade do Ludo, que pertenceu á familia Coelho de Carvalho, de Faro, e hoje dividida entre partes, quasi todas possuidas pela familia Christovão d'esta freguezia. Uma parte d'aquella propriedade pertence ao snr visconde do Cabo de Santa Maria, herdada de seu sogro Ventura Coelho de Carvalho. Tem ainda outra grande

propriedade conhecida pelo *Muro*, formada dos terrenos salgados, e hoje pertencente á Firma Mathos e Silva de Lisboa. Outra propriedade importante, que fôra possuida pelo Morgado Joaquim Filippe de Lemos Lobo Freire Pantoja — denominada o *Pontal*, é hoje possuida pelo filho, do mesmo nome, residente em Faro.

Dista esta freguezia da séde do concelho e comarca 8 quilometros, e 10 quilometros das sédes do districto e diocese (Faro).

A estrada mais proxima da séde da paroquia é a chamada *real* e tambem do *littoral*, n.º 78, de Faro a Sagres. Depois a que vae de Faro a Loulé, atravessando esta freguezia do sul a norte, e passa a 200 metros da séde da paroquia. Ha ainda outra camararia, que parte do sitio d'Almancil e vae entroncar na de Faro a Loulé, proximo das Azenhas. Dentro da freguezia ha um ramal, feito pelos donos da Quinta do Ludo, que sae do sitio do Troto e vae terminar no sitio do Ludo; ainda mais outro ramal, a maior parte feito por particulares e sae do sitio de Almancil (estrada real n.º 78) até á Fonte Cuberta, havendo tenção de a levar mais adiante por ser de grande utilidade. Finalmente outro ramal existe: que parte do sitio de *Alem* a entroncar na de Faro e Loulé no sitio do Esteval, atravessando a via-ferrea, que percorre esta freguezia de Nascente a Poente, com Estação *Almancil Nexe*, que dista 200 metros da séde da paroquia.

Ainda existe a antiga egreja de S. João da Venda, que nada tem de recomendavel, embora tivesse sido séde da antiga freguezia. A actual egreja paroquial de S. Lourenço de Almancil é notavel pela belleza dos azulejos magnificos de que está forrada interiormente, tanto as paredes, como abobada e zimborio, sendo o corpo da egreja, nas paredes lateraes, dividido em 3 arcos lateraes, não abertos, e onde, em boa pintura, se admiram os passos principaes da vida do Santo. Pena foi que se perpetrasse o vandalismo notado por quantos visitam esta egreja, de furar dois destes arcos para lhes introduzir dois nichos, um para S. Miguel, outro para N. S. do Rosario, estragando-se um ou dois dos passos referidos. A capella-mór é de talha dourada, bem feita, e em bom estado de conservação. O altar-mór é todo de fina pedra, as suas almofadas são de alabastro preto e de varias côres, colhido ali proximo. A sacristia

é forrada de azulejo até meias paredes e tem arcas de boa madeira e muito bem trabalhada em talha e gavetões puchados a argolas de bronze.

As festas principaes são a de S. Lourenço, que não tem dia certo.

Havia uma feira em dia 24 de Setembro, mas lembraram-se mudal-a e fazel-a no dia da festa; por isso vão talvez designar dia certo para a celebração da festa, que, naturalmente, se realizará quando os grandes negociantes de cortiça voltarem com os seus trabalhadores.

Passa por esta freguezia o ribeiro chamado do Almancil, que nasce em S. Braz de Alportel, e vem passar junto da Egreja de S. Lourenço, e atravessando a freguezia, norte e sul, passa pela ponte antiga e atravessa a estrada real, indo desaguar, depois de passar á ponte do Ludo, mandada fazer por D. Francisco Gomes de Avelar, venerando arcebispo-bispo do Algarve, em 1810, no mar, tendo atravessado tambem a grande propriedade do *Muro*.

As principaes producções desta freguezia são as communs ao Algarve: figo, amendoa, alfarroba, azeite, cereaes e legumes, etc.

A festa principal que se costuma realizar nesta freguezia é a do seu Orago S. Lourenço. E não tem dia certo, porque se espera que os principaes lavradores e negociantes de cortiça e trabalhadores tenham recolhido á freguezia.

A freguezia é sadia, e apenas se notam as febres, mais ou menos indemicas, devido talvez á estagnação das aguas do ribeiro. Felizmente na actualidade está a freguezia menos sujeita a essa doença, porque se tem trabalhado na limpeza do mesmo ribeiro.

Ha nesta freguesia apenas uma escola official para as crianças do sexo masculino, pois que até hoje não se tem podido conseguir a criação de uma escola official para as crianças do sexo feminino. Para atenuar este mal alguns proprietarios mandam as suas filhas á escola por elles paga. Por muito tempo esteve esta escola no sitio de Almancil; actualmente essa escola está no sitio do Valle d'Egoas, que é mais populoso.

Tem esta freguezia um cemiterio, que dista da matriz uns cento e cincoenta metros e foi mandado construir em 1877, no tempo em que paroquiava esta freguezia o Prior Franscisco de Paula Mendonça.

Confronta esta freguezia pelo nascente com a freguezia de Santa Barbara de Nexe, e Conceição de Faro, pelo sul com S. Pedro de Faro e o Oceano, poente e norte com S. Clemente de Loulé.

A freguezia actual de S. Lourenço dos Mattos d'Almancil ou S. João dos Mattos d'Almancil compõe-se de toda a antiga freguezia de S. João da Venda distribuida pelos sitios: Sitio da Igreja, Troto, Esteval, Caliços, Alem, Casas e Nave, Barro de S. João, Outeiro, Arneiro, Mata Lobos, Valle da Venda, Torre, Ludo e Muro, e dos seguintes sitios desmembrados da freguezia de Loulé: Sitio d'Almancil, comprehendendo Barros, Casas, Areias, Chão Branco, Descabeçados, Serro e Valle Verde; do sitio das Escanchinhas, comprehendendo Garrão, Galvão e Ancão; do sitio das Pereiras, comprehendendo Poço Quebrado, Monte Estaço e Areias de D. João; do sitio das Ferrarias, que comprehende Caiados, Serro d'Afar, Palmeira Benta e Vargens; do sitio de Moinhos, que comprehende Gondra e Farrobilhas; do sitio de Barreiros Vermelhos e do Valle d'Egoas, que comprehende Serro do Môcho, Monte d'Olival e Barrocal e do Valle Formoso.

CAPITULO IX

Alte

A'cerca da origem do nome desta povoação ha uma lenda, que alguns consideram facto historico. Nos primeiros tempos em toda aquella vasta area, mais ou menos montanhosa, houve apenas uma Ermida, Santa Margarida. No Freixo Verde, outro sitio a poente, emquanto a Ermida ficava a nascente, morava uma rica lavradora, a mais solicita em concorrer para todas as necessidades do culto, sendo a que egualmente mais contribuia para as despezas do capellão. Na capella celebrava-se missa aos domingos e dias santos de guarda, e nunca o capellão subia ao altar sem que a lavradora do Freixo Verde tivesse entrado na capella. Succedeu demorar-se tanto um dia, que o capellão, suppondo que a lavradora nesse dia não ouvia missa, subiu ao altar e celebrou o incruento sacrificio. Terminada a missa sairam os fieis para suas casas. No lugar em que hoje assenta o povo de Alte encontram-se os fieis com a lavradora e seus criados. Informada do caso, a lavradora voltou-se para a criadagem e disse:

—Alto! aqui mandarei edificar uma egreja.

E effectivamente ali mandou edificar a egreja, mais tarde matriz da freguezia com a mesma denominação, que, com o tempo foi alterada, sendo hoje Alte.

Em 1565 os visitadores do Mestrado de S. Thiago visitaram a povoação e egreja de Alte e dessa *visitação* consta o seguinte:

«Visitamos a capella, que é da invocação de N. S. da Assumpção, de tres naves. Tem a capella de abobada e sobem ao altar-mór por cinco degraus. Tem um retabulo dourado de quatro paineis, pintado e nelle um encrusamento em que está a Imagem da N. Senhora, de vulto, velha e gastada do tempo, com um vestido de tafetá azul. Em baixo

um sacrario, onde está o S. Sacramento, forrado de setim e dentro delle um cofre forrado do mesmo.

«Visitamos o corpo da egreja; a nave do meio está forrada de bordos sobre arcos de alvenaria e columnas de pedra, e foi accrescentado depois da visitação passada (1518); as outras duas naves são madeiradas de castanho e de talha vã. Junto do arco do cruzeiro está um altar da parte do Evangelho, de N. Senhora, e é uma imagem já velha e gastada, e junto d'ella muitas imagens da mesma maneira velhas e gastadas; e da parte da Epistola está outro altar do Espirito Santo e tem um retabulo pintado, pequeno, e S. Sebastião de vulto, e Santo Antonio.

«Visitamos a pia de baptisar, que está á mão esquerda, entrando pela porta principal. A pia é de pedra; tem almario metido na parede com sua porta e fechadura, onde estão os santos oleos.

«Entrando pela porta principal á mão direita está uma porta para uma torre, que se fez de novo, com um caracol, que é de serventia para ella. Sobre a capella-mór está uma campa, e no corpo da egreja tinha um sino bom para se pôr na dita torre.

«Na capella-mór, perto do Evangelho, está um portal de pedraria, por onde serve a sacristia, a qual é de pedra e cal, madeirada de castanho.

«Esta capella está tres legoas distante da Matriz de Loulé, e tem duas ribeiras no caminho, e está a uma legoa de *Paderna,* e duas legoas de Boliquême.

«Achamos por capellão Francisco Mendes, clerigo do Abito de S. Pedro, e os freguezes lhe pagam tres moios e meio de trigo. Achamos que o capellão é obrigado a dizer missa todos os domingos, dias santos de guarda e todas as segundas-feiras e sabbados do anno e administrar os sacramentos.

«Esta capella está junto da aldeia, que será de 70 visinhos, e em toda a freguezia com a aldeia haverá duzentos freguezes.»

Em 1747 escreveu o Padre Luiz Cardoso o seguinte:

«Alte, lugar no Reino do Algarve, comarca de Tavira, termo de Loulé. Consta o lugar e toda a freguezia de 489 fogos. E' terra d'El-Rei e tem seu assento em um valle

nas margens de uma ribeira, que por aqui lança a sua corrente arrebatada, por correr por entre brusca e descomposta penedia. Dos montes que formam o valle e cercam o lugar, se descobre quasi todo o districto do Algarve.

«A egreja paroquial de tres naves está dentro do lugar; alem do altar-mor, em que está N. S. da Assumpção como Orago, tem os altares seguintes: Almas, do Senhor Jesus, e do Santo Antonio, e de S. Sebastião e do Espirito Santo. Tem quatro irmandades: Sacramento, Rosario, Almas e Carmo.

«O paroco é cura, apresentado pelo Ordinario; tem um ajudador, aos quaes os moradores da freguezia pagam, ao Cura um alqueire de trigo cada fogo, e meio de cevada; e ao ajudador meio alqueire de trigo cada um.

«Neste lugar ha uma Ermida de S. Luiz.

«Além d'esta tem as Ermidas de Santa Margarida, e N. S. da Gloria. Comprehende esta freguezia os lugares seguintes: Villa Verde, Benafins, e Peninha.

«Os fructos da terra são: algum trigo, cevada, figo e esparto em abundancia, do qual os moradores fazem baraços, que vão vender nas feiras do Alemtejo e outros pontos do reino; tambem fazem d'elle redes para ovelhas, e para as pescarias dos atuns e corvinas.

«Ha nas visinhanças deste lugar uma fonte de muitas e boas aguas, das quaes se valem os moradores para regar suas hortas e para monda de trigo e cevada.

«Em distancia de meia legua ha outra fonte, chamada *fonte santa*, que tem excellentes aguas; e junto dois buracos, que terão 12 palmos de fundo á entrada, os quaes conservam sempre agua; e ha tradição que o que está a Nascente chega a Loulé, e o do Poente a Silves.

«Nos montes da freguezia se teem achado algumas minas, principalmente de cobre; tem canteiros de pedra fina, e ainda outras de mais valor, mas não descobertas por incuria dos seus habitantes.»

João Baptista da Silva Lopes na *Corografia* do Reino do Algarve informa d'Alte ainda o seguinte:

«Na beira serra, arredores d'Alte, ha um grande pego, chamado do *Vigario*, no qual vem precipitar-se a ribeira, caindo de um despenhadeiro que terá 20 braças de altura.

«Foi a ribeira encaminhada a este sitio por Duarte de Mello Rabadaneira Corte Real, administrador do morgado da familia dos *Monizes Telles* de Aragão, o qual no principio do seculo passado ou fim do anterior, mudou o curso da ribeira para regar o pomar chamado da *Mina,* e para outros usos, furando um rochedo, que tem 10 varas de altura e 20 braças de comprimento, e construindo um canal magnifico de cantaria com passeios de ambos os lados, de bastante altura e claras-boias de espaço a espaço para promover a ventilação e dar luz. Em algumas partes está o serro cortado e do lado da montanha foi feita uma grossa muralha para sustentar o peso das terras; obra bastante dispendiosa e que serve não só para regar o pomar, mas para fazer moer os moinhos proximos a Alte».

A *corografia* citada tem a data de 1841.

Dentro desta freguezia ha duas aldeias chamadas de *Benafim Grande* e de *Benafim Pequeno.* Parece que aquella é de origem arabe, e fôra, nos tempos em que em Silves habitavam os reis mouros, a casa de campo do Rei Abenafan. Restos de monumentos teem sido encontrados na sua area e de facil corrupção seria o seu novo nome: Aben-afan-aben-afim-benafim.

Vê-se, pois, que o povo e freguezia, em 1565, tinham duzentos freguezes; em 1747 (data do Diccionario Geografico do Padre Luiz Cardoso) 489 fogos; no *Mappa Geral Estatistico* relativo ao anno economico de 1864-1865 719 fogos. Por este Mappa observa-se que a congrua arbitrada está lotada em 350$000 reis; pé d'altar e mais rendimentos paroquiaes 350$000 reis.

Ao muito reverendo parocho d'aquella freguezia, o nosso amigo e patricio Joaquim Marreiros Mascarenhas Neto devemos as informações seguintes:

Tem a freguezia 1275 fogos, e dentro da sua area as seguintes aldeias: Santa Margarida, onde existe uma Ermida dedicada a esta santa e que, segundo a tradição, é mais antiga do que a paroquial, pois que se diz ter sido séde de uma villa, chamado ainda hoje aquelle sitio, Villa Verde do Valle; a aldeia da Julia, Benafim Grande, Benafim Pequeno, e Penina.

Está dentro desta freguezia o morgado de Alte. Este morgado tem uma fonte abundantissima, denominada *Fonte Grande,* que rega e fertiliza todas as suas terras baixas, faz

moer sete moinhos d'agua e forma uma queda d'agua, denominada o *Pego do Vigario,* com 24 metros de altura. Tem ainda outra herdade denominada do *Paneaes* ou *Freixo Verde,* que pertence a uma companhia do Porto. Aquelle morgado pertence á ex.ma condessa d'Alte.

São freguezias limitrofes S. Bartholomeu de Messines, Paderne, Boliquême, S. Sebastião de Loulé, Salir e S. Barnabé (concelho de Almodovar — Alemtejo).

Dista esta freguezia da séde da comarca e concelho 21 kilometros e 40 da cabeça do districto. Por uma estrada a mac-adam está ligada ás duas aldeias de Benefins e á cabeça do concelho. Dista da primeira estação do caminho de ferro, em S. Bartholomeu de Messenes, 11 kilometros.

Alem da egreja matriz existem mais as capellas ou ermidas de S. Luiz (dentro da povoação), Senhora da Gloria, em Benefim Grande, e a capella em ruinas de Santa Margarida, que a tradição dá como sendo a primitiva matriz da freguezia, quando a aldeia de Santa Margarida era a antiga Villa Verde do Valle.

A egreja matriz cuja fundação parece datar dos fins do seculo 15, pois que já existia em 1565 e ainda em 1518, tem a porta principal e o arco da capella mór em estilo manuelino. A capella mór, em abobada, tem as paredes revestidas de ladrilho mosaico com magnificos azulejos, alusivos a factos biblicos. Ao lado esquerdo, na capella mór, fica o altar do S. S., ao direito o de Nossa Senhora do Rosario. O corpo da egreja tem duas naves e quatro columnas cada uma; é espaçoso e recebe luz por quatro espaçosas janellas; tem 6 altares lateraes, 2 na nave direita e 4 na esquerda; um bello côro em bom estado de conservação. E' orago Nossa Senhora da Assumpção d'Alte. As festas principaes que se realizam n'aquella freguezia são: as do Orago, Senhora das Dores, e S. Luiz. Adro espaçoso com 4 entradas em escadaria.

Ignora-se a data da ermida de S. Luiz, mas parece não dever ir alem do começo do seculo 18. Foi modernamente reconstruida. Tem uma capella em boa talha e com adro relativamente espaçoso.

Tem ainda a ermida da Senhora da Gloria, cuja fundação, parece datar do principio do seculo 18.º por uma das inscripções das sepulturas, que alli existem. Possue um altar mór e dous lateraes. O altar mór é em talha de bom

trabalho e execução. Na parte exterior da parede do altar mór existe em azulejos uma imagem de Christo admiravelmente executada. Tem adro espaçoso, de onde se gosa de um bello panorama.

São as seguintes as inscripções das sepulturas:

1.ª—Sepultura na capella mór: Sepultura de M.el Gorgorio e seus herdeiros. Pede pelo amôr de Deus um P. N. e uma A. M. por sua alma.

2.ª—Sepultura do capitão M.el Pires Cortezão e sua mulher Cn.ª Maiz Cavaco e seus herdeiros, pelo Amor de Deus um P. N. e uma A. M.

3.ª—Sepultura de M.ª Cavaco que falleceu em 17 de dezembro de 1742 An. e de seu filho P.e Manuel Miz Cavaco. Fundador desta ermida de N. S. da Gloria.

4.ª—Esta sepultura é de M.ª Gertrudes Cavaco. Falleceu em 28 de Setembro—anno de 1747. P. N. A. M.

5.ª—Sepultura de D. Beatriz Pinheiro Cavaco pelo Amôr de Deus um P. N. e uma A. M. pela sua alma. 1724.

6.ª—S. A. P. M. Pires S.r Aboim. Sepultura de P.e Luiz Lourenço, pede lhe rezem um P. N. e uma A. M. pelo amor de Deus 1133 (?).

Parece haver equivoco nesta data. Será 1733? Se o fundador faleceu em os principios do seculo 18.º não podia a ermida existir em 1133.

Ha em Alte dois mercados: um em 4 d'agosto e outro em 22 de fevereiro.

Não existem castellos. No entanto é certo que um dos serros que cercam Alte é denominado o Castello. Será pela sua forma, ou porque existeria algum castello? A tradição nada esclarece. O que consta pela tradição é que a aldeia de Santa Margarida foi em tempos antigos a *Villa Verde e Valle* ou Villa Verde do Valle.

Existem na povoação o Largo da Igreja, Rua das Loges, Rua nova de S. Luiz, Rua nova da Igreja, Rua do Prior, Rua do Cabo etc.

Correm pela freguezia o ribeiro de Paneaes, que tem origem na herdade da mesma denominação, banha a povoação, onde toma o nome de ribeira d'Alte, forma ao sul a 300 metros de distancia, a cascata—Pego ou Pulo do Vigario, e vai desaguar na ribeira de Paderne, a distancia de 6 kilometros; ribeiro dos Fojos e ribeiro das Aguas Frias e Zambujal.

Produz esta freguezia, alfarroba, amendoa, figo, azeite, vinho, trigo, cevada, grão, milho e cortiça (em pequena quantidade). A sua manufactura é principalmente de obras de exparto, que exporta para a provincia do Alemtejo.

Tem muitas minas registadas, de cobre, sendo duas as principaes — da *Cerca da Mina* e da *Atalaia*. Estas foram antigamente exploradas pelo Conde de Ferrobo, mas depois ficaram em abandono.

Tem . ta freguezia dentro de sua area elevados serros: o Esparga[1] 305m a 330m, a sul da povoação, sobre o nivel do mar; a Francilheira a N. E d'Alte, de 273m; a Rocha Maior ou Bella Vista com 405m; a rocha dos Soidos com 472m; do Castello e outros. O proprio templo está a 206m, 92 de altura sobre o nivel do mar, e a margem do ribeiro junto da povoação a 184m,25. A rocha Amarella a 315m,02, e a serra das Andrezas a 305m de altura.

A povoação está construida, tendo ao redor quatro serros. Teem as raparigas nos seus bailes a seguinte cantiga:

Quatro serros tem Alte
Que o cercam em redor
Galvana e Francilheira
Castello e Rocha Maior.

Na vertente de sueste do Serro dos Soidos, numa elevação de 472 metros, distando de Alte, ao norueste uns 1:800 metros, existe uma caverna, denominada a *Egrejinha dos Soidos*. Carlos Bonnet visitou esta caverna, julgando nella encontrar ossos humanos e descreve-a:

«Na vertente de sueste da rocha dos Soidos acha-se a entrada desta caverna no logar denominado *Sobradinho*, ao norte de Alte um quarto de legoa, ao nivel do chão, e é tão apertada que só com dificuldade se vence a sua passagem. Para ali se entrar é mister levar luzes. E' grandiosa, de forma circular, de abobada muito elevada á feição de cupula, a primeira camara. As stalactites assaz grossas e separadas umas das outras formam com as stalagmites umas columnas semelhantes ás das egrejas. Para o lado do nascente ha diversas passagens, que se dirigem ás cavidades baixas e estas parecem capellas. Em razão de tal configuração deram os habitantes das localidades proximas a esta

caverna o nome de *Egreginha*, considerando a grande sala como nave central e as camaras contiguas como capellas.

Informa Bonnet que não encontrou ossos humanos, apesar de ter ali feito uma excavação; mas Estacio da Veiga responde que não é esse motivo o sufficiente para se concluir que essa caverna não fosse habitada «pois que não declara as espessuras que rompeu, nem indica os pontos que escolheu para a sua pesquiza.»

Suppoz Estacio da Veiga que a gruta fosse habitada por uma geração neolitica, pois que na freguezia d'Alte teem sido encontrados instrumentos da sua civilização. Além da tradição de que a caverna fosse habitada pelos mouros, pois que o nosso povo não conhece outro povo mais antigo do que os mouros, teem apparecido nas proximidades da caverna em Paniachos, campos de Alte e Fonte Santa, criterios significativos neoliticos e da edade do bronze, como machados de pedra e outras antiguidades. Ha ainda outras cavernas, sendo todavia a da *Egrejinha dos Soidos* a mais curiosa e de mais nomeada. Mais adiante faremos um resumo dos restos da civilização neolitica aqui encontrados.

Tendo-se falado de S. Margarida e na Villa Verde e Valle devemos accrescentar ser tradição que ali existira uma grande villa em tempos remotissimos. Teem sido encontradas naquella area sepulturas e outros objectos como lages a formar a cabeceira dos sepultados.

Esta freguezia tem uma escola official de crianças do sexo masculino.

Tem cemiterio e dista 60 metros da egreja matriz. Tem estação telegrafica de 4.ª classe.

Encontra-se na cantaria da capella do SS. a éra de 1601; ora em 1565 o sacrario estava na capella-mór, certamente a capella do SS. foi construcção posterior.

Consta esta freguezia da sua povoação e seguintes sitios: Soidos, Rocha dos Soidos, Freixo Verde, Penina Mazagás, Benafim Grande, Benafim Pequeno, Julia, Zimbral, Charneca dos Cordeiros, Nave dos Cordeiros, Birrão, Nave das Sobreiras, Reguengo, Nave de João Martins, Cerca dos Mattos, Lisboa, Valle de Arca, Espargal, Estiveira, Morouços, Rocha Amarella, Esteval dos Mouros, Lentiscaes, Monte do Brito, Areeiro, Charneca, Serro das Covas, Cerca da Renda, Languinheira, Torre, Fonte Santa, Paredinhas, Al-

caria do João, Perna Seca, Termos, Montinho, Vargem do Carvalho, S. Margarida, Macheira, Arneiro, Curralões, Monte da Cruz, Serro, Cumeada, Conqueiros, Serro Agudo, Corte Pequena, Valle do Vigario, Casinha, Corte Grande, João Andrez, Fraguil, Monte, Curral, Assumadas, Cazas, Aguas Frias, Torneiros, Cabana, Corte do Buxo, Zambujal, Maceira, Cortinhola, Boa Vista, Salvadinho, Cascabulho, Soalheira, Monte Ruivo, Azinhola, Monte, Sernadas, Fonte do Arez e Atalaia.

Ha em differentes sitios da serra d'Alte vestigios de antigas civilizações. No sitio dos Mortorios teem sido encontradas muitas sepulturas antigas com vasos de barro dentro. No sitio dos Bragançõ̃es, ha poucos annos havia um predio urbano, cujo portal era formado de uma pedra, onde havia uma inscripção, cujo alfabeto era desconhecido. Na Soalheira, tambem no amago da serra, ha vestigios dessa antiga civilização. Certo proprietario do sitio mandou arrancar velha azinheira, e encontrou-lhe parte das raizes numa sepultura, os trabalhadores na supposição de que entre os objectos extranhos, que encontraram, estivesse dinheiro, escangalharam tudo.

Nem souberam contar o que viram, atribuindo os objectos aos mouros, porque esta gente tudo que lhes é antigo o atribuem aos mouros, porque antes d'estes não existiu ninguem, com excepção do povo judeu.

Tem esta freguezia cerros importantes: Rocha Amarella 263^{m}, Atalaia 216^{m}, Soidos 467^{m}, Azinhal 423^{m}, Espragal 351^{m}, Gralheira 316^{m}, sobre o nivel do mar, e outros.

Na *Carta Prehistorica* publicada por Estacio da Veiga no volume 1.º das suas *Antiguidades Monumentaes do Algarve* está registada esta freguezia, como sede das antigas civilisações prehistoricas, paleolithica, neolithica e dos metaes. Da 1.ª e mais antiga civilisação são documentos a Igrejinha dos Soidos e o Poço dos Mouros; da segunda os instrumentos de pedra polida encontrados na Fonte Santa, em Alte e nos Paniachos ou Paniaes; e da terceira, ainda a Fonte Santa e Alte, onde foram encontrados instrumentos isolados da idade do cobre, sepulturas por inhumação, e minas em trabalho antigo no sitio da Atalaia.

Se o governo entendesse dever proceder a rigorosas pesquizas em toda a area da freguezia de Alte, colligiria certamente preciosos documentos das antigas civilizações.

CAPITULO X

Ameixial ou Maxial

Embora somente, com o nome de Ameixial, vejamos escripto o nome d'esta povoação, não deixaremos de sustentar que não fora aquelle o seu nome primitivo.

Machial pronunciam os habitantes d'aquella freguezia, situada em paragens distantes dos grandes centros, e portanto em melhores condições de conservar puro o seu nome primitivo, que os mais modernos corromperam, visto haver o nome de Ameixial, povoação muito notavel no Alemtejo; *Machial* encontro em um manuscripto muito antigo, existente no archivo da parochia de S. Clemente e que parece significar que aquella povoação primitivamente pertencera á freguezia de Loulé; e finalmente este parece ser realmente o seu primeiro nome, pois que *Machial* no antigo portuguez significa — monte abundante em plantas e arbustos silvestres, circunstancia que bem se aplica á região onde a freguezia está situada.

Em 1747 o P.e Luiz Cardoso, no seu *Diccionario Geografico,* dizia do Ameixial o seguinte: «Freguezia no Reino e Bispado do Algarve, comarca da cidade de Tavira, Termo da Villa de Loulé. A Paroquia, de uma só nave, é dedicada a Santo Antonio, cuja imagem se vê no Altar mór; tem mais quatro, o da Senhora do Rosario, o do Senhor Jesus Crucificado, o de S. Pedro Apostolo e o de S. Luiz Bispo. Comprehende o districto da freguezia duas leguas de Norte a Sul, e tres de Nascente a Poente, e se compõe de sete centos e dezeseis freguezes.

«O Paroco é cura, e tambem tem coadjutor, que ambos são apresentados pelo Ordinario. Os braços principaes da serra, em que esta freguezia está assentada, são o Minhoto, Vermelhinhos, Cavalos, Pero-Ponto, Corte do Ouro, Beringel, Tavilhão e o Serro. E' cultivada por seus habitadores com lavouras de trigo, cevada e centeio, de que é

abundante, principalmente em annos invernosos. Tem varias hortas, que se regam com fontes, que nascem da serra, e nellas muitas fructas de varias sortes. Alem destas produz esta serra muitas bolotas, com as quaes criam seus moradores muitas porcadas, que as pessoas de outras terras ali vão comprar. Cria tambem alem dos porcos muito gado de lã e pello, muitas colmêas e muita caça grossa e miuda, rasteira e do ar; javalis, veados, lebres, coelhos, perdizes e outra caça. O clima é demasiadamente frio no inverno, e da mesma sorte quente no verão.

Na freguezia de Salir, distante legoa e meia, e no sitio da Commenda Gossa, nasce o rio do Vascão, corre para nascente e é muito caudaloso pelos muitos ribeiros, que se lhe ajuntam. Finaliza no Guadina; e no Ameixial divide este Bispado do Algarve do de Evora. Cria peixes de varias castas o rio Vascão e suas margens são bem cultivadas.

A *Corografia do Reino do Algarve* pouco mais acrescenta, fazendo todavia alterações. Diz:

«A freguezia compõe-se de 25 aldeias, ou antes casaes, 12 dos ques pertenciam ao termo de Alcoutim, uma ao de Faro, e 22 ao de Loulé. Nasce a ribeira do Vascão na serra do Marvão em sitio chamado Valle de Eguas, pobre de agua, de sorte que se seca no verão, deixando apenas alguns pegos em seu curso; mas no inverno engrossa a ponto de impedir a passagem por alguns dias, pois não tem ponte alguma. N'elle se metem as ribeiras (acima mencionadas), indo pela Sernadilha até o Minhoto; pelo Covão á Cortelha, Cortiçadas e Fornalhas, juntando-se-lhe as ribeiras de Corte Pinheiro, Taipas e Almeixares até o Azinhal; mete-se-lhe tambem a ribeira do Vascanito, dali vae ao pego das Mitras, dali ao sitio dos Reveses, deste ao Mosteiro, e d'aqui entra no Guadiana, entre Mertola e Alcoutim. E durante esta longa travessia [illegible]ui moe azenhas, alem rega pomares, acolá fertilisa margens riquissimas, e sempre caminhando, ora por valles, ora saltando rochedos, vão suas aguas alfim morrer no oceano envoltas nas aguas do Guadiana.

Modernamente pouco mais temos que informar e as informações que se seguem devemol-as ao muito rev. paroco d'aquella freguezia o snr. Humberto Augusto Chagas da Paz, a quem nos confessamos agradecido.

Tem actualmente (1905) a freguezia do Ameixeal tresentos e noventa fogos distribuidos pela povoação e pelos seguintes sitios: Almarginho, Azinhal, Besteiros, Caldeirão, Cavallos, Corte de João Marques, Corte do Ouro, Figueirinha, Lagar de Cera, Lameiro, Lourencinho, Medronheira, Minhoto, Mosteiro, Parolinhos, Pereirinha, Pero Ponto, Portella, Revezes, Serro dos Vermelhos, Tavilhão, Valle da Moita, Vermelhos e Xemeno, que são outras tantas aldeias.

Além da Matriz, acima descrita, tem a Ermida de S. Sebastião, com um altar.

Celebram a festa do Orago, Santo Antonio, no dia 15 de agosto, e ainda outra festa a S. Luiz, mas não tem dia certo. No dia da festa do Santo Antonio realiza-se naquella freguezia a sua feira annual; e tambem no dia 18 de dezembro realiza-se um mercado.

E' a freguezia abastecida com oito moinhos de vento e tres moinhos de agua.

Tem escola primaria para as crianças do sexo masculino e feminino: é mixta.

O cemiterio dista da povoação, ou antes da egreja paroquial, uns cincoenta metros e foi fundado em agosto de 1871.

Não tem estrada nenhuma a Mac-Adam; confronta esta freguezia a S. O com Salir, Querença e Cachopo, Martim Longo a E, e Santa Cruz de Almodovar a N.

Numa estatistica de 1850 tinha o Ameixial 919 almas; no censo de 1900 accusa a existencia de 1592 almas.

Na freguezia do Ameixial existem os seguintes cerros: Pellados 589,^{m} Figueirinha 520.^{m} Perdigueiro 556,^{m} e Cumiada a 516,^{m} sobre o nivel do mar, e outros.

CAPITULO XI

Boliquême

A povoação de Boliquême está situada na encosta de uma pequena collina, no principio do barrocal, rodeada de montes e serros, excepto pelo Sul; mas a *Corografia do Algarve,* que assim situou aquella povoação, referiu-se certamente á actual povoação. E affirmamos isto por que conhecemos Boliquême, e sabemos que antes de ali ser situada, esteve no *Boliquême Velho,* sitio ao sul e junto da estrada districtal, de Faro para Lagos. E não foi ainda este sitio o primeiro onde Boliquême foi fundado. A tradição affirma que foi ainda mais a sul e temos para nós que a tradição se não engana. Effectivamente mais ao sul ha um sitio conhecido pelos *Olhos de Agua* e foi este o primeiro onde se fundou a primeira povoação do Boliquême.

E' sabido que os genovezes, sicilianos, e venezianos nos seculos 13.º, 14.º e 15.º andavam em continua faina da pesca do atum e ainda da baleia nas costas do Algarve, principalmente Lagos. Ora nessas continuas viagens só encontraram proximo da sua carreira os *Olhos* da Agua, ponto muito abundante de agua potavel. Sabe-se tambem que a palavra Boliqueine é italiano e significa olhos de agua. D'aqui resultou o nome que ainda hoje conserva. Naturalmente alguns naturaes daquelle sitio mandaram ali construir casas, que habilitaram, no intento de ganhar a vida, vendendo aos naturaes de Italia a agua, de que precisavam. O nome de Boliqueine dado pelos italianos áquelle sitio foi bem recebido pelos naturaes, que o communicaram á sua aldeia, e o conservaram quando mais tarde, por qualquer circumstancia desconhecida, mudaram de sitio.

Realmente melhor explicação se não pode dar ao nome extrangeiro numa povoação portuguesa.

Em 1565 foi *Boliquême Velho* visitado pelos Visitadores do Mestrado de S. Thiago. Dizem:

«Visitamos a capella curada de S. Sebastião de Boliqueme. A capella é de abobada e está apontuada para cair; sobem ao altar por tres degraus; o arco do cruzeiro é de pedra bem lavrada.

«O corpo da egreja é de tres naves com esteios e columnas de pedra, e arcos de alvenaria, feitos de pedra e cal, madeirados de castanho e de telha vã. Junto do arco do cruzeiro estão dois altares; no da parte do Evangelho está um retabulo de portas pintadas e dourado pelas bordas; no painel do meio está pintado S. Sebastião e numa das portas a tentação do N. Senhor no deserto; e noutra a saudação de Santa Izabel, e nesse altar se diz missa ao povo, por não estar a capella para isso; e tem um sobrearco de cortinas por cima do retabulo. Sobre a capella está um campanario com a sua campa. E no outro altar está Santa Clara em imagem de vulto, pequena, metida em uma caixa.

«Visitamos a Pia baptismal, a qual está, entrando pela porta principal, á mão esquerda. A Pia é de pedra.

«Achamos por capellão Luiz Mendes Netto, clerigo da Ordem de S. Pedro, e os freguezes lhe pagam cada um dois alqueires de trigo, que renderão com as suas quebras dois moios e meio.

«O capellão é obrigado a dizer missa aos domingos, dias santos de guarda, segundas-feiras dos Fieis de Deus e aos sabbados de N. Senhora e a administrar os Sacramentos.

«Mandamos e encommendamos aos Mordomos e freguezes que com a maior brevidade façam a capella de novo, e acabem a sacristia.»

Ora a *Corografia do Reino do Algarve,* situando Boliquême diz: «...confronta do S. O. com o *Povo Velho,* o qual foi destruido pelo terremoto, morrendo na egreja 99 pessoas, que não fugiram por persuasões do paroco. Não ha fonte na aldeia, e os moradores bebem agua dos poços. A freguezia é extensa, o terreno em geral fertil. Produz em abundancia figos, amendoas, cereaes e vinhos palhetes. No extremo desta freguezia para o sul está situada Quarteira de que falamos, quando escrevemos da freguezia de Loulé. E' dentro desta freguezia que estão situadas as casas da quinta do morgado e constituem a grande propriedade

actualmente pertencente ao Conde de Azambuja, filho do Marquez de Loulé.

Segundo o L. 4 de D. Diniz, fl. 6-1.º Torre do Tombo, estes terrenos, que constituem o morgado, foram dados por D. Diniz, de fôro, a Martim Marcham em novembro de 1297 com obrigação de os povoar com cincoenta moradores. D. João I aqui mandou fazer os primeiros ensaios da plantação de assucar. Corre nesta freguezia a ribeira de Quarteira, que já vem formada pelas ribeiras da Tôr, Salir, Querença, Mercês e outras, e chega á ponte de Albufeira, junto da Quinta de Quarteira.

Conta o *Domingo Illustrado* que após o terremoto de 1755, houve necessidade de construir uma nova egreja, que egualmente seria a séde da povoação. Começaram as obras no serro do Diogo Netto, a oitocentos metros de *Boliqueme Velho,* mas que as ferramentas dos operarios desappareceram do local, sendo encontradas na manhã no sitio da actual matriz. Ahi pois a construiram. Os paroquianos de Boliqueme eram obrigados a vigiar os portos de mar desde a *Torre de Vigia* até á foz de Quarteira, afim de impedir um assalto dos mouros.

A agua aqui é de poços. Em a propriedade do Conde de Azambuja, descendente dos Condes de Valle de Reis, a Quinta de Quarteira, existem tres nascentes de boa agua, denominadas: *Fonte do Ulmo, Fonte do Bordalo* e *Olho da Mexugueira;* é porém necessario examinar bem a agua antes de a beber, pela enorme quantidade de sanguesugas, que nella se criam.

Em annos passados fundou-se em Boliqueme um soccorro mutuo do emprestimo de 12 moios de trigo aos lavradores, vencendo o juro de 5 %. A administração estava a cargo de dois paroquianos e um escrivão, eleitos pela freguezia, e presididos pelo paroco. Parece que os resultados não corresponderam á intenção do seu fundador ou fundadores.

Em 1850 havia em toda a freguezia de Boliqueme 2:500 almas; o recenseamento porém de 1900 accusou a existencia de 4:951 almas: quasi o dobro em pouco mais de cincoenta annos!

Em 1833 a freguezia de Boliquême, excitada pelas pregações de uns frades que em Loulé blasfemaram do pulpito contra os malhados, matou o paroco e coadjutor da sua

freguezia, acoimados de malhados; e mais tarde em 1846 não duvidaram de perseguir o seu paroco Quintino, ainda por politica, fazendo-o fugir para Hespanha.

Não se encontram aldeias dentro da sua area, mas tem a grande parte da povoação de Quarteira. E' na freguezia de Quarteira que se encontra a maior parte da grande propriedade do Conde de Azumbuja, filho do fallecido duque de Loulé, e bem assim o morgadinho pertencente a Francisco de Sousa Faisca.

E' a freguezia atravessada pela estrada districtal de Faro a Lagos e ainda pela estrada para Paderne. Dista da estação do caminho de ferro de Boliquême 1:450 metros.

Tendo a antiga egreja paroquial em Boliqueme Velho caído com o tremor de terra de 1755 foi erguida outra egreja na actual povoação em 1759. Em a sua freguezia e no sitio de S. Faustino existe uma ermida, dedicada a este santo.

E' orago d'esta freguezia S. Sebastião, e tem paroco e coadjutor. Segundo o *Mappa geral estatistico das Congruas arbitradas aos Parocos e Coadjutores* de 1864-1865, a congrua arbitrada ao paroco de Boliqueme é de 400$000 reis e ao coadjutor de 100$000 reis. Conta actualmente 1:200 fogos. Tem por freguezias limitrofes Paderne, Alte, Albufeira e Loulé (S. Sebastião). Dista de Loulé, séde do concelho e comarca 13 quilometros e 25 quilometros de Faro, séde do distrito.

As principaes festas que se realizam em Boliqueme são: Nossa Senhora das Dores, S. Luiz e Sagrado Coração de Jesus. Tem o mercado da Consolação, de antiga data, e de N. Senhora das Dores, no 2.º domingo de Setembro. Tem differentes largos ou praças.

A sua principal ribeira é a do Algibre, que banha a freguezia num percurso de 20 quilometros, e vai entrar em Quarteira. As pontes mais importantes são: a ponte de Albufeira, do Barão e do Castello. Tem 5 moinhos d'agua, 6 de vento e 4 lagares de azeite.

Produz além dos fructos acima designados muita madeira de pinho.

De pessoas que se tornassem notaveis pela sua força herculea apenas ha menção de Manoel Fernandes Bexiga, de que mais adiante fallaremos, e de uma Maria das Neves,

mulher tão forte, que nenhum homem se atrevia a lutar com ella. Quando o marido lhe fazia alguma partida, contentava-se em atiral-o para cima do telhado da moradia e ali tinha de permanecer emquanto ella quizesse.

Por occasião do tremor de terra de 1755, a que já nos referimos, chegou o mar até á casa do solar do duque de Loulé, ou morgado de Quarteira, uns tres quilometros distante da praia.

E' a freguezia de Boliqueme bastante sadia, e apenas no verão se manifestam algumas sezões na parte sul da freguezia, devidas talvez ás aguas estagnadas da ribeira, em alguns pontos.

Tem escolas officiaes de instrução primaria para o sexo masculino e feminino, e algumas escolas particulares de primeiras letras, pagas pelos paes das crianças.

Tem uma filarmonica rasoavel. Na séde da freguezia não tem hotel ou hospedaria, mas a pequena distancia, á fonte de Boliqueme, tem uma casa que recebe passageiros.

Em um sitio, o de Arretorta, na freguezia de Boliqueme, em propriedade pertencente ao Visconde da Ourada, teem sido encontradas algumas moedas romanas, jazigos e artigos de ceramica. Diz a tradição que existira naquelle sitio uma cidade romana.

Em 1874 foi construido o actual cemiterio a uns 250 metros distante da povoação.

Está a população de Boliqueme distribuida pelo povo e pelos seguintes sitios: Povo Velho (antiga séde da freguezia até 1755), Casas de Leiria, Canada, Agostos, Cabo, Malhadáes, Barrocosa, Marcos Mendes, Ribeiro, Aroal, Valle da Vacca, Zambujal, Cabeço dAguia, Serro de Alcaria, Lombada, Valle Rodrigo, Valle de Silves, Arroteia, Estella Montes, Charneca, Valle, Portella, Figueiras, S. Faustino, Estrada, Parreira e Ladeira, Corgo, Casas Costas, Carvalhos, Abelheira, Campina, Valle Côvo, Monte de João Preto, Estibeira, Bemfarras, Serro, Maritenda, Patam e Praia.

Hoje a freguezia de Boliqueme faz grande differença para melhor do que era aqui ha trinta annos. Tem, como acima dissemos, filarmonica, farmacia e estação postal de 4.ª classe, cujo empregado é realmente mal pago.

*

* *

No sitio do Serro e Alcaria, segundo a informação, ha uns annos, de Manoel Martins Mogo, de Alfontes, foram encontradas umas sepulturas com *botijinhas* dentro.

Chamam ali *botijinhas* a umas vasilhas pequenas, cilindricas, de barro.

CAPITULO XII

Querença

Nome é este extranho e que no antigo português significa *logar onde se criam falcões,* ou *sitio que os animaes preferem.*

Não nos consta pela tradição que algum facto originado naquellas duas acepções desse aquelle nome ao logar. Sabe-se que em 1565 já tinha aquelle nome. Os visitadores de Santiago dizem de Querença o seguinte:

« Visitamos a capella de Querença, que está em um alto despovoado. E' capella curada. A egreja está como vimos na ultima visita (1518) e tem mais o retabulo na capella, de cinco paineis, bem pintado e um *encanamento* no meio em que está a imagem de N. Senhora e um sacrario em baixo; e da banda do evangelho tem de novo a sacristia de pedra e cãl, de telha vã. O corpo da egreja está bem lageado, madeirado de novo, de telha vã.

« Visitamos a Pia baptismal, a qual está, entrando pela porta principal, á mão esquerda. A Pia é de pedra, mas está quebrada e por isso mandamos se faça outra de novo.

« Está esta capella uma legoa da egreja matriz e outra de S. Sebastião de Salir, e ha dois ribeiros para a villa e outros dois para Salir, e alguns freguezes teem entre si e a capella alguns ribeiros.

« Achamos por capellão Jorge Caieiro, clerigo do Abito de S. Pedro, provido na dita capella pelo Bispo com uma carta de Cura, e os freguezes lhe pagam seu estipendio, e lhe dá cada freguez dois alqueires de trigo e um de cevada, e o pé do altar é como o da matriz.

« Achamos que havia nesta freguezia sessenta até setenta freguezes, espalhados por montes.

« Achamos estar esta egreja de tudo bem provida. »

Outros escrevem que o nome de *Querença* que, em português antigo, tambem significa *affecto, amor, boa vontade,* deriva do extremo desejo que os habitantes de Querença de principio mostraram sempre em conservar a sua independencia das mais freguezias. Os de Salir queriam e pediam aos superiores legitimos que lhes fosse annexada aquella freguezia, mas os moradores desta permaneciam na sua *querença,* invocando-a a favor da sua independencia. Estamos por esta origem.

«Esta freguezia — diz a *Corografia do Reino do Algarve* — espalhada por casaes, é situada em terreno aspero e barrocal. A egreja apenas está acompanhada pelas casas do paroco e do sacristão e por poucas mais. A pequena distancia fica a aldeia da Tôr, onde está a ermida de Santa Rita. Na parte meridional tem um bom ramo de oliveira e lagar de azeite. Perto da serra ha mina de cobre, e existem vestigios de que foi lavrada.

«Correm nesta freguezia duas ribeiras: a das Mercês pelo sul, indo de E. para O.; e por este lado a de Benemola; ambas muito caudalosas e se reunem tomando o nome de *Tôr.* Passa esta então de E. para O., por baixo de uma grande ponte, muito antiga e de cinco arcos (dizem, mandada lançar por El-Rei D. Sebastião). Une-se-lhe ainda a ribeira do Algibre, e muda o curso, tomando de N. para S., indo passar pela ponte de Quarteira, e dahi ao mar. Tem varios moinhos emquanto corre pela freguezia... No verão quando a ribeira se seca, uma fonte, que existe na sua margem, dá agua sufficiente para fazer moer os moinhos, que estão construidos na sua corrente. Tem esta agua a virtude de fazer expellir as sanguesugas que os animaes tenham bebido em outras aguas, pois ella não as cria.»

Nesta freguezia existem altos serros como indicamos, quando fallamos da orografia do concelho de Loulé.

Tem uma professora official para crianças de ambos os sexos.

Ao obsequio especial do muito reverendo paroco desta freguezia, o nosso amigo José Pedro Leal, devemos as seguintes curiosas informações:

«Esta paroquia tem a denominação de *Nossa Senhora*

da Assumpção de Querença, e, attendendo a que se encontra nos livros mais antigos do registo paroquial aqui existentes, julgo que assim sempre se tem denominado. Conta hoje (1905) 560 fogos. Além da pequena povoação, onde se encontra a egreja paroquial, composta de 20 habitantes, ha a chamada aldeia da *Tôr* ou *Atôr,* que tem aproximadamente 60 habitantes, todos em casas mais ou menos dispersas.

As principaes herdades denominam-se: *Morgado* e *Moinho da Passagem,* sendo proprietario daquelle o tenente-coronel Henrique Xavier Cavaco, e deste Joaquim Antonio da Assumpção; aquelle residindo actualmente em Faro, este em Loulé.

E' esta freguezia limitada ao norte pela de Salir, ao sul pelas de S. Clemente e S. Sebastião de Loulé, a nascente pela de S. Braz de Alportel, e ao poente pelas de S. Sebastião de Loulé e Alte. Dista 6 a 7 quilometros da séde do concelho e comarca e 20 a 22 da séde do bispado e do districto.

Infelizmente não ha estrada de Mac-Adam da séde desta freguezia para a séde do concelho. Em 1899 pensou-se ainda em fazer esta utilissima estrada, fazendo-se ainda as respectivas medições; mas tudo ficou como dantes. E' esta freguezia atravessada na extensão de 2 quilometros pela estrada de Loulé para Salir.

Ha nesta freguezia além da egreja paroquial mais duas egrejas, ermidas ou capellas.

A egreja paroquial mede 30 metros de comprimento e 8 de largura. Não se conhece a data da sua construcção. A' entrada existe um alpendre de abobada sobre o qual está o côro da egreja. Ao lado do altar-mór, do lado direito de quem entra no templo pela porta principal, existem os altares de Santo Antonio e do Senhor Jesus; do lado esquerdo os altares da Senhora do Rosario e de S. Pedro. Os altares de Santo Antonio, Senhor Jesus e Senhora do Rosario teem obra de talha muito apreciavel. A capella-mór é de abobada e o corpo da egreja é forrado de madeira. Todas as imagens estão em bom estado de conservação e são perfeitas.

Ao lado norte da egreja está a torre, com dois sinos. Durante as luctas de 1833 esteve esta egreja cercada, pelo lado sul, por uma enorme parede, havendo tambem um

fósso. Diz-se que deste modo serviu de castello de defeza ás tropas liberaes. Ainda hoje se descobre o alicerce dessa parede.

A ermida ou capella de N. Senhora de ao Pé da Cruz foi destruida pelo terremoto de 1755. Em 1861 foi reedificada, devido aos exforços do então paroco desta freguezia, Joaquim da Costa Mialha, com o auxilio de alguns paroquianos. Tem um só altar, onde se venera a imagem da Senhora. E' toda forrada de madeira. Actualmente necessita de muitos reparos, pois o seu estado ameaça ruina.

A ermida ou capella de Santa Rita fica situada a 4 quilometros da egreja paroquial, na aldeia da Tôr. E' toda de abobada. Tem um só altar, onde se venera a Santa, de muita devoção. E' rasoavel o seu estado de conservação. Tem tambem uma torre pequena com o seu sino.

As festas principaes desta freguezia, além da Semana Santa, em alguns annos, são: a da Senhora da Assumpção, sua padroeira, em 15 dagosto, e a da Senhora da Graça, tambem vulgarmente conhecida pela festa dos *folares,* na segunda-feira, depois da Pascoa. Ambas são muito concorridas pelos moradores da freguezia e pelos extranhos.»

Como já dissemos, é pequena a povoação, pois só tem uma rua, que dá ingresso para o unico largo.

Tem esta freguezia ribeiras importantes, que, se nas grandes enchentes causam ruinas ás propriedades limitrofes, no maior espaço do anno muito a fertilizam e enriquecem os terrenos marginaes. Atravessa esta freguezia do nascente a poente a ribeira das Mercês, e do norte a sul a ribeira de *Menalva* que se juntam no sitio chamado *Junta* indo desaguar em Quarteira, a distancia de mais de 15 quilometros. Ambas estas ribeiras teem duas fontes importantes que as alimentam, durante o verão. A das *Mercês,* tem a fonte denominada *Filipes* no sitio da Amendoeira, a da *Menalva* tem uma fonte do mesmo nome, no sitio das Vargens da Ribeira. Diz-se que nesta fonte havia obras de alvenaria, muito curiosas, ainda do tempo dos mouros, que tentavam, segundo a tradição, levar a agua ao cume de um serro, em cujo sopé ella nasce. Ainda se descobrem restos dessa alvenaria.

Estas duas fontes muito concorrem para a riqueza agricola desta freguezia, porque no verão as suas aguas são

aproveitadas para regar terrenos numa grande extensão, que ficam nas margens.

Ha ainda dois ribeiros importantes — o de Coruche que se lança na ribeira das Mercês e o do *Pireneu,* que desagua na ribeira da *Menalva.*

Nesta freguezia moem 4 moinhos de agua, um de vento e 2 azenhas.

As principaes producções desta freguezia são: alfarroba, azeite e cereaes. Ha tambem fructas em abundancia, taes como: ameixas, uvas, peras, etc.

No sitio dos Andrezes ha minas de cobre; mas sómente está registada a mina das *Ferrarias.*

Os montes mais importantes pela sua elevação são: o do *Esparto* e o dos *Negros,* de cujo cume se avista o mar numa grande extensão.

No sitio denominado a *Sallustreira* ha uma caverna enorme, que tem de comprimento uns 70 a 80 metros, e fica situada no cimo de um pequeno serro. Em toda ella se vê uma abobada de pedra, encontrando-se no meio como uma capella de 12 a 15 metros de elevação. Dali teem extraido uma grande porção de terra, que produziu optimos resultados, como adubo. Nas escavações a que procederam para extrair a terra, encontraram-se muitos ossos de seres humanos, julgando por isso o povo que aquella caverna fôra habitada pelos mouros. Já ali, em tempo, se estabeleceram uns inglezes, que fizeram grandes investigações, cujos resultados foram desconhecidos, não só por que a ninguem deram conta, mas porque levaram comsigo tudo quanto ali apuraram.

Não muito distante desta caverna, a sudoeste, ha outra caverna, chamada a *Igrejinha dos Mouros,* que é mais pequena e tem differentes compartimentos. Tem tambem uma abobada de pedra, que é sustentada por columnas. Abobada e columnas são dum lindo effeito, talvez devido á infiltração e refração das aguas.»

Antes de continuar a informar os nossos leitores, consoante a communicação do nosso illustre amigo, o rev. paroco de Querença, pedimos licença de fazer algumas considerações ácerca das duas cavernas, apontadas.

Charles Bonnet, no seu *Algarve,* confessa ter visitado as duas cavernas, a *Egrejinha dos Soidos* em Alte; o Poço

dos Mouros, na Pena, em Salir, mas não ter visitado a caverna do Guiné, no Algôz, concelho de Silves, nem as cavernas de Querença. A respeito destas diz:

«Dans les montagnes entre Salir e Querença, el y a un grand nombre de excavations naturalles, petites cavernes, crevasses, fentes plus ou moins larges. Les habitans disent meme qu'une de celles-ci, se reunit au Poço dos Mouros, mais que les passages sont bouchés maintenant. Je doute beaucoup de l'exactitude de cette communication; car entre les deux il y a des roches differentes.»

Ora da discrição feita pelo nosso amigo, o paroco de Querença, vê-se que na caverna de Querença se encontraram restos humanos que Carlos Bonnet não chegou a encontrar na *Egrejinha dos Soidos* ou no *Poço dos Mouros*. Sem querer dar valôr ás informações dos que áquelle engenheiro distinto subministrara ácerca da possivel communicação entre a caverna da *Sallustreira* e o Poço dos Mouros, não podemos deixar de crer nas informações do paroco de Querença, quando atesta, baseado nas informações, que julgou auctorizadas, que na caverna fossem encontrados ossos humanos. A existencia desses ossos comprova a habitação da caverna, e dessa habitação não se serviram certamente os mouros, mas um povo muito mais antigo, os trogloditas. E' sabido que o nosso povo não crê que anteriormente aos mouros tivesse havido outro povo. Por isso tudo o que lhe parece acusar antiguidade atribue aos mouros. Poderemos, pois, não andar longe da verdade, suppondo que a caverna da Sallustreira fosse em tempos antigos habitada por uma geração, que habitava em cavernas.

O benemerito Estacio da Veiga nas suas *Antiguidades Monumentaes do Algarve,* conta o seguinte relativamente a esta caverna que elle denomina *Solestreira:*

«Encontrei-me em 1884 com os naturalistas inglezes e allemães, sendo um delles o dr. Gadow, em Faro, aos quaes communiquei noticias respectivas á paleoethnologia do Algarve... e a proposito citei o facto de terem apparecido na caverna da Solestreira ou Sallustreira alguns fragmentos de louça antiga... Ao que parece o dr. Gadow ligou importancia a esta informação... Em 1885 foi elle

fazer um reconhecimento na Solestreira, onde achou um esqueleto humano, contas da chamada calaite e outros objectos... Está portanto provado que a caverna foi utilizada para deposito mortuario mui provavelmente no periodo neolitico ou na época da transição desse periodo para a edade do bronze, em que tambem apparecem no Algarve as celebres contas de calaite nos depositos mortuarios.

Diz ainda Estacio da Veiga: as freguezias de Querença e de Salir abundam em machados e percutores de pedra, e certo estou de que teria obtido muitos se tivesse podido demorar-me para explorar devidamente a caverna da Solestreira e com maior desenvolvimento o monumento megalitico do Serro das Pedras. A situação daquellas duas freguezias serranas, cortadas por muitos e ricos mananciaes de excellentes aguas e dotadas de terrenos de muita fertilidade, daria á população mineira que ali é denunciada por tantos vestigios de habitação as principaes condições de que carece a vida de um povo laborioso. Temos por tanto a contar da mina de Santo Estevão, em Silves, até á vendinha de Esteval, em Loulé, sempre no mesmo corte, uma detalhada região de 35 quilometros assignalados por grupos de população neolitica.»

Teem sido encontradas nesta freguezia — diz o rev. paroco — algumas moedas romanas. No sitio da Portella teem sido encontradas sepulturas cobertas de lagos, muitas sepulturas de barro e pequenos fornos.

O clima nesta freguezia é temperado e com relação ás molestias endemicas só conhecemos as chamadas sezões, no verão, geralmente atribuidas ás aguas estagnadas nalgum pego das ribeiras.

Tem esta freguezia o seu cemiterio a uns cinco metros de distancia da egreja paroquial, que foi construido em 1878.

No anno de 1871, reconhecendo-se a necessidade de alguns reparos na egreja, mandou-se reformar o seu forro e soalho, celebrando-se então os actos divinos na ermida de N. S de ao Pé da Cruz.

Em 1878 houve uma horrivel tempestade que pairou por algum tempo nesta freguezia, caíndo uma faisca electrica, que causou alguns prejuizos na torre e egreja.

No dia 4 de novembro 1904, durante a noite, tendo caído algumas chuvas no sitio de Alportel, da freguezia de

S. Braz, engrossaram por tal fórma a ribeira das Mercês, que esta, trasbordando, causou graves prejuizos nesta freguezia. A cheia arrastou na sua corrente muitas arvores. Numas hortas lançou grande quantidade de pedras, e noutras arrancou toda a terra com o que nella existia. Foram os prejuizos avaliados em dezenas de contos.

Os sitios habitados desta freguezia são: Povo, Monte das Figueiras de Cima, Portella, Pombal, Valle de Mulher, Passagem, Barrocal, Monte, Vargens de Querença, Adega, Arneiro, Borno, Cardazal, Arrancada, Corte Garcia, Marmeleiro, Taipa, Serro, Boicinha, Barranco, Portella de Valle d'Alcaide, Valle d'Alcaide, Serro da Corte, Tojeira, Carrasqueira, Corcitos, Arneirinho, Cerca Nova, Pirineu, Almarjão, Serro do Minhoto, Amendoeira, Alcaria do Gato, Penedos Altos, Charneca, Altura, Castelhana, Nora, Andrezes, Monte das Figueiras de Baixo, Vicentes, Ponte, Valle de Linhoso, Tôr, Funchaes, Fojo, Serro das Covas, Barrada, Calvetes, Serro do Passarinho, Corte do Neto, Vargens da Ribeira e Soalheira.

Os serros mais importantes desta freguezia são: Serro dos Negros a 432^{m}, Cepo a 436^{m}, Esguichos d'Agua a 358^{m}, Corte a 259^{m}, Boicinha a 400^{m}, Penedos Altos a 377^{m} e outros.

Na Carta Prehistorica, já atraz citada, figura esta freguezia, como importante séde das edades prehistoricas. Ao periodo paleolithico pertencem as duas cavernas acima nomeadas, uma das quaes é designada pelo nome de *Solestreira;* ao neolitico pertencem os instrumentos de pedra polida encontrados nesta freguezia; á edade dos metaes pertence a mina com trabalho antigo na Vendinha do Esteval.

E' costume, de mais de dois seculos, nesta freguezia, desde o *Natal* até dia de *Reis,* representar pelas casas dos lavradores mais abastados a *Pratica dos Tres Pastores,* sendo as despezas por conta da confraria do S. S., revertendo para esta as esmolas dadas pelos lavradores (D).

CAPITULO XIII

Salir—(antigamente—Sellir)

Não é facil descobrir a origem do nome da actual povoação. Aos redactores do *Domingo Illustrado* pareceu isso tão facil, que, sem a menor duvida, começam o seu artigo, assim:

«Salir—Funebre denominação de terra esta é! Salir quer dizer: morrer! Quem de tal sorte chamou a povoação não era de muito alegre caracter.»

Já em um livro—*As Mouras Encantadas e os Encantamentos* no Algarve—escreviamos o seguinte:

«Salir é povoação muito antiga. Razões de grande peso me convencem de que o seu nome, no tempo dos Serracenos, e talvez antes, fôra *Castalar*.

«No *Roteiro* de um *cruzado* que assistiu á conquista de Silves, em tempo de D. Sancho I, ha o seguinte periodo:

«De Silves até o rio Guadiana são tres dias de marcha, no decurso dos quaes estão situadas as povoações de Faro, Loulé, *Castalar*, Tavira, Mertola e Serpa.»

«Pela ordem observada naquelle periodo vê-se que a povoação de Castalar estava entre Loulé e Tavira; ora não se encontra hoje e nem consta pela tradição ou por monumentos ou ruinas, que entre estas duas povoações existisse outra, em condições, a não ser Salir.»

Como explicação ao Roteiro ha uma nota em latim, que atribuem a Constancio Gazerra, secretario da real academia de Turim, a cujos desvelos e cuidados se deve a descoberta d'aquella obra, que diz: *Castalar, locus quondam situs en prealta rupe ad flumen Alcaria, cujus rudera adhuc appellantur Castellos.*»

«Esta descrição accomoda-se perfeitamente ao outeiro, onde, naquelle tempo, estava fundada Salir, a uns cem me-

tros do lugar que hoje occupa. O rio Alcaria, hoje uma ribeira com a mesma designação, os *castellos* e a *alta rocha*, ainda ali existem para atestar as nossas affirmações. A fotografia do local fornece a sua melhor prova.»

Ora, consta pela tradição que, quando Castalar (Salir de hoje) foi repentinamente atacada por D. Paio Peres Correia, depois da tomada de Tavira, os serracenos, vendo-se perdidos, gritavam: *Salir*, *Salir*, (sair, sair) como effectivamente sairam do castello indo fortificar-se nas alturas da Rocha da Pena. E por isso affirmam que a origem do nome dirivou d'aquelle acontecimento.

Ainda outros affirmam que o nome da povoação diriva da sua posição topografica, porque está á *saida* do Algarve, quando nos dirigimos ao Alemtejo, e á *saida* da serra, quando do Alemtejo vimos para o Algarve.

Vê portanto o *Domingo Illustrado* que varias são as opiniões acerca do nome d'aquella povoação, sendo certo que para nós foi completa novidade a sua opinião.

A origem daquella povoação prende-se na noite dos tempos. Temos que aquella região foi habitada pelos celtas, ou talvez pelos preceltas. Monumentos preciosos de grande valor teem sido encontrados em toda aquella região.

Se houvesse gosto pelo estudo das cousas antigas, e dinheiro para empregar em cuidadosas escavações, far-se-ia grande colheita de monumentos, que accusariam as civilizações arabe, romana e celtica.

Diz tambem o *Domingo Illustrado* que por occasião do tremôr de terra de 1755 foi a Rocha da Pena fendida em muitos sitios, arremessando pedregulhos a grande distancia. E' inacessivel a pés humanos e apenas visitada por aves de rapina que muitos prejuizos occasionam ao gado miudo.»

E' possivel que em tempos remotos a segunda parte d'aquelle periodo fosse a expressão da verdade; hoje não. Toda a gente vae ao cimo da Rocha da Pena, e muitas pessoas até teem descido ao algar n'elle existente e de onde pessoa extranha ao concelho, extrahiu ha bem pouco tempo muitos milhares de quilos de guano.

Este algar está descrito pelo benemerito Estacio da Veiga pela seguinte forma:

«A caverna ou algueirão... é a mais profunda da provincia e merece especial menção. Acha-se a sua entrada

sobre o planalto do Serro da Pena, que, neste logar, descai um tanto para o sul. Não se descobre a sua abertura senão quando se está junto d'ella. A montanha, em razão das muitas convulsões por que tem passado, está cheia de amontoamentos de pedra; a sua altitude junto á entrada da caverna é de 455 metros, medindo uns vinte metros de circumferencia, sobre 5 de profundidade, mas só pelo lado do nascente se pode descer... Tendo-se descido, acham-se muitas fendas, e para o nascente duas aberturas, uma á esquerda de 7 a 8 palmos, e outra mais pequena, á direita, por onde uma pessoa, de grossura mediana, pode passar e descer a uma profundidade de 12 a 15 palmos, onde se encontra uma camara illuminada pelas frestas do solo ondulado e escorregadio, com 30 palmos em todas as suas dimensões.»

Encontra-se este algueirão na parte mais elevada do serro da Pena e dizem as tradições locaes que ali descançavam os mouros nos intervalos dos combates.

Effectivamente, quando os mouros foram atacados no castello, fugiram para o Serro da Pena e ali se fortificaram. E Carlos Bonnet, explica aquelle amontoamento de pedras, dizendo: *C' est á cette epoque* qu'il faut faire remonter cette espece de muraille em pierres seches, elevé sur le «Pena», montagne á une demi lieur de Salir, et qui fut l'origine au nome de *Poço dos Mouros*, donné a une caverne, qui est dans cette montagne».

Ainda este mesmo escritor, referindo-se ao nome de Poço dos Mouros que o povo dá áquelle algar ou algueirão, diz:

«Le nom» «de Poço dos Mouros» fut donné parce quelle fut habiteé par les Maures que se batirent sur celte montagne, et se retirent dans cette caverne á l'epoque de leur expultion de l'Algarve».

Sabe-se pela historia e pela tradição que em seguida á tomada de Tavira, D. Paio Peres Correia caira como raio sobre os muros de Salir, na supposição de que ali encontraria o rei de Tavira que havia desapparecido.

Atacados os mouros nos muros e vendo-se perdidos fugiram em uma noite d'ali e foram fortificar-se sobre o Serro da Pena, onde se conservaram por algum tempo até

que d'ali fugiram tambem, indo abrigar-se á sombra do castello de Silves.

Da visitação feita pelos freires de Santhiago em 1565 deve-se concluir que não foi a actual egreja matriz que visitaram. Dizem:

«Visitamos a egreja de S. Sebastião de Salir, a qual está em alto e junto com ella vive o capellão em uma casa da mesma egreja e o Irmitão noutra. A egreja está assim e da maneira que se encontra na visitação passada (1518) e sómente tem de novo um retabulo pintado no altar-mór e dourado por partes, de cinco paineis, e ao pé delle um sacrario pequeno dourado e em cima a veronica de Nosso Senhor, pintada a oleo, e na banda do evangelho tem de novo uma casa de pedra e cal, madeirada de castanho e *forrada de cortiça,* que serve de sacristia.

«O corpo da egreja tem de novo a nave do meio forrada de bordos *d'emgado* muito boa. No altar que está junto do arco do cruzeiro da parte do evangelho está a Imagem da Senhora, de vulto, e da parte da epistola estão os arcos muito pendentes, perigosos para caír, e assim um canto do alpendre da parte do sul está aberto e assim o alpendre muito desbaratado e chove por elle.

«Tambem visitamos a Pia de batisar, a qual está á mão esquerda, entrando pela porta principal, cercada de grades. A Pia é de pedra, coberta com sua caixa de pau, os santos oleos estão em um almario de madeira, metido na parede...

«Ha nesta capella 150 freguezes... e pagam ao capellão alqueire e meio de trigo. O dito capellão é obrigado a dizer missa aos domingos e festas do anno, dias de guarda e administrar-lhes os sacramentos.

«Tem confraria de N. Senhora, que está situada no altar, onde está a Imagem de N. Senhora, de vulto.»

A *Corographia do Reino do Algarve* descreve o povo e freguezia de Salir pela seguinte fórma:

«Salir, aldeia grande, e em tempo dos Mouros villa forte, situada em uma collina donde se descobre só a freguezia de Querença. Castello arruinado a N. O., a pouco mais de um tiro de espingarda do povo, que soffreu muito

pelo terremoto: caíram 40 casas e só morreu uma menina do peito. Egreja mediocre.

«A freguezia fica entre dois ramos da serra: o primeiro dos quaes tem 3 $^1/_2$ de comprido, corre para O., e sitio do Malhão; o segundo tambem tem 3 $^1/_4$ leguas, e corre para E., e sitio dos Montes Novos. Parte d'ella é no barrocal e parte na serra, com terras de muita producção de trigo e cevada, vinhos de alicante; e muitos matos de pereiros e zambujeiros, que deviam ser enxertados; bastantes medronheiros; não poucos montados em que se criam muitos suinos; na parte da serra muita ardosia e pedra siliciosa...

«Corre por ella a ribeira do mesmo nome, a 300 passos da aldeia, e a sua agua faz moer moinhos e rega bons pomares de laranja. Junto á aldeia da Tôr a ribeira muda de nome para tomar o desta aldeia, e sobre ella, na estrada que vai de Loulé para Corte Figueira, e confluencia de varios ribeiros, ha uma ponte antiga, bem feita, muito arruinada, e que demanda reparos.

«Uma legua a N. demora uma montanha chamada a *Rocha da Pena,* cortada a prumo com meia legua de extensão, a qual pelo terremoto ficou rachada em varios pontos e despediu de si a grandes distancias pedaços de prodigiosa grandeza. E' accessivel sómente ás aguias, bufos e grifos que fazem bastante estrago no gado miudo; no cimo della ha um algar profundissimo, cuja origem se desconhece. A meia legua a O. fica outra menos alta chamada a Penina; na raiz de ambas nascem duas fontes de agua ferrea. No sitio do *Veto,* pouco mais ou menos de meia legua a S. E., tem alguns castanheiros, e mais haveria se os semeassem.»

Faz actualmente Salir grande differença do que fôra em 1841, data da *Corografia.* Nem hoje se encontram zambujeiros por enxertar, nem aguias, bufos e grifos que comam o gado miudo. O camartelo do progresso tem batido rijo nesta freguezia.

O cimo do serro da Pena, no logar onde existe o algar está a 451^m,88 sobre o nivel do mar, e o outro mais a E. está a 460^m,26, e propriamente a Rocha da Pena, no seu cimo, está a 470^m,54, sobre o nivel do mar. Tem Salir ainda outro serro importante — o Serro dos Negros, a 445^m,56, e a propria egreja da paroquia está a 267^m,30, sobre o nivel do mar.

Não obstante ser esta povoação conhecida pelo nome de Salir, é certo que nos primeiros seculos da nossa monarquia até os principios e meiados do seculo XIX o seu nome era Sellir; e desta circumstancia concluimos que a tradição em respeito ás palavras dos mouros — *saír, saír* — como origem do actual nome Salir é pura lenda.

Effectivamente entre os nossos cronistas a importante povoação de hoje, Salir, era então conhecida pelo nome de villa de Sellir. Bastam-nos dois textos:

«Por esta guiza que haveis ouvido aprouve a Deus de dar a villa de tavira em poder aos chrisptaons e despois que a deichou o mestre (D. Paio) segura de todo o que lhe cumpria foi a sellir.»

Em outro logar o mesmo auctor escreveu:

« ..quando ho mestre dom paio corrêa soube que El-Rey hia llá foiho aguardar entre loule e almodovar e na villa de sellir.»

E assim como o nome da antiga villa era Sellir segundo uma antiga *coronica,* encontrada no arquivo da camara de Tavira, assim o escreviam os nossos antigos cronistas.

Nos meiados do seculo dezenove, um escrivão do juiz ordinario de Loulé, chamado José Pedro Limão começou a escrever *Salir* e foi tal a *limonada,* que o nome pegou.

Parece, pois, como já acima escrevemos, que tudo quanto diz respeito á origem do nome Salir não tem fundamento algum.

Existe ao N. e muito proximo da povoação de Salir um alto Serro, a que chamam o Serro dos Negros.

De onde derivou tal denominação?

Será porque este serro, cujo cume se acha quasi sempre envolvido em densa nuvem, pareça imprimir uma feição escura e negra? Será porque em antigos tempos, como parece deduzir-se da tradição, um rico proprietario, empregava ao seu serviço em colher lenha daquelle serro escravos negros? Será porque para se lhe chegar ao cume só o trabalho de um negro, frase adotada para se exprimir um grande exforço?

Não é possivel resolver o problema de tal denominação, nem nesta freguezia ha quem saiba resolver um tal problema.

Este serro, quasi perpendicular, nu e escalvado, está a pequena distancia do Castello de Salir, cujos muros ainda existem, em partes, embora alguns bastante arruinados. A estes muros podemos sem grandes dificuldades chegar, tomando o caminho do Povo para o seu sitio; dificilmente, porém, de norte para sul, porque se erguem tão altos e perpendiculares, que só á força de trabalho nos podemos delles aproximar. Por isso é bem aplicada a frase do traductor do *manuscrito* sobre a tomada de Silves, quando referindo-se á situação da antiga *Castelar,* diz:

«*Castalar, locus quondam situs in alta rupe ad flumen Alcaria.*»

E logo se dá aqui a circumstancia de lhes beijar quasi os pés o rio seco, denominado Alcaria.

E' claro que em uma freguezia, onde abundam os altos serros, devem abundar as ribeiras, e effectivamente abundam: Ribeira de Salir que nasce no serro da Pena e vae desaguar na ribeira de Tôr; tem uma ponte de alvenaria no sitio do Morgado, move duas azenhas e seis moinhos; Ribeira do Vascão, que nasce no sitio do Malhão e entra pelo sitio dos Vermelhos na freguezia do Ameixial; Ribeira da Sarnadinha, que nasce no sitio do Algandur e entra na freguezia do Ameixial pelo sitio do Minhoto, fazendo moer um moinho; Ribeira da Fornalha, que nasce no sitio da Cumiada e Valle da Rosa e entra na ribeira das Sarnadinhas, e move tambem um moinho; Ribeira do Odeleste, que nasce no sitio do Valle Maria Dias e entra na freguezia de Cachopo pelo sitio da Pero Chumaso, tem um moinho; Ribeira do Freixo, que nasce no sitio das Barrocas e entra na ribeira de Salir, no sitio da Corte do Neto, e tem um moinho; Ribeira da Salgada nasce no Barranco do Velho e entra na do Freixo no sitio do Morgado.

Ha no sitio da Nave do Barão um pequeno lago, que só conserva agua até julho de cada anno. Tambem se encontra na frase do povo o rio de Alcaria, que hoje não existe, embora existam signaes desse rio nas areias.

Além da egreja paroquial existe proximo dos muros

ou castellos a Ermida de N. S. do Pé da Cruz. Estamos talvez erradamente convencidos de que esta Ermida é mais antiga do que a egreja paroquial, e cremos até que fôra ella a primeira matriz.

Dista a séde desta freguezia da séde do concelho e comarca 14 quilometros. Atravessa a Este a estrada distrital de Faro para Almodovar, e está em communicação com a séde da comarca por uma estrada de mac-adam.

Está esta freguezia distante da Estação do caminho de ferro 24 quilometros.

Tem duas escolas de instrucção primaria: uma para crianças do sexo masculino e outra para crianças do sexo feminino.

Esta freguezia está assente em zona de barrocal e zona da serra. Produz, por isso, figo, azeite e alfarroba, cortiça, mel e cera, cereaes e legumes.

Mais de uma vez temos affirmado a nossa convicção de que a freguezia de Salir foi um grande centro da população neolithica. Effectivamente nesta freguezia se encontram bastos documentos daquella antiga civilização. Diz Estacio da Veiga: «No concelho de Loulé, a noroeste do Castello de Salir e distante uns 1:800 metros, está situado o *Serro da Pedra,* ou das Pedras. E' logar que foi habitado por antigas nacionalidades, atestadas por numerosos vestigios, começando desde tempos remotissimos, como bem o mostra um outeiro ou monticulo artificial, que cobriu um *dolmen* actualmente destruido, mas de que ainda restam de pé dois *menhirs* ou esteios descobertos, um com 0m,89 de altura apparente e outro com 1m,10.

« Perto deste mais saliente ha algumas grandes pedras prostradas, que parecem ter feito parte do monumento, e consta que outras de grandes dimensões dali teem sido levadas... O outeiro conserva ainda a base circular, em cujo centro foi construido o *dolmen*... Junto ao *menhirs* mais baixo e numa excavação encontrei quatro fragmentos de silex com arestas cortantes, sendo talvez daquelles instrumentos que alguns paleothnologos denominam *frechas de córte transversal*... Encontrei ainda um fragmento de dente de javali e os tarsos de dois pequenos gallos... Finalmente com estes objectos estavam alguns fragmentos de placa de schisto com gravura e uma rodela de schisto ardosiano de côr cinzenta, que mostra ter servido de adorno,

com ornato numa face, onde ainda são visiveis dois sulcos parallelos, ou talvez um amuleto... Em toda a freguezia de Salir são frequentes os instrumentos de pedra polida. O *dolmen* do *Serro das Pedras* está situado entre duas importantissimas cavernas, ficando lhe a noroeste, em distancia de 6 quilometros, a do *Poço dos Mouros* na serra da Pena, e a sueste $^1/_4$ este, a da Sallustreira, na freguezia de Querença, a 4 $^1/_4$ quilometros. Salir fica entre o Serro das Pedras e a Solestreira ou Sallustreira.»

Já depois de descoberto aquelle *dolmen*, foi encontrado outro no sitio da lagoa ou alagoa, junto dos Palmeiros, na mesma freguezia, a uns tres quilometros distantes da séde da freguezia. Ha bem pouco tempo, quando foi descoberto, existiam ainda quatro *menhirs* fincados na terra. Não nos consta que se tivessem feito quaesquer investigações locaes.

A estes dois *dolmens* perfeitamente caracteristicos de um povo, que ainda vivia no tempo da pedra polida ou na transição da pedra para os metaes, podemos juntar vastos documentos que existem em um pequeno museu, pertencente ao rev. paroco de Salir Pedro Teixeira Ramos e encontrados nesta freguezia. Tivemos mais de uma vez occasião de examinar machados de pedra polida, amphoras, uma enchó de pedra, um pente e um anzol de bronze, dois escopros de cobre, duas pontas de lança e outros muitos objectos como moedas, etc.

Vê-se, pois, dos documentos encontrados nas freguezias de Querença, Salir, Alte e Loulé, que toda esta grande area foi habitada pelas gerações neolithicas. Estacio da Veiga, porém, que estudou profundamente este assunto, como se vê da sua monumental obra sobre as *Antiguidades Monumentaes do Algarve* vai mais longe por que diz:

«Temos, portanto, a contar da mina de Santo Estevão, no concelho de Silves, até á da Vendinha do Esteval, no de Loulé, e sempre no rumo de leste, uma dilatada região, que mede em linha recta, entre os ditos pontos, uns 35 quilometros, assignalados por tantos grupos de população neolithica, quantas são as minas com trabalhos prehistoricos.»

Tem Salir a sua feira annual que se realiza em 14 e 15 de setembro.

Das freguezias deste concelho é a que regista mais altos serros, sendo os principaes: Rocha da Pena a 480 metros sobre o nivel do mar, Serro dos Negros a 475^{m}, Barrigões a 496^{m}, Macheira a 520^{m}, Valle da Rosa a 530^{m}, Monte Zebro a 541^{m}, Covão a 492^{m}, Morta da Guerra a 521^{m}, Cabeça da Areia a 375^{m}, Cabeça Ruiva a 343^{m}, Cabeça da Vacca a 424^{m}, Algandur a 452^{m}, Sobreira a 449^{m} e outros.

Conta 1:184 fogos distribuidos pelo povo e seguintes sitios: Castello, Porto das Covas, Pé do Coelho, Monte das Figueiras, Monte do Poço, Coruja, Arneiros, Varzea, Almargem d'El-Rei, Besteiros, Casa Nova, Casas Novas, Fonte do Ouro, Lagôas, Palmeiros, Serro dos Palmeiros, Moinhos, Morgado, Pomar, Ponte, Medronhal, Corte do Neto, Nave dos Mialhas, Nave do Barão, Lagar, Portella, Covões, Serro das Casas, Casas de Martim Annes, Pena de Cima, Pena de Baixo, Valle do Alamo, Rocha, Arneiro da Rocha, Alcaria, Vinha, Brazieira, Freixo de Cima, Freixo de Baixo, Barrozas, Pé da Serra, Limeira, Malhão, Moita Redonda, Corte do Fidalgo, Vascanito, Egoas, Cravaes, Sobreira Formosa, Algandur, Valle do Algandur, Serro do Algandur, Pé d'Elvas, Besteirinhos, Cumiada, Valles de Maria Dias, Cortelha, Serro Alto, Barranco do Velho, Valle Côvo, Quintam, Tourís, Casa Branca, Cabeça da Vacca e Carrasqueiro.

Confronta esta freguezia do Norte com o Ameixial, Santa Cruz e S. Barnabé, do Nascente com S. Braz dAlportel, Cachopo e Querença, do Poente com Alte e do Sul com S. Sebastião de Loulé.

Na *Carta Prehistorica* de Estacio da Veiga figura esta freguezia com o seu dolmen *sub-tumuli* encontrado no sitio do Serro da Pedra. Era o unico, então descoberto. Todos os outros instrumentos de pedra polida foram mais tarde colligidos, sendo parte destes, como o dolmen proximo dos Palmeiros, descobertos pelo nosso amigo, o muito digno escrivão, Joaquim Antonio Teixeira.

CAPITULO XIV

Noticias historicas relativas ás freguezias ruraes

Neste capitulo, á semelhança do que fizemos em seguida a Loulé, vamos mencionar algumas notas ou noticias historicas relativas ás freguezias ruraes, consignando-as a eito.

*
* *

Por occasião do tremor de terra de 1755 caiu o templo de Boliquême, então em Boliquême Velho. Emquanto o novo templo, na actual povoação, se não concluiu, celebravam-se os officios divinos em uma casa hoje pertencente a Francisco Gonçalves Pincho, e servia de torre uma oliveira, onde estava o sino, pendente de um forcado de madeira, que ainda existe e serve de recordar tão horrivel catastrofe, que tantas ruinas causou e fez tantas victimas.

*
* *

Por uma Carta Passada em Lisboa a 28 d'agosto de 1401 fez El-Rei D. João I mercê ao bispo de Silves, D. Martinho, de um privilegio para que — aquelle azenheiro, que ora tem ou tiver nos engenhos que ha no seu logar, a que chamam Alte, no termo de Loulé, seja daqui em diante escusado de ir servir por mar nem por terra a nenhumas partes que sejam; e outrosim de pagar nenhumas peitas, nem pintas e talhas empreitadas e serviços, que pelos concelhos sejam lançados; e assim mesmo de ser tutor nem curador

de nenhumas pessoas, e de ir com presos nem com dinheiros, e de pagar em outros nenhuns encargos d'este concelho. (Lei III da Chancellaria de D. João I, fl. 20ᵛ).

Qual e onde seria esta azenha do bispo?

*
* *

Em 17 de março de 1754 faleceu no sitio da Boicinha, freguezia de Querença, Simão Gonçalves, na edade de 116 annos. Enviuvou, tendo 109 annos, depois de ter estado casado durante cincoenta annos. Do segundo casamento teve uma filha, quando elle já atingira 110 annos.

Nunca foi sangrado nem consultou medico ou cirurgião, naturalmente por ser contemporaneo de Bocage, que escreveu:

Um homem rico, outro pobre,
Grave molestia prostrou.
Qual d'elles morreu? O rico
Que mais remedios tomou.

Pouco antes de morrer, Simão Gonçalves ia a pé ouvir missa á séde da sua freguezia, distante uma legoa. Nunca viveu ocioso; socegado, amante da pobreza, sustentava-se com pão e mel, coelhos e perdizes. (Torre do Tombo)

*
* *

Em 16 de outubro de 1746 celebrou se na egreja de S. Domingos de Lisboa o auto publico do Santo Officio, e na lista dos penitenciados appareceu Thereza Brites de Jesus Maria José, que assistia no Convento das religiosas do Espirito Santo de Loulé, com habito de donata, solteira, natural da freguezia de Boliquême, por fingir extasis, raptos, visões, revelações e outros favores sobrenaturaes, com intento de ser reputada por mulher de virtude e santidade, e

por praticar certas acções deshonestas contra a castidade com o seu director espiritual, affirmando que assim lhe aconselhava uma voz, que ouvira na oração; em consequencia do que foram ambos presos. Posto que o prelado D. Ignacio de Santa Thereza, fosse homem douto, dotado de virtudes, e zelozo pelo bem da Egreja, deixou-se illudir pela referida donata e seu director espiritual. Capacitou-se, por ella o affirmar, que não estava batizada, e a mandou batizar pelo sobredito confessor das religiosas; e persuadido ainda que não estava bem batizada, a batizou elle de novo terceira e quarta vez *sub conditione*. Alguns conegos, indignados e maus, tomaram a mal este procedimento do bispo, e imputaram-lhe tratos illicitos com a donata, e por instigações de certo conego, quizeram suspender o bispo, que se queixou ao Papa Bento XIV, mandando este sindicar do facto pelo Nuncio Apostolico, de cuja sindicancia resultou a innocencia do Bispo e a condenação da donata.

Infelizmente não foi este caso de visões e revelações unico em Boliquême.

*
* *

Ao entrar na caverna — a *Egrejinha dos Mouros,* na freguezia de Querença, e já na parte interior, encontra-se uma pedra, que antes tinha mais de um metro de altura, hoje já mais pequena, e que o povo daquella redondeza denominava a *Estatua* e outros a *Moura Encantada.* Tinha braços e cabeça, dizem os que a viram ha muito tempo, aquelles e esta grosseiramente desenhados. Ora tendo sido esta caverna talvez habitada no seu principio, como parecem atestar os ossos humanos ali encontrados, será possivel atribuir-se a Estatua á obra do homem nos primitivos tempos?

*
* *

Na estrada camararia de Loulé para Salir, antes de chegar á aldeia da Tôr, existe uma ponte antiga, chamada a Ponte da Tôr. Esta ponte, segundo a tradição, foi mandada construir no tempo de El-Rei D. Sebastião. E' uma

ponte solidamente construida e que tem resistido ás enormes cheias. Quando se tratou do lançamento daquella estrada, um curioso teve a habilidade, para lhe não darmos outro nome, de arrancar um dos escudos da antiga ponte ali collocados certamente quando a mesma foi construida. Teria desculpa o roubo ou como melhor se possa chamar em direito se fosse levado para algum museu de antiguidades, mas o auctor da façanha entendeu por melhor guardal-o em casa, como prenda de familia, se é que o não vendeu a algum extrangeiro.

*
* *

Em 1883 esteve em Alte o barão de Maltzan, natural de Mecklembourg, acompanhado de sua esposa e comprou alguns machados de pedra, que tinham sido encontrados na Fonte Santa, 2 quilometros ao sul d'Alte. No Monte Julia da mesma freguezia foram achados dois *machados* de pedra: um com perfeito gume cortante, produzido por duas facetas convergentes, sendo em geral todo picado e um tanto lascado na extremidade inferior. Comprimento 0m,102, largura 0m,049 e espessura 0m,36; o outro mui semelhante ao antecedente, tendo porém as facetas do corte bem determinadas.

No sitio dos Paneachos ou Paneaes, da mesma freguezia, a 3 quil. d'Alte, foi encontrado um *machado,* todo polido, com o cume determinado por duas facetas convergentes, estando lascado num lado junto ao corte. Mede 0m,102 de comprimento, 0m,055 de largura e 0m,039 de espessura.

Do encontro destes objectos concluiu Estacio da Veiga que a mina de cobre de Alte foi primitivamente explorada na ultima fase do periodo neolithico e continuada a sua exploração quando o minerio que ella foi produzindo pôde ser aproveitado para a fabricação dos primeiros instrumentos de cobre.

A'cerca do minerio de cobre das minas d'Alte disse o engenheiro Ferreira Braga: é da mais subida lei que tem apparecido no paiz.

*
* *

A uns tres quilometros ao sul de Querença está situada a Vendinha do Esteval numa zona de jurassico superior e não longe do contacto da formação de grés vermelho até hoje chamada triasica, em que assenta uma parte da freguezia. Entre a povoação de Querença e a mina da Vendinha corre até Paderne um fundo e sinuoso valle com extensão superior a 20 quilometros, sulcado pela ribeira das Mercês, Benemola ou Manemola, Ribeira, da Tôr, Algibre e Paderne. Pois, medindo-se em linha recta uns 35 quilometros da Vendinha a Santo Estevão, vê-se que todo este terreno constitue uma opulenta zona cuprifera, abundantemente enriquecida de caracteristicos prehistoricos, incluindo a grande maioria de artefactos de cobre, bem significativos. Os objectos encontrados na Vendinha, quando o conde de Farrobo tentou desentulhar a mina, revelam civilização antiquissima. Foram ali encontradas *cunhas de cobre,* machados de pedra. Ora vindo os fenicios á peninsula com o engodo das minas, alguem aqui já trabalhava no descobrimento do minerio.

*
* *

Nos livros do registro paroquial da freguezia d'Alte encontra-se uma *Memoria,* datada de tres de abril de 1844, que diz assim:

«Em dia 3 de maio de 1844, das onze horas até ás duas da tarde, chuveu na area desta freguezia, com tanta abundancia, que pareceu um diluvio. Formou-se o temporal, dos lados de S. Bartholomeu de Messines, uma parte desencadeou-se e cortou pelos sitios da Julia, Benafim Pequeno, Freixo e Penina, e outra parte pelas aguas Frias e Zambujal, e foi tanta a agua que chuveu e em tão curto espaço de tempo, que causou pasmo á gente mais velha da povoação. Encheu a ribeira extraordinariamente; o pomar do capitão José Candido foi assaltado pela agua; e galgou a ponte, indo espraiar-se em enorme corrente pela Varzea. Parecia tudo um mar até ás paredes da povoação. Inundou o pomar de cima, onde mora José Martins, rasgou toda a

terra, derrubou a parede que guarnece o pomar e em seguida avançou contra as propriedades seguintes, inundando tudo. Não ha exemplo de tamanho diluvio e em tão pouco espaço de tempo. Por ser digno de consideração este successo, escrevi esta lembrança. Advirto mais que o pomar de baixo se alagou todo com esta enchente, perdendo-se uma grande parte das sementes lançadas á terra. O mesmo succedeu ao pomar do dito José Candido, em que a agua tudo destruiu».

*
* *

Quando D. Affonso III desceu ao Algarve para ir pôr cerco a Faro, foi D. Paio Peres Correia esperal-o ao caminho, entre Loulé e Almodovar. Conta este facto um velho escriptor pelas seguintes palavras:

«...quando ho mestre dom payo corrêa que era vassalo d'El-Rei dom affonso soube que ia lho foyo aguardar entre loulé e almodovar e na villa de salir e alli se viu El-Rei com elle e as gentes todas juntas forao cercar faraó.»

Ora por essa occasião deu-se um caso que ainda hoje se conta em Salir desde aquelles antigos tempos. Apresentou-se a El-Rei um mancebo de Salir, pedindo o alistasse entre os seus homens darmas. El-Rei respondeu-lhe: és ainda muito novo, pois nem ainda seguras um pente na barba. Ficou o mancebo descontente e voltou pouco tempo depois, repetindo o pedido feito.

—Já te disse: és muito novo, pois não seguras um pente na barba.

O mancebo então tirou um pente do bolso e afincou-o na barba, ficando os dentes mettidos na carne.

Admirou-se o monarca deste procedimento e ordenou que fosse alistado entre os seus soldados.

No cerco contra Faro o rapaz de Salir fez proezas inauditas, chamando a attenção do proprio monarca, que estava pasmado de tanta bravura numa criança. Ao findar o combate, chamou o rei o mancebo e abraçou-o deante dos seus soldados, exclamando:

—Ah Gil, Gil, quem de ti tivera mil!

O rapaz chamava-se Gil.

*

* *

Estudos modernos levaram á convicção de que sobre a terra, nos tempos prehistoricos, houve tres grandes periodos, — o paleolithico em que o homem só se servia dos instrumentos de pedra tosca e mal talhada e habitava as cavernas, por isso chamado o homem das cavernas ou troglodita; o neolithico em que os instrumentos de pedra se encontram polidos, e a civilização caminha de forma, que o homem já construe cabanas, talaiotes, ou casas altas, sem portas, e para ellas subindo por degraus mettidos na parede em zig zag, e palafitas ou habitações nos lagos; e o periodo dos metaes, a começar pelo cobre.

Parece que neste concelho houve a civilização paleolithica, como atestam as cavernas dos Soidos em Alte, da Pena em Salir e a caverna de Salestreira em Querença; como, porém, sob este ponto de vista nenhuns estudos ainda foram feitos, trataremos apenas da civilização neolithica documentada com as investigações da sciencia.

Neste proposito transcreveremos os famosos periodos do curioso livro de Estacio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve,* relativos ao concelho de Loulé, começando logo pelas cavernas, que na opinião dos sabios constituem um caracteristico da civilização paleolithica. Teremos de repetir alguma cousa que já deixamos escripto.

«Na vertente de sueste da rocha dos Soidos, acha-se a entrada da caverna ou Egrejinha dos Soidos, ao norte d'Alte um quarto de legoa, ao nivel do chão, e é tão apertada que só com difficuldade se vence a sua passagem. Para ali se entrar é mister levar luzes. E' grande, de fórma circular, de abobada muito elevada, á feição de cupula, a primeira camara. As stalactites, assaz grossas e separadas uma das outras, formam com as stalagmites umas columnas similhantes ás das egrejas. Para o lado do nascente ha diversas passagens que se dirigem ás cavidades baixas, e estas parecem capellas. Em razão de tal configuração deram os habitantes das localidades proximas a esta caverna o nome de *Egrejinha*... Nas proximidades da entrada ha muitas fendas e buracos, que communicam com outras cavidades.

«...Ora já notei que em Alte e Fonte Santa, ao sul do Sobradinho, são frequentes os instrumentos prehistoricos, abundando os machados de pedra e os de cobre, o que provam ter aquella região sido habitada pelas antigas raças que senhoreavam o solo desta provincia.»

Em outro logar escreveu:

«Na Fonte Santa, mui perto d'Alte, teem apparecido muitos machados de pedra e outras antiguidades. Em Alte abundam os machados de pedra polida; e no Monte de Julia appareceu um que vou indicar, tendo-se porém achado outros junto ao poço e galerias da antiga mina em terreno de Francisco Leal·

«*Machado* com perfeito gume cortante, produzido por duas facetas convergentes, sendo em geral todo picado e um tanto lascado na extremidade inferior. Comprimento 0^m,102, largura 0^m,049, e espessura 0^m,036.

«Ainda no Monte de Julia adquiri outro, muito semelhante áquelle, tendo porém bem determinadas e polidas as facetas.

«Nos Paniachos, a 3 quilometros d'Alte, obtive um machado de pedra, que um pastor de gado tinha achado: *machado* todo polido, com o gume determinado por duas facetas convergentes, estando lascado num lado junto ao corte. Mede 0^m,102 de comprimento, 0^m,055 de largura e 0^m,039 de espessura.»

Alte offerece-nos pois os caracteristicos das edades neolithicas. Offerece-nos tambem documentos da edade do cobre, egualmente prehistorica.

Escreveu Estacio da Veiga:

«O minerio de cobre da Atalaia d'Alte — diz o engenheiro Ferreira Braga — é da mais subida lei que tem apparecido no paiz. O seu jazigo abrange um grande traço da região central da provincia. Os trabalhos antigos foram parcialmente atacados pela empreza do conde de Farrobo, mas hoje não se pode saber ao certo até onde chegou o malogrado concessionario, porque as passagens estão obstruidas. Consta, porém, que numerosos machados de pedra e outros

varios objectos foram extraidos do interior da mina. Esses objectos desappareceram...

«São mais cuidadosos os extrangeiros. Em 1883 esteve em Alte o illustrado barão de Maltzan, acompanhado por sua esposa que comprou alguns machados de pedra e de cobre e logo tomou apontamento de terem sido achados na Fonte Santa. Ao sul da Fonte Santa teem apparecido muitos machados de cobre.» (E)

Na freguezia de Querença existem as cavernas já indicadas, quando descrevemos aquella freguezia; e ali dissemos que da caverna da Solestreira ou Salustreira o dr. Gadow extraiu um esqueleto humano, acompanhado de contas chamadas de calaite, que egualmente teem sido encontradas nos paizes extrangeiros em os monumentos neolithicos.

Na mina denominada a *Vendinha do Esteval,* na freguezia de Querença, situada numa região abundantemente enriquecida de caracteristicos prehistoricos, foram encontrados artefactos de cobre; o que, na opinião de Estacio da Veiga, não deixa de ser muito significativo. Junto e dentro desta mina de cobre foram egualmente encontrados instrumentos de pedra. A este proposito escreve o mesmo auctor:

«E porque não poderei eu attribuir aos homens que usavam machados de pedra, como armas de guerra e instrumentos de trabalho, o descobrimento e lavra, embora imperfeita, de algumas minas do Algarve, quando a todo o espirito occorre que o primeiro metal seria necessariamente extrahido da terra pelo emprego de instrumentos de trabalho não metallicos?»

Em Salir não são de menor valia os documentos ali encontrados das civilizações prehistoricas. Já, escrevendo de Salir, indicamos os documentos que abonam a existencia da civilisação neolithica nesta região de Salir.

E assim temos nas tres freguezias de Alte, Salir e Querença provas evidentes da civilização neolithica naquella vasta região. Existindo, pois, *dolmens* na freguezia de Salir, machados de pedra e cavernas nesta freguezia, Alte e Querença, por que não poderiam ser os indigenas habitantes deste solo, na época neolithica, descendentes dos paleolithas, sendo estes os habitantes das respectivas cavernas? Por isso

é nossa opinião que aquellas tres freguezias, constituindo séde muito povoada da civilização neolithica, fôram egualmente séde da paleolithica. Não é porém sómente esta parte do concelho de Loulé que offerece documentos daquellas civilizações.

Escreve Estacio da Veiga no seu monumentoso livro já citado:

«A villa de Loulé póde dizer-se que assenta os seus alicerces no centro da zona mais ampla e desafrontada do *jurassico superior*. São numerosas as cavernas nesta região, comprehendidas entre a faxa do trias, ao norte e as formações ao sul do cretaceo inferior e do terciario lacustre superior, atingindo ali a zona jurassica a largura de uns 12 quilometros, contada do norte para o sul, passando pelo centro da villa. A maioria dessas cavernas não tem nome conhecido; algumas, porém, tomam o nome dos sitios em que existem; tal é a caverna da Esparguina da Lapa, ao norte do Valle de Judeu, situada ao poente e a 8 quilometros da séde da freguezia de S. Clemente; e taes são as duas seguintes: a caverna do Barrocalinho, a oeste e distante 5 quilometros da villa de Loulé; e a caverna de Mattos da Nora, a sueste e a 6 quilometros da torre de S. Clemente, e mais quatro cavernas na mesma orientação comprehendidas numa area de 2 quilometros.

«São assaz conhecidas nesta região, a que pertence a Villa de Loulé, as *pedras de raio*, por terem sido achadas por camponezes. Nenhuma, porém, obtive, porque, quem as guarda, alimenta certamente o geral preconceito de que não caírá raio na casa em que existam; e por este mesmo motivo não consegui em Portimão, Silves, Alvôr e noutras terras bastantes e mui perfeitas, que só me foi licito observar. Na aldeia de Querença apenas obtive um machado de pedra. O vasto concelho de Loulé abunda pois em criterios neolithicos.

«Já se vê, pois,— continúa Estacio da Veiga — que na ultima edade da pedra foi aquelle territorio frequentado por homens que faziam uso da pedra polida e que nesta extrema parte do occidente, como noutras regiões da Europa, construiram os *tumuli*, as galerias cobertas, as antas ou dolmens para depositar os seus defuntos, assim como para os mesmos fins e para a sua vivenda aproveitavam as ca-

vernas naturaes, chegando ainda numa época menos remota a escavar *grutas artificiaes* onde a natureza do solo não tinha formado cavernas; e portanto, havendo tantas cavernas na *região jurassica* de Loulé, não irá fóra de proposito esperar-se que, sendo estudadas, possam corresponder á affirmação que os homens da sciencia teem feito de taes cavernas...»

Antes de caminhar nesta demonstração que nos traz preso, seja-nos permittido indagar da razão porque Estacio da Veiga não fez o estudo das cavernas, que elle considera de tanto valor. E' elle que nos responde neste mesmo periodo acima interrompido:

«Haverá então quem se admire de que tendo já sido estudadas na Europa numerosissimas cavernas, na data em que este livro está sendo escrito, se me haja recusado o estudo das do Algarve. O estado de civilização dos povos avalia-se por estes e outros factos.»

Se este livro não representasse apenas um tentamen de *Monografia* explicariamos o que em geologia representa a região *jurassica* e *cretacea;* assim julgamo-nos dispensado de tal explicação.

Refere-se Estacio da Veiga no periodo anterior ás grutas artificiaes encontradas no Algarve e em outros paizes para residencia dos homens primitivos. Muitas dessas grutas artificiaes teem passado no decorrer dos seculos como simples celleiros mouriscos ou *masmorras*. O nosso velho portuguez sempre que encontrava cousa que não soubesse explicar atribuia-a a obra dos *mouros*—, no seu juizo o povo mais antigo do mundo, excepção feita ao povo judeu. Hoje o encontro dessas covas em logares onde nunca houve povoações nem castellos está explicado. Não foram os mouros que abriram taes celleiros, foram os homens que fundaram a casa da sua residencia. Nesta villa de Loulé existem muitas dessas covas, que naturalmente muito mais tarde os mouros occuparam com os seus celleiros, mas que, primitivamente, foram abertas pelo homem para sua morada.

A este proposito escreveu Estacio da Veiga:

«Duvida alguma ha hoje com referencia a este assum-

pto, tendo-se achado, tanto na França como na Italia, e mesmo noutros paizes, algumas dessas cavernas artificiaes excavadas nos planaltos das collinas, nas suas rampas e nas planicies, ora isoladamente, ora constituindo grupos, contendo ainda espessos cinzeiros mesclados de carvão, pedras grossas tostadas pela acção do fogo, numerosos pedaços de louças, muitas lascas de silex, instrumentos de pedra polida, e varios artefactos do uso domestico, assim como abundantes ossos de gado e de aves, mostrando serem despojos das refeições preparadas naquellas covas, que, a um tempo, serviam de cozinha, casa de jantar, quarto de dormir e estrumeira, sem que ninguem temesse o fumo da fornalha, as evacuações e suas evaporações, ali acumulado tudo, e sem o aconchego da cama e debaixo da impressão que deveria causar a escuridão das noites!

«Não deixariam porém aquellas tenebrosas habitações, ou antes covis de humanos animaes, de ter alguma cobertura cupular, com sua *porta* de entrada, que seria uma lage tosca, de encostar por dentro para segurança dos habitantes do lar.»

E a proposito dessas edificações, poderiamos citar não simplesmente um, mas muitos *contos tradicionaes*, que fazem na sua contextura referencia a essas lages, que formavam a *cupula* dessas edificações.

Estamos ouvindo a todos os nossos leitores rememorar dentro de si alguns desses contos, em que a entrada dos grandes palacios habitados pelas princezas encantadas, era aberta no fundo de um poço, tapado por uma lage, levantada a qual se descia ao fundo e se entrava no palacio. Estes contos teem a sua origem no modo de vida neolithica no fundo das suas habitações.

Na area da freguezia de S. Clemente e de S. Sebastião teem sido egualmente encontrados os instrumentos de pedra polida, aos quaes o povo batizou com o nome de *pedras de raio,* difficeis de adquirir por isso que ninguem as cede com receio de que no proximo inverno *um raio* lhe possa caír em casa, contra cujo perigo a *pedra de raio* serve de talisman.

Comprehendendo os tempos prehistoricos o periodo paleolithico, neolithico e a edade dos metaes, podemos affirmar, em vista do que deixamos escrito neste capitulo e do

que já tinhamos affirmado em relação a cada uma das freguezias em especial, que o concelho de Loulé, ou antes, a area do concelho de Loulé foi séde daquellas antiquissimas civilizações, cada uma das quaes durou milhares de annos, sem que nesta affirmação duvidemos um só momento da auctoridade da Biblia. E como ha por ahi uma ou outra formiga, que não duvida de roer tecido alheio para fazer ninho á sua prole, devemos declarar de uma vez para sempre, que acceitamos convicto todas as verdades do christianismo em materia dogmatica e moral. Ora é certo que a Biblia não é um livro de cronologia.

«Sou christão e o proclamo em voz alta—escreveu Lenormant—e por isso a minha fé não se assusta por nenhum dos descobrimentos da critica quando são verdadeiros. Filho submisso da Egreja em todas as cousas necessarias, por isso reivindico com o maior ardor os direitos da liberdade scientifica. E pois que sou christão, considero-me possuindo melhor o sentido e o espirito da sciencia, do que aquelles que tiveram a infelicidade de perder a fé.»

Affirmou o sabio e venerando ecclesiastico, um oraculo da exegese ecclesiastica, o abbade de Glir: «a chronologia biblica fluctua indecisa: é ás sciencias humanas que pertence encontrar a época da creação da nossa especie». Effectivamente, os calculos que se teem ensaiado consoante a Biblia fundam-se apenas na geonologia dos patriarcas desde Adão a Abrahão e nas indicações relativas á duração da vida de cada um desses patriarcas. Falta pois em absoluto o primeiro elemento de uma chronologia real e scientifica: não ha elemento algum que possa determinar a *medida do tempo* por meio da qual se possa contar a vida dos patriarcas, e nada é no mundo mais vago que a palavra *anno,* quando se não tem uma explicação precisa, escreveu Sampére». Não envolve esta doutrina erro contra a religião: entre as diversas versões da Biblia, entre o texto hebraico e o dos Setenta, cuja auctoridade é egual, ha nas gerações entre Adão e Noé e tambem entre Noé e Abrahão, taes differenças, que os interpretes teem chegado a calculos entre si differentes dois mil annos. Portanto não ha chronologia biblica, e portanto não ha contradicção entre a Biblia e as verdades scientificas. O que a Biblia affirma é que o homem

é recente na terra; e o que a Biblia teve em attenção foi ensinar ao homem a sua origem, afim de que o sirvamos e amemos nesta vida para depois gosarmos na outra da sua Bemaventurança. Nada mais e nada menos.

Posto isto é indifferente ao homem christão que o periodo paleolithico tivesse de duração 222:000 annos, como querem alguns, e que o periodo neolithico tivesse quasi outro tanto tempo.

Podia Deus num momento criar o orbe; diz a Biblia que o creou em *em seis dias;* sendo a palavra hebraica susceptivel de outra tradução de *dias* por *épocas,* contra cuja interpretação a Egreja não interpôz a sua auctoridade; admittimos perfeitamente o que os modernos geologos ensinam com relação aos terrenos *primarios* com os seus estados Cambriano, Siluriano, Devoniano, Carbonifero e *Permiano;* aos secundarios com os seus *Triassicos, Jurassicos* e *Cretaceos;* aos *terciarios,* com o seu Eoceno, Mioceno e Plioceno; e aos *quaternarios.* Deem-lhes a duração do tempo, que lhes parece, que o christão nada perde da sua fé com taes descobrimentos.

Pondo ponto final neste assunto e sem fazer a historia dos descendentes desses homens até entrar nos tempos historicos, com a invasão dos Fenicios, Carthaginezes, Romanos, Godos, Wisigodos, Vandalos e outras raças do norte que aqui exerceram o seu dominio, até á entrada dos Arabes e á sua expulsão pelos heroes de D. Sancho I e D. Affonso III, vamos entrar na apreciação do caracter especial do povo louletano e do que occupa a area do seu concelho.

Desejariamos que outrem se incumbisse desse estudo, mas não encontrámos quem se encarregasse deste trabalho. Não sendo aqui nascido e nem tendo relações da antiga data com o pessoal deste concelho, não nos encontravamos habilitado a fazer uma apreciação, que fosse tida por verdadeira entre os nossos leitores. Faltava-nos a auctoridade que resulta da sciencia do facto ácerca do qual escreviamos. No emtanto como este livro representa da nossa parte e secundariamente sincera manifestação de agradecimento á fórma agradavel com que aqui fomos recebido ha quasi trinta annos, e soubessemos de uma data anterior que na opinião das provincias do norte o caracter louletano era depreciado, attribuindo-se-lhe *culpas* que não são suas, e exaltações communs aos que mais as censuram, entendemos escrever

algumas linhas, fazendo a apreciação do seu caracter segundo o que temos colhido da vida commum de quasi trinta annos. Podem ter a certeza de que seremos justo. E' nossa opinião que a immigracão de gente forasteira tem feito muito mal ao verdadeiramente indigena do concelho. Nesta parte não podemos ser apodado de suspeito pois que tambem somos um forasteiro.

CAPITULO XV

Caracter louletano

Costumam lá por fóra dizer:

P'ra gente de Loulé
Ou forca ou braga ó pé.

e todavia é uma fraze calunioza. É o povo de Loulé essencialmente soffredor e poderiamos invocar o testemunho d'esses que o teem grandemente explorado, se não fossem os principaes interessados em dar visos de verdadeira áquella fraze.

Conhecemos o povo de Loulé não de hoje, mas de trinta annos a esta parte, tempo bastante para se fazer um juizo assaz seguro. O povo de Loulé é trabalhador, hospitaleiro e honrado. Se ha excepções, partem ellas não do povo, mas de quem o explora: pois *quem chibos não tem e carneiros vende de alguma parte lhe vem.*

E quando nos referimos ao povo de Loulé, comprehendemos o povo de todo o concelho.

Os homens no exercicio das suas respectivas profissões não se cançam de trabalhar, e por toda a provincia nenhuma feira se realiza, onde o concelho de Loulé não esteja numerosamente reprezentado. O lavrador cuida e trata da sua profissão com esmero e superior competencia, e o industrial com zelo e extremos cuidados.

Por sua vez a mulher acompanha o marido, o pai e o irmão com uma solicitude admiravel: e o seu auxilio não se manifesta apenas no arranjo da casa, mas ainda no desenvolvimento da industria. Não se contenta apenas com o governo e administração dos negocios internos, mas exerce a industria da empreita e outras com extremo apuro.

Valentes com as armas e destemidos como os heroes, teem os homens d'este concelho durante as diversas fases,

que o nosso paiz se viu forçado a atravessar, manifestado a sua pericia e o seu valor. Constituindo o concelho de Loulé o mais numeroso em população, são-lhe applicaveis as palavras de Silva Lopes, quando escreveu o seguinte:

«Os homens são laboriosos, activos, industriosos e robustos: os da beira-mar empregam-se, pela maior parte, nas pescarias, e navegação costeira. Muito novos, logo na idade de 7 a 10 annos, começam os filhos a acompanhar os paes nas pescarias e viagens; e quando o tempo não lhes permitte andar no mar, alguns se entregam aos trabalhos navaes. São em geral os algarvios de boa indole, agasalhadores e hospitaleiros; mais honradores dos estranhos que dos seus proprios patricios.»

«Nas artes e sciencias não deixam de mostrar talentos e engenho; e na concorrencia da Universidade e outras aulas se desenvolvem a ponto de não serem inferiores aos de outras provincias do reino... Depois da encorporação do Algarve á monarquia portugueza não poucos dos seus habitantes floresceram nas armas, nas sciencias e virtudes.»

Antes de mais adiante darmos um passo, entendemos necessario notar que aquellas frases, relativas á aptidão dos algarvios pelas sciencias, são aplicaveis a este concelho. Ha cincoenta annos era o estudante primeiro premiado na Faculdade de Filosofia natural de Loulé — o falecido dr. Francisco Augusto Correia Barata; e o primeiro classificado em Direito, outro filho de Loulé — o dr. Marçal Pacheco; dois talentos de primeira grandeza, aquelle reflexo, este expontaneo; e já muito antes o povo de Loulé revelara o seu amor ás sciencias. Em 1287 reuniram-se em Monte-mór muitos prelados dos Religiosos, Priores e Reitores, no intuito de se introduzir no paiz estudos e Universidades: pois do Algarve, não obstante acharem-se todas as provincias do reino numerosamente representadas, sómente se encontraram dois Reitores, o de S. Clemente de Loulé e o de Santa Maria de Faro, fazendo aquelle arrasoado tão profundo e notavel a favor da instrucção, falando em seu nome e no do concelho, que representava, que, quando D. Diniz fundou a Universidade de Coimbra, este monarca logo se lembrou de que de boa vontade o concelho de Loulé se prestaria a coadjuva-lo nessa fundação. E não se enganou, por-

que, por muitos annos, Loulé concorreu da sua parte com valioso obulo a favor daquelle estabelecimento scientifico.

Continua Silva Lopes:

«O valôr dos algarvios em todos os tempos foi tido em summa consideração, estremando-se sobre modo em todas as acções militares em que se acharam, não desmerecendo jamais o credito que tem adquirido. Na batalha do Ameixeal fez o terço do Algarve commandado por João Furtado de Mendonça gentilezas de valôr, desalojando os Castelhanos d'um cabeço, em que estava o general D. João d'Austria, tomando a artilheria, e perseguindo-o até o obrigar a fugir para Arronches. Ainda na guerra da Peninsula deram exhuberantes provas da sua valentia e denodo, pelos quaes mereceram particulares elogios dos generaes extrangeiros. O titulo de *Valorosa Brigada do Algarve* lhe dá o marechal Beresford na ordem do dia 11 d'agosto de 1813, mandando dar os seus parabens e agradecimentos aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados pelo seu brilhante comportamento na batalha dos Pyrineos em 30 de julho anterior. Nos combates desde o dia 7 até 17 de dezembro do mesmo anno se houveram os algarvios de tal maneira, que na ordem do dia 30 do referido mez se expressa assim: «A brigada do Algarve que commanda o sr. brigadeiro Antonio Hippolito Costa, teve com especialidade occasião de mostrar ao inimigo que os homens, de que ella constava são os mesmos que o expulsaram á baioneta das alturas dos Pyrineos no dia 30 de julho ultimo.» E mais abaixo: «S. Ex.ª recommendará a S. A. R. estes corpos, assim como a *Brigada do Algarve*, para alguma distincção honrosa em memoria da sua boa conducta.»

Ora, lendo-se os registos militares, vê-se que muitos soldados que figuravam naquella Brigada eram de Loulé.

E não se torna preciso ir buscar a epocas distantes factos que justifiquem o valor dos louletanos quando os temos bem modernos e do nosso tempo. Nessas batalhas que se feriram em Africa manifestaram-se heroes os filhos deste concelho; e a maneira enthusiasta como aqui foram recebidos documenta o grau de simpathia que todo o concelho lhes dispensou. Foi interprete do enthusiasmo louletano a *Cooperativa de Instrucção e Recreio Popular*, composta na sua grande maioria de artistas, que perfeitamente souberam

traduzir a vontade popular por um *Te-Deum* cantado na Matriz, por uma concorridissima reunião de cavalheiros e senhoras, pela sua illuminação ao seu edificio, pelos discursos dos seus associados, somente interrompidos de vivas estrondosas, e intervalados pelas bonitas peças de musica. Soube aquella *Cooperativa* interpretar conscienciosamente o espirito popular. Tem portanto jus aos nossos mais profundos reconhecimentos.

Não obstante tem Loulé uma fama terrivel de desordeira e mal intencionada, fama que data de longiquos tempos. Explica-se isto muito facilmente. Cordato este povo, sofredor como poucos, tem momentos em que, cheia a vasilha, irrompe. Foi sempre assim.

Em tempo de D. Affonso V promettera este monarca não mais nomear para o Algarve a auctoridade conhecida com o nome de Adiantado, pois que os algarvios não queriam reconhecer uma auctoridade, que muitas vezes abusava das suas funcções, sobrecarregando a provincia com vexames. Em 1443, esquecido o Rei do que promettera, nomeou Adiantado do Algarve o conde D. Sancho, e logo o conde quiz em Loulé registar a sua carta de mercê do referido cargo. Em Loulé, porém, o povo que tinha a palavra real como garantia de que nunca mais seria feita a nomeação para o referido cargo, oppoz-se tenazmente a que se fizesse o registo, e o conde teve de fugir ás iras populares. Começou aqui a fama.

Vendo o conde que nada podia fazer em Loulé, apresentou-se em Albufeira no mesmo intuito, e ali os principaes promoveram immediatamente uma reunião, aonde concorreram os procuradores de Silves, Faro, e Tavira e de Allufeira e em a data de 22 de janeiro de 1454, escreveram uma carta á camara de Lisboa, pedindo-lhe em nome de todos os fidalgos, cavalleiros e povo do Algarve, interpuzesse os seus bons officios para com El-Rei, afim de que não fôsse ávante a nomeação do cargo de Adiantado do Algarve, *a cuja posse já se haviam opposto em Loulé.*

Podiam perfeitamente os procuradores escrever a carta, sem apontar a opposição feita em Loulé, mas como já então o concelho de Loulé era o mais importante de toda a provincia, entenderam justo trazer a proposito a opinião do mesmo concelho.

Por esta carta ficou a camara de Lisboa sabendo que

no Algarve havia um concelho que sabia respeitar a palavra do Rei e as regalias do concelho.

A camara de Lisboa, em harmonia com o pedido dos procuradores, nomeou seus procuradores, que foram expôr ao rei a questão, fazendo notar a circumstancia de que o concelho de Loulé *protestara energicamente contra tal nomeação.*

Ficou pois o rei sabendo que o povo de Loulé sabia fazer valer-se; mas como eram legitimos os motivos que o tinham levado a protestar, foram os procuradores atendidos e por carta passada a 6 de Junho de 1451 prometteu o mesmo rei não prover mais similhante cargo.

Portanto razão tinha o povo de Loulé em protestar contra o registo de tal mercê.

E' este o primeiro e mais antigo documento que conhecemos. E' de suppor que outras provas o concelho de Loulé já tivesse exhibido, pois achamos extraordinario que o Conde começasse a registar a sua carta por este concelho.

D'esses tempos data pois a fama de rebeldia que corre ácerca d'este concelho.

Não queremos, com o que deixamos dito, negar que uma ou outra vez não tenha havido exagero na forma de proceder contra quaesquer ordens imperativas, mas isso tem succedido em outros concelhos.

O caracter do povo deste concelho é bom, e é devido á sua boa fé de que muitos, que se querem governar, teem abusado, que o pôvo, na supposição de que procede correctamente, tem uma ou outra vez saido da ordem. A culpa, porem, não é do povo, mas de quem tira lucros *das aguas turvas.* Não o enganem, não o vexem, não lhe queiram fazer ninho atraz das orelhas, e o povo será correcto no seu procedimento, ordeiro, e respeitador.

Tem o povo de Loulé o seu fraco, ou antes dois fracos: a *politica* e a *superstição.*

Da primeira nada diremos, porque nos averbamos de suspeito; da segunda alguma cousa diremos no seguinte capitulo.

CAPITULO XVI

Superstições

A superstição impera neste concelho por uma forma extraordinaria, e varia de objecto consoante as freguezias. Em Alte e Salir, como em Querença e o Ameixial parece que a raça agarena criou maiores raizes, e nestas freguezias fala-se muito das Mouras Encantadas e dos Encantamentos; em Boliquême, Almancil e freguezia de S. Sebastião da Villa o bruxedo está mais arraigado no coração dos seus moradores. Na freguezia de S. Clemente, principalmente na villa, ha de tudo, mas predomina a *Moura Encantada*. Apparecem egualmente os *espiritos sujos*. Com esta denominação caracterizam os espiritos diabolicos, que entram no corpo dos molestos.

Para curar estas doenças ha quem se encarregue de forjar orações: umas certas mulherzinhas, fazem vida da ignorancia do povo, benzendo do quebranto, dos ares maus, das constipações, golpes do sol e de endireitar espinhelas caídas.

Do campo é raro o dia em que não incommodam o serventuario da sacristia para que lhes ceda um pedaço de pedra *d'era* (ara) a *apostolica* (estola) e um toco de vela, que tenha alumiado o Senhor Morto em Sexta-feira Santa, para curar doenças e toda a especie de achaques e evitar os raios.

Para muita gente não ha remedio mais salutar do que uma benzedura a tempo e com geito. Ha mulheres que primam na applicação deste remedio.

Ha quem, em desforço do mal feito a uma criança, não duvide desancar uma pobre velha, acusada de bruxa. Tem succedido vir aos tribunaes a responder pela façanha o seu auctor. Este é condenado a passar uns dias na cadeia e a pagar as custas do processo, mas sai da villa nem arrependido, nem convencido; antes de *peior estomago* contra a

infeliz, que desancou, e que a mulher que *tira sortes* lhe indicou, como causadora da morte da criança.

Estas mulheres que tiram sortes são de uma finura de pasmar. Conhecem com quem tratam e impingem-lhe *carapetões.*

Na vespera em que qualquer rapaz do campo tira a sorte, vae a mãe consultar a bruxa. Esta responde, depois de baralhar e consultar as cartas, por uma evasiva da qual nenhuma certeza resulta. Ha logo quem interprete a resposta por duas formas diversas. Se o rapaz tira numero baixo, diz logo a mãe a chorar:

—Bem me disse *ella!*

Se tira o numero alto, a mãe acode:

—Bem me disse *ella.*

De modo que a *manhosa* fica sempre com a victoria, recebendo, quando o rapaz fica livre, a competente esportula, que se vae juntar á outra recebida na vespera.

Chegamos ás vezes a duvidar da devoção d'esta gente, quando, em seguida á libertação do rapaz, vai dar graças á Senhora da Piedade. Primeiro a bruxa, depois a Virgem Santa!

E é tal a intimativa com que a mulherzinha valorisa a sua mercadoria, que, em tempo, um medico d'este municipio, já falecido, para se vêr livre de uma doença na perna, a mandou benzer por uma d'essas mulheres!

Ha por ahi sugeitinha que cura maravilhosamente os *maus olhados*; outras primam na cura da erisipella; outras curam os quebrantos; outras os *golpes d'ar;* e até ha quem por artes ensaiadas, una e separe casaes desavindos. A bruxa é tudo, e tem ao seu serviço uma cohorte de servidores, de ambos os sexos.

Em Boliquême teem as bruxas o seu principal e privilegiado solar. E' tambem a freguezia que se diz mais temente a Deus. Vejam que religião! E' que o povo, no seu fundo, é essencialmente politheista. Parece-lhe impossivel que Deus possa fazer tudo em todo o orbe e dá-lhe por isso ajudantes d'esta laia. Ha aqui uma bruxa, que dá mais consultas de que os quatro medicos municipaes. E' a rainha das bruxas e vem de muito longe gente a consultal-a. E' religiosa, muito amiga de Deus, muito devota, mas guarda para si os proventos que tira da sua profissão dos exconjuros.

Em uma noite — conta-se — certa viuva, cheia de saudades do marido, desejou beijal-o uma só vez. Foi ter com a bruxa e pediu-lhe que facilitasse uma entrevista com o marido. Não se negou a bruxa, mas convenceu-a de que tinha de empregar um processo dispendioso.

— De quanto precisa?

— De duas libras.

A viuva passou-lhe á mão as duas libras.

No dia aprazado para a entrevista foi a viuva a casa da bruxa, que lhe disse precisar de mais dinheiro.

— De quanto?

— Mais duas libras.

E a viuva entregou-lhe as duas libras.

Aprazou-se a entrevista para essa mesma noite á porta do cemiterio.

A noite estava escura, mas a viuva não faltou acompanhada da bruxa.

Chegadas á porta do cemiterio, a bruxa levantou a voz, chamando o marido da viuva.

— Chico? Chico?

E como o Chico não respondesse, disse:

— Está fundo, mas ha-de accudir ao meu chamamento.

— Chico? Chico?

— Ahi vou, ahi vou, ouviu-se numa voz indistinta.

Appareceu um vulto por detraz da porta, da parte de dentro do cemiterio.

A viuva encheu-se de animo e metteu pelas grades da porta a mão e tocou o *marido* na face.

De repente disse:

— Não pode ser, meu marido não tinha a barba crescida.

— Então queria que em tres mezes de enterrado lhe não tivesse crescido a barba?

E a viuva concordou.

Dias ou semanas depois o amante da bruxa, embriagado, contou o facto, dizendo que era elle quem figurara de marido. Rompeu-se o caso, e a bruxa foi chamada á Administração, onde negou tudo.

— Mas o seu familiar é quem contou o caso.

— Esse meu familiar não passa de um bebedo, respondeu ella.

E como o familiar, sendo chamado, negasse o facto, dizendo que elle o inventara, por estar bebedo, o administrador não levantou o auto.

Na freguezia de Boliquême, se uma criança nasce enfesada, padece e morre, todos á uma affirmam que a criança morreu embruxada. E logo cada um aponta a dedo a infeliz, que a embruxou. E' claro, nessa noite, ou na mais proxima, a infeliz velha é desancada pelo pai da criança.

Isto repete-se muitas vezes.

Ahi para os lados da Tôr ha uma epileptica que affirma ter na barriga um padre, falecido ha muitos annos. Toda a gente dos arredores tem ido visitar a mulher e sai de lá dizendo muito convictamente que a mulher tem o quer que seja na barriga. Dias ou semanas depois, uma filha d'essa mulher, começou a queixar-se de que o padre tambem lhe entrara no *estambo* (estomago).

Foi a creança chamada á administração e dali saiu para o hospital.

Agora o que é mais extraordinario é que a maior parte da gente da villa se reuniu em frente do predio da administração para ver e talvez venerar a *possessa*.

E que remedio para combater estas crenças do povo?

O padre? O padre nada consegue. Em um dia o fallecido prior Pinto subiu ao pulpito e pregou contra a superstição do povo. Quando sahiu do pulpito e entrou em casa era seguido por uma mulher.

— Muito gostei da sua predica, senhor prior; tem o senhor muita razão. Nunca acreditei que as almas do outro mundo viessem metter-se na gente. Desculpe, vinha pedir-lhe um favor.

— Diga o que quer.

— Consentir que o sacristão me entregue a *apostolica* (estola).

— Para que? perguntou o paroco, um pouco exaltado.

— E' que o meu José tem um *flaito* (flato) na boca do estambo (estomago) e uma vizinha diz-me que se eu ligar a parte dorida com a *apostolica* fica curado: é como o cabello que se tira da moella.

Esta não acreditava nas almas do outro mundo, mas nos effeitos maravilhosos da *apostolica* aplicada á barriga do marido!

Vejam, pois, do que serve a pregação do padre!

Menos ainda consegue o professor. O unico remedio só a mãe o pode aplicar; porque o que a nossa mãe nos ensina em crianças fica como fazendo parte de nós mesmo. Vale mais uma palavra da nossa mãe do que todas as predicas do padre e de que todos os ensinamentos do professor.

Em regra quem, convencido do bruxedo, nos cita algum facto que lhe é atribuido, accrescenta que esse facto lh'e foi contado por sua mãe.

Se quizessemos contar o que gente convencida conta das bruxas não um mas muitos livros teriamos de publicar.

Quer-nos parecer que ainda terão de decorrer seculos para o desapparecimento dos principios supersticiosos que os politheistas aqui plantaram.

CAPITULO XVII

Contos, lendas e tradições

Ha neste concelho um grande numero de contos e lendas localisadas em os seus diversos sitios, e referentes ás origens dos nomes das diversas sédes das freguezias. Referil-as aqui, seria avolumar este livro, e jámais quando é certo que em outros livros as temos relatado. Limitar-nos-emos apenas a rememorar as lendas que se referem aos nomes actuaes das sédes das freguezias do concelho e a algumas tradições.

LOULE

Conta-se que em uma das correrias emprehendidas em terra do Al-Faghar, no tempo dos mouros, por D. Fernando I, rei de Leão, cognominado o Grande, chegou elle á frente dos seus soldados, mui proximo do castello de Loulé. Então levantou-se entre os seus cabos de guerra, que o rodeavam, discussão acalorada ácerca do nome da arvore, que, de longe, avistavam sobre o castello: uns diziam ser uma alfarrobeira, outros um chôpo, outros o alamo, alguns o aloendro, e outros um loureiro.

— *Laurus est* — disse o monarca, entrando na discussão, e pondo-lhe ponto final.

E desde ahi começou esta villa a ser denominada Lauroé — Laulé — e hoje Loulé.

Que effectivamente nos primeiros annos da nossa monarquia se escrevia Laulé, provou-o o insigne investigador Gabriel de Freitas.

ALMANCIL

No tempo dos mouros havia na area, hoje occupada por Almancil, uma casa de hospedaria, onde se alojavam os

que iam de caminho de Silves para Faro, ou de Faro para Silves. A esta casa chamavam os arabes Almançal (casa de comes e bebes) e por isso aquelle sitio era cognominado Almançal, que, com o andar dos tempos se transformou em Almancil.

Aos desconhecedores da lingua arabe parecerá forçada esta transformação; mudarão, porém, de parecer quando souberem que os arabes não liam a palavra com o ultimo *á* tão aberto.

ALTE

Antes de existir a povoação de Alte com a sua Egreja, iam os crentes daquelles contornos ouvir missa á Ermida de Santa Margarida, muito mais antiga do que a paroquia. Existia no sitio um capellão, estipendiado pela rica lavradora do Freixo Verde, a cargo de quem igualmente estavam as despezas do culto.

Nunca o capellão nos domingos e dias sanctificados subia ao altar a dizer missa, sem que estivesse já na capella a rica lavradora com os seus serviçaes.

Em certo dia não appareceu a lavradora, apesar do padre a ter esperado por muito tempo. Subiu ao altar e disse a missa.

Concluida a missa, sairam os fieis, alguns dos quaes encontraram a lavradora no logar onde hoje está fundada a povoação. Sendo informada de que o capellão dissera a missa, sem ella estar presente, voltou-se para os seus serviçaes e disse em voz alta:

— Alto!

Todos ficaram quedos.

A lavradora continuou:

— Ordeno que se funde aqui uma egreja e será ella a séde de uma freguezia.

Assim se fez; e para designar o nome da séde da nova freguezia foram á palavra proferida pela lavradora — Alto.

Com o andar dos tempos a palavra primitiva foi transformada em Alte.

AMEIXIAL

Embora seja este o nome official d'esta freguezia, ne-

nhum dos seus habitantes, referindo-se a elle, lhe chama Ameixial e sim Maxial.

Effectivamente Maxial se encontra nos mais antigos registos da paroquia de Loulé, pois que primitivamente aquella freguezia pertenceu á freguezia de Loulé.

Affirmam os habitantes do Ameixial que o verdadeiro nome — Maxial — fora dado ao seu sitio, por que primitivamente e ainda hoje, era elle povoado de plantas e arbustos silvestres.

Ora, consultando-se os diccionarios da nossa lingua, vê-se que os habitantes do Machial teem razão.

BOLIQUEME

Em tempo quizemos investigar da origem da palavra Boliquême, que certamente não é portuguesa. Ouvimos as pessoas mais graduadas da freguezia, e atribuiam a origem do nome da sua freguezia ao seguinte conto:

Havia uma velhinha no sitio que cozia pão para vender. Apenas o pão saia do forno, logo as freguezas o queriam levar, ao que a velhinha respondia: agora ainda não, por que o *bolo queima.* Não nos pareceu razoavel a lenda.

Estudos posteriores nos levaram a publicar no nosso livro — *As Mouras Encantadas,* o seguinte periodo:

«Talvez se possa affirmar que o nome d'esta povoação derive da lingua italiana que designa por *bulicâme* os *olhos de agua dôce,* sitio este junto do qual se fundou uma aldeia, quando, em tempos antigos, os navios italianos vinham constantemente pescar a baleia nas aguas de Lagos.

Por carta de 3 de julho de 1410 foi concedido aos moradores de Lagos o privilegio de não pagarem siza do que comprassem ou vendessem aos venezianos que ali iam em suas galés.

Ora o caminho maritimo pelos mares do Algarve passa a um sitio na freguezia de Boliqueme denominado *olhos de agua doce,* de cuja agua os navios italianos se refaziam: olhos de agua aos quaes os italianos chamam Bulicame».

QUERENÇA

Quando nos primitivos tempos o sitio occupado por esta freguezia fazia parte da freguezia de Salir, entenderam

os seus moradores tornar-se independentes, constituindo uma nova freguezia. Oppoz-se o paroco de Salir, e as auctoridades ecclesiasticas de Silves mandaram emissarios no intuito de estabelecer com os que queriam ser independentes um *modus vivendi,* que não fosse de encontro aos interesses do paroco de Salir.

Estes emissarios não foram bem recebidos por que o povo, amotinado, a tudo respondia: E' a nossa *querença* ficar independentes de Salir.

E tanto repetiram a palavra *querença* e com tal intimativa, que os emissarios voltando para Silves disseram ao prelado: o povo não larga a sua *querença:* está teimoso.

E d'aqui, diz a lenda — ficou toda a area do terreno denominada — *Querença.*

SALIR

Conta a lenda que apenas se soube em Salir, habitada de mouros, que sobre os seus castellos vinha D. Paio Peres Corrêa, fulo e raivoso, por lhe terem morto os seus mais queridos cabos de guerra em traição no sitio das Antas, poz-se toda a gente a gritar: salir, salir (sair, sair) sendo esta palavra adoptada pelos christãos para designar aquelle povo.

E' certo que os mouros depois de duros combates, fugiram do castello e recolheram-se ao cimo do serro da Pena, onde ainda se defenderam por algum tempo.

Não concordam outros com a origem do nome, querendo antes que o nome signifique apenas a saída do Algarve para a serra, ou a saída d'esta para o Algarve.

Que nome tinha, pois, Salir, antes de fazer parte da coroa portugueza?

Respondemos no livro — *As Mouras Encantadas* — chamava-se *Castelar.* Ainda não mudamos de opinião. *Sellir* lhe chamam os nossos cronistas.

*

* *

Muitas lendas correm no concelho de Loulé, e n'elle localizadas. Já as mencionamos. Com relação a Loulé e suas freguezias, leia-se o livro — *As Mouras Encantadas* até pa-

ginas 63; respectivamente a Almancil, de pag. 104 a 107; em relação a Alte de pag. 83 a 89; ao Ameixial, de pag. 89 a 93; a Boliqueme, de pag. 101 a 105; a Querença, de pag. 93 a 101; e finalmente em relação a Salir de pag. 65 a 83.

N'aquelle livro deixamos consignado tudo quanto é referente a lendas que se prendem com as mouras, pois que mais nenhumas lendas aqui temos encontrado.

*

* *

Encontramos ainda umas tradições curiosas n'este concelho:

Ha quem affirme dever localizar-se no sitio da *Fonte Santa,* freguezia de Alte, uma lenda, traduzida nos seguintes versos populares, sob a epigraphe — *A Fonte das Almas.* Rememoremos essa lenda:

«Era de maio uma tarde,
De taes flôres perfumada,
Que a Virgem Mãe do Rosario,
De tanto enlevo enlevada,
Junto á margem de um ribeiro
Ceu e terra contemplava.
Nas aguas que ali corriam,
Via-se ella retratada,
E dos myrtaes e roseiras,
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecera
Para a Senhora da Orada.

Tecida que era a capella
Logo dali se ausentava
Levando no seu regaço
O Filhinho da sua alma;
Indo em meio do caminho,
Grande calor apertava;
Agua o Menino pedia,
Mas sua Mãe lh'a não dava
Que dentro daquellas restevas
Olho de agua não brotava.

Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parava,
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava de face
Com tal ardor que crestava.

Palavras que a Virgem disse,
Logo pelo ceu entraram
E o rochedo que as ouvira
Em fonte se transformava.
O caso é que em bem pouco
Agua tão fresca jorrava,
Que aos pés da santa corria
Como quem os pés beijava.
Bebendo que era o Menino
Toda a fonte se cercava
De alecrins e mangeronas
E rosas de toda a casta.

Desde então ficou a fonte
Chamada a fonte fadada,
Dera-lhe a Virgem tres chaves:
Uma de oiro, outra de prata;
Uma para ser aberta,
Outra para ser fechada
E outra para ali guardar
Almas puras como a agua.
Das almas que a Santa Virgem
Muitas vezes lá guardava,
Ficou o povo chamando
A' fonte «A fonte das almas».

(F.)

Estacio da Veiga, que colligiu aquelle pequeno romance, lembra ser possivel que elle seja localizado no sitio da freguezia de Alte, denominado a *Fonte Santa*. E' possivel, e muito principalmente sabendo-se que a Senhora do Rosario, de que se reza no romance, é uma Imagem de muita devoção procurada com empenho na sua egreja Matriz de Alte pelos fieis.

Recorda Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *San-*

tuario Mariano, uma lenda, que no seu tempo, quando visitou Loulé, ahi pelos annos de 1717, ouviu. Escreve elle da Senhora das Portas do Ceu o seguinte:

«Sempre obrou esta Senhora muitas maravilhas. Uma só lembrarei eu, e foi que Diogo Lobo Pereira, morador na villa de Loulé, tinha gravissimamente enfermo seu filho mais velho, chamado Hieronimo Borges Lobo, e de sorte estava, que por padecer um maligno simptoma, o julgaram os Medicos por mortal, e sem esperanças de vida. Não podia abrir os olhos, e já parecia estar morto. Nesta aflição acudiu o Pae á Senhora das Portas do Ceu e mandou a toda a pressa buscar um manto dos que se lhe costumam pôr. Logo que este veiu e se lhe pôz sobre a cabeça, abriu o enfermo os olhos e melhorou com tanta brevidade, que por ser a melhora tão repentina, ninguem duvidou de que alcançara vida por beneficio daquella Senhora.»

Existe talvez desconhecida hoje aquella tradição; é certo, porém, que aquelle caso corria com insistencia no seu tempo como verdadeiro.

A nascente da villa de Loulé, dentro da area pertencente á freguezia de S. Clemente, existe o sitio de *Apra.* De tempos immemoriaes corre a tradicção ter ali residido uma colonia israelita. Os lavradores dos sitios confinantes não consentiam antigamente que seus filhos ou filhas casassem com habitantes do sitio de *Apra,* embora ricos, por que, diziam, estes tinham cauda — apendiculo ao coccyx — e que as lendas attribuem á raça judaica.

Por occasião de ser aberta a nova via de communicação entre S. Braz de Alportel e Loulé, foi encontrado no sitio referido um grande cemiterio. Pessoa que o visitou informa-nos que as sepulturas se achavam dispostas como as *casas* no jogo das *damas,* não podendo todavia informar-nos sobre a disposição das lages das sepulturas por se acharem a esse tempo levantadas. Então era tanta a certeza de que as sepulturas continham ossos de judeus que o povo não consentiu que estes fossem conduzidos para o cemiterio catholico, sendo por isso novamente enterrados no mesmo sitio.

Não cremos que o cemiterio fosse dos israelitas, antes nos convencemos de que fosse um cemiterio prehistorico

formado pelos *cistos*. Em frente da portada que dá para a Quinta dos herdeiros de Marçal Pacheco existem alguns *cistos* bem visiveis; e em toda a região que compõe esta freguezia encontramos bastos documentos das civilizações prehistoricas.

Na freguezia de S. Sebastião de Loulé existe um sitio denominado *Cova de Pelles*. Reza a tradição ter ali sido encontrada em annos successivos a pelle inteira de uma serpente gigantesca dentro de uma cova. Na linguagem popular tal cobra até tinha azas!

Na freguezia do Ameixial ou Maxial ha um sitio denominado *Villa Chã*. Não é sitio habitado. Encontram-se porém naquelle sitio ruinas e grandes alicerces, e parecem significar que, em tempos remotissimos, elle fôra habitado por uma numerosa população. Proximo do sitio, nas margens da grande ribeira do Vascão, foi encontrado um monolito, que cinco juntas de bois dificilmente o poderiam transportar. Contam-nos que o monolito parece ter sido afeiçoado por mão humana, e nelle se veem uns caracteres inintelligiveis.

Quando o rev. paroco do Ameixial—o nosso amigo Joaquim Marreiros Mascarenhas Neto—o quiz mandar para o nosso museu de Faro, mãos de artistas pouco adestrados o inutilisaram, partindo-o. Foram estas as informações que nos foram fornecidas.

A tradicção, pois, daquelles sitios, que lhe são circumvizinhos, continua a affirmar que a *Villa Chã* realmente existira ali em tempos remotissimos.

CAPITULO XVIII

Catalogo dos filhos do concelho de Loulé que, por seus feitos e illustração, se recomendaram á posteridade.

1.º

Antonio da Gama Nunes, natural de Loulé, filho de Fernão Soeiro. Prestou grandes serviços nas occasiões dos assentos e melhoramentos da fazenda real, assim na côrte, como nas fronteiras do Alemtejo, e particularmente no emprestimo de 25 mil cruzados, que fez para as exigencias do Estado, pelo que teve a mercê de fôro de fidalgo cavalleiro por alvará de 7 de julho de 1637 (L. 2 das Mercês de El-Rei D. Pedro II, fl. 228—Torre do Tombo). *(Corografia do Reino do Algarve.)*

2.º

Antonio Joaquim de Paiva, natural de Loulé, filho de Manoel Joaquim de Paiva. Prestou relevantes serviços no Alentejo, na guerra da restauração, em tempo de D. João IV, junto de Olivença, de cujas muralhas lançou fóra os inimigos, principalmente nos encontros de 4 d'abril de 1648, de que saiu ferido. Em premio do que lhe foram acrescentados quatro escudos de vantagem, e ficou governando a praça. Passou depois a Traz-os-Montes, onde exerceu o posto de mestre de campo da mesma provincia. Ali ficou governando as armas na ausencia do conde de Athouguia, e fez com bom successo algumas entradas na Galiza, nas quaes destruiu 50 logares. Na entrada que os hespanhoes fizeram neste reino com forças muito superiores pela banda de Chaves, em maio de 1655, sempre os levou de vencida e os poz em fugida, tomando-lhe 233 prisioneiros, em cujo numero entraram seis capitães. Teve a mercê de fôro de fidalgo cavalleiro por alvará de 1636 (L. 2, de Matricula fl. 166 — Torre do Tombo).

3.º

Diogo Lobo Pereira, natural de Loulé, e filho de Jeronimo Borges da Costa, fidalgo da Casa Real, e cavalleiro da Ordem de Christo. Sendo capitão de uma companhia de auxiliares do Algarve, esteve com ella na praia de Quarteira em 1693, emquanto a esquadra franceza andou por aquelles mares, gastando muito da sua fazenda com o sustento dos soldados, e acudindo aos rebates dos mouros, que acossavam um patacho, que fizeram dar á costa, onde conseguiu livral-o, batendo a gente de outros dois corsarios, que tiveram de retirar-se, deixando varias armas. Foi encarregado no mesmo anno do exame das minas de cobre de Loulé, em Alte, cujos trabalhos dirigiu com acerto e economia.

Passou ao Alentejo com o seu terço e achou-se em 1704 na entrada que o governador de Moura fez em Castella pelo condado de Niebla, e no rendimento da praça de Alcaria, onde se portou valentemente, como em todas as occasiões de maior risco. Sendo tenente em 1705 desempenhou as arduas emprezas de que foi encarregado pelo seu general de campo, principalmente no acommettimento que fez com um destacamento de 300 homens contra um posto, por onde o inimigo saía fóra da praça de Valença de Alcantara, conseguindo tomal-o e fazendo recolher a guarnição para dentro da praça.

Nomeado sargento-mór da praça do Castello de Vide, tomou o seu governo e com a tropa da guarnição causou grande damno aos hespanhoes, em particular na tomada do convento de N. S. da Estrella.

Rendida Valença, foi-lhe confiado o governo da praça, no qual gastou muito da sua fazenda. Em 1707 passou ao Algarve, e ali acudiu a Castro Marim e Alcoutim. Em 1709 foi encorporar-se ao exercito na ponte de Olivença e commandou um regimento, marchando em 1710 para Villa Viçosa, desempenhando ali as funcções de sargento-mór de brigada. Promovido a governador da praça de Loulé portou-se com todo o zelo na expedição das levas para se encherem os regimentos do Algarve e bem assim na superintendencia da criação dos cavallos neste reino. Por tão distintos serviços teve o foro de cavalleiro fidalgo por alvará de 7 de novembro de 1720, em que se declara tomar aquelle appellido em logar do de Sampaio, de que usava.

Foi tambem nomeado Cavalleiro da Ordem de Christo (L. 12 das Mercês d'El Rei D. João VI. fl. 141 — Torre do Tombo.) Extraido da *(Corografia do Algarve)*.

4.º

Diogo de Sousa, natural de Loulé, pintor que foi mestre de Diogo Magina. Fez as pinturas da egreja de Castro Verde no Alentejo, e as batalhas de D. Affonso Henriques, que estão na igreja dos Remedios da mesma villa. *(Corog. do R. do Algarve)*.

5.º

Francisco Augusto Corrêa Barata, filho legitimo de Joaquim José da Silva Barata e de D. Maria Emilia das Dores; nasceu no dia 4 d'abril de 1847, em Loulé. «Tomou o grau de licenceado em Filosofia Natural em 27 de março de 1871. Doutorou-se em 14 de julho de 1872, sendo seu apresentante o dr. Mendonça Cortez, lente de direito. Escreveu o seu trabalho inaugural sobre *A Atomicidade*.

Foi despachado lente substituto em 7 de maio de 1873, tendo escripto para o concurso um trabalho sobre as «Origens anthropologicas da Europa.» Foi promovido a lente cathedratico em 30 de maio de 1877. Regeu a cadeira de *Chimica mineral*, começando a escrever um tratado sob o titulo de «Lições de Chimica» de que appareceu um 1.º vol. Tinha talento literario, distinguindo-se não só como escritor primoroso e logico, mas como oradôr distincto.

Em 1876, fundou, de companhia com o dr. Zeferino Candido, um quinzenario de vulgarização scientifica e literaria, intitulado «O Seculo», em 8.º, tendo cada n.º 16 paginas, pelo menos. Publicaram-se duas series, a primeira de 12 n.os (dezembro de 76 a maio de 77), e a segunda com 10 n.os (dezembro de 77 a maio de 78). Neste jornal, hoje raro, encontram-se escritos muito interessantes.

O Instituto, a bem conhecida revista de Coimbra, contem alguns escritos de Correia Barata. Notaremos especialmente os seguintes: *Discurso commemorativo do centenario de Camões* (1880) e *Discurso commemorativo do Marquez de Pombal* (1882).

—Depois da sua morte, *O Instituto* publicou varios escritos de Correia Barata: alem da reproducção do artigo

Elogio de Alexandre Herculano, que já havia sido publicado em 79 no *Seculo*, appareceram varias poesias ineditas, entre outras, *Ideal Pagão*, *Ignota Deo*, o *Diluvio*, *Naturalismo*, etc. Estes escritos encontram-se no vol. 47 (1900) do *Instituto*. Nesse mesmo volume encontra-se um pequeno artigo —um instantaneo—sobre Correia Barata, do dr. Bernardino Machado (vide vol. 47, pag. 256).

Correia Barata lançou-se cedo na politica, ahi por 1883.

Foi vogal á Junta Geral do Districto de Coimbra; depois foi deputado ás côrtes, governador civil de Vianna, vogal do Tribunal de Contas, e alem d'isso, por fim, Director da Secretaria da Camara dos Deputados, tendo fallecido ainda com este cargo em março de 1900, já então lente jubilado, desde 1897.»

Estes apontamentos foram-nos subministrados pelo muito digno secretario do *Instituto* de Coimbra, dr. Alvaro José da Silva Basto, que, com a maior boa vontade, os subministrou, pois se destinavam a honrar a memoria de um cavalheiro que tanto illustrou a Universidade como alumno e como professor, e em particular a Faculdade de Filosofia, onde deixou uma tradição distinctissima, como s. ex.ª affirma.

Agradecemos a este cavalheiro em nome do concelho de Loulé estas bellas informações, que são realmente a expressão da verdade.

Foi Corrêa Barata nosso contemporaneo nos estudos, desde o liceu de Faro, até á sua formatura; e devemos-lhe muitas provas de sincera amizade. Registando aqui o seu nome n'esta galeria illustre com toda a justiça, praticamos ainda um acto de gratidão á sua memoria.

6.º

Gonsalo, de Loulé. Natural d'esta villa. Era homem muito entendido nas cousas do mar, pelo que o governador da India, Diogo Lopes de Sequeira, o mandou a Goa, nos fins de 1583, como commandante de um navio, com cartas a Jorge de Albuquerque, que invernava em Moçambique.

N'esta viagem teve Gonsalo de Loulé varios successos: tomando a costa de Melinde, fez muitas presas aos mouros, com as quaes tanto carregou o seu navio, que foi obrigado a alijar tudo ao mar em um horrivel temporal que o per-

seguiu. Andou depois por aquella costa recolhendo algumas reliquias do galeão Santo Antonio, assim como o mestre com os seus companheiros, em Oja. Encontrou alguma artilharia grossa e a entregou em guarda ao rei, na ilha de Manfia, por a não poder transportar. D'ali foi levar as cartas a Jorge de Albuquerque, dando completa satisfação do que lhe fora recomendado. (Barros. Tom. 3.º, Parte 1.ª). *(Corog. do R. Algarve).*

7.º

Gonsalo Nunes Barreto. Crê-se ser natural de Loulé. Em 1575 foi alcaide-mor n'esta villa. Era senhor do morgado de Quarteira. Tendo acompanhado El-rei D. Sebastião na sua desastrosa jornada á Africa, foi morto nos areiaes de Alcacer-Kibir.

8.º

João Baptista de Barros—Era filho de Pedro José de Barros e de D. Barbara Joaquina da Goldra, freguezia de S. Clemente de Loulé. Cursou medicina na Universidade de Coimbra e fez curso tão brilhante, que tomou capello e foi lente daquella faculdade no mesmo estabelecimento scientifico, onde fora estudante laureado. Falleceu em Coimbra ahi pelos annos de 1857. Viveu na sua companhia um irmão, o dr. Pedro José de Barros, ecclesiastico, formado em canones que morreu paroco de Vinha da Rainha, concelho de Soure. Tinham os dois irmãos genios oppostos, e grande parte do anno não trocavam entre si duas palavras, não obstante sentarem-se á mesma meza e viverem na mesma casa. Por fim o padre resolveu-se a servir o bispado e foi paroquiar aquella egreja, deixando o irmão.

O dr. João Baptista de Barros foi legitimista convicto. Desgostoso, jubilou-se mais cedo, e retirou-se á vida particular. Deixou boa memoria da sua existencia na rectidão com que sempre procedeu, na missão de lente e de homem.

9.º

João Baptistá de Barros Vasco, filho de José Pedro de Barros e D. Thereza de Jesus Contreiras. Nasceu em 1818, e de criança foi viver com um seu tio, o dr. João Baptista de Barros, lente de medicina na Universidade de Coimbra.

Formou-se em direito e veiu para Loulé, sua terra natal, sentar banca de advogado. Em pouco tempo adquiriu pelo seu saber e pelos seus dotes oratorios uma enorme clientela por toda a provincia. Tomou a defeza de causas difficilimas no processo crime e sempre se saíu victorioso pelo grande dom da palavra. Não era orador que se deixasse arrebatar durante os seus discursos; sempre pausado, sempre chão, sabia usar de uma dialectica de ferro. Falava horas e horas, dias inteiros, do assunto que ali o levava, mas sempre pausado e muito correcto, por forma tão singela e ao mesmo tempo tão cativante, que terminava a sua oração, tendo empolgado o espirito dos jurados. Nos ultimos annos deixou de viver no meio da sociedade para viver concentrado na sua casa, cujas portas difficilmente abria. Tornou-se um monomaniaco e entregou-se ao vinho.

Talvez por que o desejassem afastar do meio em que vivia, alguns individuos lembraram-se de o propôr deputado, e foram-lhe participar essa resolução. O dr. Barros, a muito custo, abriu-lhes a porta, ouviu-os e respondeu muito fleugmaticamente, fechando-lhes a porta, depois de os despedir:

— Então agora é que se lembram de mim depois de bebedo?

Faleceu em 1873 (12 d'outubro).

10.º

Frei Joaquim de Loulé. Faleceu nos principios do seculo passado, ou nos fins do anterior. Foi orador eximio na tribuna sagrada, profundo conhecedor das linguas vivas da Europa, e do latim, grego e hebraico. Era filho de um pobre sapateiro. Tinha pintados no tecto da sua casa os instrumentos do officio de seu pae, que residia no predio urbano, que faz parte da casa de residencia do nosso amigo Manoel Souza de Oliveira. Como dissemos, era um orador consagrado, dentro e fóra do paiz.

Contam-se varios casos ácerca deste vulto notavel, casos que mais tarde teem sido aproveitados para embellezar as biografias de outros homens notaveis. Em certa occasião foi a Roma. Sabendo-se ali da existencia do orador famigerado, foi rogado um cardeal para que convidasse o frade a prégar um sermão. Encarregou-se o cardeal de fazer o con-

vite, o que lhe foi difficil, porque o frade estava sempre embriagado. Em certa occasião que o encontrou um pouco despedido da embriaguez, fez o convite que o padre acceitou. Era o cardeal amigo do fr. Joaquim e não cessava de avolumar aos seus collegas as faculdades oratorias do frade.

No dia em que o frade havia de prégar, encheu-se o templo, assistindo o Papa em uma tribuna secreta. Subindo ao pulpito, o frade ficou silencioso por algum tempo. Todos suppozeram que o frade se esquecera do sermão. Incommodado com o facto, o cardeal amigo de fr. Joaquim, dirigiu-se ao pulpito e aconselhou o frade a que descesse, visto ter-se esquecido do sermão.

Fr. Joaquim respondeu:

Estou á espera de que me dêem o thema da oração, e me digam em que lingua querem que eu prégue.

Informado o Papa da resposta do frade, mandou-lhe um papel, sem nada escrito, e a resposta — que prégasse em latim.

O frade abriu o papel e vendo que nada estava escrito, disse em voz alta:

— Nada escrito; e todavia do nada fez Deus o homem!

E sobre este ponto fez o frade um discurso, em latim, tão famoso e assombroso, que encheu toda a assembleia de pasmo e admiração. Nunca em Roma se ouvira discurso tão profundo e tão florido. Ao sair do pulpito, todos os cardeaes o receberam nos braços, e lhe prometteram honras subidas, se quizesse ficar em Roma; mas o frade tudo regeitou, partindo para a sua villa.

Faziam os frades o seu percurso de convento em convento. Chegou a um convento em Madrid; e ahi descançou para partir no dia seguinte. Ora no dia seguinte, havia uma grande solemnidade religiosa, e o orador convidado, sabendo na vespera, que o rei assistia á festa, deu parte de doente, o que causava grandes difficuldades ao convento, pois não havia quem prégasse na festa, convidado á ultima hora. Dirigiram-se ao nosso frade já meio embriagado, e este comprometteu-se a prégar o sermão. Vendo o guardião do convento que o frade continuava a beber vinho ferozmente, entendeu metel-o na livraria do convento, afim de preparar o discurso, tirar-lhe a garrafa do vinho, e fechar a porta da livraria.

Metido o frade ali, o guardião ordenou que o esprei-

tassem. O frade, olhando apenas para o distico dos livros, ia dizendo: *já li, já li.* Até que chegou a um folheto que tinha por titulo — *La sapata.* Então sentou-se e poz-se a ler.

Ora *La sapata* era uma comedia antiga, que fôra sempre representada no meio de grande gargalhada.

O frade leu por algum tempo, e mesmo sentado adormeceu, com o livro entre mãos.

Quando teve de prégar, saiu o frade da bibliotheca, acompanhado, e dirigiu-se para a sacristia. Estava o templo cheio de fieis. Não faltara o rei, e estava presente o bispo. Este fôra informado de tudo. Quando o frade se ajoelhou deante do prelado a pedir-lhe a benção, este disse-lhe a meia voz: cara te custará *La sapata*, querendo significar-lhe o castigo que o esperava caso andasse mal no discurso, visto ter-se apenas preparado com a leitura de uma comedia, em vez de ler um tratado qualquer da religião.

O nosso frade dirigiu se para o pulpito e annunciou o thema do seu sermão nas seguintes palavras: *Cara te custará La sapata.*

E num admiravel discurso em puro castelhano, tomando o thema como annuncio do castigo imposto pelo pé da Virgem que esmigalhou a cabeça da serpente, que enganou Eva no Paraizo Terreal, causou pasmo profundo em todos que ouviram. O proprio bispo se convenceu logo de que o prégador era certamente o Fr. Joaquim de Loulé, que poucos dias antes prégara em Roma.

Nesta villa, a uns amigos reunidos na sacristia, disse o frade, quando se dirigia para o pulpito: ainda não sei qual será o thema do meu sermão.

Um delles disse-lhe a rir:

Tercia ingrata!

Tercia ingrata eram as primeiras duas palavras de uma canção moderna, que as moças e os rapazes começavam a entoar pelas ruas.

O frade subiu ao pulpito e annunciou o thema: Tercia ingrata.

E como pregava na semana santa, facil lhe foi aplicar o thema ao facto de ter sido na *terça-feira* que os judeus formaram conselho e compraram Judas para obter a prisão do Martyr do Golgotha.

Entre Fr. Joaquim de Loulé e o cabido de Faro houve umas questões quaesquer. O certo é que os conegos, refe-

rindo-se ao frade, tinham apenas a seguinte palavra—o bebedo: Fr. Joaquim zangava-se, chamando ao cabido simplesmente—o burro. Agravaram-se as desintelligencias e o frade declarou que publicamente havia de invocar a albarda para o cabido.

Tendo o frade sido convidado pelo prelado para prégar em uma festa celebrada na Sé, commemorando a fuga da Familia Sagrada para o Egypto, subiu ao pulpito, fez uma alocução ao prelado, e depois, voltado para a cabido, começou:

Albarda, ex.^{mo} cabido; albarda, ex.^{mo} cabido, albarda S. José o seu jumento e parte com sua sagrada familia para as terras longinquas do Egypto.

Outros ha que contam o facto aplicando-o não ao cabido, mas ao bispo; e ainda outros o narram applicando-o não ao cabido, mas a um dos seus conegos, cognominado o «albarda.»

Divergindo na aplicação, todos aqui o attribuem ao Fr. Joaquim de Loulé.

Na ultima doença, conhecendo o frade que estava proxima a hora da morte, sentou-se na cama, e pegando no crucifixo, que trazia dependurado ao pescoço, exclamou:

Senhor! Senhor! Confesso que vos fiz muitas partidas; mas esta que agora me fazeis é maior do que as minhas, todas juntas.

Era Fr. Joaquim de um caracter modesto e completamente despido dessas honrarias de que fazem alarde os tolos e os idiotas. Quando succedia entrar alguem em sua casa, e tratal-o com excessivas atenções, o bom do frade atalhava o seu interlocutor, apontando para as pinturas do tecto e dizendo: honro-me mais de ser filho de meu pai, um pobre sapateiro, do que se fosse filho de um rei.

Resposta generosa de um filho reconhecido. Hoje ha por ahi animal que se envergonha de ser filho de seu pai.

11.º

Joaquim José Rasquinho, natural de Loulé, filho de Manoel Gonçalves Rasquinho e de Josefa da Encarnação. Nasceu a 8 de dezembro de 1736 e seus pais o destinavam ao estado eclesiastico; porém elle de verdes annos manifestou extrema vocação para a pintura. Pôz de parte os estu-

dos da sciencia theologica para se aplicar á arte, sua favorita. A principio aplicou-se a copiar estampas e a instruir-se nos principios de Annibal Caraxe e outros pintores insignes. Apparecendo em Faro um pintor hespanhol, chamado Francisco Corrêa Nobre, discipulo do famoso D. Domingos, pintor da casa real de Madrid, que mereceu ser visitado pelo nosso illustre Vieira Lusitano, saíu da villa o jovem Rasquinho e foi instruir-se com o pintor. Falecendo este dentro de pouco tempo, tendo apenas adquirido os principios de desenho e colorido, continuou com os seus estudos particulares, copiando as melhores estampas e desenhando o que podia haver á mão.

Com tão acanhados principios, entretinha-se o rapaz com as suas copias, que já as fazia exactissimas, confundindo-se com os originaes. Com esta pratica e gosto apurado executou quadros e pinturas, em que se pasma do seu genio. Entre outros merecem especial menção o quadro de S. Salvador, que esteve, e não sei se ainda está, na boca da tribuna no altar-mór da egreja de Alvôr; o de N. S. da Conceição, na camara municipal de Faro; quatro quadros grandes da Vida de S. Elias, na capella dos Terceiros de Tavira; e a magnifica copia de um quadro do Senhor Morto, que está na sacristia de S. Pedro de Faro.

Não menos genio e gosto mostrou em tirar retratos, que os fazia bem parecidos e sobretudo lhes dava uma expressão, que os tornava apreciadissimos. Foi elle quem tirou o retrato do reverendo D. Francisco Gomes, que se acha no palacio episcopal.

Faleceu o nosso pintor na edade de 84 annos e nessa edade ainda executava pinturas maravilhosas, pela graça do colorido e pelo especial mimo com que as tratava. Foi realmente insigne pintor e era inimitavel em perspectivas, no que fez os seus maiores estudos. Dão prova do que dizemos o tecto da egreja de N. S. da Conceição de Loulé, que ninguem desta villa sabe apreciar e nem conhece, e o tecto da capella da egreja dos Terceiros do Carmo de Faro com um quadro de Santo Elias, arrebatado ao céo na carroça de fogo. Faleceu em Faro a 10 de dezembro de 1822. Corog. do R. do Alg.

12.º

Luiz da Cruz (Fr.), antes Luiz Teixeira, natural de

Loulé, filho de Antonio Teixeira de Magalhães e de Margarida Antonia Pereira. Nasceu a 21 de junho de 1698. Embarcou para o Mexico em 1717 para estar com o tio, mas, como este fosse falecido, tomou o habito de S. Francisco, no estado de leigo.

Dotado de grande talento e habilidade, foi encarregado de fundar o convento de S. Fernando do Mexico. Em 1739 foi mandado pelos seus prelados, como procurador, a Filippe V, a suplicar missão para o collegio do hospicio de N. S. de la Puebla, que tambem fundou; e tão acreditado estava que o seu geral lhe concedeu patente de commissario da missão com amplas faculdades. Compôz varios livros espirituaes que estão impressos (Bibl. Lus.)

13.º

Manoel Soeiro, natural de Loulé, filho de Francisco Soeiro, consul português em Anvers. Estudou em Flandres com os melhores mestres, illustrando-se sobremaneira nas letras e no exercicio de varias linguas, saíndo tão perito que na edade de 37 annos deu á luz, em hespanhol, no anno de 1624, os *Annaes de Flandres*—2 vol. *in folio,* obra admiravel escrita com todo o acerto, e louvada por homens doutos. No mesmo edioma compoz varias outras e fez as traducções de Tacito, Sallustio e Valerio Paterculo, egualmente muito recomendaveis. Faleceu a 16 de novembro de 1629 (Bibl. Lus.)

14.º

Marçal de Azevedo Pacheco, mais conhecido simplesmente por Marçal Pacheco. Nasceu em Loulé a 8 de novembro de 1847 e formou-se em direito em 1872, tendo sido sempre o primeiro estudante classificado do seu curso, e sendo por isso convidado pela faculdade de direito a tomar capello, convite que agradeceu, mas não acceitou. Seus pais João Antonio Pacheco e sua esposa D. Maria Serafina de Azevedo Pacheco, modestos artistas, convencidos de que os pergaminhos conquistados pela sciencia eram superiores aos adquiridos por herança, não regatearam sacrificios para dar ao filho uma carreira scientifica. Formado pois em direito e exercendo a advocacia em Loulé, onde a breve tre-

cho, adquirira pela supremacia do talento um logar distintissimo entre os advogados desta provincia, foi, nas primeiras eleições, eleito presidente da camara municipal deste concelho, tomando posse em 2 de janeiro de 1874.

Filiou-se no partido regenerador, e logo em 1876 foi eleito deputado pelo circulo eleitoral de Macedo de Cavalleiros. Entrado na camara de deputados, sentou-se ao lado de Lopo Vaz de Sampaio e Mello, de Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena, Manoel de Assumpção e outros, que, pela sua intelligencia e dotes oratorios, foram desde logo havidos como os principaes orgãos do partido regenerador. Mediu-se Marçal Pacheco com os primeiros oradores da opposição daquelle tempo e dessa lucta de gigantes saíu-se o nosso deputado coberto de louros, como já saira das cadeias da Universidade.

Em 1880 foi Marçal Pacheco novamente eleito deputado, mas pelo circulo eleitoral de Villa Real de Santo Antonio, e, em seguida, foi eleito deputado pelo circulo plurinominal de Faro e Loulé, conservando sempre o seu posto na camara até que em 1891 foi eleito par pelo collegio eleitoral de Beja, fazendo-se ouvir na camara dos dignos pares com aquelle respeito e consideração dispensados aos grandes oradores.

Numa situação politica, presidida pelo snr. Dias Ferreira, foi o nosso distincto amigo agraciado por S. Magestade com os arminhos de par vitalicio.

Casara Marçal Pacheco em abril de 1886 com D. Hersilia Cordeiro, senhora rica, formosa, cheia de bondade e ternura, na frase de um parlamentar distintissimo; mas esse casamento de profundo amor foi a breve trecho empanado com uma doença terrivel que durante annos perseguiu o nosso amigo. Padeceu muito, muito soffreu aquelle corpo minado de dores e soffrimentos, mas o seu espirito superior, a sua alma de anjo, nunca diminuiu de intensidade no amor que dedicava á trilogia sublime, chamada: amor de familia, amor de amigos e amor do seu querido concelho. Conhecia-se em Marçal Pacheco a intima satisfação que sentia quando notava que os que delle escreviam lhe adotavam como sobrenome o nome da sua villa: era o *Marçal Pacheco de Loulé* para toda a gente. E era.

Ninguem como Marçal Pacheco mais amou a sua familia, ninguem como Marçal Pacheco mais estremeceu os

seus amigos, e ninguem como Marçal Pacheco melhor quiz e melhor estimou o seu querido concelho. Deste estamos prontos a escrever, porque as lagrimas não nos permittem que falemos daquelles.

Estava o Hospital desta villa ameaçado de fechar suas portas; os fundos da casa eram insufficientes para satisfazer os encargos, e Marçal Pacheco, que isto soube, correu em auxilio daquella Santa Casa e conseguiu depois de um discurso admiravel que fosse subsidiada pelo Estado com duzentos mil reis annuaes em julho de 1885. Melhoraram momentaneamente as circumstancias financeiras do Hospital, mas depois a má vontade de uns, mascarados sob o manto de caridade por conta alheia, começou a espalhar que a Casa estava rica e a mandar para ali todos os doentes. Novas difficuldades para os mezarios, e então ainda Marçal Pacheco novamente correu em seu soccorro, conseguindo do governo um novo subsidio em beneficio da Santa Casa.

Em 1876 lutava a Ordem Terceira de S. Francisco, de Loulé, com difficuldades financeiras para poder reparar a parte externa do seu templo. Os peritos computavam as despezas em 200$000 reis, e a Ordem não se attrevia novamente a recorrer aos seus irmãos, pois que em 1873 tinham egualmente por subscripção dispendido na parte interna do mesmo templo 476$735 reis. O que fazer? Recorreram ao benemerito Marçal Pacheco, que, embora deputado por Macedo de Cavalleiros, conseguiu do governo um subsidio de 200$000 reis.

Por esses tempos soube Marçal Pacheco que a Egreja Matriz de S. Clemente de Loulé necessitava de grandes e custosos concertos. Officiou á Junta de Paroquia, presidida pelo snr. José Francisco do Valle Galvão perguntando se carecia de algum subsidio do governo para o concerto da Egreja. Foi-lhe respondido que a Egreja não necessitava de nenhum subsidio. Os concertos não se fizeram, mas quem assim recusou um subsidio, não duvidou mais tarde de o pedir, mas com outra aplicação.

Para os reparos e necessarios concertos da egreja de Alte tambem Marçal Pacheco conseguiu um valioso subsidio, e o mesmo succedeu, quando se reparou o templo de Salir. Emfim Marçal Pacheco foi sempre o procurador gracioso dos interesses do seu querido concelho, ainda mesmo

quando nenhuns titulos o concelho podia exhibir para documentar direitos, porque então os não tinha.

Tentou aformosear a sua villa, fazendo-a atravessar por uma importante avenida. Conseguiu do governo mandar proceder ao plano e subministrar os fundos sufficientes para a realisação da obra. Fez-se muito, mas não se fez tudo, porque a morte do benemerito cidadão antepoz-se á conclusão da obra.

E' que morrera a aguia, e os pavões que cá ficaram, se algum ficou, não ousam apparecer aos que delles se acercam, sem previamente esconder os tarsos.

Escreveriamos resmas de papel se quizessemos mencionar tudo quanto fez a favor do seu concelho, dos seus amigos e dos seus parentes, sendo certo que muitos destes, quando as circumstancias ou a edade os impedia de trabalhar, eram mensalmente subsidiados com boas quantias.

Toda a villa bem o sabia, e aquelles mesmo que em politica mais o combateram eram os primeiros a confessar que Marçal Pacheco era o melhor dos amigos e o melhor dos parentes.

Poremos ponto final a este nosso artigo com a sua morte em 17 de abril de 1896, deixando inconsolaveis sua esposa muito amada, seus filhos, seus parentes, seus amigos e todo o concelho. Em face da morte, todo o concelho chorou o seu passamento e lhe tributou as honras funebres acompanhando-o á sua ultima morada. Jaz, pois, no cemiterio da sua freguezia, como foram sempre os seus intimos desejos.

E finou-se sem deixar fotografado em livro perduravel aquelle formoso talento. Sabendo vazar os seus pensamentos em formulas admiraveis, como bem demonstrou no seu jornal — *O Reporter* — cujos artigos eram avidamente lidos e profundamente apreciados, apenas escreveu um famoso folheto — A Resposta do Paiz —, que é o bastante para documentar o seu superior criterio. Este folheto tem paginas admiraveis e o governo que o adoptasse como programma da sua administração produziria uma revolução salutar em todos os ramos de publica administração. Pedimos licença para aqui o reproduzir, pois temos a certeza que será pelos leitores bem apreciado. Figura o seu auctor apparecer-lhe em sonhos o vulto gigantesco do nosso querido

Portugal e numa linguagem tersa censurar os que administravam a nação. (G)

Diz o *Velho Portugal:*

«Resignado e silencioso tenho soffrido os successivos desastres e as crueis provações que, de mãos dadas, o destino e os governos teem attrahido, ha longos annos, sobre mim. A uma época de aspirações generosas e de crenças ardentes n'um futuro melhor, época em que foi derramado o mais precioso sangue de meus filhos, na conquista do que eu julgára a minha carta d'alforria, succederam tempos de leviandade descuidosa e despesas desvairadas, de modo que hoje, passados quarenta annos de profunda paz, não póde ser nem mais pobre nem mais vergonhosa a situação em que me encontro. A's nações estrangeiras do mundo civilisado inspiro tedio e despreso. A mim proprio invade-me o desalento da minha miseria, e a descrença quasi completa na minha salvação.

A minha agricultura, sem capitaes e sem sciencia, move-se ainda por praticas ignaras e processos rotineiros, agonisando sob o peso desigual de crudelissimas tributações esmagadoras.

A minha grande industria, sem materias primas e sem aprendizagem, arremeda servilmente a industria estrangeira, e não consegue subsistir senão á sombra de enormissima protecção.

O meu alto commercio, porisso que são escassos e imperfeitos os meus productos, deve a sua existencia quasi exclusiva a complacencias nas alfandegas e a negocios com o governo.

A minha viação, concebida sem systema e sem plano, ordenada sob o imperio d'imposições eleitoraes ou de conveniencia de empreitadas ganancíosas, não corresponde ás exigencias do transito de pessoas e de coisas, encontra-se, na maxima parte, em estado miserando de ruinas, o até póde dizer-se com verdade que nem a mim proprio me pertence, porque os capitaes e a mão d'obra, com que foi construida, os estou devendo ainda a credores e empreiteiros.

As minhas colonias, que bem podiam ser a terra, o celleiro, e o mercado da minha economia depauperada, constituem apenas, por imprevidencia ou cumplicidade dos governos, a tunica ensanguentada do Christo sobre a qual joga os dados a cupidez dos estrangeiros.

As minhas lettras quasi morreram com Herculano e Garrett; e se muitos, velhos e novos, ainda existem com subido engenho creador, bem transitoria será a sua obra, que não ha obra litteraria que subsista, quando a não inspira um aspecto grandioso da alma collectiva de um povo.

Monumentos de arte nunca os possui em abundancia, mas até esses que um passado de glorias, mais guerreiras do que intellectuaes, me legou em padrões de architectura, ahi jazem ao abandono, esboroando-se a pedaços, transformando-se em ruinas.

A economia do meu thesouro não é feita de previdencia cautelosa e de parcimonia regrada; arrasta-se, cambaleante, entre emprestimos disfarçados e calotes vergonhosos.

Os meus bancos não são estabelecimentos de capital necessario ás operações fiduciarias dos centros do commercio e da industria; são, quasi todos, condescendentes parceiros interessados, que servem a em-

prezas pouco lisas, como á Companhia Real serviu o Banco Luzitano, os bancos do Porto ao assalto de Salamanca, e o de Portugal á emboscada dos tabacos.

O meu credito financeiro morreu, ou, se existe ainda, é o de um devedor fraudulento que onera os seus bens com hypothecas especiaes, poucos dias antes de se declarar fallido.

O meu exercito, terrestre e de mar, demasiadamente pequeno para os embates da guerra, e demasiadamente grande para as mollezas da paz, não serve ao fim legitimo da sua instituição natural: esfraim-se, ao anno, por milhares, os contos que dispende e consome, e no emtanto, as suas armas conservam-se em descanso, deante das affrontas crueis com que sou aviltado.

Os meus tribunaes são, em geral, incorruptiveis e rectos; comtudo, se nos seus julgados intervem a acção dos ministros, logo as leis são despresadas, e das mais arbitrarias dictaduras faz-se direito obrigatorio.

A minha *burocracia,* ou por mal organisada ou por mal retribuida, não corresponde aos serviços que lhe estão incumbidos, e nas minhas repartições a inercia é tão grande, que é feliz o pretendente que sobrevive á pretenção.

No meu systema eleitoral quem vota sou eu, mas não sou eu quem elege; o meu voto ou é falsificado por mil fórmas que não sei evitar, ou me é extorquido por pressões a que não posso resistir.

O meu parlamento imita, nos vicios e defeitos, todos os parlamentos do mundo: usam os procuradores das procurações em seu proveito, e nem possibilidade existe de lh'as revogar.

A minha politica, onde a deslealdade abunda e o brio se compromette, é feita de fome e cheia d'intrigas: todos transigem por necessidade, e todos intrigam para governar.

Os meus ministros ou são incapazes, ou não sabem salvar-me, ou são atilados, e descreram já da minha salvação.

Finalmente, a minha realeza, confiada ás mãos de um moço principe, parece ter, sem desgosto, abdicado das ásperas canceiras de reinar.

*

* *

Eis-ahi, esboçada em breves traços, a situação de miseria e de vergonha em que eu arrasto, semi-morto, a existencia perante Deus e perante o mundo. E é n'estas condições confrangentes e doloridas, que vem soando agora aos meus ouvidos um confuso tumultuar de vozes, que ou me applaudem no meu silencio, tomado á conta de indifferença, ou me chamam em seu auxilio com o aviso de que estou em perigo. De um lado resôa um côro de louvores á prudencia dos meus actos e á resignação de que dou provas. D'outro lado, erguem-se clamorosos protestos, pedindo-me braços para a lucta e peitos para a morte, na reconquista patriotica dos meus fóros e direitos. Pois bem! Visto ser para mim que todos appellam, a todos farei ouvir a minha voz, e, se todos em meu nome falam, que todos me oiçam attentamente.

*
* *

Direi primeiro aos que protestam, que a lucta é inutil, e que a morte é ingloria. Luctar por quê? morrer por quem? Luctar pela Liberdade e morrer pela Carta! Mas não luctei eu em cem combates heroicos pela victoria da Liberdade, e não morreram os melhores dos meus filhos em defesa da Carta? E que fizestes vós da Liberdade, e como cumpristes vós a Carta? De que me serviram as fadigas, os sacrificios, e as dedicações de tantos annos, consumidos nos duros lances de uma lucta fratricida, e que terra de promissão fructeou ahi com o sangue borbotado do meu corpo? Que importa á minha fazenda que o sorvedouro, que a devora, se chame thesouro publico em vez de real erario? De que me serviu que Monsinho extinguisse as alcaválas dos fidalgos, se o sangue me é chupado pelos syndicatos dos judeus? Que importa aos meus fóros politicos que o arbitrio, que os reprime, seja a vontade dos ministros, ou os caprichos de um rei absoluto? E em que mais se offende o meu brio e o meu orgulho porque seja um rei o meu *senhor*, ou porque sejam meus *senhores* os lacaios de um rei? Porventura, e desde a primeira hora da sua existencia, não tem sido sophismada a Liberdade e falsificada a Carta, no regimen predominante e constante de uma oligarchia burocratica? De que me serve que a Carta me conceda a liberdade da imprensa, o direito de reunião, a inviolabilidade do domicilio, o segredo das correspondencias, e outras mil theoricas garantias, se na pratica todas ellas me são supprimidas sob o impulso despotico das paixões dos ministros? Que me importa a mim que vivam ou morram as camaras, se não sou eu que as elejo, se as compõem sempre dependentes servidores de corrilhos, e se não representam nunca nem os meus sentimentos, nem os meus interesses? Os eleitos, expulsos das cadeiras de S. Bento, continuarão a legislar nos gabinetes do Terreiro do Paço, e, d'um ou d'outro modo, a sua obra será sempre a mesma: obra inepta d'incapazes, obra desalmada de egoistas. Não, falsos prophetas, não! vós não prégaes o verbo do meu libertamento, e não é para melhorar a minha sorte que vindes implorar o meu auxilio. Do que vós precisaes é da força dos meus braços e da energia da minha alma para derrubar do poder os rivaes que vos affrontam, mas, derrubados elles, eu continuarei, como sempre, a ser o vosso eterno escravo, a victima eterna do vosso ludibrio. A vossa historia conheço-a eu em largos annos de soffrimento, e os vossos nomes, sei-o bem, não desdizem da vossa historia. Que penhor de vida nova, que segurança me offereceis de não serdes *ámanhã* os mesmos que *hontem* fostes? Não acudirei ao vosso appello, que é hypocrita, e não me seduzirão as vossas promessas, que são mentidas. Quero antes ficar entregue á minha dôr, roido pelos abutres do destino, condemnado pela maldição dos governos!

*
* *

Oiçam-me agora os homens do poder!
Escalastes as cadeiras de ministros por manobras tortuosas e

processos desleaes. Viveis, ha longos mezes, de expedientes transitorios, e de vergonhas do meu e vosso orgulho. Conservaes as insignias do mando com exhibições de força e por espirito estreito de facção. Mas o que é que tendes praticado a bem dos meus interesses, e á gloria do meu nome? Haveis rasgado as folhas da constituição do reino, offendido todos os principios do systema representativo, e desfeito todas as praticas e tradições da liberdade individual. Nunca, ainda nos tempos mais revoltos das guerras civis, quando o imperio das circumstancias vencia escrupulos de legalidade, foi tão extenso, como agora, o predominio do arbitrio de um governo, e falou tão discricionaria a vontade pessoal dos ministros. Mas que reformas salutares e que providencias de largo alcance me outhorgastes vós então, para que tamanhos desregramentos vos sejam perdoados? Que tendes feito para minorar os meus infortunios, acudir aos meus desastres e deter o curso da minha desgraça? Pregoaes o menosprezo de formalismos estereis, e viveis no engano de que vos basta a força pela força... Que perigosa leviandade vos conduz, que dementado juizo é o vosso! Mas não vêdes que a força pela força é tão legitima em vossas mãos ambiciosas, como nas mãos do sicario o bacamarte, ou nas de Caserio o punhal do anarchista? Ignoraes, acaso, que os defeitos de uma lei são preferiveis ás virtudes de um arbitrio, e que, arbitrio por arbitrio, vale tanto o vosso, que é aggressivo, como outro destinado a combater-vos?

E, comtudo, e uma vez que entrastes no caminho perigoso do Arbitrario, a quantas obras de valor, a quantos actos perdoaveis poderia andar ligado o vosso nome!

A voz austera da justiça exige que o imposto, que deve representar para todos um sacrificio egual, seja lançado sobre os rendimentos em razão fortemente progressiva, para que se realise essa egualdade. A sciencia juridica do nosso tempo aconselha que um pesado imposto da mesma natureza onere tambem a transmissão das heranças, que não recaiam em ascendentes ou descendentes, entre conjuges ou irmãos. A equidade e a pobreza angustiosa do thesouro reclamam que as transmissões da propriedade movel, nomeadamente, a de titulos do estado, d'emprezas e companhias, sejam tributados como são as transmissões de toda a ordem, sobre predios rusticos e urbanos. Porque é, então, que vós não deferís, em reformas proveitosas, ás indicações da justiça, aos conselhos do direito, e ás urgencias do thesouro?

Quando os impostos incidem sobre mim com tanta desegualdade que, n'alguns pontos, me fazem golphar sangue, ao passo que n'outros nem chego a saber se existem, porque é que vós não procedeis, já e de vez, com rigor inexoravel, á sua repartição equitativa?

Um serviço militar obrigatorio e regional, limitado á aprendizagem do manejo das armas; a permanencia dos actuaes quadros do officialato para o commando e instrucção; o licenceamento em larga escala do actual numero de praças em pé de paz; uma extensa e intelligente constituição de reservas; e a organisação nas cabeças de districto de fortes guardas municipaes, aproveitando-se os elementos existentes dos corpos de fiscalisação e de policia: eis ahi outras tantas bases sensatas do exercito necessario á minha defesa, tanto interna como externa. Porque é que não metteis vós hombros de coragem a esta ou congenere reforma que seria, a um tempo, eminentemente patriotica, e economicamente productiva?

A fabricação da polvora, a feitura dos explosivos e a rectificação do alcool são, actualmente, industrias de vital importancia, que não podem sahir das mãos do Estado pelas relações que as prendem ás necessidades da minha segurança, aos cuidados da minha defeza, e aos resguardos da minha hygiene. Pela sua indole especial unnca deveriam taes industrias ser exercidas por iniciativas individuaes, e, ainda menos, pelo systema de monopolios particulares. E' a *regie*, a directa administração do estado, o seu regimen natural: e já pelas fontes de receita que apresentam, já pela vasta base que fornecem de trabalho salariado, constituem meios precisos de governo, quando ha governo que mereça este nome. Porque não ha de regularisar-se então este serviço de trabalho social, em proveito dos meus operarios, e não curaes vós d'abrir ahi uma fonte inexgotavel de receita, em favor do meu thesouro?

A empreza da Mala Real é devedora ao Estado d'importantes sommas, sahidas dos meus cofres para lhe valer n'um momento d'infortunio, e tem ahi a apodrecerem, no Tejo, ao desamparo, os seus navios, apodrecendo com elles a unica garantia da solvencia do meu credito. Os aguazis do meu fisco perseguem-me, como o lobo cerval, se não entram, a tempo, nos seus bolsos as miseras mealhas dos meus pobres contribuintes, e os guardiões do meu thesouro deixam perder, ao desbarato, tranquillamente, uma riqueza enorme que faria a fortuna de milhares de familias! E' porque existem outros credores, que as leis mandam respeitar, e não chega para todos o espolio da empreza? Mas não são acaso, e não o foram sempre, privilegiados os creditos da fazenda nacional, e, porventura, respeitastes vós, em nome dessas leis, os interesses legitimos dos credores da divida publica? Pois não vos apossastes vós da Companhia Real, em nome de um credito que sobre ella tinheis, e não a administrastes em men nome, emquanto, bem ou mal, se não cobrou o credito que me deviam? Porque não procedeis então, por egual modo, com a empreza da Mala Real, e não vos apossaes tambem do que d'ella existe, emquanto, com ou sem convenio, me não fôr pago o que me é devido?

O Banco de Portugal, a quem se deu de mão beijada um monopolio enorme, e que *deve* hoje a existencia a favores gratuitos do governo, aufere lucros prodigiosos da sua illegalissima inconversão de notas. E o Estado que subtrahiu aos seus legitimos credores, *que nada lhe deviam*, dois terços dos rendimentos, continúa covardemente a deixar subsistir o Banco de Portugal n'esta situação escandolosa! Porque não acabaes vós, em proveito do thesouro, e para alliviar a minha miseria, com este modelo nunca visto de agiotagem revoltante? Porque não expropriaes os accionistas do Banco, entregando-lhes, generosamente, em notas, treze mil e quinhentos contos, que é tudo quanto lá teem, e não pondes uma commissão minha a administrar aquella fabrica de papel moeda recolhendo-se todos os lucros em proveito dos meus cofres? E' porque receiaes o abalo que possa produzir em mim a administração do estado? Mas não sei eu que o Estado já tem lá o seu governador, e que é o governador quem lá governa tudo? Mas vós, que expoliastes, á má cara, os crédores da divida publica em dois terços dos seus reditos, achaes violento este processo simples d'execução summaria? Porque não estabeleceis, n'esse caso, ao menos, um limite de lucro aos interessados do Banco, e não arrecadaes o excesso nas

arcas do thesouro? Marcaes limite de preço aos fabricantes do pão, marcaes limite de preço aos fabricantes do alcool, marcaes limite de preço ás drogas das boticas, e tendes pudor de marcar limite de preço aos fabricantes de notas de papel!

Sem força publica que dê condições de segurança, sem justiça que defenda a propriedade, sem leis que alicercem o direito, os meus dominios africanos não attrahem os meus e não garantem o meu trabalho. Só a miragem de riquezas rapidas, e um doido espirito d'aventura impelle ainda os mais audazes para o meu reino d'além-mar. E o Banco Ultramarino, que possue nas colonias os extensos monopolios dos bancos da metropole, é o velho cancro que as corroe e annniquila! E o fomento colonial, a unica esperança redemptora que reluz no meu futuro, contaminado em toda a parte d'esse virus mortifero, debalde tenta erguer-se, expandir-se e caminhar. Porque não cortaes vós, d'alto a baixo, n'esta instituição nociva, e não organisaes a minha terra ultramarina, creando-lhe um exercito, estabelecendo-lhe tribunaes, assegurando a propriedade, abrindo estradas e linhas ferreas, incitando a colonisação dos campos, creando, em largas bases, largas emprezas patrioticas? Preferís vel-a, como ahi a tendes, desfeita a pedaços, posta em leilão em terra extranha, por estrangeiros extorquida e retalhada!

O Banco Hypothecario, que nascera para o auxilio patriotico do trabalho agricola, converteu-se, desde muito, no monstruoso polvo que dilacera o coração da minha agricultura. Proprietario que uma vez se prendeu nos mil tentaculos do terrivel monstro, jámais se libertou da sua escravidão perpetua; e quantos fructos a terra produza, e quantas canceiras o trabalho dispenda, tudo se esvae, sem esperança, no sorvedouro voraz d'aquella usura sem fim! De tal sorte que em nenhum frontespicio d'inferno mortal seria tão significativo, como na testada do Banco, o famoso verso do inspirado florentino: *lasciate ogni speranza, voi che entrate!* E os annos decorrem, uns apoz outros, extincto como está este gratuito monopolio collossal, e o Banco continúa a subsistir no seu mecanismo privilegiado, contra a expressa disposição das leis do reino, e fóra de todas as regras das sociedades anonymas! Succedem-se os ministros, uns aos outros, na pasta da justiça, e nenhum repara na prohibida accumulação de bens immoveis que o Banco retem na sua propriedade e na sua posse! Succedem-se os ministros, uns aos outros, na pasta da fazenda, e o Banco continúa isento do imposto da decima de juros, quando este imposto incide, cada vez mais oppressivo, nos mutuos particulares, hypothecarios ou communs, onerosos ou gratuitos! Succedem-se os ministros, uns aos outros, na pasta das obras publicas, e as emissões d'obrigações hypothecarias, que são prohibidas pelas minhas leis geraes, alastram-se nos mercados, aos milhões, com os sellos do governo e o consenso do Estado! E é em confronto com semelhante expoliação inaudita que ahi jaz prostrada, estarrecida, agonisante, a minha pobre agricultura nacional! Dictadores audaciosos, estadistas intemeratos: porque não esmagaes vós de um traço de penna, n'um golpe firme e decisivo, o monstro voraz do Banco Hypothecario, e não fundaes sobre as suas ruinas o credito agricola, a um juro barato, dotando-o com uma parte da moeda de papel do banco de Portugal, e garantindo os emprestimos com penhor primario sobre as colheitas da terra agricultada? Porque demoraes ainda esta reforma capital que se-

ria, ao mesmo tempo, uma execução meritoria de justiça, e uma obra restauradora de fomento?

E, para terminar sobre este assumpto de economias e receitas, uma pergunta e ultima quero fazer ainda á vossa audacia. Affrontando a justiça das leis e a pobreza do thesouro, ergue-se ahi, soberba e insolente, a Companhia dos Tabacos, essa monumental pyramide da insania governativa. Extorquido, n'um momento de panico, á boa fé honrada de um ministro honrado e timido, o fraudulento monopolio dos tabacos determinou a minha bancarrota de hontem, e justifica o meu descredito de hoje. E quando, sobre os escombros dos meus bens e do meu nome, irrompem de toda a parte gritos d'afflicção, quando geme opprimido o meu trabalho industrial, golpeado por tributações sangrentas, quando os meus funccionarios publicos retalham no pão dos filhos a parte dos vencimentos que o fisco exige, quando, emfim, os meus crédores legitimos são espoliados em dois terços dos seus reditos, eil-a, a poderosa companhia, a campear, incolume e opulenta, n'este vasto campo de desgraça e de miseria! Não ha contribuições para a sua industria. Para os seus empregados não ha sacrificios. Não ha córtes para os seus prestamistas! Vamos, dictadores de força! que força é a vossa que tolera esta impudente iniquidade, e como é que, sabendo vós arrancar miserias aos miseraveis, não sabeis restituir-me uma parte, ao menos, de tanto que me levaram?!

Mas se d'estas providencias economicas e financeiras desvio os olhos para a situação politica e social da minha existencia, que terreno vasto se não depara ahi a estadistas patriotas e a reformas grandiosas!

A imprensa, que me é necessaria como o pão e prejudicial como o veneno, vive no peor dos regimens, no regimen do arbitrario, que ora brutalmente a persegue, ora lhe permitte desvarios de toda a ordem. As offensas politicas dos jornaes e o effeito corrosivo que ellas produzem, ou se evitam pela censura prévia, ou não ha meio possivel de as reprimir. Mas estabelecer a censura prévia seria resuscitar a inquisição e os mortos não resuscitam por artificio das leis. Subtrahir, pois, ás alçadas criminaes tudo quanto se escrevesse sobre funcções publicas responsaveis, estabelecendo-se n'este assumpto a liberdade illimitada; sujeitar ao rigoroso direito commum quanto respeitasse á vida particular dos cidadãos; e tornar obrigatoria a assignatura dos artigos e a das secções diversas dos jornaes: tal seria ainda a unica reforma plausivel, aconselhada pelo bom senso e pela justiça.

O meu poder judicial, no modo de ser dos tribunaes, nos serviços forenses, e nas relações que o ligam aos outros poderes do Estado, necessita, desde muito, de uma completa reforma. A creação de tribunaes collectivos em todas as capitaes de districto, com juizes singulares d'instrucção nas comarcas; a extincção dos tribunaes das relações, incorporando-se os seus membros no supremo tribunal de justiça; a brevidade nos prazos e a concisão nos termos em todos os processos civeis e criminaes; a suppressão de custas nos inventarios de importancia inferior a um conto de réis; a exigencia de habilitações aos officiaes incumbidos da primeira citação nas causas; a incorporação dos officios do tabellionato, á medida que vagarem, nas conservatorias do registo predial, dando-se a estas uma nova organisação; a fixação de regras inalteraveis para a promoção e transferencia dos juizes, afim de

os subtrahir, quanto possivel, á dependencia do poder executivo; emfim, o expresso perdimento, a todo o tempo, do direito á promoção e aposentação para os juizes que attribuirem, nas sentenças, força de lei a decretos dictatoriaes: ahi tendes outras tantas providencias que os meus interesses reclamam, e que eu applaudiria com agrado, se ellas fossem decretadas.

O fôro e o julgamento dos crimes da responsabilidade dos ministros, pares e deputados, deveriam ser transferidos da camara alta, que é uma assembléa politica, para o supremo tribunal de justiça, que é composto de juizes. O direito de accusar criminalmente os ministros deveria, tambem pela mesma razão, deixar de ser privativo da camara dos deputado, para entrar nas regras geraes do direito criminal. E assim como os recebedores de comarca, os vereadores municipaes, e todos os exactores de fazenda são responsaveis, por pessoa e bens, pelos dinheiros publicos que arrecadam ou administram, assim tambem os membros do poder executivo deveriam ficar com os seus bens e os de seus herdeiros sujeitos á fazenda nacional, emquanto com ella e pela sua gerencia não fossem julgados quites pelos tribunaes competentes.

A eleição dos meus representantes não traduzirá nunca a minha vontade, e o meu poder legislativo nunca será independente, emquanto subsistirem as actuaes leis eleitoraes, e forem membros das camaras os juizes e os empregados do governo. As commissões de recenseamento e os recenseamentos organisados por ellas; a multiplicidade das assembléas eleitoraes em cada circulo: o modo actual de organisar as mesas n'essas assembleas; e, ainda, o limitado espaço de tempo para a recepção do voto, são outros tantos meios de fraude que se oppõem ineluctavelmente á genuidade do suffragio.

A constituição de uma assembléa unica em cada cabeça de comarca, sendo formada a mesa respectiva do juiz de direito, pelo presidente do municipio e pelo respectivo parocho; o estabelecimento de prazos largos para a recepção do voto, conferido a todo o cidadão que apresentar o conhecimento pago das contribuições ao Estado; a substituição dos actuaes cadernos do recenseamento por certificados authenticos dos cidadãos inscriptos nas matrizes dos impostos; a votação por lista uninominal em todos os circulos, e a suppressão dos deputados d'accumulação; a extincção do tribunal especial de verificação de poderes; a incompatibilidade absoluta do lugar de par e de deputado com a qualidade de funccionario do poder executivo ou de membro do poder judicial; emfim, a suppressão da parte electiva e temporaria da camara dos pares, formando-a vitalicia, ou por nomeação regia, ou por eleição: eis ahi, entre outras, as bases necessarias e urgentes de uma reforma eleitoral.

Nas minhas camaras municipaes ha largos subsidios de lactação para os que nascem, ao abandono, filhos da vergonha ou da miseria, e n'essas camaras não existe nem caridade nem auxilio para a velhice dolorosa dos que já não podem trabalhar! Que motivo humano pode haver para subtrahir á fome os que despertam na aurora do berço, e de fome deixar morrer os que resvalam no occaso da vida?

E' reformado o funcionario civil e o militar, jubilam-se os professores das escolas, aposenta-se o juiz dos tribunaes, mas nenhuma lei concede taes garantias aos artistas das minhas officinas, aos operarios das minhas fabricas, aos trabalhadores das minhas obras! A's viu-

vas e aos orphãos dos que morrem no conflicto dos exercitos, que é a guerra deshumana, conhece-os o meu governo, e soccorre-os o meu cofre. A's viuvas e aos orphãos dos que morrem na exploração de uma mina, ou na abertura de um tunnel, que são a guerra do progresso, quem lhes sabe ahi os nomes, que auxilio meu os ampara?

O semovente irracional que trabalha, termo medio, oito horas por dia, recebe o seu salario no *minimo* que dispende na ração e na ferragem, na limpeza e nos arreios. E' um salario mais elevado e um trabalho de menos horas do que teem os meus operarios nos campos e nas fabricas! E as associações dos *companheiros*, — exercito do quarto estado —, que firmam n'este confronto o seu direito implacavel, surgem de toda a parte, e reclamam sem descanço, ameaçando invadir tudo em arrancos desesperados!...

Quaes são os vossos actos, onde estão os vossos feitos, a bem dos desvalidos, por amôr ás classes pobres, por obrigação de justiça, ou por espirito de previdencia?

Mas para que dizer mais!

Nenhuma providencia patriotica, nenhum assumpto de largo alcance teem movido o vosso zelo. Reformas que me tonificassem os nervos, renovassem o sangue e reanimassem a vida, nunca vós pensastes n'ellas. Não! Nada de semelhante tendes feito, nada de semelhante fareis. Em vez de cortar a fundo, abrindo vastos caminhos d'economia e de fomento, a vossa indole, estreita e partidaria, compraz-se apenas em arranhar-me a epiderme, n'um ou n'outro ponto, á superficie. As pastas que sobraçaes não guardam planos de governo nem projectos d'estadistas. São como as fardas que vestis: um arrebique de vaidade. E uma dictadura de vinhos e de azeites, e uma violencia de mordaça, imposta aos vossos adversarios, eis ahi a obra meritoria de toda a vossa audacia! E cuidaes então que o meu silencio vale o mesmo que indifferença, e que o meu socego significa o meu consenso. Que illusoria crença! Não, mil vezes não! Nem mereceis o meu appoio, nem vos dispenso o meu applauso. O motivo do meu silencio e a razão do meu socego procedem de mais alto, derivam d'outra origem. Eu vol-o digo. E' porque velho como estou, n'esta edade avançada, com oito seculos de existencia, tenho o juizo dos velhos, e já não caminho ao acaso, succeda o que succeder, de olhos fechado, e ás cegas. E', principalmente, porque tendo de esmagar-vos n'um recontro dos meus hombros receio, por ora, que o impulso vá mais longe... e moleste mais alguem!

*

* *

E vós, senhor rei de Portugal, vós que falaes, por vezes, nos meus interesses superiores, escutae tambem o que vos digo, porque a mim pertence-me o direito de falar e a vós o dever de me ouvir.

Senhor! Os vossos maiores e eu lidámos juntos, ha sessenta annos, nos campos de batalha, elles pela sua e vossa corôa, e eu pelos meus bens e liberdade. Ambos combatemos o bom combate em duros lances de morte, ambos vencemos a nossa causa, em dias feizes de gloria. A vossa corôa, senhor, vós a tendes em vós e em vossos filhos, mas os meus bens e a minha liberdade não os tenho eu, senhor! Nas

camaras, que eu fundei para a representação dos meus direitos, ninguem, advoga a minha causa, ninguem defere ás minhas supplicas. Os meus representantes caminham á voz dos seus chefes, e os chefes ao sabor dos seus interesses. As minhas camaras, em que eu puzera tanta fé e fundára tanta esperança faliram totalmente para a minha salvação. E os ministros, que eu instituira para ficis mandatarios dos meus designios, esses preferiram tambem á minha causa a causa dos partidos, e acompanharam na fallencia as minhas camaras, senhor. Vêdes estas feridas abertas que me desfeiam o rosto, e estas chagas cancerosas a corroerem-me o corpo todo? As primeiras, senhor, fez-m'as o engenho dos mais conspicuos. As outras, foi a honradez dos incapazes!

E no meio das ruinas das minhas illusões, e no chão amargurado do meu infortunio, vós, que sois o meu rei, e que me tendes vós feito, senhor? Perdoae que vol-o diga, mas vós não tendes sido o rei que eu desejára. Haveis sido um moço principe, illustrado e honesto, mas nem sempre haveis cumprido o vosso duro officio de reinar. Eu fiz-vos um rei constitucional, e um rei constitucional não é um rei ministerial. Fiz-vos hereditario para que não estivesseis dependente nem dos meus ministros, nem das suas clientellas. Estabeleci a vossa irresponsabilidade para que não tivesseis receio das criticas dos partidos ou da sentença das paixões. Cerquei-vos de corpos consultivos para os ouvirdes em horas difficeis, e discutirdes com elles os vossos intentos. E assegurei-vos, finalmente, uma condigna dotação para que todo o vosso tempo fosse empregado em velar pelos meus bens e liberdade. E como tendes vós correspondido a tudo quanto vos dei e a tudo quanto vos fiz, no desempenho do supremo cargo que incumbi á vossa guarda?

Vós o sabeis, senhor! Abdicando, modestamente, da vossa authoridade na authoridade dos ministros, que vos falam de maiorias parlamentares, por elles proprios fabricadas, sob o vosso patrocinio! Não, senhor, não foi essa a doutrina que escrevi na carta com o sangue do meu corpo, e não é essa a lei do throno que eu sustento com o suor dos meus impostos. O que eu escrevi e o que eu sustento é que vós, como chefe do poder executivo, deveis collaborar com os ministros em todos os actos do governo, velando incessantemente para que elles zelem os meus interesses e respeitem os meus direitos. Não vos é licito tudo abandonar á confiança dos ministros para vos subtrahirdes ao vosso duro officio de reinar. Porque os ministros, sabei-o bem, por isso que são mudaveis, e teem interesses proprios e partidarios, podem esquecer-se, por vezes, da minha liberdade e dos meus bens, ao passo que para vós, senhor, o vosso unico partido sou eu, e além de mim não ha quem possa sustentar-vos. Um throno, que se perde, não torna mais a rehaver-se; as pastas ministeriaes reconquistam-se n'alguns mezes. Lembrai-vos, senhor, que a vossa maior força está na escolha dos ministros, mas que o vosso maior dever consiste em velar pelo que elles fazem. Velae, pois, senhor, velae incessantemente, e agora mais do que nunca, porque a crise é desesperada, e angustioso o momento. Dizem que a culpa é toda minha, que não tenho feito ouvir a minha voz, e que a minha indolencia consentiu a situação a que cheguei. Não é verdade, senhor! A minha voz articulo-a eu no som cavo das enxadas, no silvo da locomotiva, no gemido das charruas, no estalar das

pedreiras, no ruido dos meus teares, na respiração das minhas forjas, no arfar continuo, emfim, do meu labôr quotidiano. Não chega a minha voz para tudo, senhor, e é por isso que os meus representantes deviam falar por mim, e é só d'elles a culpa inteira. Tambem não foi a minha indolencia quem gerou os meus desastres, vós o sabeis, senhor. Eu sou no mundo dos espiritos o que são as montanhas no mundo da materia. Não posso deslocar-me todos os dias, nem posso mover-me a todas as horas. A's deslocações dos montes chamam-se cataclismos; os meus movimentos chamam-se revoluções. E assim como não ha, a toda a hora, cataclismos no mundo physico, assim eu não faço revoluções a cada instante. Salvae-me vós, senhor, salvae-me, que não perdi ainda em vós a minha esperança! E se é preciso que o ferro me retalhe as carnes e que o fogo me queime as chagas, passae-me, senhor, ao fio da espada, e que o meu corpo seja envolvido em chammas. Cortae, senhor, cortae direito e fundo até aos nervos! Queimae, senhor, queimae bastante e bem, até aos ossos! Tratae-me a ferro e fogo, sem dó, sem piedade, para ficar rijo o que ficar livre, e ficar puro o que ficar salvo!

Mas applicado esse remedio extremo, se necessario é, appressae-vos, quanto antes, a cumprir e a fazer cumprir as prescripções da lei. Porque a lei, senhor, — ouvi-me attentamente — é um suave travesseiro de penas sobre o qual a cabeça dos Principes, bem como a dos vassallos, repoisa, tranquilla, e adormece, satisfeita, na beatitude do dever cumprido!

*

* *

Vamos terminar este artigo, fazendo a transcrição, *do Algarvio,* de alguns artigos, publicados no trigesimo dia do seu falecimento, começando pelo da redacção do jornal, sendo um dos redactores o snr. José Bernardo de Aragão Teixeira.

«A MARÇAL PACHECO

Vão já decorridos trinta dias depois que na *Fonte da Esperança* se apagou o fulgurantissimo espirito de Marçal Pacheco, e ainda se nos afigura um sonho a triste realidade!

A estima, respeito e admiração que, em grau tão subido, nos impunham o caracter austero e o talento peregrino do homem mais notavel da nossa provincia e do nosso tempo, collocando a sua organização privilegiada numa es-

fera superior, luminosa, quasi nos não deixam acreditar que ella estivesse sujeita ás leis da natureza.

Mas estava, infelizmente, porque, se o não estivesse, nem tão preciosa existencia teria acabado, nem os seus ultimos annos teriam sido um cruel martirio.

E, na verdade, nada mais emocionante e doloroso do que ver adelgaçar-se gradualmente e ir-se pouco a pouco extinguindo o fio duma vida tão cara, e a luz duma intelligencia tão assombrosa!

Do notavel parlamentar, que, nas duas camaras, tão brilhante rasto deixou da sua passagem e do primoroso polemista que na imprensa tão assignalados triunfos alcançou, apenas resta hoje um nome illustre e immaculado e uma lembrança saudosissima.

Infeliz e querido amigo!

*

* *

O snr. Marçal d'Azevedo Pacheco era filho de pais humildes e nasceu em 8 de novembro de 1847. Concluidos os preparatorios entrou para a Universidade, onde fez um curso distintissimo e foi premiado, formando-se em direito em 1872.

Durante algum tempo exerceu em Loulé, sua terra natal, a advocacia, revelando em varias e importantes questões, de que o encarregaram, o seu grande merecimento e a sua extraordinaria lucidez.

Quando, em geral, todos aprendem, elle já dava lições.

A instancias d'amigos velhos e dedicados, que lhe reconheceram o valor e lhe prophetizaram um futuro brilhante, o novel e intelligentissimo advogado encetou a carreira politica, filiando-se no partido regenerador.

Pouco depois foi eleito deputado e, no parlamento, taes e tão evidentes provas deu das suas excepcionaes aptidões e da pujança das suas invejaveis faculdades intellectuaes, que o seu nome se tornou logo conhecido e respeitado em todo o paiz, e varios circulos se disputaram a honra de o reeleger!

Da sua terra, porém—como é triste confessar-se isto!—

só passados alguns annos conseguiu ser representante em cortes.

Por largo espaço, e movidos pela vaidade e pela inveja, guerrearam-no ferozmente os grandes e os felizes. *Grandes*... porque encontraram nas arcas dos paes uns miseraveis cobres; *felizes* porque não pensam nem sentem!

Haviam visto nascel-o humilde e pobre — *sem pergaminhos e sem um palmo de terra* — e não podiam por isso tolerar que elle se levantasse e subisse na escala social!

Onde elles — *senhores de vastas propriedades e de adorados thesouros* — não podiam chegar, muito menos, no seu acanhado criterio, podia ascender o filho dum modesto artista!

Como se a intelligencia fosse predicado dos ricos e dos poderosos, e como se a sociedade só se compuzesse de cretinos e de maus!

Mas se a *vaidade* e a *inveja,* nascidas e alimentadas no seio da sua amada terra, causaram a Marçal Pacheco desgostos e lhe amarguraram alguns dias da sua curta e accidentada vida, a provada dedicação do grande numero de amigos pessoaes, politicos e admiradores do seu formoso talento, proporcionou-lhe, em varias occasiões e em circumstancias difficeis, — *no meio das luctas mais accesas e dos combates mais rijos* — largas horas de prazer e de almejada tranquilidade.

E num curto lapso de tempo, auxiliado principalmente pela sua clara razão e pelo seu prodigioso engenho, o nosso illustre conterraneo occupou um dos mais elevados logares da burocracia, e recebeu dos poderes publicos as maiores distincções.

Da camara dos deputados passou para a dos pares, de que foi primeiramente membro electivo e depois vitalicio. No ministerio da justiça desempenhou funcções de subdirector geral.

Era, além disso, gran-cruz e possuia diversas condecorações nacionaes e extrangeiras. Mas o certo é que — seja dito em honra da sua veneranda memoria — Marçal Pacheco cuidou muito dos outros e muito pouco de si.

Se fosse ambicioso ou o espicaçasse a vaidade, o brilhantissimo, o prestigioso parlamentar — *cuja actividade e cujo talento uma doença cruel e pertinaz não deixou desenvolver e manifestar-se em toda a sua plenitude* — teria incon-

testavelmente conquistado maior representação social e mais subidas honrarias.

Podia, mas não quiz.

Modesto e despretencioso, preferia ser util aos seus amigos e á sua terra, que tantos cuidados lhe mereceram e tão inolvidaveis finezas lhe devem.

Grande espirito! nobre alma.

*

* *

Se como homem publico, o dr. Marçal Pacheco era, no seu paiz, uma figura preeminente, um vulto aureolado e glorioso, como simples cidadão, na sua vida particular e intima, era um modelo vivo e perfeito das mais respeitaveis qualidades, das mais santas virtudes.

Como marido, como pae, como irmão e como parente, ninguem o excedeu em requintes d'affecto e em extremos de amôr, que não trepidavam nem recuavam ante o sacrificio.

A sua *amada terra,* a familia, os amigos e os pobres eram o objectivo de todos os seus pensamentos — *a sua principal e quasi unica preocupação.*

Não foi pois só grande pelo talento o nosso benemerito e chorado conterraneo: foi-o tambem pelo coração, que não sabemos como cabia em tão pequeno envolucro.

E calemo-nos. Que repouse, que durma na mansão dos justos quem tão justo foi e tanto soffreu!

No seu concelho, como na sua provincia, e no seu paiz, será sempre pranteada a sua perda, que foi enorme, incalculavel, e será sempre recordado, com viva saudade e intensa admiração, o seu nome prestigioso e bemdito.

A redacção.»

Neste numero do *Algarvio* collaboraram os mais intimos amigos de Marçal Pacheco, e cujos artigos vamos transcrever pela sua ordem:

Do chefe do partido regenerador:

«*Senhor:*

Não me permittem os meus trabalhos de todos os dias escrever quanto eu desejaria ácerca de Marçal Pacheco. Só posso, como amigo que fui, associar-me á homenagem que o seu jornal lhe presta, com a funda impressão de sentimento, que a noticia da sua morte me causou.

...Hintze Ribeiro.»

«MARÇAL PACHECO

Hontem á noite recebeu-se nesta cidade a noticia do fallecimento de Marçal Pacheco. Pela manhãn annunciaram telegrammas de Loulé que elle se achava na agonia. A' tarde, porém, dizia-se que amigos seus receberam informações, dizendo ser gravissimo o seu estado, mas não desesperado. Foram mentirosos esses boatos. Quando corriam, a morte já o empolgara. Bruxoleava nos derradeiros clarões a luz daquelle grande espirito. E o pobre corpo, ha tantos annos devastado de soffrimentos, aquietava-se no eterno repouso, no somno de que se não acorda mais! Quem o visasse, a Marçal Pacheco, não supporia que estava em pleno vigor da existencia aquelle homem, andando de vagar, parecendo arrastar o peso de muitos annos. O indifferente, que lhe falasse, não julgaria, pelo seu todo arrastado, palavras, caindo-lhe espaçadamente dos labios, olhos um todo nada amortecidos, e movendo-se sob as palpebras arroxeadas, que estava ali alguem ainda quasi na mocidade! Se os olhos são, na phrase do poeta, as janellas da alma, deveriam ser jórros de luz os clarões expedidos do seu olhar! A doença, porem, os desgostos, as luctas da vida, as susceptibilidades dum animo finissimo, torturas moraes de longos annos, alquebraram aquelle corpo, e, dia a dia, o arrastaram para a beira da sepultura. A alma resentia-se d'estes abalos e soffrimentos. Periodos de amargura, de concentrada agonia moral, de duvida e de azedume, salteavam-no nesses quadros de dôr. A enfermidade que lhe marasmava as forças não o deixava trabalhar. E, raro, Marçal

Pacheco, affirmava publicamente, no parlamento ou na imprensa, o seu extraordinario valor, a tempera do seu espirito vibrantissimo, fino e lampejante como a lamina de uma espada, enroscando-se como uma cobra no argumento do adversario, ferindo-o com a vivacidade do ataque, pungindo-o com a vivacidade da ironia, deslumbrando-o com o esplendor da graça, estonteando-o pela argucia da subtileza, dominando-o, vencendo-o! Grande e luminosissimo talento, que não resplandeceu e fructificou tanto quanto valia, por que Marçal Pacheco nasceu pobrissimo e teve de luctar muitos annos para adquirir uma posição em que se affirmasse, porque o seu infinito amor pelos seus, que elle estremecia até ao desvairamento, quasi o obrigou a labutar os melhores annos da vida—sabe Deus com que dôres—para os ajudar, porque, quando uma aragem de felicidade soprava em volta d'elle, a doença se lhe assenhoreava do corpo, e o fez viver, n'estes ultimos annos, tristissima e dolorosa vida! Ha oito annos que Marçal Pacheco casara. Era rica, formosa e cheia de bondade e ternura, a senhora a que se unira. Pois por uma triste fatalidade, os seus padecimentos recrudesceram pouco depois do casamento, quando elle vivia doudo de felicidade, amado, entregue ao seu amor, escorraçadas as sombras negras dos dias maus! Nasceu-lhe o primeiro filho pouco depois do regresso do extrangeiro aonde fora buscar alivios aos seus padecimentos. Como elle o adorava, que encanto era vel-o enlevado no balbuciar dos labios infantis, tomando-o ao collo, beijando-o com soffreguidão nos cabellos! Nas horas de dôr, quando no leito se estorcia desfigurado, livido, gotejando-lhe suor do rosto, gritando em arrancos, que despedaçariam o coração insensivel, a dôr da alma era ainda maior que a do corpo! Deixal-a a *ella,* a pessoa que lhe dera na vida as maiores alegrias e socegos, deixal-o ao seu filho! Ah! quem estas linhas escreve, viu-o numa d'essas horas de invisivel soffrimento. Nunca as podemos esquecer! E longe d'aqui, reconstruindo na memoria o quadro angustioso d'então, parece-me assistir a essa tremenda agonia em que o espirito havia de luctar desesperadamente, preso ao corpo, não por amor do miseravel envolucro, onde não havia fibra que não fosse dolorida, mas pelo horror de deixar para sempre aquelles que adorava tanto, que era um fanatismo, quasi um excesso até, a paixão que a elles o prendia!

Repouse em paz. Nosso adversario, não queremos recusar o preito da nossa admiração ao seu grande espirito, e deixar de manifestar a nossa tristeza pela sua morte. Repouse em paz, na sua querida terra, no cemiterio da sua aldeia, lá longe, num recanto do Algarve, que elle amava tanto e de cuja natureza, dos seus arvoredos, do seu mar que o embala, elle falava sempre, com tanto enthusiasmo e com tanto amor. Recebam todos os seus a expressão da nossa magua. Durma, repouse em paz.

Lisboa, 18 d'abril.

José d'Alpoim.»

No mesmo numero do *Algarvio* escreveram sentidamente, fazendo o elogio de tão benemerito filho d'esta terra os snrs. Agostinho Lucio e Joaquim Tello, então illustres deputados, pelo Algarve, Queiroz Velloso, José Augusto d'Oliveira, o auctor d'estas linhas e seu irmão, o falecido major João Xavier d'Athayde Oliveira, João Vasco, Joaquim da Ponte, Prior J. Tavares, d'Estoy, Joaquim Aniceto de Faria Aboim, Jacintho Neves, Alberto Bramão, José da Costa Mialha, Joaquim Antonio Teixeira, o Prior Domingos A. Pereira de Miranda, tambem fallecido, Prior Alexandre J. do Nascimento, Candido Guerreiro, José Fernandes Guerreiro, José dos Santos Gallo, José de Freitas e Joaquim de Brito das Vinhas. Era nosso desejo transcrever todos esses artigos, onde se tributam á memoria do illustre extinto frases sentidas, nascidas d'alma; mas seria isso avolumar muito este livro. Todos os jornaes do paiz, de todas as côres politicas, escreveram lamentando a falta de tão illustre parlamentar. Não podemos fechar este artigo sem transcrever os versos sentidos do nosso amigo e condiscipulo Candido de Figueiredo, escritos por occasião do fallecimento de Marçal Pacheco e publicados no numero do *Algarvio* consagrado á sua memoria.

«AO MENOS...

Ao menos dorme o somno derradeiro
na terra, em que folgou quando creança!
reclina-se no tumulo, e descansa
onde raiou sua primeira es'prança,
onde floriu o seu abril primeiro!

Elle hade ouvir, por noites estrelladas,
Em notas doces de ideaes balladas
Aquella aragem acariciadora
que lhe embalou a meninice outr'ora!

Quando o sol apontar alem da serra
E na alameda aves soltarem hymnos
Talvez se oiça no tumulo qu'o encerra:
«Reconheço-vos, canticos divinos,
«Reconheço-vos, sol da minha terra!

*

* *

Dizem que ha por ahi quem não duvida macular a memoria do benemerito filho d'esta terra, informando ao ouvido de quem pela primeira vez visita Loulé, que Marçal Pacheco nada fizera em beneficio do seu concelho, consentindo até que a Estação da via ferrea ficasse a mais de quatro quilometros da Villa,

E' uma calunia infame, dictada por uma consciencia refalsada, pois que no tempo em que a Estação foi decretada era Marçal Pacheco uma criança. Ardentemente trabalhou elle em que a Estação ficasse quasi dentro da Villa. A's suas diligencias, recomendações e pedidos mandou o governo fazer os estudos de um traçado, e por este ficaria a Estação no Largo do Chafariz. Foi estudado pelo engenheiro Pinheiro Borges, fazendo os trabalhos do campo o sr. Rafael Pinto, e os trabalhos da secretaria, em Faro, o sr. Antonio Francisco de Brito. Ainda foi estudado outro traçado, sendo por este situada a Estação no Largo das Portas do Ceu. Não cessava o nosso amigo de recomendar urgencia nestes trabalhos, e foram as suas aprehensões de que taes trabalhos estivessem propositadamente de-

morados em alguma parte, a principal razão que motivou a sua visita a Loulé na occasião em que foi acommettido da grave doença, que o levou á sepultura.

Tambem alguem propala que elle não tivera força para levar a *Avenida* ao Largo de S. Francisco.

Toda a gente sabe o que succedeu com relação á Avenida. Quando se disse que a Avenida chegaria ao Largo de S. Francisco, levantou-se parte da villa a gritar contra tal *attentado*, pois que por elle ia abaixo quasi toda a villa. De um commerciante da rua das Loges recebeu Marçal Pacheco uma carta em que se lhe rogava não consentisse que a Avenida passasse pela rua das Loges, pois que ficando esta rua mais larga *havia maior dificuldade em os compradores* entrar nos estabelecimentos!...

Claro é que Marçal Pacheco levaria a Avenida ao seu termo, e a Estação seria aproximada da Villa, se a morte o não arrancasse dos braços dos seus verdadeiros amigos.

Aconselhamos pois qualquer forasteiro — que, em seguida ás informações feitas ao ouvido por qualquer *cidadão honrado* d'esta villa, o segure pela nuca e o faça afocinhar na planta da Avenida e nas estacas indicadoras dos traçados convenientemente estudados, exactamente como fazem as criadas aos gatos pequenos, quando praticam em casa qualquer inconveniencia.

E' a unica resposta que deve ser dada a quem, sob a estampa de homem honrado, não duvida caluniar a memoria de um morto!...

15.º

Marçal Henrique de Azevedo Aboim. Nasceu em 1797. Era filho do conselheiro Simão José de Azevedo Silva Lobo, natural de Loulé, e da sua esposa D. Serafina Isabel Francisca de Brito e Aboim, natural da freguesia de S. Miguel do Pinheiro, termo de Mertola, bispado de Beja.

Marçal Henrique de Azevedo Aboim, casado com D. Anna Victoria Pereira de Aboim, foi governador civil em Faro, e exerceu cargos importantes nesta villa. Teve a carta de conselheiro. Foi um dos presos na torre de S. Julião da Barra, entrando nas prisões em 26 de julho de 1828. Foi um dos mais importantes proprietarios do concelho de

Loulé. Faleceu em 30 de desembro de 1868 na edade de 73 annos.

16.º

Nuno de Athaide Mascarenhas, natural de Loulé. Foi capitão de cavallaria desde 1664 a 1674. Foi governador da Villa de Loulé, cargo durante o qual se mostrou valente, prestando relevantes serviços na defesa dos logares maritimos do Algarve contra a armada castelhana, como contra as naus dos mouros; e afinal como procurador d'esta villa nas cortes celebradas em Lisboa, no anno de 1674; pelo que foi agraciado em 1679 com o habito de Christo e a mercê de 40:000 reis annuaes (L. 61 da chancell. da ord. de Christo. afl. 332, 333 e 334.)

17.º

Sebastião Cordeiro, natural de Loulé, onde foi mestre de humanidades; e o mesmo logar exerceu depois em Lagos, por espaço de 20 annos. Compoz *Poemata Varia, Sintaxe Nova, Comedias,* obras estas que ficaram manuscritas, como refere J. Franco Barreto, (Bibl. Lusit.).

CAPITULO XIX

Filhos de Loulé notaveis pelas suas forças herculeas

1.º

Seguiremos quasi cronologicamente:

Manoel Fernandes Bexiga. Era natural da freguezia de Boliquême. Viveu no tempo de D. Pedro II, e tendo este monarca sido informado das suas forças extraordinarias mandou-o chamar á côrte, onde o Bexiga exhibiu diante do rei a sua musculatura. Era conhecido pelo *Bexiga d'Alfontes*. Contam-se delle casos extraordinarios da sua valentia, sendo no Algarve e no Alentejo formidavel a sua fama. No seu tempo havia no districto de Beja outro homem, tambem de grandes forças, mas não se conheciam. De uma vez foi o Bexiga, acompanhado de uns amigos, á feira de Beja. Proximo da cidade, um dos amigos indicou-lhe um sujeito que caminhava na sua frente com um grande caldeirão ás costas metido numa grande vara.

—Quem é elle? perguntou o Bexiga.

—E' o valente de Beja.

O Bexiga apeou-se, aproximou-se do valente, e batendo-lhe no hombro, disse:

—Adeus, meu amigo.

O interpellado, sem voltar a cara para reconhecer quem o cumprimentava, respondeu:

—Adeus, Bexiga.

E' que o Bexiga fizera-se annunciar pela maneira porque iniciara os seus cumprimentos.

D'ahi em diante foram sempre muito amigos.

Deste homem contam-se casos prodigiosos e reveladores de grandes forças, que parecem revestir hoje as fórmas de lenda.

Um hespanhol de grandes forças, desejando conhecer o Bexiga, dirigiu-se para Alfontes, onde este residia. Chegado proximo do sitio, viu um individuo, que muito pachorrentamente lavrava com dois jumentos em uma propriedade cercada por um alto muro. O hespanhol saltou da cavalgadura, que montava, sobre o muro, com uma pasmosa ligeireza, e gritou:

—Olá, amigo! Sabe dizer-me onde mora um valente chamado Bexiga?

Era o Bexiga em pessoa a quem era feita a pergunta. Parou o nosso Bexiga; olhou para o hespanhol; viu-lhe a figura de fanfarrão; e, levantando o arado com os jumentos em peso, simplesmente com a mão direita, respondeu, apontando com o arado:

—Tem em frente dois caminhos: á direita e á esquerda; siga qualquer delles, que o levam á casa desse tal Bexiga.

E depois pousou muito descançadamente, o arado, continuando a lavrar.

O hespanhol ficou horrorizado. Saltou do muro sobre a cavalgadura, e voltou para traz, em direcção a Loulé: *nada mais quiz saber.*

Como este, muitos outros casos constam da tradição, avolumados, certamente, pela narração dos contistas; pois é sabido que quem conta um conto vai-lhe sempre acrescentando um ponto.

«Levantando se na feira de Loulé um alvoroço em que todos os feirantes tomavam parte—lê-se na *Corografia do Reino do Algarve*— o Bexiga, pegando nas guarnições da espada com uma das mãos, e com a outra na ponta, lançou-os todos por terra. Pelo terremoto de 1755, ainda existiam dois filhos deste homem, de grandes forças, principalmente um que era eclesiastico e se chamava Manoel Fernandes Bexiga, que muito trabalhou em salvar das ruinas do templo, que desmoronara, muitas pessoas.»

Ainda hoje existem no sitio descendentes do valente Bexiga de Alfontes. Conhecemos ha vinte annos um desses descendentes, quarenta maior contribuinte deste concelho; este descendente, hoje falecido, tornou-se principalmente conhecido, não pela sua valentia, mas pela grande manha. Oito dias antes da eleição, chamada dos quarenta maiores contribuintes, para a escolha dos cavalheiros, que haviam

de constituir os presidentes das assembleias eleitoraes, eleições aqui muito renhidas, andava elle a pedir a cada um dos chefes dos partidos *que o roubassem*. Isto queria apenas significar que o fossem buscar a casa numa noite, o escondessem e lhe dessem de comer até que se realizasse a tal eleição. Eram uns dias de farta meza para elle, muito economico, e que assim comia de meza alheia.

E o certo é que nas eleições mais renhidas, muitas vezes dependentes de um voto, algumas vezes o Bexiga foi *roubado,* quinze dias antes da eleição.

E como succedia o receiar-se de que elle, depois de *roubado,* tornasse a ser *roubado* pelo partido contrario, iam collocal-o em logar occulto, fóra do concelho. Em uma vez levaram-no para uma casa do povo da Guia. Pelo caminho dizia elle aos companheiros:

—Aonde me levarão vocês desta vez, seus diabos!...

E note-se tambem que nestes dias de *reclusão,* o Bexiga não queria experimentar privações de especie alguma, dizendo que *ou bem que se era politico ou bem que se não era.*

Com a nova lei que regularizou por outra fórma a escolha das presidencias dos collegios eleitoraes, acabou esta especie de *Bexigas,* que seriam menos innocentes andando por esse mundo a *fazer forças.*

2.º

Francisco de Paula Galvão, mais conhecido pelo capitão-morgado, era um grande proprietario, senhor do Morgado de Galvão. Era de forças prodigiosas. Encontrou-se em certo dia no sitio do Almargem com José Guerreiro Fava (o Cabeçudo) tambem homem valente e natural de Loulé. Para experimentar forças ou por outra circumstancia, luctaram dentro de uma vinha naquelle sitio. Pareciam dois leões. A vinha que fôra o palco da lucta ficou reduzida a cinza. O campo povoado de cepas e vides tornou-se como se fôra uma eira. Para firmar os pés durante a lucta, as cepas desappareceram. Este caso tem tambem sido attribuido ao capitão-mór de Faro; mas parece dever antes ser attribuido ao capitão-morgado.

Era costume no seu tempo ser levado o pendão nas procissões dos Passos pelas pessoas mais importantes da

villa, que ordinariamente se faziam acompanhar de pessoas valentes, que as auxiliassem no percurso da procissão. Em um anno foi conferida essa honra ao capitão-morgado. Acceitou o convite, mas foi desacompanhado dos auxiliares. Nessa tarde fazia enorme ventania, que, encontrando no pendão superficie sufficiente, ahi exercia grande força. O morgado caminhava impavido, vencendo a impetuosidade do vento. No ponto onde era costume fazer-se uma paragem, parou o morgado, fixando na terra a extremidade inferior do pendão em fórma de ponta de ferro; por desastre, atravessou um dos pés, passando a ponta a sola da bota e indo fixar-se na terra. Continuando a procissão, o morgado seguiu até á egreja, termo da mesma procissão. Então viram todos que o morgado tinha uma das botas coberta de sangue. Foi quando todos souberam do desastre. Não obstante ter, no momento do desastre, grande espaço a percorrer, não deixou o pendão.

Contam-se ainda outros casos, tão exagerados, porém, que duvidamos da sua authenticidade.

Foi avô de Francisco de Paula Galvão, tambem senhor do morgado de Galvão, e que, em diversas vereações camararias, foi seu presidente. Este ultimo era tambem de rijos musculos, como manifestou em certa occasião, por questões resultantes de armações de atum, com Francisco Paula de Sousa Leite, tambem já falecido.

3.º

José Guerreiro Fava ou José Guerreiro Cabeçudo. Foi um dos homens valentes desta villa. Com este se deu a lucta a que nos referimos, quando fizemos a biografia, a largos traços, de Francisco de Paula Galvão.

Este homem era de genio manso; não obstante foi em 1833 assassinado pelos guerrilhas, quando se dirigia para umas terras, que elle administrava no Almargem. Atiraram-lhe os assassinos a segural-o, porque sabiam que se o não matassem, cara lhes custaria a ousadia, porque sendo Cabeçudo de genio manso, tornava-se um leão quando provocado.

4.º

José das Dores, vulgarmente conhecido por alcunha

o *Touro,* alcunha que denota as enormes forças de que dispunha. Era almocreve, e com facilidade pasmosa lançava sobre o seu macho valente dois costaes de fazenda, seis arrobas cada costal. Foi o homem mais valente do seu tempo nesta villa. Conhecemol-o ainda, haverá uns trinta annos, em edade bastante avançada; mas, tão velhinho, revelava, não obstante, a força de que teria disposto tão pujante musculatura.

Ha muita gente que o conheceu. Se quizessemos aqui relatar proezas que se lh'atribuem e onde elle exhibiu a sua força muscular, teriamos de escrever muitas paginas. Temos aqui ao nosso lado o snr. José Alexandre dos Ramos que tem sido incansavel em fornecer-nos apontamentos valiosos ácerca do concelho de Loulé, que, á sua parte, tem milhares de factos relativos ao José das Dores. Ficarão de remessa para a segunda edição desta *Monografia.*

Em uma occasião — apontaremos apenas estes factos — succedeu caír-lhe o macho carregado num grande lamaçal. Ia só, e ninguem appareceu que o auxiliasse naquelle momento. Então meteu-se na lama, pôde collocar as mãos por baixo do animal e levantou-o em peso com a carga. Um individuo, que de longe o viu naquelle trabalho, ficou pasmado.

De outra vez entrou numa loja em Faro, onde o seu dono, brincando com uns individuos que estavam na loja, promettia 480 reis áquelle que fosse capaz de levantar um saco cheio de chumbo. Nem quatro homens seriam capazes de o arrojar. José Touro, ouvindo a promessa, pegou no saco, levantou-o em peso, e atirou-o para a parte de dentro do balcão, rebentando o saco com o impulso, e indo o chumbo caír da parte de dentro.

O dono do estabelecimento não ousou negar o que promettera e deu-lhe os 480 reis.

Em outra occasião, chegou a esta villa um esraelita e pediu-lhe o levasse na sua companhia até Almodovar. Neste tempo José das Dores era almocreve e andava constantemente no caminho de Lisboa, na companhia de dez ou doze amigos, almocreves como elle. Embirraram os companheiros com o esraelita e durante um certo espaço de caminho iam constantemente a caçoar do homem. José das Dores dizia apenas: calem-se, deixem o homem.

Ao apearem-se junto de uma casa de pasto, os referi-

dos companheiros quizeram maltratar o infeliz. Então José Touro correu para o seu macho, desafrochou a carga, tirando o arrocho. Não foi preciso mais. Todos os companheiros deram ás da *Villa de Diogo*. Sómente se tornaram a encontrar em Almodovar.

José Touro era, em linguagem do povo, um *bonanchão*, incapaz de fazer mal a uma formiga; mas, quando saía fóra de si, era temivel. Porisso os seus companheiros não ousaram apparecer, na sua presença, senão passadas algumas horas.

Este homem faleceu ha uns vinte annos.

5.º

José Corrêa Parrella. Era tambem um homem de grandes forças, natural desta villa. Ainda rapaz, não cumpriu qualquer ordem que recebera do pai, e este entrou na cavallariça, onde o filho estava procedendo á limpeza de um possante macho. Querendo o rapaz escapar ao castigo paterno, pegou no macho em peso e collocou-o de modo que o pai não lhe podesse tocar. Este, pasmado da resolução do filho, fazendo do macho anteparo contra o castigo, que tencionava aplicar-lhe, saíu da cavallariça, sem dizer nada ao filho. E' que o pai, um sujeito tambem de muita força, não pensava nunca que o seu filho, uma criança ainda, dispozesse de tanta valentia.

Este cidadão faleceu, haverá uns cincoenta annos.

6.º

Joaquim Ignez.

O individuo de que vamos escrever não foi um hercules e nem se póde collocar ao lado dos que constituem assunto deste capitulo; foi porém um individuo valente e sobre tudo agil e destemido.

Ahi pelos annos de 1833 pastoreava um rebanho de gado por conta propria ou alheia. Residia no sitio dos Palmeiros, freguezia de Salir. Fez da sua funda a sua arma de combate e de defeza, o seu bastão de commando, cujos subditos eram as suas cabras. Não se limitava, porém, a funda áquelles misteres, era tambem o instrumento das apostas do seu dono. Estava tão exercitado na sua arma

de arremesso, que, a grande distancia, atirava uma pedra, que ia enfiar pela boca de um cantaro, levando adiante o fundo inteiro do mesmo. Como muitos individuos duvidassem do que ouviam dizer a tal respeito, elle repetia a façanha, mas propondo apostas, que sempre ganhava.

Sabendo que uns soldados belgas, destacados em Loulé, tinham commettido tropelias no templo de Salir, collocou-se em um serro, occulto, e no momento em que os soldados passavam, um a um, a ribeira, atingia-os com as pedras da sua funda, matando tres. Os outros soldados, vendo de onde vinham as pedras, correram para o sitio, fazendo alguns tiros. Então Joaquim Ignez dando um sinal ao seu rebanho, escapou-se. Momentos depois ao desapparecimento dos soldados, elle tinha ao pé de si o seu gado sempre bem educado.

E dizemos bem educado, porque não consta que nenhuma cabeça do seu rebanho *ousasse* comer um gomo de figueira ou um grão, quando o seu dono não lhe dava essa licença.

Tendo certo proprietario guardado a pastagem em uma cêrca fechada por um muro alto, guardando a chave da portada da mesma cêrca, notou em um dia que a pastagem fôra comida pelo gado. Espreitou na proxima noite. Já noite alta viu que Joaquim Ignez, com o seu rebanho se aproximava da cêrca. Proximo do muro, Joaquim Ignez aplicando as mãos ao muro, curvou-se um pouco, e logo o rebanho, cabeça por cabeça, saltando-lhe sobre os hombros, galgou a parede. Em seguida Joaquim Ignez saltou o muro. O dono da cêrca quiz assistir á ultima scena; esperou e espreitou. Saciado o rebanho, Joaquim Ignez, da porta de dentro da cêrca, repetiu a operação, e o gado conseguira saltar fóra da cêrca, saltando o pastor em seguida.

Appareceu então o dono da cêrca e pediu contas ao pastor, não só com relação á sua pastagem, mas ao estrago que o rebanho deveria ter causado nas figueiras e nos cereaes semeados.

—Estou pronto a pagar-lhe todos os prejuizos que o meu gado tiver feito—respondeu elle.

Nomeados arbitros para avaliar os prejuizos causados, só verificaram a pastagem comida, pois que o rebanho não tocara em mais cousa nenhuma: nem nas arvores nem nos cereaes.

Aonde punha a mira collocava as pedras expedidas pela sua funda. Felizmente nunca abusou da sua habilidade e pagava sempre qualquer prejuizo que o rebanho causasse em pastagem devidamente aceirada.

Ainda existem descendentes deste pastor.

Pelos que estão ao facto dos escritores classicos da mais remota antiguidade não é ignorado que a *funda* era tida como uma das armas guerreiras dos Lusitanos, em que estes eram eximios. Estrabão assim infórma. Parece, pois, que o Joaquim Ignez obedeceu ás leis atavicas. Os *fundibularios* tornaram-se notaveis na nossa região em os tempos proto-historicos.

CAPITULO XX

Martires da Liberdade

Escrevendo este capitulo e fazendo a historia succinta das causas proximas e remotas dos desastrosos acontecimentos, especialmente relativos á entrada dos guerrilhas em Loulé, a 24 de julho de 1833, habilitamos os leitores a fazer a verdadeira destrinça dos que caíram sob as balas dos guerrilhas, e devam ser considerados martires da liberdade, dos que foram castigados pelos seus excessos criminosos. Devemos ser imparcial e por isso não devemos collocar ao lado dos verdadeiros martires os que foram mortos em castigo dos seus crimes. Verdade é que não é licito arvorar-se o autor em juiz, mas tambem é verdade que sómente devemos considerar martires de uma causa os que por ella se sacrificam e derramam o seu sangue.

Dividiremos este capitulo em duas partes perfeitamente distintas; na primeira mencionaremos os que se sacrificaram em 1828 pela liberdade, soffrendo verdadeiros martirios nas prisões de S. Julião da Barra; na segunda parte os que foram victimas dos guerrilhas em 1833:

PRIMEIRA PARTE

1.º

Joaquim Thomaz de Sousa Ramos, cadete de artilh. 2, natural de Loulé. Foi preso em Alcantarilha pelo *crime* de ser liberal, em 28 de maio de 1828. Entrou nas prisões de S. Julião da Barra em 26 de outubro do mesmo anno. Foi depois remetido para Elvas em 28 de julho de 1832.

2.º

Luiz d'Albuquerque Rebello, 1.º tenente de artilh. 2, natural de Loulé. Foi preso pelo *crime* de ser liberal, em 28 de maio de 1828. Entrou nas prisões da torre em 26 de julho do mesmo anno. Foi demitido, falecendo em 3 de junho de 1833.

3.º

Marçal Henrique de Azevedo Aboim, coronel de milicias em Tavira. Natural de Loulé. Foi preso em Loulé no dia 28 de maio de 1828, e entrou nas prisões da torre em 26 de julho do mesmo anno. Foi julgado e condemnado, dando a sentença por expiada a culpa com o tempo de prisão soffrida. Ainda assim foi em seguida preso por aviso de 15 de maio de 1830. Quando chegou a noticia da sua soltura ao conhecimento de sua mãe, foi acommetida de um ataque de riso tão intenso que caíu morta!

*
* *

Parece que as prisões da torre de S. Julião da Barra de remota data foram destinadas aos martires de uma ideia ou de uma crença. Nestas prisões o sanguinario usurpador Filippe II de Castella fez encarcerar todos os fidalgos e religiosos que não quizeram ser traidores á patria, nem bandear-se com os intrusos castelhanos. Muitos destes martires foram ali julgados com tal barbaridade, que, segundo escritores veridicos daquelle tempo, muitos sacerdotes e grande numero de fidalgos, foram lançados ao mar pela gruta da torre. Consta das memorias contemporaneas que o mar não dava peixe, nem os pescadores ali iam pescar, nem o povo compraria tal peixe, emquanto um bispo não fosse exorcisar o mar. D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, fez-lhe a vontade. Foi exorcisado o mar com todas as cerimonias canonicas. O proprio Filippe II, proximo da hora da morte, impetrou do Papa uma bulla de absolvição por *dois mil* eclesiasticos que elle mandara assassinar na torre, por varios modos.

*
* *

No tempo do marquez de Pombal a mesma prisão se fez palco de novos crimes. Fulminada a companhia de Jesus por decreto de 3 de janeiro de 1759, 124 padres, favoraveis á companhia, ali foram encerrados pelo crime de ter opinião diversa do ministro; alguns ali morreram, e outros foram conservados presos até o anno de 1777, anno em que faleceu D. José e o marquez de Pombal foi desterrado. Desoito annos de prisão!

*
* *

Pela terceira vez abriu a torre os seus antros, desde 1828 até 1833. Neste periodo foram ali encerrados 618 presos, muitos dos quaes algarvios. Era governador da praça o malvado brigadeiro Joaquim Telles Jordão, aquelle mesmo que em 23 de julho de 1834, na *Cova da Piedade,* em Cacilhas, pagou com usura as suas atrocidades, sendo arrastado vivo pelo povo.

Além daquelles, outros martires houve em Loulé durante as luctas liberaes. Entraram os guerrilhas em 24 de julho de 1833.

Excusado é fazer a historia das causas remotas dos assassinatos praticados em Loulé naquella época. Falaremos apenas das causas proximas.

SEGUNDA PARTE

Tendo o visconde de Molellos ordenado a Remechido e ao major Camacho se reunissem e combinassem, no maximo acordo, em fazer a aclamação de D. Miguel em terras do Algarve, dirigiu-se Remechido a Almodovar onde se achava Camacho e ahi combinaram descer ambos ao Algarve, encarregando-se Remechido de fazer essa aclamação em Albufeira e em todas as terras a barlavento desta villa, e Camacho de fazer egual aclamação em Loulé e em todas as terras a sotavento desta villa.

Em 19 de julho entrou o Remechido com sua gente

em S. Bartholomeu de Messines; Camacho sómente entrou em Loulé no dia 24 do mesmo mez.

Era sabido em Loulé que os guerrilhas de Alte e de Salir se organizavam para acompanhar o Camacho; mas é condão desta villa deixar-se dominar por uns *graciosos* sem importancia, cheios de medo no intimo, apparentando todavia coragem e energia, quando teem as *costas quentes*.

Apesar de ser publico e notorio que a guerrilhada se organizava na serra, uns individuos, os graciosos daquelle tempo, com as costas quentes por uma força de soldados francezes, aquartelados nesta villa, resolveram ir a Salir e praticar umas scenas proprias de tarimbeiros. Um tal Vivaldo, um certo Pincho, um Gouveia, e mais outros com alguns soldados francezes, chegados a Salir, entraram a fazer arruaça. Não satisfeitos com esta proeza, invadiram o templo, tiraram os santos dos altares, formaram-nos no corpo da egreja, com a sagrada Piscede; e fingindo um combate entre os santos, foram os graciosos degolando as sagradas imagens. Não contentes ainda, entornaram a Piscide, e puzeram-se a calcar aos pés as particulas ali contidas.

Ninguem calcula a impressão desagradavel que tal atentado produziu no espirito popular. Levantou-se o povo, e os graciosos tiveram que fugir. Ainda vinham perto da villa e sempre lhes parecia que o povo os perseguia: tal era a valentia na fuga!

Correu logo por toda a serra do Algarve a noticia do criminoso atentado e todos juraram vingar-se dos criminosos. Amiudaram as suas sessões, e quando Camacho chegou á serra de Salir foi victoriado por muita gente que o quiz acompanhar até Loulé: mais de tres mil guerrilhas!

Em 21 ou 22 de julho de 1833, chegou a esta villa, vindo da Quinta do Freixo, o falecido Rocheta, pae do nosso amigo o snr. José Gonçalves Rocheta e preveniu os seus moradores de que uma grande guerrilhada se reunia na serra, no intuito de entrar na villa, depois de a terem cercado.

Os graciosos não deram credito ao honrado velho, e confiados na força franceza, responderam com desdem: *que venham!*

O plano estabelecido pelo major Camacho consistia em chegar de noite á villa, cercal-a, de sorte que no dia seguinte de manhã ninguem pudesse escapar. E assim succe-

deu. Na noite de 23 de julho chegou a guerrilha proximo da villa e estabeleceu um cordão em seu redor, combinando fazer um tiro, no ponto em que o cordão se fechasse. Casualmente disparou-se uma arma, antes de fechado o cordão. Um tio do reverendo paroco, falecido, José Claudio Rafael Pinto, ouviu o tiro. Lembrou-se immediatamente das informações do supra-mencionado Rocheta. Vestiu-se á pressa, envolveu-se num capote, e saíu da villa pelo sitio dos Pegos dos Cavallos. Foi feliz porque o cordão ainda ali não chegara, e pôde escapar-se para Faro.

Quando a villa acordou do seu somno da indolencia, viu-se cercada. Seguiu-se a hecatombe. Então os guerrilhas de fóra com uns *compadres de dentro* começaram o assalto. Houve um pequeno tiroteio. Beijaram o chão da morte, em combate e assassinados, trinta soldados francezes; e os outros retiraram para Faro.

Começou então a matança; e viu-se que se eram ruins os guerrilhas de *fóra* não eram menos infames os guerrilhas de *dentro*. O compadre rico e credor era assassinado pelo compadre devedor. Assassinava-se ao mesmo tempo que os assassinos davam vivas á santa religião. Os frades, prégando á porta do templo da Matriz, assim tinham ensinado. Santa Religião, que ainda hoje és victima de bonzos semelhantes!

Indicaremos os nomes de alguns que foram victimas da canalha nesses dias memorandos. Constam estes nomes de uma relação junta a um processo em 1835, processo intentado pelo Ministerio Publico contra um dos assassinos:

1.º

Antonio Baptista da Ponte. Era sogro do capitão Amorim. Escondera-se num palheiro de D. Maria Augusta. Foram os guerrilhas dar com elle, que se defendeu como um valente. Agarrado, despiram-no em frente das *Bicas Novas*, e ahi o mataram.

2.º

Manoel Mendes Corrêa. Era boticario e tinha a botica nas casas hoje de residencia do snr. commendador Joaquim Faisca. Agarraram-no quasi defronte da porta da botica do

snr. Alexandre Nascimento dos Santos. Mataram-no e arrastaram-no para defronte da casa do snr. Sebastião Corpos. Ahi queimaram-no.

3.º

Francisco dos Santos Laborda: o bisavô da ex.ma snr.a D. Henriqueta Magalhães. Foi morto na rua da Barbacan, defronte da casa de moradia do snr. José Alexandre dos Ramos.

4.º e 5.º

João José Jorge — irmão do falecido Joaquim José Jorge. Foi morto logo abaixo do predio da residencia do sr. José da Costa Mialha. Na mesma occasião e no mesmo logar foi morto o filho de José Francisco do Cartorio. Os cadaveres conservaram-se muitas horas, expostos ao sol.

6.º

José Maria de Oliveira. Não sabemos a que familia pertencia.

7.º

Antonio Fernandes Pereira, mais conhecido pelo capitão Pereira. Era natural da freguezia de S. Martinho das Amoreiras e casára nesta villa com D. Marianna Victoria de Freitas. Foi morto em frente da sacristia da matriz, sendo atravessado por um chuço.

Foi avô do snr. Joaquim Marcello, Adelino Pereira e do snr. Antonio Victoria Pereira, e João Nepomuceno Palermo de Aboim e filhos [illegible] A. Aboim

8.º

Francisco Paula de Athaide. Morava nas casas, onde residia Marianno da Costa, na rua da Corredoura. Sabendo que era perseguido pelos guerrilhas, escondera-se no quintal sob uma parreira. Ali o foram encontrar e ali mesmo o mataram.

9.º

João Nicolau Pinto. Era ainda creança, pois teria 14 annos. Foi morto em frente da porta da sacristia da matriz. Era irmão do velho paroco José Rafael Pinto.

10.º

Joaquim José Pincho. Mataram-no os guerrilhas, e depois deram-lhe fogo. Esta morte mais infamante foi o resultado de outra infamia, pelo Pincho praticada, de entrar no templo de Salir e ali calcar aos pés as santas particulas guardadas no sacrario.

Tinha este Pincho ainda outro irmão, que conseguiu escapar-se em Loulé dos guerrilhas, indo todavia ser mais tarde victima dos mesmos, na estrada de Beja e muito proximo d'essa cidade, na occasião em que ali foi reconhecido pela guerrilha do Camacho, a mesma que entrara em Loulé.

11.º

Um criado do juiz d'Ayet. A culpa do desgraçado consistiu em ser criado de um juiz, que era liberal. Sendo assassinado o amo, entenderam que a obra ficaria mais completa, assassinando o criado. E assassinaram-no.

12.º

Bernardino José Gião. Morava este na rua de Santo Antonio, e ali foram os guerrilhas em sua procura. Encontraram-no deitado com a esposa. Nem as lagrimas da mulher, nem os rogos do infeliz commoveram a canalha maldita. Mataram-no como se fora um cão.

Repugnam-nos as vinganças; e os actos praticados pelos liberaes depois da convenção de Evora Monte são por nós condenados; no entanto confessamos que sendo a humanidade fraca não a podemos considerar tão santa, que a possamos libertar das impressões experimentadas por factos desta natureza. Qual o filho, o irmão, o pae, que possa desculpar o canalha, que lhe victimou o pae, o irmão, o filho ou o parente?

13.º

Joaquim Antonio Vargas. Quizemos apurar qual a familia a que pertenceu este martir da liberdade; e foram tantas as opiniões entre as pessoas idosas desta villa, que, para não errar, preferimos nada dizer.

14.º

Manoel de Souza Ferreira. Foi este morto num sitio proximo desta villa, sitio mais tarde conhecido pelo dos *calvarios*. Foi-lhe dada a morte por um tal sujeito conhecido pelo João das Ovelhas. Os familiares deste Ferreira, desesperados pela morte do seu amo e parente, e tendo conhecimento de quem fôra o assassino, andaram em sua procura, agarraram-no com toda a boa vontade propria da ancia com que o procuravam, e levaram-no, por bem ou mal, ao mesmo sitio onde o mataram. Eis a origem dos dois calvarios, que deram o nome actual ao sitio.

15.º

Manoel José Pereira. Tinha a caixa do correio.

16.º

Luiz d'Ayet. Era o juiz de direito da comarca. Muito novo; e nesta comarca apenas esteve um mez. Que atritos poderia ter creado o juiz? nenhuns. Era natural de Albufeira.

17.º

José Guerreiro Cabeçudo. Foi morto quando se dirigia para o Almargem onde possuia umas terras.

18.º

Ildefonso Hespanhol. Era um pobre homem, que sua mãe Beatriz sustentava por elle ser incapaz de ganhar o pão de cada dia. Morreu no predio onde ultimamente morou o João das Cabanas.

19.º

Bernardo Nunes.

No dia 25 mataram:

20.º

João Tavares Ferreira. Tinha loja de ferragens e pannos de linho. Escondera-se num pocilgo, aonde o foi encontrar um seu compadre, que era ao mesmo tempo seu devedor de favores e de dinheiro. Ali o matou com um chuço armado, dando-lhe muitos golpes. Morava nas casas onde os snrs. Gallos teem o seu estabelecimento de chapéos. O compadre assassino foi Manoel Zorro.

21.º

Lourenço Ferreira. Morava nas casas hoje habitadas pelo snr. Joaquim Barros.

22.º

José Dias Mestre, parocho em Loulé. Foi preso e conjuntamente preso foi Francisco Correia Pote. Levaram-nos ao sitio do Serrabulho, onde acampava o major Camacho. Enganaram-nos assim; pois que os mataram pelo caminho.

23.º

Francisco Pedro. Era porteiro dos orfãos. Um sujeito incapaz de fazer mal. Ao entrar em uma casa de venda na rua dos Innocentes, onde estavam uns guerrilhas, foi por estes morto á paulada.

24.º

Manoel José Braga. Era chapelleiro.

No dia 31 mataram:

25.º

D. Felicidade Perpetua Claudina. Era casada com Florencio Cavaco, tenente de uma força da 2.ª linha. Este tenente era um miguelista *enragé*. Em um periodo do folheto intitulado—*Memoria dos Acontecimentos Desastrosos de Albufeira,* lê-se a pag. 14 o seguinte:

«Tendo a esquadra chegado á altura do Barreto, navegou ávante sem desembarcar ninguem em Albufeira; recobraram os realistas os animos, e ficaram contentes.

Por essa occasião receberam ordem do general Molellos para recolher a Faro. Mais se exaltou o furor das tropas realistas contra os habitantes de Albufeira. Formaram conselho as auctoridades civis e militares com audiencia dos officiaes do batalhão realista, e nelle decidiram dar saque á villa durante a noite, antes do batalhão saír. Fizeram-se notaveis neste conselho o capitão Anastacio, do Algôs, e o tenente Florencio Cavaco, de Loulé, aquelle contra o saque, este a favor e por uma forma encarniçada.»

De forma que Lourenço Cavaco, o marido de D. Felidade, era legitimista *encarniçado.* Vivia separado da mulher, não sabemos se por questão de principios politicos, se por questão de honra, se por questão de genios differentes. O certo é que D. Felicidade foi a unica mulher morta pelos guerrilhas em Loulé; o que faz crer a muita gente que a sua morte fôra ordenada pelo marido.

Morava D. Felicidade nas casas hoje habitadas pelo snr. José de Azevedo Pacheco.

Foi avisada de que os guerrilhas a perseguiam e fugiu, vestida de preto e embrulhada em um capote. Sendo conhecida, agarraram-na e arrastaram-na pela rua da Carreira até uma portada ao norte da mesma rua, onde a mataram á pancada, e a lançaram morta sobre uma estrumeira, enterrando-a tão mal, que lhe ficaram as pernas de fora. Esta morte deu-se pelas dez horas da manhã, em pleno dia!

Em 1 d'agosto mataram:

26.º

Luiz Pereira.

No dia 2:

27.º

Joaquim José de Sant'Anna — Alfaiate.

No dia 4:

28.º

José de Azevedo e Silva. Era escrivão dos orfãos e morava nas casas, onde reside o snr. major reformado Honorio José de Moura.

Depois dos guerrilhas lhe terem incendiado o cartorio, prenderam-no a pretexto de o levar á presença do Camacho, que estava acampado no sitio do Serrabulho. Ao passarem ao sitio da Esperança, no logar denominado os Pegos Velhos, ahi o assassinaram.

No dia 5:

29.º

Vicente Anastacio de Almeida. Morava nas casas, hoje habitadas pelo conservador desta comarca, na rua da Cadeia.

30.º

Antonio Caetano da Costa Bonixe, que morava no predio onde faleceu José Caetano Benevides.

Na relação mencionada de onde extrahimos as informações, ácerca dos individuos assassinados, acrescenta-se:

«Ha mais assassinados, cujo dia do assassinio, se não pode designar, e são:

31.º

O Padre João da Matta.

Era este digno eclesiastico parente da familia Pereiras de Loulé e tio dos snrs. Joaquim Marcello Adelino Pereira e Antonio Victoria Pereira. Da sua morte ha duas versões. Dizem uns que sendo o padre João da Matta coadjutor de Salir, fôra chamado a levar o viatico a um enfermo da freguezia, entre os Palmeiros e a Fonte do Ouro, e no caminho um seu compadre, que era tambem seu devedor, lhe saíra á frente e lhe disparara um tiro, matando-o.

Outros dizem que tendo o padre João da Matta, depois de ter sido coadjutor da freguezia de Salir, por algum tempo, sido transferido para outra freguezia do barlavento, começaram a apparecer os guerrilhas. Sendo ainda pouco conhecido na sua nova freguezia, resolveu o padre desamparal-a e acolher-se a Salir, onde deixara muitos amigos. Recolheu-se a Salir, e ahi no referido sitio foi morto pelo compadre, não obstante o bom padre querel-o convencer de que procedia mal, mostrando-lhe até um cruxifixo que trazia suspenso ao peito.

Era o padre João da Matta um excellente poeta.

Passados alguns annos, celebrava missa na egreja de S. Francisco o commissario velho Marreiros, tambem legitimista, mas homem honrado, e notou que entre os ouvintes se achava o assassino do padre João da Matta. Então sentou-se em um banco do lado da Epistola e disse: não posso continuar a missa emquanto neste templo se conservar o assassino de um clerigo, um excomungado!...

Estava o templo cheio de fieis. Fez-se um certo murmurio entre o povo, que não conhecia o criminoso. Notando o padre que o assassino desapparecera, continuou a missa.

Diz-se que o assassino, conhecendo que era um grande criminoso, largara a casa, e andara errante, crendo-se perseguido por toda a gente. Foi um dia encontrado morto, coberto de bichos, e num estado adiantado de corrupção.

No sitio onde João da Matta foi assassinado existe ainda hoje um calvario, commemorando aquelle tragico acontecimento.

32.º

Duarte Evaristo.

33.º

José Pedro Lameira.

34.º

José Claudio de Gouveia.
Foi este um dos graciosos, que na egreja de Salir praticaram os desacatos supra-mencionados.

35.º

Antonio de Matos Malveiro, prior de Boliquême. Temendo este digno eclesiastico as ameaças dos guerrilhas, que diariamente iam áquella freguezia aliciar gente, pediu uma escolta do batalhão nacional, compromettendo-se a sustental-a á sua custa; o que effectivamente cumpriu. Em 20 de julho de 1833 retirou a escolta para Albufeira, então ameaçada de ser atacada pelos guerrilhas sob o commando do Remechido. Nesse mesmo dia retirou-se o padre para um sitio da sua freguezia, onde no dia seguinte (21) foi assassinado pelos seus barbaros freguezes, sem os conter nem o caracter sagrado, nem as virtudes religiosas e civis e nem os cançados annos do respeitavel pastor. (*Mem. dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira,* pag. 27).

36.º

Manoel do Serrado.

37.º

Manoel Pardalão, pae do José Correia Borrela.

38.º

José Caldeireiro.

39.º

Ignacio Cavaco.

40.º

Jacintho das Barbeiras, um pobre trabalhador, muito amigo do seu patrão, que era liberal.

41.º

Gonsalo, o medidor do celleiro.

Ainda da mesma indicada relação consta o nome de alguns dos 16 martires que foram assassinados no sitio das Ameixeirinhas, freguezia de Salir, e são os seguintes:

1.º

Marianno da Botica. Era capitão de ordenanças.

2.º

José Joaquim Valladares, tio do falecido contador desta comarca.

4.º

O Frei d'Estoy.

5.º

O padre Orelha de Faro.

6.º

Joaquim Antonio Vivaldo. Havia na villa dois Vivaldos: Joaquim Antonio Vivaldo e José de Mendonça Vivaldo; um d'elles porém não foi assassinado. O povo affirma atravez da tradição que fôra assassinado o que ousara commetter o attentado na egreja de Salir.

7.º

João Moâça, sapateiro.

8.º

O sobrinho do **Frei d'Estoy**.

9.º

Antonio Lopes, de S. Bartholomeu de Messines. Este martir era genro do segundo commandante dos guerrilhas do Remechido, Francisco de Souza. Quando este entrou com as suas forças em Albufeira, encontrou ali o Antonio Lopes. Este, vendo o sogro, ajoelhou-se, e pediu que o não matasse. O sogro respondeu:

«Tua mulher e filhos lá ficaram em minha casa. Ainda se pôde salvar um porco e uma vaca; emquanto eu fôr vivo hei-de dar-lhe uma fatia de pão, mas tu vaes a morrer.» *(Mem. dos desast. Acontecim. de Albufeira,* pag. 61.)

Antonio Lopes escapou-se das vistas do sogro, e fugiu. O sogro fez todas as diligencias de o perseguir, e perseguiu-o, sendo preso perto de Loulé.

Naturalmente, perante os que o prenderam, declarou-se genro do segundo commandante dos guerrilhas do Remechido, e foi por isso apresentado ao Camacho. E' de suppôr que este pedisse informações ao sogro do preso. O que se sabe é que na leva dos 16 martires ia o Antonio Lopes. As ordens apparentes do Camacho aos guerrilhas encarregados dos presos foram, apresental-os em Almodovar para ahi responder pelas suas culpas, mas as ordens secretas foram certamente outras, pois que não os matariam pelo caminho se não recebessem instrucções nesse sentido.

10.º

Lourenço Corcovado, de Olhão.

11.º

O Maia, de Olhão.

Ignoramos os nomes dos que faltam para prefazer o numero de deseseis.

Chegados todos ao sitio das Ameixeirinhas, os guerrilhas deram uma descarga sobre os presos; e os que não caíram logo foram mortos á coronhada. Mortos os infelizes, foram immediatamente queimados. Horas depois, quando a fogueira ainda fumegava, e os guerrilhas tinham desamparado o sitio, foi visto um homem a remechar as cinzas ainda quentes e a tirar d'ellas os dinheiros que os presos levavam occultos nos seus cintos. E' daqui que correm aquelles versos:

Em annos barulhos
Abatem palacios
Erguem-se monturos....

Não foram sómente estas as victimas dos guerrilhas neste concelho. Muito mais gente foi assassinada tanto na villa como na sua freguezia e freguezias do municipio. Mencionaremos mais um, visto ir extenso este capitulo. Foi morto em Albufeira um filho de Alte, Joaquim Candido.

Joaquim Candido foi em Albufeira um heroe. Alguns paizanos vendo quão brioso e valente era aquelle cidadão escolheram-no por seu commandante. Bateram-se todos com valentia, até que lhes faltou polvora e bala. Assignada a capitulação, recolheu-se o nosso heroe a casa do padre Neto, da mesma villa, mas ali o foram os guerrilhas buscar, e o assassinaram a tiro. (*Mem, idem*, pag. 41 e 70.)

E damos por findo este capitulo, dizendo a esses *inconscientes*, que estão constantemente a excitar o povo, que não brinquem com o fogo. Bem disse um homem que foi um sabio: «o povo é um animal de cem cabeças. Se o não açaimam, devora.»

«O povo obedece com baixeza, ou domina com orgulho.»

«Não ha mediania no povo. Desde que elle não teme, é temivel; e desde que elle teme, pode ser despresado.»

«O povo debaixo do despotismo é um verme que se arrasta, na republica é um urso, que devora os seus conductores.»

(Pensamentos, Maximas e Proverbios pelo Conselheiro Bastos.)

XXI

Predios brazonados e sem brazão

No alto da rua de Portugal existe um predio nobre, tendo sobre a porta principal da entrada um escudo de pedra e nelle em vulto cinco lobos. No cimo do escudo vê se o busto de um cavalleiro, tendo sobre o capacete outro lobo. Informam-nos representar as armas dos Lobos, concedidas por um monarca a um ascendente desta familia, que se notabilizou no Brasil ou nas Indias.

Este predio tem uma historia. Ha quasi duzentos annos Francisco de Paula Lobo Pessanha ou seu pae Manoel José da Gama mandou construir aquelle predio, cujos trabalhos foram embargados com o fundamento da então recente lei do marquez de Pombal que prohibia aos particulares a construcção de predios de *quina aberta,* construcção esta privativa dos paços reaes. Ia então o predio até ás abobadas, que deviam formar o primeiro andar. Durou esta questão algum tempo, sendo a sentença contraria ao seu proprietario, que não mais se importou com o predio.

Tendo falecido Sebastião Alexandre da Gama Lobo, filho e neto dos cavalheiros acima mencionados, e sem descendentes, foram seus herdeiros a ex.ma marqueza de Pomares e sua prima D. Maria Augusta Mascarenhas Zuzarte. Faleceu esta senhora sem filhos, constituindo sua herdeira D. Maria Augusta Mascarenhas, casada com Antonio José de Mattos Mexia da Costa. Na escritura de partilhas por obito de Sebastião Alexandre pertenceu aquelle predio, não concluido, ao referido Mattos, que o mandou construir ha uns 20 annos. E' um predio espaçoso e bonito com o seu jardim ao norte.

Encontram se ainda dois predios, ambos actualmente na posse da ex.ma marqueza de Pomares, egualmente brazonados, tendo o predio da Campina de Cima o brazão em

alvenaria, e o predio da Quinta do Rosal, em pedra, como o do predio supra indicado.

Existe ainda outro predio no alto da rua Ancha de nobre apparencia, não brazonado, que foi habitado pelo coronel Simão de Azevedo Silva Lobo, casado com D. Serafina Izabel Francisca de Brito e Aboim, senhora esta natural de S. Miguel do Pinheiro, termo de Mertola, e pelo seu filho Marçal Henrique de Azevedo e Aboim, casado com D. Anna Victoria de Aboim, natural de Loulé. (II)

Este predio, muito espaçoso e com importantes salas, foi nos meiados do passado seculo famôso centro de reunião das pessoas mais importantes da villa e da provincia. Nas suas salas deram-se grandes bailes. Hoje, devido ao vento impetuoso da fatalidade, o predio, outr'ora magestoso, dá-nos a ideia de um fidalgo de vestes custosas, mas sujas e rôtas: offerece-nos o sugestivo exemplo da incuria e da desorientação mental.

Ao fundo da rua Ancha existe um predio reedificado, que constituiu o solar da familia Barros Aragões, e ainda pertencente a dois descendentes.

Quasi ao centro da rua de Portugal existe ainda um predio de velha e nobre apparencia, onde nos principios do passado seculo residiram as *senhoras Lobos,* irmãs, informam nos, de Francisco de Paula Lobo Pessanha, tias de Sebastião Alexandre da Gama Lobo.

Para o largo de S. Francisco abre um predio antigo, reedificado e reformado ha alguns annos, onde viveram as tias do conselheiro Marçal Henrique de Azevedo e Aboim. Este predio pertence actualmente a uma neta do mesmo conselheiro, D. Maria da Piedade.

No largo dos Innocentes existe um predio antigo onde moravam os morgados do Galvão. E' um predio de velha apparencia, cujas salas não teem soalho, segundo nos affirmam; é a imagem da inercia e do desleixo. Ainda é habitado por um descendente dessa familia, enfermo e apopletico. Neste largo existe o predio onde residiu Fr. Joaquim de Loulé. (I)

No alto da Praça, em frente dos paços do concelho, existe reedificado e modernizado um predio, onde actualmente reside o snr. José de Azevedo Pacheco. De antes pertenceu á familia dos Parreiras e de antes tinha pertencido á familia dos Aragões.

Na rua de Santo Antonio estava situado o solar de um dos ramos dos Palermos. Nos fins do seculo passado ainda conhecemos duas senhoras desta nobre familia.

No alto da praça corria do sul a norte um grande predio, que foi expropriado para a construcção de uma Avenida, que devia chegar ao Largo de S. Francisco. Este predio constituia o solar dos Silveiras, familia nobre de que nos occuparemos mais adiante.

No Largo dos Innocentes ainda se observa um grande predio, dividido, sendo proprietarios de uma parte os herdeiros de Francisco Paula de Nepomuceno Aboim, da outra Joaquim Marcello Adelino Pereira. Antigamente pertencia a um só dono.

Era seu proprietario o morgado Lourenço Antonio de Aboim, casado com a irmã da esposa do conselheiro Marçal.

Estas senhoras eram filhas do capitão Antonio Fernandes Pereira, natural de S. Martinho das Amoreiras, e de D. Marianna Victoria de Freitas, natural da freguezia de S. Clemente de Loulé.

Na rua da Cadeia existe um predio antigo, abarracado, mas de apparencia nobre para os tempos passados, que suppomos ter pertencido a antigos proprietarios, de fortuna.

Em parte deste predio está alojada a conservatoria d'esta comarca e na outra parte uma sobrinha dos antigos Cavacos, familia importante que residiu nesta villa.

Na rua de Martim Farto, proprietario abastado do seculo 16, existe ainda um predio, hoje pertencente ao sr. Antonio Barros, do Poço Novo, da freguezia de S. Clemente de Loulé, que pertence de remotas edades á familia dos Barros.

Estes ultimos predios demonstram pela sua apparencia, e não pela sua conservação, ter pertencido a familias importantes, extintas, em poucos casos ainda pertencentes aos seus descendentes, filhos, netos ou bisnetos.

No Largo do Carmo existia um predio de boa apparencia, abarracado, pertencente ao alferes Bornixe e foi ultimamente expropriado como o foi o pertencente ao falecido José Caetano Benevides, predios estes cujas apparencias denotavam passadas grandezas.

Na Travessa do Ricardo existem dois predios; foi dono de um José Francisco de Azevedo e Silva, do outro

Joaquim Filippe de Aragão Valladares. Estes predios, embora modernizados, constituiram a habitação de pessoas ricas e antigas.

Como veremos, quando escrevermos das pessoas illustres que residiram nos seculos passados em Loulé, foram ellas muitas e não encontramos casas que lhes podessem ter pertencido.

Ha na rua do Carapeto outro predio, que pertenceu á familia Faisca Ramos e hoje pertence a João Luiz de Ferreira Barros. Se existissem os roes de confessados daquelles tempos poderiamos determinar as ruas onde taes predios estivessem construidos; mas hoje não possuimos elemento algum que nos esclareça sobre este assunto.

Onde morou o destemido Diogo Lobo Pereira, casado com D. Genebra Pessanha, fidalgo da casa real, valente capitão, e que tantas façanhas praticou em 1704?

Onde morava Antonio Joaquim de Paiva que na guerra da restauração tão heroicamente soube defender os direitos de D. João IV junto de Olivença?

Onde tinham suas moradas os fidalgos cavalleiros Estevam Neto de Mendonça Mascarenhas, André de Athaíde Aragão, o dr. Jorge de Athaíde, Nuno de Athaíde Mascarenhas, tão notaveis nos seus tempos?

Teriamos infindo prazer de parar em frente do predio, onde morou por ex: Antonio da Gama Nunes, tão rico como valente, e que, contribuindo com 25 mil cruzados para as urgencias do Estado, punha-se á frente de uma cohorte de heroes e defendia, praticando actos de verdadeiro heroismo, as nossas fronteiras.

Os de hoje, nascidos nos seculos das luzes, riem se e troçam dos fidalgos de outros tempos, chamando-lhes ignorantes. Podem chamar lhes ignorantes, nunca cobardes. Para nós, que nos prezamos de ser liberal, representa muito maior valor o titulo de fidalgo conquistado por *esses ignorantes* com a espada em punho, na defeza da patria, do que os titulos modernos conquistados pelos sabios de hoje em uma lucta renhida... junto da urna roubada!

Quando vemos algum dos modernos sorrir-se dos velhos fidalgos e dos seus titulos, lembram-nos aquellas palavras da fabula da rapôsa e das uvas: *estão verdes!*

Nos seculos passados houve um homem que se fartou de injuriar e de troçar dos fidalgos: foi o Sebastião de Car-

valho; mas este, logo que pôde, fez-se conde de Oeiras e Marquez de Pombal.

Nosso contemporaneo foi Camillo Castello Branco, que se fartou de rir e de zombar dos modernos fidalgos, mas elle foi acceitando, reconhecido, o titulo de Conde de Botelho!...

Estão verdes.

Colhâmos velas ás considerações que o assumto nos desperta e entremos na materia do presente capitulo.

A nascente da freguezia de S. Clemente de Loulé e dentro da mesma freguezia ha um sitio denominado Quinta de Apra. Não se encontram indicios alguns de ali ter existido uma Quinta, embora a tradição affirme a sua existencia. Cremos que realmente existira e pertencera aos condes de Rezende que ali possuiam um importante morgado, ainda hoje denominado o morgado de Apra.

Mais proximo da Villa de Loulé, na mesma direcção e na mesma freguezia, existe uma Quinta, pertencente á ex.ma snr.a D. Maria Elyza Vaz Mascarenhas. N'esta importante Quinta havia uma capella.. Diz se que este importante predio fôra em seculos passados doado por um nosso monarca a um ascendente da nobre familia dos Silveiras, que, com o andar dos tempos, se ligou a outras familias nobres d'esta Villa, como mais adiante informaremos.

Dentro do concelho, mas na freguezia de Boliquême existe a importante *Quinta de Quarteira*.

Esta propriedade, a maior do concelho, e cremos a maior de toda a nossa provincia, pertenceu aos nossos monarcas. El Rei D. Diniz deu estes terrenos de foro a Martim Marcham, em novembro de 1297, com obrigação de os povoar com cincoenta moradores (Lei, 4 deste rei § 6.º—Vid. Torre do Tombo); parece que o arrendatario não cumpriu a condicção, pois que em 16 de janeiro de 1404, El-Rei D. João I ordenou que fossem coutadas as terras da Quinta da Quarteira, *em que estão as canas do assucar de Mucer João da Palma*, mercador genovez, e impoz multas a quem nellas entrasse com gado. Em 1472 D. João, rei de Portugal, fez um contracto de escambo com Gonsalo Nunes; pelo qual este ficou com a propriedade da Quinta da Quarteira, recebendo o rei em escambo a grande propriedade ou propriedades que o referido Gonsalo Nunes possuia em Sarnache, no termo de Coimbra. Nesta escritura decla- 1482

rou o nosso monarca que a camara de Loulé nenhum direito tinha, de qualquer especie, na referida propriedade de Quarteira. Esta escritura tem a data de 7 de fevereiro de 1472. Lemos o tombo da casa do ex.mo conde de Azambuja e da sua leitura concluimos que aquelle Gonsalo Nunes era ascendente da familia do mesmo ex.mo conde, que herdou esta propriedade de seu pai o duque de Loulé: em 177:945$399 reis. (J)

Sobre esta propriedade assenta a povoação da Quarteira. Esta importante Quinta está actualmente arrendada ao snr. José da Costa Mialha, da Villa de Loulé:

No predio urbano da referida Quinta não existem armas algumas da familia dos condes de Azambuja. E' um predio antigo, por varias occasiões reconstruido.

No Povo de Alte existe uma casa antiga, ultimamente renovada e mobilada pela ex.ma snr.a condessa d'Alte. Este predio é conhecido em toda a povoação pela *casa do hospicio*. Compulsando velhos calhamaços e dicionarios de geografia antigos não encontramos nada que justifique aquella designação, pois não consta que em tempo algum ali tivesse existido algum hospicio. Cremos explicada a designação lembrando que os condes de Alte, quando vinham passar tempos a esta povoação, eram extremamente esmoleres para com os necessitados, acudindo-lhes e agasalhando-os, razão talvez da nomenclatura pelo povo dada ao predio, onde o conde residia. Não encontramos no predio as armas da familia dos condes de Alte.

E' em uma capella da egreja Matriz de Alte, conhecida pela *capella do morgado*, que se ostentam as armas da nobre familia.

Na mesma freguezia, no sitio do Freixo, existem ainda umas casas antigas, onde residiam os donos da *Quinta do Freixo Verde*. Esta importante propriedade pertenceu no seculo passado ao conde de Obidos, irmão do conde de Sabugal. Todavia não encontramos no predio, de nobre apparencia, as armas que constituem o titulo d'aquella antiga familia.

Em Boliquême estava constituido o antigo morgado dos Cortezãos ou Cortezões, que foi herdado por D. Maria Paula Vaz Cavaco da Veiga Cortezão, casada com o capitão Gregorio Figueiredo Mascarenhas da Franca; mas não conhecemos hoje onde se achava situado aquelle

morgado, como não encontramos predio urbano, que o lembre. Tanto as freguezias do concelho como a freguezia da villa teem neste ultimo seculo passado por grandes modificações no respeitante á propriedade rustica e urbana. Por isso não é possivel hoje averiguar das propriedades, que constituiram os antigos morgadios.

Lourenço Antonio Palermo, ou — como no termo do seu casamento — Lourenço Antonio de Aboim Rego, era filho do tenente João Nepomuceno Faria Palermo e de D. Anna Jacintha Palermo de Aboim, neto paterno de Lourenço Antonio de Faria Palermo e de D. Anna Antonio de Souza Guerreiro, desta villa; e neto materno de Francisco do Rego e de D. Thereza de Jesus, naturaes da Villa de Moura, bispado de Beja. Casou em 2 de maio de 1832 com D. Maria Carolina Pereira, filha do capitão Antonio Fernandes Pereira e de D. Mariánna Victoria d'esta villa; neta paterna de Mathias Fernandes e Anna Maria, naturaes de Ourique, bispado de Beja; e materna de João de Aguiar de Freitas e de Josépha da Encarnação Freitas d'esta villa.

Lourenço Antonio de Aboim Rego era morgado; de que ramo lhe veio o morgadio? Ninguem nos sabe responder. Seria dos Palermos? seria dos Regos? seria dos Aboins? por parte do pae ou da mãe? Completa escuridão no assunto.

Teve Lourenço Antonio um filho, que nasceu em 21 de janeiro de 1833. Quando maior, já a lei lhe permittia alienar os bens que constituiam o morgadio e por isso os vendeu. A' vista dos livros da conservatoria desta comarca não é possivel apurar cousa alguma porque a constituição das conservatorias é mais moderna.

Outros bens vinculados existiam neste concelho, que não é possivel determinar; nem nos parece ser isso necessario porquanto somente nos obrigamos neste capitulo a escrever dos predios brazonados e sem brazão.

No entanto, visto que a paginas 64 deste livro nos referimos a Brites de Almeida, morgada de Querença, devemos agora dizer que nesse morgado residia ella em um predio urbano muito notavel.

Restam, embora muito confusas, as tradições respeitantes a essa afidalgada residencia. Hoje, quem queira inquirir dos moradores daquella freguezia onde se achava situado esse predio, ninguem sabe responder.

No capitulo seguinte ainda nos teremos de referir á instituição desse morgado, que, hoje, cremos estar dividido por varios proprietarios, embora, haverá uns cincoenta annos, pertencesse a um só proprietario d'esta villa, chamado José Francisco Cavaco. Por sua morte foi dividido por seus filhos e genros. Cremos que alguns d'estes venderam as suas partes.

Na freguezia de Salir existe uma grande propriedade denominada o Morgado de Salir. Esta propriedade pertencia ultimamente a Manoel de Souza Eusebio, falecido ha pouco tempo, e hoje pertence a seu filho e filha. Esta propriedade compunha-se e compõe-se de duas propriedades distintas: o Pomar de que foi senhor util o falecido Sebastião Alexandre da Gama Lobo, e propriamente de outra parte chamada o morgadinho, que o mesmo Manoel Eusebio comprou ao conde de Alte.

Constituiria o Morgadinho parte do grande morgado de Alte, ou seria outro morgado distinto? E' sabido que succedeu muitas vezes o mesmo administrador possuir ao mesmo tempo diversos morgados, que se reuniam na mão de um só administrador, que representava diversas familias, ligadas por successivos casamentos.

Tem a villa de Loulé n'esta ultima parte do seculo passado até hoje tomado um grande desenvolvimento material. No Largo de S. Francisco, na Praça, na Rua da Corredora e Largo dos Innocentes encontram-se bastantes predios de moderna construcção.

A poente da villa, no sitio da Marroquia, ergue-se um bonito predio urbano, pertencente ao sr. José Martins Farragota; no alto da Praça outro predio pertencente ao sr. José da Costa Mialha, satisfaz ás leis das modernas construcções, mais ou menos floreadas. Emfim a villa de Loulé resurge maravilhosamente e vae-se vestindo de galas. Pena é que as ruas não sejam das mais aceiadas: ha ahi beco, e mesmo ruas, que são um viveiro de microbios...

Vamos pôr ponto final no nosso livro, escrevendo o seu ultimo capitulo.

CAPITULO XXII

Familias illustres de Loulé

E' hoje muito difficil indicar todas as familias illustres que residiram em Loulé. Para escrever este capitulo, valemo nos de uns apontamentos devidos a pessoa illustre, que reside fora d'esta villa, e a curadas informações.

No seculo XV vivia em Loulé D. Ignez de Figueiredo Mascarenhas, filha de Manuel Mascarenhas e de D. Isabel Correia. Casou aquella senhora com Manuel Neto de Mendonça, natural de Loulé, e filho de Antonio Neto de Mendonça e de D. Francisca de Brito. Este Antonio Neto faleceu octagenario em Loulé a 6 d'abril de 1619, deixando por seu testamenteiro o dito seu filho Manuel Neto de Mendonça.

Do casamento de D. Ignez de Figueiredo Mascarenhas nasceram, entre outros filhos, os que se seguem:

Estevam Neto de Mascarenhas, natural de Loulé, e casado n'esta villa com D. Isabel de Athaide de Aragão, filha de André de Athaide de Aragão e de sua primeira mulher D. Isabel Alves de Souza... Este André de Athaide era filho de Manuel da Costa Corte Real e de D. Isabel de Athaide Mascarenhas; e esta filha de Manuel de Athaide, legitimo descendente de Duarte de Athaide, alcaide mór de Alvór, em cuja casa faleceu El Rei D. João II, vindo doente dos banhos de Monchique, a 25 de outubro de 1495.

Do matrimonio de Estevão Neto de Mendonça nasceram:

1.º O doutor Jorge de Athaide Mascarenhas, batizado em Loulé a 27 d'abril de 1593 e casado com D. Melicia, c. g.

2.º D. Maria de Souza de Aragão, batizada em Loulé a 23 de novembro de 1595 e casada na mesma villa a 20 de julho de 1620 com Gaspar Rodrigues Vieira de Lima, natural de Albufeira e falecido em 1637; a qual d'este ma-

trimonio teve D. Francisca Rita de Brito e Aragão, mulher que foi do seu parente Manuel de Figueiredo Macarenhas.

3.º D. Joanna de Mendonça, batizada em Loulé a 10 d'agosto de 1600 e casada com Joanne Mendes de Ribadaneira, de quem houve Francisco Mendes Neto de Athaide, casado com D. Maria Arraes de Mendonça, c. g.

4.º Nuno de Athaide de Mascarenhas, com quem se continúa.

5.º João da Costa de Athaide, natural de Loulé e casado em Estoy no anno de 1630 com D. Maria Francisca Pessanha, filha de Jorge Pessanha da Franca e de D. Leonôr Palermo; e foram estes os bisavós de Nuno Mascarenhas Pessanha, sargento mór de Loulé (Vid. Quadro Geneol. das Familias Nobres do Algarve).

Aquelle Nuno de Athaide Mascarenhas, natural de Loulé, foi capitão de cavallos desde 1664 a 1674, governador da mesma villa, cargo em que prestou relevantes serviços na defeza dos logares maritimos do Algarve contra a armada Castelhana como contra as naus dos mouros, e afinal como procurador da mesma villa nas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1674, pelo que foi agraciado em 1679 com o habito de Christo e a mercê de 40:000 reis de tença, por anno. Todo o referido se encontra consignado no Liv. 61 da chancellaria da Ord. de Christo a fl. 332, 333 e 334, onde tambem se declara a sua filiação.

Casou D. Nuno com D. Isabel da Cunha de quem teve:

1.º Nicolau de Athaide Mascarenhas, casado em Castro Verde, com D. Laurencia Maria Vizeu.

2.º Pedro Correa Mascarenhas, natural de Loulé, capitão mór do Algôs e casado em 1690 com D. Maria de Oliveira Marreiros, filha de Thomé Rodrigues Pincho, (sendo este o fundador do Monte da Piedade, do Algôs,) e de sua mulher Maria da Esperança Marreiros, neta paterna de João Pincho e de Maria de Oliveira e materna de Affonso Alves Marreiros e de Violanta Vaz, filha esta de Belchior Fernandes Canellas, pagador geral do Algarve.

Este Pedro Correa Mascarrenhas teve de sua referida mulher os seguintes filhos:

1.º Gregorio, nascido no Algôs, em 15 de novembro de 1693;

2.º Francisco, nascido no Algôs, em 4 de outubro de 1695;

3.º Maria, nascida no Algôs, em 6 de novembro de 1698;
4.º Joanna, nascida no Algôs, em 19 de abril de 1701;
5.º Aurelia, nascida no Algôs, em 25 de setembro de 1703;
6.º Josepha, nascida no Algôs, em 15 de janeiro de 1706.
7.º Antonia, nascida no Algôs, em 15 de fevereiro de 1709.

Aquellas duas filhas, Maria e Josepha casaram em 4 de outubro de 1722 na mesma povoação do Algôs com dois primos, filhos do tenente coronel Diogo João Lobo e de sua esposa D. Genebra Maria Pessanha, chamados Nuno Mascarenhas Lobo e João da Costa Aragão. (K)

Para não tornar longo este capitulo vamos apenas mencionar a geração, resultante do casamento de Josefa com o seu primo Nuno.

Deste casamento nasceram, entre outros, Manuel José da Gama Lobo, capitão mór de Loulé, fidalgo cavalleiro, em 28 de março de 1742, que casou com D. Victoria Josefa Thereza da Conceição de Lima Lobo, natural de Lagoa, nascida em 12 de novembro de 1728, casamento que se realisou em 1752. Deste casamento. entre outros, nasceu D. Maria Joanna Lobo Pessanha Mascarenhas, (irmã de Francisco de Paula Lobo), que casou, em 1791, com José Victorino Zuzarte Coelho da Silveira e Sande, natural de Lagos, tenente coronel commandante do 2.º batalhão de milicias de Portalegre, coronel agregado ao regimento de milicias de Villa Viçosa etc. etc. Deste casamento nasceu Manuel Mascarenhas Zuzarte Vasconcellos Coelho da Silveira e Sande, bacharel formado em Canones, deputado ás cortes pelo Algarve em 1856, que casou com D. Maria do Carmo de Azevedo Barahona Soverara Cordovil, de Lagos. Deste casamento nasceu João de Azevedo Mascarenhas Soverara Zuzarte, deputado da Nação em diversas legislaturas, que casou com D. Anna Isabel de Mascarenhas Gaivão. Deste casamento nasceu D. Maria Joanna Mascarenhas Zuzarte, que casou com Luiz Simões de Sarrea Garfins, nascido em Portimão em 23 de outubro de 1851, formado em direito a 23 de junho de 1875, e falecido em Estoy ou Faro ha poucos annos, deixando 7 filhos.

Portanto Josefa, filha de Pedro Correa Mascarenhas, nascida no Algôs, era quarta avó da esposa de Luiz Sarrea,

nosso condiscipulo no 1.º anno Juridico da Faculdade de Direito.

Em Loulé existiam as seguintes familias, que se ligaram por casamentos:

Mascarenhas, Lobos, Pessanhas, Aragões, Athaides, Silveiras, Palermos e Barros.

Ligaram-se talvez primeiramente as familias Lobos e Pessanhas, pelo casamento do tenente coronel Diogo João Lobo com D. Genebra Maria Pessanha; mas parece que já a esse tempo a familia Aragão estava ligada á familia Lobo ou Pessanha, pois que um dos filhos do tenente coronel Diogo João Lobo chamava-se João da Costa Aragão.

Parece que a familia Athaides ficou sendo principalmente representada pelos descendentes dos Athaides de Alvôr.

Nota-se na genealogia das familias nobres antigas uma singularidade, que foi notada pelo sr. Visconde de Sanches Baena no seu livro *Familias Illustres do Algarve* — : seguem muito facilmente nos seus sobrenomes ou appellidos nomenclatura diversa dos seus irmãos. Temos aqui mesmo um exemplo: um filho de Diogo João Lobo e de D. Genebra Maria Pessanha chamava-se Nuno Mascarenhas Lobo, ao passo que o seu irmão germano assignava-se João da Costa Aragão; e este exemplo repete-se muitas vezes em outras familias. E' esta uma das grandes dificuldades que se offerecem a quem queira fazer ou formar a arvore de geração de uma familia.

Outras familias muito distinctas houve em Loulé e se ligaram em laços de parentesco com aquellas.

Taes foram as familias Pereiras, Soeiros, e Gamas. A familia Pereiras estava já ligada aos descendentes do tenente coronel de Loulé — Diogo Lobo Pereira. Este cidadão foi um heroe no seu tempo e d'elle escrevemos já no capitulo XVIII.

Da familia Gama, ligada aos Soeiros, descendia Antonio da Gama Nunes, de quem já escrevemos no capitulo XVIII. Era filho de Fernão Soeiro.

Muito notavel foi egualmente Manuel Soeiro, como já escrevemos.

Residia ainda n'esta villa por aquelles tempos outra familia importante: a familia Paiva. Antonio Joaquim de Paiva praticou actos de verdadeiro heroismo, nas guerras da restauração, como já escrevemos.

De quasi todas estas familias foi representante Sebastião Alexandre da Gama Lobo Pessanha, que morreu solteiro, sem geração.

Talvez não menos moderna seja a familia dos Silveiras.

Em 2 de janeiro de 1699, Ruy Dias da Silveira, que tambem se assinava Rodrigo Dias da Silveira, e sua esposa D. Felicia Borges, residentes em Loulé, constituiram um vinculo ou capella dos bens da sua terça, nas pessoas dos seus descendentes mais velhos, com a condição destes, por sua vez e por suas terças, augmentaram aquelle vinculo, que seria sempre transmittido naquellas condições.

Falecendo os instituidores do vinculo passou este para sua filha D Maria Dias Silveira, e por sua morte passou para seu filho Ruy José da Silveira, ou Ruy Dias da Silveira, que, por sua vez o transmittiu sempre augmentado para o seu filho, o capitão mór Joaquim José da Silveira.

Passou este vinculo para sua filha, D. Maria da Madre de Deus Silveira, que casou com o juiz de fora n'esta comarca Francisco d'Assis Salgueiros. Como esta senhora era muito religiosa e pouco se occupava do governo da casa, era seu irmão, Francisco Xavier da Silveira e Silva Mascarenhas, desembargador no Porto, que o administrava. Casou esta senhora com aquelle juiz, contra a vontade do irmão desembargador.

Deste casamento nasceu uma filha, D. Maria Joanna Silveira, que casou com Antonio Vaz da Fonseca e Mello, e d'este casamento nasceu o sr. Antonio Vaz Mascarenhas, actualmente em Lisboa.

A familia Silveiras, ainda no seculo passado, esteve ligada á familia Mascarenhas, pois que um tio do sr. Vaz Mascarenhas se assignava, como já dissemos, Francisco Xavier da Silveira Mascarenhas. Outras ligações se repetiram entre estas familias, pois que o sr. Antonio Vaz Mascarenhas casou com a ex.ª sr.ª D. Elysa Figueiredo Mascarenhas, com dispensa de parentesco no 4.º grau.

Pelo testamento com que falleceram os institnidores do vinculo, se vê que a familia Silveiras não era originaria de Loulé; pois declaram, quando se referem á successão do vinculo, o seguinte: sendo caso que de todo seja extinta a sua descendencia, succederá o parente mais chegado da linha collateral d'elles instituidores, os quaes serão da Villa de Mazagão, *terra d'elle testador* Ruy Dias da Silveira, ou

da Villa de *Togia Valoisa*, terra d'ella testadora, D. Felicia Borges.

Outra familia importante e muito antiga tem existido n'este concelho: a familia Barros, de que foi tronco commum o alferes Pedro Affonso Pires de Barros e sua esposa D. Leonor Rodrigues Soares Adains, da Goldra.

Deste tronco nasceram: 1.º João Baptista de Barros Soares, que foi casado com D. Josepha Maria Guerreiro, dos Canos; 2.º D. Beatriz Vieira de Barros, que foi casada com Manuel Mendes Estaço, tambem dos Canos.

De João Baptista de Barros e esposa, nasceram: Pedro J. de Barros, da Goldra, que casou com D. Barbara J. Vieira, de Estoy; 2.º D. Rita J. de Barros, da Goldra, que casou com o capitão Domingos Gomes Delgado, de Giões.

Do casamento de Pedro José de Barros e sua mulher nasceram: 1.º José Pedro de Barros, da Goldra, casado com D. Thereza do Carmo Contreiras Faisca; 2.º João Baptista de Barros, lente de medicina, em Coimbra; 3.º Padre Pedro José de Barros, paroco na diocese de Coimbra; 4.º Francisco José de Barros; 5.º D. Anna Vasco de Barros.

Do casamento de José Pedro de Barros, nasceram: João Baptista de Barros Vasco advogado distinto n'esta Villa e outros.

Do casamento de D. Beatriz Vieira de Barros com Manuel Mendes Estaço, nasceram, entre outros, Mathias Mendes Vieira, que foi casado com D. Barbara de Souza Baião, de S. João da Venda; e deste casamento nasceu D. Anna Rosa de Barros, que casou com o capitão José Bernardo de Souza, residente na Quinta do Olival. D'este casamento nasceu, entre outros, o capitão José Bernardo de Souza, que foi casado com D. Maria Thomasia d'Aragão, de cujo casamento nasceram José Francisco de Barros, João Barros de Aragão e suas irmans, D. Anna Victoria, viuva de Marçal de Azevedo Aboim, D. Maria Emilia, viuva de Abel José Teixeira e D. Maria Thomasia, viuva de José Joaquim de Aragão Valladares.

Alem d'estas ultimas ligações, ligou-se a familia Barros á familia dos Aragões, pois que D. Maria Thomasia, casada com o capitão José Bernardo de Souza, era filha de D. Maria Victoria de Aragão Palermo, e neta de outra D. Maria Victoria de Aragão Palermo, que foi casada com Antonio José de Souza Callado.

Ligou-se tambem com a familia Assiz Rebello pois que uma prima, no segundo grau, de José Pedro de Barros, chamada D. Francisca Vieira de Barros, foi casada com o tenente Luis Albuquerque Rebello, de cujo casamento nasceu Francisco d'Assiz Rebello, que foi casado com D. Maria da Piedade Palermo de Aragão, e nasceu tambem Manoel Albuquerque Rebello, que foi casado com uma irmã d'aquella senhora. (L)

Outra ligação se effectuou entre a familia Barros e a familia Faiscas, pois que José Ricardo de Souza, casado com D. Anna Rosa de Barros, dos Canos, e avô do sr. João Barros de Aragão, era filho de Manuel Gonçalves de Souza Faisca e de sua mulher D. Maria de Souza, do Valle d'Asnos. Alem desse parentesco, acresce que Thomaz Joaquim de Souza Ramos Faisca foi casado com D. Francisca Rita de Barros Mogo, da Tôr, e de sua esposa D. Maria Caetana de Barros, bisneta do tronco commum — Pedro Affonso Pires de Barros e D. Leonor Rodrigues Soares Adains, da Golra.

Quer-nos parecer que, entre José Joaquim de Valladares Aragão e a familia Aragões de Loulé, já havia parentesco, antes do seu casamente com D. Maria Thomazia, embora em grau muito distante.

José Joaquim d'Aragão Valladares era filho de Joaquim Palermo d'Aragão e de D. Maria Francisca Teixeira, do Ameixial; neto de Jeronimo Francisco de Aragão e de sua esposa D. Maria Rosa Pestana; bisneto de Antonio da Rocha Neto e de sua mulher D. Maria Rita Palermo de Aragão; e terceiro neto de Sebastião Loureiro, natural de Mertola e de sua esposa D. Joanna Jesus de Aragão, que era natural de Loulé, muito naturalmente parente dos Aragões, ligados a Barros.

Ainda em Loulé havia outra familia muito notavel: a familia Azevedos e Silva.

Antonio de Azevedo e Silva, natural de Loulé, era Môço da Camara d'El-Rei, e proprietario do oficio de Escrivão dos orfãos nesta villa. Foi casado duas vezes, tendo da primeira mulher e da segunda, chamada Margarida Pereira, com quem casou em 1654, nove filhos. Falleceu em 1673. Um dos seus descendentes chamou-se Antonio de Azevedo e Silva, que foi casado com D. Maria de Faria, e foram os 4.os avôs de Marçal Henrique de Azevedo Abo

(conselheiro). (M) Outro descendente chamou-se D. Isabel da Costa de Azevedo, que foi casada com o dr. Manuel de Souza Palermo, ligando-se por este casamento os Azevedos aos Palermos.

Outras familias importantes existiram e existem nesta villa, cujas linhagens não podémos descobrir. Entre essas, a familia Galvões, que possuiam um vinculo instituido no Galvão.

Sabemos que o ultimo possuidor desse vinculo foi Francisco Paula Galvão, que o recebera de sua mãe, D. Maria Claudia Galvão, e que, por sua vez, o recebera de seu pai. Nada mais.

Nas freguezias do concelho tambem existiram pessoas de nobre linhagem. Em Alte a familia Martins Cavaco. Nos fins do seculo XVI casou D. Catharina Martins Cavaco, de Alte, com Manuel Lopes Guisado, do Algôs, da nobre familia dos fidalgos Tenreiros; e deste casamento nasceu D. Catharina Jacintha Rosalia, que casou com o dr. Manuel Garfias, e de cujo casamento nasceu Bartholomeu José Garfias, que casou com D. Anna Joaquina de Figueiredo, filha do capitão Gregorio José de Figueiredo Mascarenhas e de D. Maria Paula, de Estombar.

Antes do seculo XVI ou nos seus principios casou em Alte com D. Isabel Cavaco o capitão João Francisco da Veiga, official do Santo Officio. Deste casamento nasceu D. Maria Paula Vaz Cavaco da Veiga Cortezão, que casou com Gregorio José de Figueiredo Mascarenhas, e d'este casamento nasceu, entre outros, José Gregorio de Figueiredo Mascarenhas, sargento mór de Messines, pae de João Gregorio Figueiredo Mascarenhas, de Silves, de José Gregorio Figueiredo, de S. Bartholomeu, de Gregorio José Figueiredo Mascarenhas, assassinado pelos guerrilhas, e da viscondessa de Messines e irmans.

Portanto, as familias Figueiredos Mascarenhas, de Silves e de S. Bartholomeu, nesta ligação, teem por tronco commum o capitão João Francisco da Veiga, official do santo officio e sua esposa D. Isabel Cavaco. Desta ultima familia fazia parte — a familia *Cortezão,* de que descendem alguns individuos de Boliqueme, denominados, os *Cortezões.*

E dizemos fazer parte porque a filha de João Francisco e D. Isabel Cavaco assinava-se D. Maria Paula Vaz Cavaco da Veiga Cortezão.

Em 1680 o licenceado Lourenço Martins Cortezão, natural de Boliqueme, instituiu um vinculo ou morgado. Deste morgado foi herdeira a referida D. Maria Paula Vaz Cavaco da Veiga Cortezão, e mais tarde, herdado por Antão Ignacio de Figueiredo Mascarenhas, irmão do avô das ex.mas esposas do sr. Antonio Vaz Mascarenhas e do recebedor d'esta comarca João Diogo Mascarenhas Neto.

Tambem na freguezia de Querenças, nos seculos 16.º, 17.º e 18.º, viveu uma illustre familia, descendente do instituidor do morgado de Atôr. Foi elle Lopo Esteves de Sarrea, como vamos do curioso livro — *Familias Nobres do Algarve,* do sr. visconde de Sanches de Baena. Lê-se ali:

«Em 1555 residia em Tavira Luiz Simões. Havia elle casado em 1520 com sua prima D. Leonor Mascarenhas, filha de Ruiz de Faro Mascarenhas e de Sua mulher D. Brites Mendes de Sarrea, que era bisneta de Lopo Esteves de Sarrea, *instituidor do morgado de Atôr.* Este Lopo Esteves de Sarrea descendia de D. Martim de Sarrea, cavalleiro da Ordem da Calatrava, em Castella, capitão de cavallos, em Flandres, e do Conselho de guerra (Nobil. de los Reinos y Señores de España, por D. Francisco Piferrer, tom. III, pag. 50).»

Do exposto vê-se, pois, quão antiga é a instituição daquelle morgado, actualmente possuido pelos filhos do capitão José Francisco Cavado, de Loulé!...

Por occasião do grande diluvio (a que já nos referimos) succedido em Loulé, e que matou muita gente e arruinou de todo o velho convento de Santo Antonio dos Capuchos, na estrada para a Ermida da Senhora da Piedade, a primeira pessoa que appareceu em auxilio dos desgraçados, foi a morgada de Querença, que então se chamava D. Brites de Almeida. Revindiquemos, pois, para esta senhora a honra que a vereação transata da camara tributou á rua Brites de Almeida, que a mesma camara talves suppôs fosse a padeira de Aljubarrota.

As honras, pois, de ter uma rua com o seu nome, merece-as por inteiro a morgada D. Brites de Almeida, que tão generosamente accudiu ás desgraçadas victimas da inundação. A padeira de Aljubarrota era natural de Faro e residiu na freguezia de Loulé, apenas por algum tempo e como arrendataria de pequeno predio rustico.

Em Salir existem duas familias antigas, mas oriundas

de outros concelhos: a numerosa familia dos Teixeiras, provenientes do concelho de Alcoutim, e descendentes do capitão-mór Teixeira; e a familia dos Mira Escalços, provenientes de Villa Nova de Portimão. Ha reminiscencias tradicionaes de um importante lavrador Martim Annes, que deu o seu nome ao sitio, que hoje tem aquella designação.

No Ameixial houve tambem uma familia nobre. Parece-nos que o Monte Cavalleiro, propriedade importante nos limites d'esta freguezia, devera ser o solar d'essa familia. Talvez ali residissem os ascendentes de D. Maria Francisca Teixeira, mãe do falecido José Joaquim de Aragão Valladares. Tendo falecido a mãe d'este cavalheiro, deixando apenas um filho de mui tenra idade, elle nunca soube dar desenvolvidas informações ácerca da sua ascendencia, por parte de sua mãe. Sabia que era parente da familia Teixeira por parte de sua mãe, mas desconhecia por completo os ascendentes d'esta:

* * *

Na *Corografia do Reino do Algarve* por Silva Lopes encontramos a seguinte noticia:

«Ruy Barreto, *natural de Faro,* filho de Nuno Barreto, alcaide-mor da mesma cidade e de D. Leonor de Milão, fez relevantes serviços nas guerras de Africa, e gentilezas de valôr na batalha de Baharem, em outubro de 1559 contra os Turcos, que sitiavam esta fortaleza, esforçando-se por vingar a morte do seu capitão D. Alvaro da Silveira, sobre cujo corpo pelejou denodadamente, recebendo 14 feridas, das quais tres foram muito perigosas».

E' possivel que Ruy Barreto nascesse em Faro; é certo, porém, que seus paes residiram e morreram em Loulé. No convento, em ruinas, de S. Antonio, ao sair da villa de Loulé, a poente, encontramos em uma capella arruinada uma lapide de dois metros de comprimento e um metro e trinta centimetros de largura, e nesta a seguinte inscrição, toda em letras maiusculas:

S.
«De Nuno Roiz Barreto e de sua mulher
D. Lionor de Milão, fundadores e padroeiros d'esta casa
E. O. Fr.»

Parece que se Nuno Barreto e sua esposa não fossem de Loulé não tinham fundado aqui um convento.

D'este enlace nasceram dois filhos varões: Ruy Barreto, alcaide-mór de Faro, cuja noticia acima transcrevemos, e Gonsalo Nunes Barreto, que foi alcaide-mór em Loulé.

Falecendo Ruy Barreto sem successão, foi a alcaidaria mór de Faro concedida pela Rainha D. Catharina, na menoridade d'El-Rei D. Sebastião, a Gaspar de Figueiredo Mascarenhas, que já ali era capitão-mór.

No convento, em ruinas, de Santo Antonio, em Loulé, encontram-se muitas lapides funerarias, umas espalhadas a granel pelos compartimentos do convento, levantadas do seu primitivo logar, e outras partidas, servindo de poiaes de casas hoje pertencentes a inquilinos, que moram nas dependencias do mesmo convento. Muitas das inscrições já não podem ser lidas por se acharem gastas, e outras porque as lapides foram partidas e pertencem a diversos poiaes.

Em uma lemos: *Sepultura de Fernão Lopes e de sua mulher.*

Em a parede de uma das capellas lê se a seguinte inscrição:

«Aqui estão depositados os ossos de S. Francisco Brixa»

Pessoa curiosa mandou arrancar a pedra e vendo dentro pannos, que pareciam habitos de frades, nada mais quiz ver e collocou a pedra no seu logar respectivo.

Os Barretos foram os ascendentes do duque de Loulé e do actual conde de Azambuja: e por isso quasi nos convencemos de que a nobre familia descendesse d'esta villa. Como dissemos no capitulo antecedente, El-Rei D. João escambou as terras da Quinta da Quarteira com as de Sernache, que então pertenciam a Gonsalo Nunes, ascendente dos Barretos.

Concluindo devemos afoitamente affirmar que o concelho de Loulé foi berço de fidalgos muito notaveis dos seculos 15, 16, 17 e 18.º e que muito honraram a sua patria e as suas nobres familias. Devemos ainda acrescentar que a lapide de Nuno Roiz Barreto acha-se proximo da parede de uma capella, e conhece-se perfeitamente o logar onde primitivamente esteve. N'aquelle logar, pois, acham-se enterrados os restos mortaes dos ascendentes do marquez de Loulé e do conde de Azambuja.

D'essa velha nobreza, que tanto se notabilizou no paiz e tanto honrou a sua villa de Loulé, encontramos alguns representantes numa petição feita a D. João VI em 1806 e registada no *Arquivo do Desembargo do Paço* (Alemtejo e Algarve) sob o maço 510 n.º 74. E' um documento assaz curioso, o melhor epilogo da nossa *Monografia*.

Diz o documento:

Senhôr.

Diz a Nobreza e Povo da Villa de Loulé, comarca de Tavira, Reino do Algarve, que V. A. Real foi servido prover a Melchior da Costa Tinôco na propriedade da cadeira Regia de gramatica latina da Fronteira, com residencia na dita villa de Loulé, em que já se conservava quando era servida pelos Religiosos Capuchos. E porque o ordenado de cento e quarenta mil reis que devem pagar-se áquelle professor não bastam para a sua decente conservação e subsistencia, no meio da carestia em que estão os viveres, e attendendo a que ha-de pagar decima do referido ordenado e tem de soffrer rebates no cambio do papel moeda, em que se farão as respectivas soluções nos competentes quarteis— Pretendem e querem que V. A. Real mande fazer para o dito professor o acrescentamento de sessenta mil reis sobre aquelles cento e quarenta mil reis, tirado e pago da sobra das sizas da mesma villa e seu termo. Já elle na cidade de Silves, tinha semelhante acrescentamento por mercê que V. A. R. lhe fez; e se então o merecia, muito mais o merece agora numa terra, que supposto seja villa, excede em população aquella cidade, quanto huma cidade pode exceder a huma aldeia; acrescendo estar a mesma villa rodeada de muitos povos, e em situação aonde sempre concorreram immensos estudantes, sujeitando-se a pagar aos professores, alguns dos quaes, como foi Manuel Coelho, recebiam tambem ordenado da camara, não obstante não serem professores regios. Este o modo de facilitar a conservação do dito novo professor, de cujas luzes e instrucções tanto depende a mocidade até agora quasi submergida na ignorancia pela falta de professor habil e desvelado e pela impossibilidade que tinham muitos de irem aprender a maiores distancias gramatica latina que se propunham estudar.

Pelo que

P. a V. A. Real lhes faça a graça de conceder ao dito professor o referido augmento de sessenta mil reis pagos das sobras das sizas no que os supplicantes e todos os mais convem, por ser em beneficio e utilidade sua.

E. R. M.ce

Manuel José da Gama Lobo Pessanha.

O Desembargador José Francisco Xavier Lobo Pessanha.

João Palermo de Aragão.

José Francisco de Azevedo.

Bernardo José Matheus de Azevedo e Silva, capellão fidalgo.

Sebastião Diogo de Barros Souza Lobo, vigario das religiosas.

Fr. Joaquim de Maria Santissima Roquête.

O capitão Manuel Joaquim Mogo.

Romão José de Almeida.

Antonio Ferraz Pessanha.

Antonio Cordeiro da Costa.

Henrique Joaquim de Athaide.

Francisco Palermo de Aragão.

João José de Mendonça.

José Antonio da Silva Leitão.

Joaquim José de Ramos.

Antonio Joaquim de Souza Caliço.

Antonio Roiz Mialha.

João de Azevedo Abreu.

José de Azevedo e Silva.

Manuel Mendes Corrêa.

Manuel Thomaz de Aquino Mealha.

Thomaz Roiz Mealha.

José Antonio da Silva Teixeira.

João Francisco de Oliveira.

Mariano José da Costa Inglez. (N).

Nesta petição foi lançado o seguinte despacho: Escusado. Lisboa 15 de Dezembro de 1806.

Pela leitura dos arquivos da camara somos informado que em 1806 existiam nesta villa outras nobres familias, que não assignaram a petição. Não nos admiramos dessa deficiencia. Toda a gente sabe que este anno de 1806 é um dos mais memoraveis nos annaes politicos da Europa. Escreve o sr. Pinheiro Chagas:

«Neste anno o reino de Napoles é tirado ao seu soberano para ser dado a José Bonaparte; a republica da Hollanda transforma-se em monarquia; desfaz-se o antigo imperio germanico, em desprezo das bases do tratado de Frisburgo; e se levanta a confederação do Rheno, dominada por Napoleão com o titulo de protector, a qual o imperador da Allemanha é obrigado a reconhecer, renunciando o titulo de imperador da Allemanha, e os direitos a elle annexos... Por sua vez a Hespanha, cujo exercito era então de 118:000 homens foi elevado a 140:000.»

Ora este alistamento faz crer que a Hespanha tentava apossar-se de Portugal, que, pelo seu lado, chamou os seus filhos ás fileiras e participou para a Inglaterra o que corria ácerca da intenções da nação visinha. A este chamamento ás armas acudiu a nobreza e o povo portuguez. Os fidalgos de Loulé sabiam escrever com a ponta da espada as paginas brilhantes da historia do Algarve. Os descendentes daquelles que se tinham assignalado nos seculos passados não eram pusilanimes nem cobardes. Por isso em 1806 apenas viviam em Loulé a parte da nobreza invalida, menores ou sexagenarios; e poucos mais. Foram estes que assignaram aquella petição.

*

* *

Pediram fizessemos a comparação entre os nobres ancestres, que tão superiormente se affirmaram em Loulé pelo seu talento, brio patriotico e serviços, e os que actualmente aqui os representam. Vendo que essa comparação, sem offensa aos de hoje, seria desvantajosa para a actualidade, e não querendo fugir a esse trabalho, estabelecemos uma questão prévia: explicar-se-nos a razão porque, sendo o concelho de Loulé o mais importante do districto, pois conta

uma população superior a quarenta e quatro mil almas, era hoje administrado por uma corporação, composta de sete membros, muito dignos, muito sérios e muito honestos, dos quaes, porém, **cinco** eram *filhos* de concelhos diversos.

Pediram-nos vinte e quatro horas de espera prometeram-nos dar a resposta por escrito. Esperamos cinco mezes, e como a resposta não nos foi dada, resolvemos terminar aqui este capitulo e este livro.

NOTAS

NOTAS

(A) *pag. 80*

Temos ouvido chamar *celleiros mouriscos* a estas covas. Neste assunto seguimos a opinião de Estacio da Veiga, que foi quem, mais criteriosamente, se occupou das cousas antigas do Algarve. Escreveu o nosso benemerito patricio o seguinte:

«Com as designações de *cellciros, tulhas, silos* ou *matmorras*, são conhecidas em Portugal umas covas, geralmente excavadas nas rochas brandas, de maior ou menor amplitude e profundidade, que a tradição e mesmo algumas noticias escritas indicam como tendo sido celleiros na epoca mahometana; e conta um escritor antigo que o trigo ali recolhido conservava por seis annos a privilegiada aptidão de poder germinar, sendo semeado.

«Já neste livro me tenho referido a esses subterraneos, bem convencido de que, com effeito, teriam sido *aproveitados* para celleiros, durante o dominio mourisco, principalmente aquelles mais avisinhados dos castellos, torres de vigia, onde em alguns dos que tenho explorado são frequentes os fragmentos de louças arabes.

. . . . . .

Falando, porém das habitações terrestres dos tempos neolithicos, já mostrei que covas similhantes tinham sido habitadas por aquella geração; e estas covas que aqui apparecem são as mesmas, que teem sido encontradas em França, na Italia e até na America, onde os mouros não dominaram. «Duvida alguma ha hoje com referencia a este

assunto, tendo-se encontrado n'aquelles paizes covas e cavernas artificiaes excavadas nos planaltos das collinas, nas suas rampas e planicies, ora isoladamente, ora constituindo grupos, contendo ainda cinzeiros mesclados de carvão, pedras e louças, ossos de gado e de aves, mostrando serem despojos de refeições preparadas n'aquellas covas, que a um tempo serviam de cosinha, casa de jantar, quarto de dormir e estrumeira, sem que ninguem temesse o fumo da fornalha, as evaporações dos detritos organicos ali acumulados, o desconchego da cama e a escuridão das noites.

Ora, encontrando-se na area desta freguezia tantos documentos isolados das civilizações paleolithica e neolithica, não é de admirar que mais estes appareçam.

Se são celleiros mouriscos, porque aqui dominaram os mouros, e foram elles que as abriram para a conservação dos cereaes, qual a razão por que taes covas se encontram em França, na Inglaterra, na Italia e na America onde os mouros não exerceram o seu dominio?

Por isso é nossa opinião que muitos desses celleiros mouriscos foram primitivamente habitados pelos povos dos primeiros tempos da mais remota antiguidade, sendo depois aproveitados pelos mouros naquella parte em que elles dominaram.

No vol. 1.º das *Regiões da Lusitania* de snr. Leite de Vasconcellos, pag. 45, encontram-se curiosas informações relativas ás covas habitadas por gente; e Fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental*, liv. V, cap. XX, escreve egualmente dessas covas.

A'cerca destas habitações e da sua *arquitectura* escreveu Estacio da Veiga:

«Não deixariam aquellas tenebrosas habitações, ou antes covis de humanos animaes, de terem alguma cobertura cupular, com sua porta de entrada, que seria uma lage tosca, de encostar por dentro, para segurança dos habitantes do lar, em conformidade do estylo arquitectonico do tempo, mas de que hoje sómente restam os edificios abertos nas rochas brandas, que aquelles audaciosos mineiros sabiam cortar a machado de quartzo, com afilados escopros de rijas diorites e bem amoladas enxós de schisto amphibolico, porque, continuadamente dados ao lavor da pedra, já conheciam praticamente a escala da dureza das rochas.»

(B) *pag. 123*

Existem no Algarve duas ermidas dedicadas á Senhora da Piedade: uma em Lagos e outra em Loulé. Tentando localizar a lenda, são todos concordes em que se não pode ella referir á ermida de Lagos, pois está situada em ponta, perpendicular ao mar; e na lenda não ha referencias algumas ao oceano. Parece, pois, dever aplicar-se a lenda á ermida da Senhora da Piedade de Loulé.

Oppõem-se alguns escritores a essa localização, fundando-se em que a lenda se refere expressamente a uma donzella, de quinze annos de idade, que morava na serra do Algarve, e ia sosinha visitar a gruta, distando a ermida 15 quilometros da serra. Estes escritores, certamente desconhecem a topografia do sitio, onde se ergue a ermida, porque, se a não desconhecessem, saberiam que pegado ao outeiro, a menos de quatro centos metros, ha o sitio da *Serra,* sempre assim denominado de remotissima data, como facilmente se verifica nos registos antigos da Paroquia.

Toda a lenda se adapta perfeitamente ao sitio onde se venera o sanctuario da Virgem da Piedade de Loulé.

Estacio da Veiga, baseado na opinião de Garrett, que dá como averiguado que a poesia primitiva da peninsula rarissima vez admittia o maravilhoso para solução de suas ingenuas peripecias, e vendo que neste romance apparece o *divino maravilhoso* no desenlace da acção, attribuiu-o a um trovador do fim do seculo XVI.

Está isto em harmonia com todas as informações respeitantes a este sanctuario. Segundo affirmam os visitadores, esta ermida foi edificada de novo em 1553; consoante se lê na lenda religiosa deram-se os factos nella narrados quando havia apenas uma gruta; portanto a lenda foi reduzida a verso, antes muito dos fins do seculo XVI.

(C) *pag. 126*

Chegado ao fim do nosso estudo em relação ás duas freguezias da villa, aconselha-nos a justiça uma rectificação e ensinua-nos uma explicação.

Já depois de impressas as nossas considerações em referencia ao cemiterio publico, fomos informados de que este não está sob a administração da camara e sim da

Junta da Paroquia. Portanto sobe de ponto a justiça da nossa censura. A Junta de Paroquia é presidida pelo parocho, e este tem obrigação de saber que o cemiterio é uma instituição santa, e as causas santas devem ser tratadas santamente. A camara nada tem com o cemiterio.

A explicação limita-se ao que escrevemos em relação aos fundadores da villa de Loulé. Entre alguns escritores suppõe-se que fossem os Fenicios, ancestres dos Carthagineses, os fundadores d'esta villa.

Confiados nos classicos latinos nenhuma honra se tem atribuido a povo algum da antiguidade que leve vantagem ao povo Fenicio. Para esses classicos, o povo Fenicio não somente inventou o alfabeto, mas foi o primeiro que ousou sulcar o mar, até ahi nunca devassado por qualquer nauta. Ora a navegação tanto maritima como fluvial e lacustre está comprovada em epoca anterior aos Fenicios, no Mediterraneo, no Atlantico e nas pelafitas que circundam os Alpes.

Ainda não existia rumôr algum dos Fenicios, e já o povo da Peninsula iberica atravessava os mares do norte, em plena epoca da idade de pedra. Os documentos em prova desta asserção podem ser lidos no vol. 1.º da monumental obra do nosso illustre finado Estacio da Veiga.

A sciencia arqueologica, nas suas estudadas investigações, descobriu os documentos que servem de provar que as diversas pirogas encontradas nos lamaçaes da Inglaterra e da Hollanda, quando ainda não havia a edade dos metaes, nem existia o povo Fenicio, eram de origem iberica.

Portanto é tempo de acabar a lenda, que atribuia aos Fenicios as honras dos primeiros que atravessaram os mares.

Vejamos a outra lenda.

Tambem de remotas idades até quasi aos nossos dias, sustentavam os sabios terem sido os Fenicios os inventores do alfabeto. Ainda não ha muitos annos, escreveu Lenormant, no seu livro — *Hist. des antigo grecques et romains,* o seguinte:

Tous les alphabets proprement dits, qui on eté ou qui sont encore en usage sur le surface du glob, se rattachent à l'invention des phiniciens et sortent tous de la meme source».

Isto mesmo confirmou Maspero, expressando-se assim:

«*Les grecs connaissaient l'origine phinicienne de leur alphabet. La tradition la plus accreditée, parmi eux, attribuait a Kadmus l'honneur d'avoir le premier repandu l'ecriture sur le continent europien*».

Em outra passagem accrescenta o mesmo escritor:

«Transporté (l'alphabet) par les phiniciens dans les contrées ou les menait le commerce et devent comme lá souche commune d'ou se detachérent tous les alphabets du monde connu, depuis l'Inde et la Mongolie jusqu'a la Gaule et l'Espagne . . .»

Dizia-se, pois, até quasi nossos dias, que todos os alfabetos du *monde connu* eram derivados do alfabeto fenicio; mas, escreveu Estacio da Veiga, os sabios e mui especialmente a Academia das Inscripções, composta dos mais abalisados orientalistas, teem interpretado os geroglificos, a escritura hieratica, toda a epigrafia arcaica dos gregos, emfim, todas as inscrições que teem apparecido filiadas na epigrafia semitica, e todavia até hoje não teem sabido traduzir as inscrições ibericas . . . Como explicar isto?

São muitas as diversas regiões onde teem apparecido reliquias epigraficas, e todas teem sido traduzidas; e não obstante, não sabem traduzir as ibericas; traduzidas teem sido as inscrições fenicias e não sabem traduzir as inscrições da nossa peninsula! . . . Se foram os Fenicios que inventaram o alfabeto e estabeleceram a sua base commum de que dimanaram todos os alfabetos do *mundo conhecido*, desde a India e a Mangolia, até á Galiza e a Hespanha, e todas as suas inscrições estão traduzidas pelos sabios, qual a razão por que estes sabios não teem sabido traduzir as inscrições Etruscas, da Galliza e das Hespanhas?

Evidentemente esta ignorancia dos sabios convence-nos de que é diverso o alfabeto fenicio do iberico. Houve portanto dois alfabetos, um — o *inventado* pelos Fenicios, outro — o ibero.

Collocada a questão n'este campo, devemos inquirir qual é o mais antigo, para, a favor d'este, passarmos o diploma de privilegio pela invenção. E' claro que n'este campo os Fenicios ficam derrotados.

As inscrições ibericas teem sido encontradas em locaes, que, pelos sabios, são caracterizadas regiões neoliticas, e dentro das estações da ultima edade da pedra, quer dizer: quando os Fenicios ainda viviam na massa possivel dos seus ancestres — os taurianos e os semiticos. Muitos seculos depois é que os Fenicios desembarcaram nas costas da Iberia, onde já encontraram os turdulos e os turdetanos, dos quaes Strabão affirmava possuirem uma civilização elevada *desde antigos tempos*, antigos tempos que os sabios limitam a *seis mil annos.*

Portanto é tempo de acabar a lenda de que o alfabeto fosse *inventado* pelos Fenicios, sendo mais proximo da verdade que apenas o propagaram, talvez depois de o terem encontrado na Iberia; assim como é já tempo de dar fim ao pregão que fazia os Fenicios os mais antigos navegadores dos nossos mares e rios. Assim pensou e escreveu Estacio da Veiga.

(D) *pag. 157*

Na aldeia, denominada Tôr ou Atôr, da freguezia de Querença, ha o costume que tem seculos, de fazer, no fim do anno, a representação do *Nascimento de Christo* e da *Visita dos Pastores.* Durante trinta annos trabalhei por conseguir uma copia do *auto* levado á scena, e não o consegui, respondendo-se-me que nada havia escrito, conservando-se o auto simplesmente pela tradição oral.

Ultimamente, por intermedio do meu respeitavel amigo, o paroco de Querença, José Pedro Leal, consegui a copia desejada. Da primeira leitura concluí convencido de que tinha em mãos uma copia muito viciada do original primitivo. Eu e o meu velho amigo Joaquim Antonio Teixeira, digno escrivão-notario d'esta comarca, envidamos esforços por alcançar o original e felizmente conseguimol-o de um alfarrabista mediante o preço de quatro mil reis. Da simples comparação entre o original e a copia conhece-se que nesta ha omissões, accrescentamentos e sofisticações, que merecem ser riscadas,

O auto original intitula-se *Pratica dos tres pastores, a saber, Rodrigo, Loyrenço e Sylvestre, os quaes apparecendo-lhes o Anjo a noyte do Natal, espantados chamão um ao outro; dizendo, etc.*

Tem a data de 1659 e a assignatura de Domingos Carneyro.

Na *copia* que temos á vista ha o que chamamos o prologo do auto, redigido em versos modernos, que diz assim:

Oh da casa nobres gentes...
Não nos acode ninguem...
Trazemos em companhia
O bom Jesús de Nazareth.

Quantos ha em suas casas,
Bem entregues ao dormir;
Bate Deus Menino á porta
E ninguem lh'a vem abrir!...

Abram-se já essas portas,
Abra-se já a portaria,
Quer entrar o Rei da Gloria,
Filho da Virgem Maria.

Corações obstinados
Têm remedio excellente:
No Santo Presepio vem
O Jesus Omnipotente.

Deem licença, Senhores,
(E quem accende uma vela?)
Que vos quero apresentar
O Deus do Ceu e terra.

Entrae, divinos entrantes,
Abram as portas, Senhores,
Mostraremos os louvores
Deste divino Infante.

Infante d'eternidade
Feito Messias na terra
Traz paz com boa vontade
Não falemos nunca em guerra.

(Silvestre finge que vai dormir, Lourenço diz:)

A luz do Espirito Santo
Vem em nossa companhia;
Meus irmãos, com alegria
Cantem Jesus e Maria.

Já os pastores vieram,
E já deixaram o gado,
Já o Santo Deus Menino,
Foi por elles adorado.

É da fé que vem a luz
Vamos todos á doutrina
Aprender o que s'ensina
Da parte do bom Jesus.

Bom Jesus de Nazareth
Filho da Virgem Maria
Foi parido em Belem
No valle de Nazaria.

Canta o Anjo os seguintes versos:

Gloria in excelsis Deo,
E da terra sempiterno,
Hoje se vêm humanar
Obras do Divino Verbo.

Pastores, deixai o gado,
Vamos todos a Belem,
Visitar o Deus Menino,
Que nasceu para nosso bem.

Entrai, pastores, entrai,
Por este portal sagrado;
Vinde ver o Deus Menino
Nestas palhinhas deitado.

[Segue-se a Pratica]

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
Rodrigo	*Rodrigo*
Ay, Loyrenço	Ai, Lourenço, Lourenço!
Loyrenço, dormes	Tu dormes ou adormeces?
ou não?	
Loyrenço	*Lourenço*
Não durmo, nem adormeço	Eu não durmo, nem adormeço
Mas pardés que estremeço	Mas *par Deus* que me estremeço
vay cá um tartaranhão (1)	Que veiu cá um tartaranho
que canta cousas de preço	Cantar cousas de preço
com grande ouzio.	E com grande alegria.
Rodrigo	*Rodrigo*
Tu ouviste?	Tu viste ou ouviste?
Loyrenço	*Lourenço*
Onvi e vi-o	Eu vi e ouvi
ser pendurado no ar,	Suspenso no ar
sem descer nem abaixar,	Sem descer, nem abaixar
mas pardés (2) que estou eu frio,	Mas *par Deus* que estou frio
do seu dizer, e cantar,	Com o seu dizer e contar
e novas que deu	E novas que deu.
Rodrigo	*Rodrigo*
Juro a corpo do meu	Juro, corpo de meu,
que isto é cousa celeste.	Que isto é uma cousa celeste.
Loyrenço	*Lourenço*
A cantiga era do ceu.	A cantiga seria do ceu?
Rodrigo	*Rodrigo*
Pois quanta a terra não deu	Tão doce cantar como este
tão doce cantar como este.	Ainda a terra não deu.
Loyrenço	*Lourenço*
Nem diria *(daria?)*	Nem daria
mas aquelle quem seria?	Mas aquelle quem seria?
Rodrigo	*Rodrigo*
Quem? Será algum charubim	Hora quem seria?
ou Anjo ou Charafim	seria algum cherubim
lá da santa monarquia	Anjo ou Serafim
viste-o tu avoar?	La da santa monarquia. Viste-lo voar?
Loyrenço	*Lourenço*
Escapou-me por tardar	Escapatou-me pelo tardar
porque eu descandelecia (3)	Quando o fui a lombrigar
estrovinhey ao cantar (4)	Já me elle lá ia.
e quando o quiz lobregar	
elle já se escafedia. (5)	
Rodrigo	*Rodrigo*
Que canalha.	Oh canalha!
E ess'outro folga na palha	E esse outro que refolga na palha
dorme por esse mez todo.	Pois elle ainda dorme
	por esses mezes todos.

(1) Milhafre. (2) Por Deus! (3) Termo ignorado. (4) Estremunhar. (5) Safava.

ORIGINARIAMENTE

Loyrenço
He mui bom para atalaia
jaz como pedra em lôdo
sem dar fé de nimigalha (1)
Rodrigo
Que tal sono o morde
pateja (2) nelle que acorde.
Loyrenço
—Sylvestre?
Rodrigo
Que dirá
do crestão (3) que o lobo come,
Loyrenço
Cuydo, segundo elle dorme,
que aqui lhe amanhecerá.
(Aqui ronca Sylvestre, chama-o Loyrenço e diz Rodrigo:)
Rodrigo
Ora piscudayo (4)
Loyrenço
Sylvestre? mamarjangaio; (5)
que fole para ferreiro.
Porque assopra dormindo
Rodrigo
Puxa-lhe bem pelo sayo (6)
Loyrenço
Que fará no mez de Maio
Quem assim dorme em Janeyro.
Rodrigo
Ah! boa fomaça.
Loyrenço
Sylvestre fallar de graça
agora entra na melhor.
Rodrigo
Não vi cousa tão devassa,
pardés não comerá a traça
quem dorme com tal sabor.
Loyrenço
Qua assim o bebe
Rodrigo
Arrojo por este alqueve
Asi cais resurgira.
Loyrenço
Pardés que tão quente está
que nem geada nem neve
que caya lhe chegará.

ACTUALMENTE

Lourenço
Elle é mui bom para atalaia
que ahi jaz como pedra em lodo
sem de fé nem migalha.
Rodrigo
Pois quem tal sono dorme
Vai-te a elle que acorde.
Lourenço
Que dirá o sertão o que o lobo come
Elle dorme e ahi nos amanhecerá

Rodrigo
—Pois acordai-ó lá.
Lourenço
Silvestre? mamais um gaio
Olha que folles para ferreiro
Que assim elle nos assopra dormindo
Rodrigo
Puxa-lhe bem pelo saio
Lourenço
Que fará no mez de maio
Para assim dormir em janeiro.
Rodrigo
Oh que boa fumada
Lourenço
Silvestre?... falai de graça
Agora é que elle entrou no melhor.
Rodrigo
Eu nunca vi cousa tão devassa
Mas por Deus não coma traça
A quem dorme com tal sabor.
Lourenço
E vê tu que assim elle nos bebe
Rodrigo
Pois arroja-o para cima desse alqueive
e assim elle resurgirá.
Lourenço
Por Deus! que tão quente está
que nem neve nem geada lhe chegará.

(1) Cousa nenhuma. (2) Bate-lhe com o pé. (3) Bode capado. (4) Belisca-o. (5) Bruto. (6) Véstia—jaqueta.

ORIGINARIAMENTE

(Pega nelle dizendo)
Adromenta?
Rodrigo
Bico de junco na yenta
e acordará espirrando
Loyrenço
Vês que estou arreceando
que espirre por outra venta
como faz de quando em quando

(Mete Loyrenço um junco pelo nariz de Sylvestre, o qual accorda espirrando, e diz):

Abrenuncio, satana
que bespa ou que demo he
que me morde na ventana.
Rodrigo
Espirralha ponte em pé
ah, que mancel o aqui só,
para vigiar meuhans, (1)
(Agravado Sylvestre, diz):
Isto é folia
quem é o que batutia. (2)
Loyrenço
Sempre te hão de erguer
com vozes
acorda, que é alto dia.
Sylvestre
A' bofé que me sabia
como pão trigo com nozes

Rodrigo—Quem duvidou,
nunca já te elle amargou
sempre o achas de vez
S.—E o sono que mal me fez
ou a quem injuriou
deyxa-me hum tamalaves. (3)
R.—Ques espertar.
S.—Sempre tu me ás de acordar
porque es tão malescançado
não é bom jazer callado
nunca ja mas de deixar
dormir com sono folgado
sem touteada. (4)
R.—Boa é huma formada
mas tu queres dormir sempre
S.—Sonhava desta pancada

(1) Manhãs. (2) Quem me bateu. (3) Um pouco. (4) Injuriado. (5) Dahi comerás.

ACTUALMENTE

Rodrigo
Atormenta-o
com um bico de junco na venta
a ver se acorda, espirrando

Silvestre
ih Satana que picada tão fina
queira Deus el a me não atejel...
Rodrigo
Espirra, põe-te em pé
olha que bello mancebo
para vigiar as manhãs.
Silvestre
Isto é folia
Quem é que me *atutia*?
Lourenço
Ora tu que sempre te levantas com vozes
acorda que é já alto dia.

Silvestre
Que boa fé com que tudo me sabia
como quem estava comendo pão de trigo
com boas nozes.
Rodrigo—Quem duvidou
Nunca mais te amargou
Sempre eu te acho de vez.
S.—Tonara que me deixem dormir
um sono tão bom.

R—tu queres despertar
S—Tolice é vós outros virem-me acordar
Pois é bom não poder um homem dormir
Sem grande *tuteada*?

R.—Era bom uma furnada
mas tu queres dormir sempre.
S.—Olha, nesta pancada

ORIGINARIAMENTE

que minha cabra malhada
me paria dois dum ventre
L.—Dicomerás? (5)
R.—Dize rogo-te mangás (1)
não ouvistes a embayxada.
S.—Que hey de ouvir, não ouço nada
R.—Pois chete (2) cá ouvirás
cousa nunca apregoada
S.—Quem te ora ouvisse,
será alguma parvoice
das que tu sohes dizer
L.—E esta hé boa bestise
R.—Hé nova de mais prazer
que tè'agora se não disse
nem escreveo
veyo um anjo do ceo
agora antes não ha nada
aqui sobolla malhada
apollas (3) nov·s que deu
a redempção he chegada.
S.—Vayte a reque (4), que sonhaste
para isso me acordaste?
nunca ma mi tal engana
vou-me geytar (5) na cama
L.—Ainda te não fartaste
Boa está a tranquitana
R.—Enloqueceu
torna cá homem sandeu
que isto não são zombarias
sabe que he vindo o Mexias
como Deus nos prometteu
pelo profeta Izaias
S.—He por ser?
R.—Não tens mais que debater
he hoje o seu nascimento,
folga, ri, toma prazer
por que o mesmo Anjo bento
no-lo veyo aqui dizer
S.—Vinha a pé, ou em besta?
R.—Mas em berço, ou em cesta.
S.—Pois não hei de perguntar?
R.—Não, que tal cousa comessa
quem tem miolo na testa
por si o ha de distrinçar
sem profiares
mas no me espanto pasmares

ACTUALMENTE

sonhava que a cabrinha malhada
Descabulhava dois dum ventre
L.—Dahi comerás?
R.—Dize, rogo-te, mangas,
não ouviste a embaixada
S.—Estava dormindo, escutei,
e não ouvi nada.
R.—Chega-te cá, ouvirás cousa
nunca apregoada
S.—Parvoices são vocês
muito amigos de as dizer.
R.—São novas de bom prazer
que até hoje se não disseram
nem se escreveo.
veio um Anjo do ceo
agora antes não ha nada
Pelo que elle nos disse
E' a Redempção chegada.

S.—Vai-te rei, que sonhaste
E por isso me accordaste?
Ninguem mais me engana
vou para a minha cabana.
L.—Que tal está o traquitana
Certamente enlouqueceu.
R.—Torna cá, homem sandeu
Que isto não não são zombarias
Pois sabe que vem o Messias
como prometteu Izaias.

S.—Então isso será por ser?
R.—Não tem mais que ver;
Hoje é já o nascimento
Folga e ri com prazer
Pois um Anjo bento
m'o veio aqui dizer.
S.—O Anjo vinha a pé ou em besta?
R.—Em berço ou em cesta:...
S.—Pois não hei de procurar?
R.—Não. Parolas como estas
Quem tem miolos na testa
Por si as deve desfindar
Sem profiar.
Porque me não pranto a pasmar

(1) Mandrião. (2) Escuta. (3) A pollas—e pelas. (4) A reque—termo ignorado. (5) Deitar.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que ha cousa de confusão vinha sem pôr pé em chão sustentando-se nos ares, sem cajado nem bordão	Que são cousas de confusão Que vinha sem pôr pé no chão sustentando-se nos ares sem cajado nem bordão.
S.—Como atravessas? taes parouvelas comessas? não creiey eu sem conselho	*S.*—Como tu atrravessas Taes parolas como essas Não as creio sem conselhos.
L.—Fez elle mui boas pessas bailando como francelho sobolas nossas cabeças	*L.*—E tambem fazes boas peças: E bailas como francelhos Sobre as nossas cobeças.
S.—A que dizia?	*S.*—Olha, como espertinho! Has de dizer o que elle dizia
L.—O mas como retinia que falla para terreyro e melhor para folia	*L.*—Como retinia! Boas falas para rires Melhor para uma folia.
R.—Diga o nosso companheiro que tambem então dormia.	*R.*—Não te gabes lá companheiro que tambem então dormias
(Mostra-se Lovrenço aggravado de dizerem que dormia).	
L.—Ah corpo de meu (1) por que não acordei eu o seu cantar, e ouvi? ainda lh'eu deprendi (2) Gloria in excelsis Deo e na terra paz aqui com alegria	*L.*—Oh corpo de meu pois não acordei eu e cantal-o não ouvi? Delle aprendi Gloria in excelsis Deo E na terra paz com alegria.
R.—Bem assi que te dizia Silvestre, e que te contava? tão grande luzeyro trazia? que o monte todo mostrava como horas do meyo dia.	*R.*—Bem assim te dizia, Silvestre e te contava que o mundo um luzeiro trazia E que tudo amostrava Como se fosse ao meio dia.
S.—He para crer porem queria eu saber de quem vinha esse recado?	*S.*—E' para crer Eu desejava de saber Donde vinha o bonito recado.
R.—De quem? de Dens enviado Mas eu quando o vi decer estive em dar o ferrado (3)	*R.*—Veio dos ceus enviado Quando ouvi a noticia Tive de dar ao ferrado.
S.—A não fugiste?	*S.*—E não fugiste?
L.—Rodrigo, conta o que viste se algo bem lhe deprendeste	*L.*—Rodrigo, conta o que viste Se algum bem delle aprendeste
R.—Não vi nelle nada triste.	*R.*—Eu é que não vi nada triste
L.—Mofino de ti, Silvestre, por que em tal tempo dormiste	*L.*—Mofino de ti, Silvestre, que em tal tempo dormiste
S.—Mofino isso é fallar sem tino háhi cousa mais suavel	*S.*—Nenhuma cousa mais me custa do que chamarem-me mofino, sendo eu amigo de dar. E' falar sem tin o

(1) Juro pelo meu corpo. (2) Percebi.
(3) Em fugir.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
mais doce e Angelicavel do que dormir de continho he melhor que comer savel tal ma conteça que o sono he mantença para não sentir a fome a por que não envilheça emquanto homem dorme não lhe doe pé, nem cabeça	Não ha consa mais snavel nem mais doce, delicavel que é dormir de continuo. Emquanto dorme o pobrinho Não lhe doe o pé ou a cabeça Nem mesmo sente a fome: Dorme para que não envilheça.
L.—Ora he feito, tu parolas o teu geyto escusa teu desarranjo nascestes no sonotreiro, (1) dormes mais de teu direyto po isso não viste o Anjo	*L.*—E' feita, homem. Parolas a teu geito Escusas teu desarranjo Nasceste na Salitreira dormiste mais ao teu direito Por isso não viste o Anjo
S.—Pardés que acertaste, dize logo que amedraste com a sua boa vinda? inda nada me contaste.	*S.*—Ora diz—o que mediaste com a santa vinda do Menino que nada ainda me contaste.
L.—Rodrigo, tu lhe deslinda tudo, já que começaste	
R.—Ora saberás que elle sufinicou (2) paz logo no primeiro artigo	*R.*—Saberás que elle significou a paz no primeiro artigo
S.—Isso he o que me praz porque se assim é, Rodrigo ja mais não pelejarás com Loyrenço, nem comigo	*S.*—Paz quereinos, Rodrigo, Só assim não desconfiarás nem mais pelejarás com Lourenço e comigo.
R.—A proposto tu fallas como homem tonto sabes o que quer dizer paz? que pois Deus homem se faz que não quer guerra comnosco senão só com Satanaz, que nos estrova abonda que deu por nova dizendo gaudium manho que era já nascido o anho que nos dará ley de prova morrendo pelo rebando. (3)	*R.*—Proposto Tu falas como homem tosco... Sabes o que quer dizer paz? Paz é que Deus homem se faz Não quer guerra comnosco Somente com Satanaz E que nos prova Onde o gado deu por nova Onde o gado é humano Olha que é nascido o Anjo que nos dará a lei da prova, morrendo pelo rebanho.
S.—Eu não duvido, mas inda hoje he nascido sendo Deos já de binicio (4)	*S.*—Não duvido Pois ainda hoje nascido E já é tão *dignissimo.*
R.—Olá, não cayas em vicio porque isso rapa o sentido has de crer sem mais bolicio que a mercês	*R.*—Nunca tu caias em vicio Porque isso rapa o sentido Has de crer ser mais bonissimo Ser Deus como ser padre

(1) Cama. (2) Significou. (3) Rebanho.
(4) Frase latina *ab initio*.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
sempre foy, e sem fim he Deos tão bom como seu Padre mas hoje nasce de Madre vestido nesta libré, com o qual o Ceo nos abre abel (1) prazer, porque pode quanto quer e ninguem pode mais quelle veste-se de nossa pelle para por nós padecer e nós vivamos por elle.	Pois que nasce de madre vestido nesta libré. Oh que bello prazer! Elle pode quanto quer E ninguem mais do que elle E vem por nós padecer E nós é que o devemos por elle.
S.—Ay, batão (2) Tu falas como sailão a parolas agriastico. (3)	*S.*—Oh, batão, batão, Tu falas bem acertado Pareces-me um sabichão Com palavrinhas *agriasticas.*
R.—Isso he uma lição que ma mim veyo á mão do livro do genesastigo (4) Por que diz Mel dono Martim Luiz que ouvio dizer a seu pai, que lhe dissera sua mãe que ouvira a Branca Diniz, a mulher do tiritai (5) que era neta de Jacob Lopes Moreta que um Rabi Moisem, que Deus lá na gloria tem, que foi um grande Profeta das cousas que agora vem Este velhinho tinha um cartapolinho (6) feito de letra de mão em papel de pergaminho e chamava-se o feytinho do livro da creação A então que sempre cada serão á noite depois da ceia com oculos á candeia o lia por devoção a toda a gente d'aldea:	*R.*—Isto é uma lição Que m'a mim veiu á mão Do livro do *Genefasto* que dizia Martim Luiz que lhe dissera sua mãe que lhe contara seu pai que ouvira a Branca Dionisio á mulher do Teteraio, que era neta De Jacob Lopes Moreta que é o *rabinho* de Meerrei que Deus lá na gloria tem, que é um dos grandes prophetas das cousas que agora veem Este velhinho trazia um tal catrapelhinho, feito em letra de mão, em papel de pergaminho; chamava-se este feitinho o livro da criação E então usava elle Nas noites do serão com oculos á candeia e logo depois da ceia lel-o por devoção a toda a gente desta aldeia.
S.—Esse homem si (7) nunca elle errou por hi a carreira da folgança	*S.*—Olha que esse velhinho Não era ruim, não. Ensinava-nos folgança

(1) A bello (2) Dançarino. (3) Termo desconhecido (4) Do livro de Genesis. (5) Termo desconhecido. (6) Cartapacio—calhamaço. (7) Sim.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
R.—Com taes feytos se alcança por que elle dizia ali as verdades pela mança A diz que lia, que fizera Deus um dia Os ceus e terra, de nada	*R.*—Com taes feitos se alcança Pois dizia as verdades muito pela mansa. *S.*—Então o que lia? *R.*—Fizera Deus num dia os ceos e terra, do nada.
S.—Sé (1) Deus, porque não fazia; que quem tem tal nomeada a tudo se esfreveria	*S.*—Forte fineza não fazia! Quem tem tanta nomeada Por si mesmo s'atreveria.
R.—A então, que nosso bisdono (2) Adam, que foy o homem primeiro, que Deus fez de um terrão elle mesmo por sua mão melhor que nenhum oleyro E a Eva Por ser coisa que releva ter o homem companheira, de hua costa a fez inteira a que logo lha entrega por mulher, e por parceyra	*R.*—Então formou Adão que foi o homem primeiro que Deus fez por sua mão Melhor do que um oleiro E Eva por ser cousa que se releva d'uma costella a fez inteira E logo lh'a entregou Por mulher e por parceira
S.—O' que vida:	*S.*—Que bella vida
R.—Foy bem mal agradecida dambolos dous desposados que por serem desmandados ficou a gente perdida Aos Anjos agradados.	*R.*—Foi bem mal agradecida pelo que ambos despozados como gentes perdidas E dos anjos agravados
S.—A isso por que?	*S.*—Então por que?
R.—Por que lhe fez Dens mercê de lhe entregar um vergel fresco, a rico como que, enjo nome é indagora O Paraiso terreal. A nelle havia muita fruita em demasia como vem saber, mançans, figos, peras e romans marmelos de presentia e as aguas muyto sans. As outras fruitas de carosso assaz enxutas que era alegria de ver.	*R.*—Porque lhes fez Deus a mercê De lhes entregar o ferrejal fel-o rico como quer Era o Paraizo Terreal Onde me dizem que havia muita fructa em demasia fructas estas a saber peras, figos e romans Marmellos de presente Aguas muito sans Tambem lá havia: e fructa de caroço enxuto Que era uma alegria.
S.—Mas as quizera eu comer	*S.*—Se en as agarrasse as quizera eu comer
R.—Pois estas e outras muitas lhe den Dens a seu prazer. Mas pelos provar, (3)	*R.*—Tambem tu, invejoso! Acautellou-os que duma não comessem mas elles não eram videntes

(1) Sé—se e. (2) Bisavô. (3) Experimentar.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
De uma os mandou cavidar (1) Mas pondo-lhe os dentes como máos avidientes (2) comeram até fartar, não foram mais annocentes. Que te parece, Que penetença merece a gente cási comia.	e assim que lhe meteram os dentes comeram até fartar; não foram mais innocentes, Que te parece que esta gente mer'cia?
S.—Pardés onde tanta havia quem duma desobedece grando pena merecia.	*S.*—Havendo tanta abundancia grande pena merecia.
R.—Tal lha derão Que logo ali os pugerão ambos fora do enxido (3) a esposa e o marido por cambos de dous comerão do que lh'era defendido Mas a Senhora Foi a mesma causadora e a primeira que provou soube-lhe bem, convidou, elle não se lhe negou fez o que ella mandou	*R.*—Poseram fóra do Paraiso a mulher malo marido por que ambos comeram o que lhes foia prohibido mas a senhora foi a causadora; soube-lhe bem e convidou o marido que lhe não negou, e fez o que ella lhe mandou.
S.—A Senhora, bem, bem, bem dahi melhora ellas tem tão más mánhas e manqueiras, que todas por onde vem são golosas, lambareiras mais do que cuida ninguem Malo comer Tambem te quero dizer que é mui escorragadio	*S.*—São as senhoras mulheres que tem manhas e manqueiras, para onde quer que vão são golosas e lambareiras por todo o bom comer.
L.—Pardés que até o bacio deseja o homem de lamber se a tanto tivesse ousio	*R.*—Eu tambem te quero dizer que elle é muito escorregadio
S.—Deu-lhe a fructa como porca (4) pardés homem que s'emborca (5) por conselho de mulher ha mister pôr-lhe uma roca pois é Maria baboca, que vá fiar e cozer.	*S.*—Deu-lhe a fructa como porca porisso os homens que s'emborcam por conselhos de mulheres ficam sendo uns Babocas pranta-se-lhes fusos e rocas e que vão fiar e coser.
R.—Assi que dizia, que daquella fantezia de comerem o defezo ficou a todos porveso (6) que d'antão até hoje em dia	*R.*—Pois bem assim que te dizia que d'aquella fantasia do comer e do defeso, que até está preverso, e o maldito peccado aceso; e da semente daquella

(1) Acau-telar. (2) Videntes. (3) Pomar —fazendinha com vinha. (4) Prohibida. (5) Illude. (6) Desconhecido por dicionarios.

ORIGINARIAMENTE

andou o peccado aceso
Que da semente
daquella primeira gente
que todo o mundo insou
que não ha um anocente
em que Adam não pecou
Senão a Virgem
S.—A he bom juizo
que perca eu o Paraiso
pelo pecado de Adam.

R.—Falas como homem sem sizo
se o fermento he sediço
que tal hade ser o pão
E o formento
de Adam pecadento
que apodrentou toda a maça
e por mais que o homem faça
não perde seu nascimento
commosco nasceu a traça
Porque o peccado
em que Adão foi acoimado
pela desobediencia
fez que na sua sentença
foy o mundo condenado
sem haver já ahi redença
Senão em Deus
que dos meis (1) males e teus
está já tão offendido
que paidés é muito soffrido
se ha de remir os judeus
como lhe tem promettido.
L.—Mas he que não
he elle sicais villão (2)
que ha de faltar na promessa
S.—Boa seria ella
mas se prometteu ou não
me metey vós na cabeça
R—Ora tem sentido
Digo que está prometido
a muytos santos passados
que foram de Deus amados
que o povo será remido
de todolos seus peccados
S.—quem no dixe?
R—Ora grande parvoice
por que me falas á mão,

ACTUALMENTE

primeira gente, que todo o mundo insou. Olha tu que não ha um só innocente, filhos de Adão, senão só a Virgem Maria.

S.—Que tal está o teu juizo,
pois queres que eu e este povo
percamos o Paraiso
por cansa do pobre pai Adão?
R.—Tu fallas sem juizo
Pois se a semente de Adão é pó
dentadiço, antes que um homem
se come, nunca perde o nascimento
O peccado da desobediencia
Fez por sentença
que o mundo fosse condenado
emquanto a redempção se
não fizesse.
Dos meus males e dos teus
Deus está offendido
por ter muito soffrido
Inda assim vem remir judeus
como tem apromettido.

L.—E Deus não é villão
que falte ao promettido
segundo a sua promessa
S.—Muito boa seria ella
se elle prometteu ou não
n o me metam na cabeça
R—toma sentido
Digo que está promettido
aos nossos antepassados
que seriamos de Deus amados
e todo o povo seria remido
de todos os seus peccados.
S.—Quem vo lo disse?
R—Olha que parvoice!
Para que me falas á mão

(1) Meis—meus. (2) Assim como vilão.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
o livro da geração	Se aqui trago o livro da geração
que fala de ga-gantice	que fala de gargantica
que enganou Eva, e Adão	que enganou Eva e Adão
a este diz:	E este mesmo diz
que depo's que o demo quiz	que depois que o demo quiz
que Adão houvesse peccado	que Adão houvesse peccado
fosse o mundo tão danado	pelo justo juizo
que polo justo juiz	foi com agoas afogado
foy com aguas afogado	e não escapou
a não escapou (1)	do diluvio que mandou
do diluvio que mandou	mais de sete ou oito cabeças
mais que sos oi o cabeças	
S.—Amargulha quem tei dou,	*S.*—Maravilha-te homem
algum santo tinhão esses	que algum santo te livrou
que por elles suspirou	e quem era o homem?
e quaes erão?	
R.—Segundo ma mim disseram	*R*—Era o bom velho Noé
era o bom velho Noel	que este ouvia Deus com fé
que este só viu Deos fiel	E quantos ali se metteram
de quantos se alli perderão	dentro de tal arca
e os filhos e a mulher	se viram atacados das ondas
e a notar	que eram mais da marca
então logo nessas horas	Tambem lá metteram
se ercorrel aram (2) numa arca	Cada casta de animaes
por que as ondas e marolas (3)	Sete, oito ou pouco mais.
Dizem que eram mais de marca	porque tivessem abrigo,
A polo perigo	alagados os curraes.
logo meteram comsigo	
cada casta de alimaes	
sete a sete, pouco mais,	
por que tivessem abrigo	
alagados os curraes.	
L.—A caxa não se virava?	*L.*—Então a caixa não se submergiava?
R—Não, ma- diz que assim andava	*R*—Não, porque dizem que andava
como cortiça em maré	como a cortiça na maré
por que Deos lhe sustentava	Ó mar a arca sustentava
que o arcás, quem o apodava,	Embora maior de que uma galé.
diz que era mór que galé.	
S.—Alumia	*S.*—Annuncia:
canta assim bem caberia	Cabia lá todo o nosso gado?
nella todo nosso gado	
R—Caberia si folgado	*R*—Cabia, sim, e folgado.
L.—Como não se afundia	*L.*—E não se afundia!...
estou e-maravilhado	Estou bem maravilhado
R—Abunda, e basta	*R.*—Ay o abono, abasta

(1) e não escapou—aqui o *a* tem a significação de *e*. E nesta accepção empregado muitas vezes (2) Encurralaram. (3) Movimentos do mar.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que tão sois aquella casta	porque então sois aquella casta
que Deus alli escapentou (1)	E como Deus ali escapou
com abroega acabou	E como o borreguinho acabou
feita do mundo madrasta	feita do mundo madrasta
outra vez o apouveou	Outra vez se apovoou
naseendo de novamente	nascendo de novamente
a sepinha recendente	como a sopinha redeneente
a brotou d'ali Abrão	E ali habitou Abrahão
que por ser obediente	que por ser obediente
ensinou Deus á boamente	ensinou-lhe Deus de boa mente
fazer a circuneisão	a fazer a circuneizão
Que nos fazemos	Que nos fazemos
A porque nos desgarremos	por que nos desgarremos
de proposto teu e meu	do proposto teu e meu
a este se prometteu	a elle se prometteu
o Mexias que dizemos	o Messias, que dizemos
que hoje este dia nasceu	que hoje mesmo nasceu.
Que dixe Deus	Que disse Deus a Abrahão
A Abram que nos filhos seus	que nós, como filhos seus,
seria o mundo bendito	seriamos benditos,
por que era homem d'espirito	Porque elle era homem d'espirito
e o primeiro dos Judeus	o primeiro dos judeus
pai do povo Israelito	Pai do povo Israelito
Antão	Então nasceu o Rei David
Gereeeu (2) E Rei David	Este que fez o Psalterio
que é o que fez o salteiro	A quem Deus disse primeiro
a quem Deus disse primeiro	que o fructo que houvesse de si
do fructo que houver de ti,	Subiria hoje ao seu poleiro
porey sobre o teu poleiro	Que he este
Que he este	Que em boa hora vem
Que em hora venha que preste	para a nossa redempção
para nossa redempção	Pois esta é da geração
que he da mesma geração	De David e Jossé,
de David e de Jaceste	trataranetos d'Abrahão
trataranetos Dabram	
S.—Tu bem espadregas (3)	*S.*—Espadregas que te alegras
mas não sei isto que allegas	São isso cousas de verdade?
se he o pé da verdade.	
L.—Mas seria falsidade	*L.*—Será isso falsidade?
S.—Para crer o que me pregas	*S.*—Mesmo que os dois me preguem
hey mister mais eralidade	hei mister de credulidade
R.—Pois has de ouvir	*R.*—Pois has de ouvir
sem tresler nem arguir	que tu não és muito agudo
que tu não és mui agudo	
S.—Pardés não, mas sou sezudo	*S.*—Agora me ponho sizudo
sinto quanto hei de sentir	sinto quanto hei de sentir
e entendo quaje tudo	e percebo a voeês tudo

(1) Termo desconhecido. (2) Nasceu. (3) Pregas.

ORIGINARIAMENTE

A sempre ouvi
des quanto ha que me entendi,
que havia de vir o Mexias,
e que havia profecias
que o soletram assim,
mas não sey se nestes dias.

R.—A pois quando,
não vinha o Anjo cantando,
que natos es vobes hoje,
o que te estou apregando
pardés que mestás (1) tentando,
que te ribi e que te ajouge (2)
S.—Tu és valente,
se te colhes com pão quente,
e tigela de tabefe (3)
ay da puxa que bom chefe
não no ha mais diligente.
L.—Que dareis a este bonefé (4)
R.—Ora se has de erer
acabarey de dizer
senão torna-te á cabana
S.—Eu folgarei de saber
se he cousa que possa ser,
se he diabo que te engana
R.—He o que te digo,
que nos fallou como amigo,
o Anjo nesta malhada,
alli escontra a madrugada,
e Loirenço ahi comigo.
lhe ouvi esta palavrada:
Gaudium vobes
A neicelsis gloria nobes
que é nascido o Redemptor,
Filho de Deus Salvador,
a deu na terra paz aos homens
que de voluntatis fôr,
L.—Verdade hé,
a isto só eu dou fé,
que no lo dixe cantando.
e vinha sonoficando,
que estava sua mercê
panos envolto chorando,
e chamao-lhe Manuel.
S.—A por que chora o donzel
não só elle Rey de tudo,

ACTUALMENTE

Ha muito que entendia
que havia de vir ao mundo
O Santo rei Messias,
mas como isso foi ha muito,
e vou caindo em velhice
não sei se isto é hoje
ou se foi em outros dias.
R.—Espera:
não vinha o Anjo cantando
o que te estive apregoando
Olha que eu sou d'aquelles
que te jogo e derrubo logo.
(Desordem fingida com os cajados no ar)
S.—Tu és valente
quando te acolhes com pão
quente e puxas cá do serrão
uma cucharra daquellas largas
e fundas. No comer não vi
ninguem mais diligente
R.—Quero acabar de te dizer
Passa cá para esta banda
(Enfia o cajado no pescoço de Silvestre)
S.—Eu folgarei de saber
se é cousa que possa ser
ou é, Satanaz que te engana.
R.—E' como te digo:
Que fala o Anjo como amigo
Sobre a nossa malhada
Ahi contra a madrugada
Quando Lourenço comigo
E disse
Gloria a nobis, que é *in calis* siglor *é bobis*
E' nascido o redemptor

L.—Verdade é
Que vos disse de fé
e nos disse cantando
que vinha sua mercê
em panos envolto chorando
e se chamou Manuel

S.—Para que chora o donzelo?
Pois não é elle senhor de tudo

(1) Me estás. (2) Que te derribe e te segure. (3) Leite engrossado com ovos. (4) Termo desconhecido.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que pode comer veludo, e vestir-se douropel	Pode comer de veludo e vestir-se de ouro e pel
R.—Cuidei que eras mais sezudo	*R.*—Cuidei fosses mais sizudo
S.—Ainda mais vos outros me iujuriais	*S.*—Ainda mais Vos outros me injuriais
R.—O que natureza nega contrapolo hé por dãmais, qual vistes dos alimaes que em nascendo não berrega (1)	*R.*—O que natureza nega Contrapor-lhe é por demais onde e que viste animaes *nascidos da borrega?*
S.—E onde está?	*S.*—Ai, sim; onde é que está?
R.—Logo havemos de ir lá por ver festa em Belem,	*R.*—Havemos nós ir lá Para ver festa em Belem
S.—Não pode ser maior bem que vir Deus buscarnos cá	*S.*—Não pode o Senhor dar melhor bem, que abaixar do ceo á terra a busca-nos.
R.—Pois a virtude isso tem, A pela conta isso é o que se monta na vinda desto Senhor, vestio-se de peccador e sem no ter por afronta paga como devedor,	*R.*—A virtude isso tem na vinda deste Senhor não tem por afronta vir pagar como devedor
S.—Será assim, mas sicais nunca eu tal vi nem no ouvi soletrar, que venha Deus cá pagar meus feytos e os de ti sem no ninguem obrigar	*S.*—Estou capaz de dizer que nunca ouvi dizer, nem ainda soletrar, que o Santo Deus Menino viesse cá pagar os meus e teus males, sem ninguem o obrigar *(e foge)*
L.—Cousa he nunca sonhada por Eva ser desmandada e nós como filhos seus deyxar Deus sua pousada o vir tão longe jornada como é da terra aos Ceos	*L.*—Cousa nunca sonhada, Por Eva ser desmandada, e nós como filhos seus, Deixar Deus sua pousada, Fazer tamanha jornada Como é da terra aos Ceos.
S.—Quem tal diria hora quem no pariria	*S.*—E' verdade, moços, mas quem o pariria?
R.—Quem? alguma mulher benta que elle mesmo escolheria.	*R.*—Alguma mulher Benta que sua divina mão escolheria
S.—Fica ella logo parenta de toda esta Monarchia	*S.*—Fica ella logo parenta de toda esta Monarquia
L.—Isso já por si se ementa mas, digo eu que frio tempo escolheu para nascer nesta terra	*L.*—Isso por si se augmenta mas, que frio tempo, para nascer nesta terra!...
R.—Deyxo fazer, que nom erra, sabe o nosso, e mais o seu, tudo na mão se lhe encerra.	*R.*—Deixa, que Deus não erra, sabe o nosso e mais o seu, tudo na mão se lhe encerra

(1) Berar.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
L.—Isso folgado,	*L.*—E folgado
R.—Satanáz, pai do peecado,	*R.*—Satauaz, pai do peecado,
andar-se-hia gloriando,	que s'andava gloriando,
por que nos tinha peado	por que nos tinha penando,
L.—Mas como estará entrufado (1)	anda todo trombejado,
de lhe Deus tirar o mando,	por Dens lhe tirar o mando
e o presumir,	de nos aprisionar.
R.—Quanta se elle isto sentir	E o maldito é valenfe
não ha de ter boa festa.	E se enfronha na serpente
L.—Não terá digeu quantesta,	para engauar a mãe Eva,
nem nas outras quando vir	que bem estaua inuocente
R.—Pois elle não seja besta,	e ser assim desterrada
nem tão valente,	com toda a sua semente.
que se enfronhe na serpente	
para enganar a coitada	
da Eva, que estava anocente,	
só pela ver condenada	
com toda sua semente	
S.—E o Satanado	
lhe ensinou a ella o bocado.	
R.—E ficou que inda agora o temo,	
que é tão credo e refalçado,	
que dará um membro ó demo	
por ver fazer um peecado	
L.—Deyxo já	*L.*—Deixa-o já:
que o Senhor nos vingará,	Que o Senhor nos vingará
de quem nos engatimou (2)	de quem nos enganou
pois que dos Ceos bayxou,	pois que do ceu baixou.
prometto, que elle fará	
como quem cá o mandou.	
S.—Ora bem	*S.*—Ora bem,
Se o Senhor a isso vem	Se o Seubor a isso vem
vamos lá com muyta festa	Vamos nós com muita festa
todos untos a Belem	todos juntos a Belem,
por que uma cousa comesta	que umas cousas como estas
a prol de todos convem,	a todos nos ellas convem;
L.—Ora aparelhay	E o que levaremos nós todos?
mas que lhe hemos de levar	
R.—Eu levar-lhei um *rezente* (3)	*R.*—Eu levo um reizote
que tinha para matar	que tenho para matar.
L.—A eu lhe hei de offertar	*L.*—E eu uma samarra,
esta sanmarra que é quente	que é consa muito quente,
a um tassalho (4)	um tassalho de vinho e alho
que tenho de vinhadalho (5)	do bacoro que en matei,
do barasco que matey	e seis queijos que queijei
a dous queijos que quejei	

(1) Desesperado (2) Enganou (3) Rezente—Rez nova. (4) Naco. (5) De linho calho.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
quando me destes o coalho o dia que trisquiei (1)	quando me deste o coalho no dia em que tosquiei
R.—Eu darlhei mais tres lingoissas frescaes a hum pospé de lação (2) e do meu mel um porrão e seis queijadas trigaes, que muito boas serão Em Belem	*R.*—Levarei mais uma posta de lação do meu mel um bom torrão com tres li goiças coradas que muito boas serão Em Belem: vê tu Lourenço o que Silvestre leva tambem
L.—Tu ás de levar tambem	*L.*—Oh Silvestre o que levas tu a Belem?
S.—E eu que posso levar O' Senhor que tudo tem.	*S.*—Eu o que posso levar ao Senhor que tudo tem?
L.—Todos folgão que lhe dem. por mais que tenham que dar,	*L.*—Todos folgam que lhe deem por mais que tenham que dar.
S.—He verdade, Mas darlhei boa vontade que tenho para servir sua benta Magestade.	*S.*—Pois sim; taes são os interessados cá deste nosso mundo, eu nada tenho que offertar se não uma boa vontade a sua benta Magestade
R.—Se elle é boa caridade Offertas ha de partir.	*R.*—Se é boa a caridade offertas hade partir.
S.—Não te obedeço	*S.*—Eu não tenho mais nada
L.—Se não tens cousas de preço leva si quer um queigiuho.	Por isso não te obedeço *L.*—Se não tens cousas de preço Ao menos leva um queijinho
S.—Não me apregues mais Loirenço que o Senhor inda he menino e farlheha o queijo renço ou azidha. (3)	*S.*—O Senhor inda é menino o queijo pode ter ranço e fazer-lhe azia
L.—O melhor me esquecia, não havemos de levar gaitas para uma folia	*L.*—O melhor me esquecia, Não havemos de levar gaitas para uma bella folia?
R.—Sim, que tão formoso dia emolo de oficiar pelo bemole. Silvestre a gaita de fole Olha se está concertada	
S.—Está desencavelhada	*S.*—Não me fales em gaitas, que a minha, escangalhada, não me presta para nada.
R.—Cada sempre te acho mole, nunca prestas para nada, boa ou má, vay por ella como está e trazeme a minha fraita	*R.*—Boa ou má Vai por ella como está Traze-me a minha fraita vai Lourenço, tens a gaita: rebeca te bastará

(1) Tosquiei. (2) Presunto. (3) Azedume—azia.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que Loirenço ahi tens a gaita rebeca te abastará	
L.—Aqui sé (1)	*L.*—Ai que fé; Silvestre não volta,
R.—Olha que venhas num pé	*R.*—Olha, que venhas num pé
L.—Assim virá elle bem? não anda com dous que tem que tão pousa foles hé; verás a que horas vem	*L.*—Maravilha será elle voltar
R.—Ora já não tardará.	
L.—Não? maravilha será não beber elle hum par dellas antes que venha de lá.	
R.—Agora nas más ourelas ora velo hi vem já se não é morcego (Vem Silvestre tangendo gaita e diz Rodrigo. rindose)	*R.*—Ora vel-o. hi vem. (Silvestre toca a gaita:) *S.*—Com uma gaitada d'estas passarás a vida inteira
R.—A não prazais são comego Como tu vens tangideiro, tanges já como gayteiro	*R.*—Não te apures mais comigo: tens sido sempre bom gaiteiro
S.—A tu bailas como prego quando andas no terreyro com Margida.	*S.*—E tu bailas no terreiro, quando está submergido.
R.—Ora quereis que vos diga Silvestre tu e Lourenço pondevos em enderenco delcantar uma cantiga	*R.*—Querem que vos diga, Silvestre e tu Lourenço: prantem-se em enderenço de cantar uma cantiga
S.—Soletra tu o començo	*S*—Soletra lá o começo
R.—Qual será	*R.*—Qual será
L.—Isso vê tu ora lá	*L.*—Vejam vocês lá
R.—Ha de ser cousa de Deus já que himos em passos seus não digamos cousa má, que pareçamos increos (2) *Cantiga* He vindo o Mexias Dos ceus enviado digão as cantigas Deus seja louvado: Appareceo hoje Em Belem nascido, mas vem de mui longe, e desconhecido. Vem d'amór ferido Dos ceos enviado, digão as cantigas etc.	*R.*—Ha de ser cousa de Deus já que vamos em passos seus não digamos cousas más que pareçamos *judeus*. (Na copia que recebemos de Querença não traz aqui a cantiga)

(1) Não te demo-res. (2) Increos — Incredulos.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
Nasceo o Cordeyro Filho do Deus vivo, e Deus verdadeiro de carne vestido, sem dôres parido, em palhas deytado, digão as cantigas etc. A suprema alteza da divindade vestiu a bayxeza da mortalidade, esta unidade faz Deus humanado, digão as cantigas etc. Depois de enojado não dá o castigo, mas paga o peccado com que he offendido, está bem sentido e considerado, digão as cantigas Deus seja louvado.	
(Aqui fingem ver a Belem e diz Silvestre)	
S.—Ay, Rodrigo Olha cá o que te digo Naja tudo cantar. Isto he manhã ou luar	*S.*—Oh Rodrigo olha o que te digo Toda a noite a cantar Isto é manhã ou luar?
R.—Não he lua o que lobrigo que cá pelo meu artigo hoje está no polegar É mais não por que eu tiroa pela mão sem errar dias nem horas nem volta, nem conjunecção ao mais que estará agora será no setentrião Nem se verá cantelua nova já que inda vay no minguante	*R.*—Não é lua o que lobrigo mas cá pelo meu artigo hoje estamos no pulgar Mas não que eu tiro isto pela mão sem errar dias nem horas nem voltas, nem conjuncções o mais que estará agora é na soletreira nem se verá lua nova que isto vai para o mingoante
S.—Tu és mais que nigromante pois aquillo que será que alomêa la adiante sobre Belem.	*S.*—Tu espadregas com nigromante pois aquillo que será que alumia em Belem? Isto o que significa?
R.—Isto misterio tem que cá atraz nos faz escuro e lá as casas bem se vem	*R.*—Isto misterio tem.
L.—Se tu aisto daz furo saberás mais que Moyzem ves como esclarifica,	

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
S.—Se elle é fogo é de chamiça se é Estrella boa hé ella	*S.*—Se elle é fogo é de chamiça Se é estrella, boa vai ella.
R.—Não é aquillo luz destrella, mas he do Sol de justiça, que nasceu duma donzella, e mais dirás. hora vem tu e verás se é verdade o que te digo	*R.*—Não é aquillo luz d'estrella mas é Sol de justiça, que nasceu duma donzella. E mais dirás que é grande a claridade que vai ali por aquella banda vamos ver quem a manda porque é a luz da verdade anda como quem bem anda
S.—Se elle este luzeiro traz Mexias he: rogarlhehás se nos quer levar consigo	
L.—E o g do?	
R.—O gado? Darlhe todo empelegado, e ficar seu escudeyro, que val mais ser seu creado que ter quanto Gil do prado nem Braz Ires do oyteiro	
L.—E' verdade hora grande he a cralidade (1) que vae cá por esta banda	
R.—Vamonos ver quem na manda. Por que he luz de verdade dalaha a quem com bem anda	
S.—A ella alumia cá fora da freguezia segundo eu estimatuso (1)	*S.*—E ella alumia Em casa do snr. F.... que é cá da freguesia segundo eu matatuso
L.—D'isso venho eu confuso como sua Senhoria se poz cá para cajuzo (3) no arrabalde.	*L.*—Disso venho eu confuso como cá Sua Senhoria e o Cachuço no ribaldo.
R.—Não fez elle isso debalde algum cajo o constrangeu e seria digo eu porque a gente da cidade sicais o não recebeu	*S.*—Cachuço no ribaldo! Seria algum cachuço que vem lá da cidade?
S.—Mal peccado estará ainda tomado desoutra gente que veyo, que por um pão de centeyo porá o mundo no cabo, quem merece estar no meio	*R.*—Mau pecado, pois está tudo tomado por outra gente que vem, que por um pão de centeio poria o mundo no cabo a quem merece estar no meio
L.—Tal seria porque o Anjo assim dizia que estava num diversorio	*S.*—Sim, senhor O Anjo assim o dizia que estava no *reversorio*

(1) Claridade. (2) Imagino. (3) Termo desconhecido.

ORIGINARIAMENTE

S.—Para que he logo porfia
ha de ser estrebaria
inda que pese o demonio,
E bem na vêdes,
que aquellas son as paredes
e portal da casa velha
de Izaque Vaz Bartorelha,
que agora he de Rabigedas,
mas já lhe cahiu a telha.
L.—Boa pousada,
ella se vê destelhada
e duma banda cahida,
sem portas escancarada,
quem tem os ceos por morada
terá alli boa guarida
S.—Não he o logar
muyto para desejar
a mais em noyte tão fria
R.—Emfim elle o saberia
façâmos nós por chegar
por que isto é ja de dia
L.—Já hé matutino,
S.—Samuel veradino
que sin relumbra esta casa,
parece que he Sol em pino
grande Rei é este Menino,
porque todo o campo abraza.
L.—Abonda tu que he Deus
que dos curraes fará ceos
quando lhe der a vontade,
R.—Pois que vos parece encréos
credes que falley verdade?
L.—Verdade gema (1) pardés,
como mestre.
R.—Que te parece, Silvestre?
S.—Parece que adivinhaste
em quanto pronosticaste
que esta luz he do celeste
cinbora nos cá trouxeste,
R.—Assim o fiz
oyla vos-outros ouvis
vay cá grande musicada
Escutay.
S.—Não ouço nada
R.—Eu não sey quem na ella diz
mas eu não vi tal toada,
não na abranjo.

ACTUALMENTE

R.—Para que é mais profia
hade ser estrebaria
Inda que pese o demonio
E bem na vêdes;
Estas são as parêdes
E portaes das casas velhas
E já lhe cairam as telhas

S.—Pois quem tem ceo por morada
Pode aqui ter guarida?

R.—Não é logar
muito para desejar,
e mais em noite tão fria,
Emfim elle o saberia
façamos nós por chegar
porque isto é já de dia
L.—Já he matutino...
S.—Ah! Manuel *Bernardino*
que assim como esta casa
Assim é o Sol em pino,
grande rei é este Menino
por que todo o campo abraza.
R.—Abona-o tu que elle é Deos,
Dos curraes fará ceos
quando lhe der na vontade.
Que te parece, Silvestre?

S.—Parece que advinhaste
emquanto pronosticaste
que esta luz é celeste.

R.—Assim o fiz,
oila, vós outros ouvis,
vai cá musicada.

S.—Eu não ouço nada.
R.—Eu não sei o que ella diz.
Já não ouço tal toada,
não na abranjo,

(1) Pura.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
L.—Que me contem por marmanjo, h' uma legoa da estrada, só aqui não, só o nosso Anjo *S.*—Agora bom está laranjo, e o conheces na pegada.	*L.*—Que me acceitem por marmanjo. A uma legoa da estrada, Aqui vejo o nosso Anjo. *S.*—Oh! espanta leões do Laranjo que te arranco duas orelhas á parelha. Pois eu conheço-o pela pegada
L.—Neste bando o onço eu ser cantando, com outros assim comelle.	*L.*—Aqui para esta banda ouço eu cantar E' elle ou outro como elle vamos nós chegando
R.—Vamonos ora chegando. *L.*—Deyxaime aqui estar gozando que me folga o corpo e a pelle. *R.*—Que descanto. *S.*—Isto é cantar de posposto. *L.*—São vozes Angelicaes. *S.*—Vos outros porque gemais, deixaeme, que já trasmonto com os cantares divinais. *R.*—C'a onvirás, não fique nenhum atraz por que entremos de magote Tu, Loirenço, calartehas, se teu puxar de pelote então te offereceras (Aqui vê Rodrigo o Menino no Presepio, e diz):	*R.*—Deixa-me aqui estar folgando o corpo e a pelle. *S.*—Ai que descante. *R.*—Sendo voz indelicavel Deixo-me que estou tremendo Com cantares divinaes. Não fique nenhum atraz, Tu Lourenço calar-te-hás, Entremos de magote. quando eu tirar o papelote. Atraz de mim apparecerás Ai, Redemptor, Bendito sejas, Senhor Vês aqui está o Infante.
R.—Oh Redemptor, ha loivado sejaes senhor vêdes ali o Infante *S.*—Qué delle? *R.*—Se alli adiante de quem o pario sem dôr. *L.*—Ora sús, vamos avante *S.*—Falailhe Rodrigo	*S.*—Que é d'elle? *R.*—Aqui ao pé de quem o teve sem dôr *L.*—Vamos avante *S.*—Fala-lhe Rodrigo
	Offerecimento
R.—Oh verdadeiro abrigo dos pobres filhos de Adão, que de vossa condição vos pondes a este perigo por nos dar consolação, e sois um e trino; sois o Mexias divino, que he promettido na ley? sois esse, ou estou sem tino; ah bofé nunca cuydey de vos ver tão pequenino A mais no chão: Esse sois e outrem não	*R.*—Oh verdadeiro abrigo Dos pobres filhos de Adão, que da vossa condição vos puzeram neste perigo. Para nos dar consolação *sois sete e outro não*, *sois o metrino*, sois o Messias divino, o promettido na lei. *sois este*, de tão bom tino, mas á boa fé, eu não cuidei em vos ver tão pequenino no chão.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que sem no mundo caber pela nossa redempção quigestes hoje nascer mais pequenino que hum anão: Deos damôr Adoro-vos por Senhor de tudo quanto figestes, que dos Ceos aqui viestes por dar vida ó peccador hoje em dia que nascestes. Neste chiqueiro Onde estais com Cordeyro ante seu trasquiadôr, feito homem verdadeyro, Filho de Deos por inteyro sem nada tirar nem pôr, Por peccadores, Douvos eu, Senhôr, louvoures e graças milhentas mil, que fazeis tantos favores, aos pobres dos Pastores, neste dia tão gentil. A nós chamastes pelo Anjo que mandastes cantando pelos oiteyros e aqui nos ajuntastes e a nós, Senhor, vos mostrastes envolto nesses eneyros, E que veja eu Cos meus olhos de sandeu essa benta humanidade, que cobre tal Magestade reynando sempre no Ceo posta nesta esterilidade. E tenha salas quem não he digno dolhalas e vos que com os bezerros, ah lingua como falas coração que não estalas mais duro que os duros ferros. Senhor não posso soffrer a dôr, mesmamente a devoção, achome mais que pastôr com hum desuso do amôr na alma, e no coração: Por que vejo Que sem afrouta e sem pejo vos fizestes homemzinho e nasceis neste cantinho	sem no mundo caber para nossa redempção quizeste hoje nascer mais pequenino que um anão. Deus damor Eu vos adoro por Senhor, de tudo quanto fizestes. já que dos ceos aqui viestes para dar vida ao peccador, Hoje em dia que nascestes. Neste chiqueiro onde estais como cordeiao *entre os ceos tosqueador* filho de Deus verdadeiro Sem nada que tirar, nem pôr Por peccadores Dou-vos eu, Senhôr, louvores e graças *semilhantes* mil, que fizestes tantos favores aos pobres dos pastores neste dia tão gentil e nos chamastes por um Anjo que mandastes cantando pelos oiteiros e hoje nos ajuntastes e a nós, Senhor, vos mestrastes envolto nestes cueiros E veja eu com estes olhos *de seu Deus* e d'essa benta humanidade que cubra tal Magestade, reinando sempre nos ceos posto nesta esterilidade, Tenha eu salas que não sou digno de olhal-as e vós entre bezerros! oh lingua como falas Oh coração que não estalas és mais duro que o duro ferro! Oh Senhor eu não posso soffrer a dôr mesmamente a devoção não sou mais do que pastor todo me *confuso* em amôr na alma e coração Por que vejo que sem afronta e sem pejo vos fizestes homemzinho

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
que não val para despejo do homem que vai seu caminho. A por que sento, Que sendo vós fundamento do mundo que sustentais, não tendes mais aposento. que estar tomando alento ó bafo dos alimais. E a pousada, Que toda a cousa criada recebe da vossa mão, agora n'esta jornada a tomastes emprestada dessas bestas que ahi estão. E os passarinhos, olhão para seus filhinhos mantimento, agazalhados de brandos, e moles ninhos, as aranhas, e bichinhos são por voz alimentados, E vós ficais Que ahi Senhór onde estais nesta tenrinha idade, tereis bem necessidade dos que os outros teem de mais por vossa liberalidade. Mas emfim Isto não é para mim, que sou um tosco pastor mas falla homem com amôr por vos ver estar assim em trajo de peccador. E a verdade hé, que tão sois vossa mercé distrinçais e entendeis isto que aqui padeceis como por quem e por que e algum ora o direis. A pois eu Já tão pobre Senhor meu que não tenho coisa boa mais que esta ruim pessoa ella, ao serviço seu offereco, e á Senhora, E o coração Mantende da vossa mão por que em todo vos contente, e tomay este presente, que vos dou com devoção pouco e de boa mente:	que isto não vale para despejo do homem que vai seu caminho. *Porque de santo* sendo vós fundamento do mundo que sustentaes, não tendes mais qu'o aposento *desta arte abandamento* e o bafo dos animais E a pousada que é toda a cousa criada recebe-a de vossa mão pois agora nesta jornada *tiveste tempestade* esses brutos que ahi estão, E os passarinhos acham para seus filhinhos mantimentos e agazalho com os melhores modos *e ninhos com aranhas e bichinhos* tudo vós alimentais *Mas só vós, Senhor, ficaes* onde estais nessa poucachinha idade, pois tereis bem necessidade do que os outros tem de mais para a vossa *livradade.* Mas emfim Isto não é para mim, que sou um tosco pastor, falla um homem com amôr e só por vos ver assim em traje de peccador. Verdade é que essa é a vossa Mercê que distrinçais e entendeis isso que ahi padeceis, ou por quem ou por quem é em algum dia o direis. Mas eu já tão pobre, Senhor meu, que não tenho cousa boa mais que esta ruim pessoa e ella em serviço seu Eu offereço á Senhora o coração *Mantens-me por vossa mão* para que *todos a vós contente* acceitai-me este presente que vos dou de coração *pouco mais* de boamente

ORIGINARIAMENTE

Por que em Belem,
quem não labora não tem,
posto que he impossivel
darvos o que vos convem,
traz homem isso porem
por não ser desconhecivel,
E o primeiro
He, Senhor, este cordeiro,
que vós decrarais ao vivo,
por que assado no madeiro,
cumpriste bem por inteiro
esse que é figurativo:
E seis queijadas
Trago aqui repolegadas,
a mais uuma panelinha
do meu mel para a papinha
com tres lingoiças curadas
tudo ahi vem nessa cestinha:
A mais um pospé,
que ainda que carne não hé
para sua mercê agora
pois nessa idade só
prestará para a Senhora
e para o senhor Joseph,
E offertados
Meis presentes e meis dados
a vós que tudo me destes
para acharvos sempre prestes
para o perdão dos peccados
pois por peccados viestes,
Assim que digo,
não peço gado nem trigo,
fazenda nem euxoval,
mas que me livreis do mal
por que eu sou vosso amigo
e devoto fidagal,
até morrer.

ACTUALMENTE

Em Belem
quem não *adora* não tem
pois é impossivel
dar-vos o que convem,
traz um homem isto porem
para não ser *desconhecido*
O primeiro
E' Senhor, este cordeiro
declarai vós ao vivo
por que assado num madeiro
cumpriste bem por inteiro
o que é figurativo.
Seis queijadas trago
ou aqui *rebujadas*
e uma panelinha de mel
para a papinha
com tres lingoiças curadas:
tudo vem nesta cestinha
e um *prospé*
já que carne não é
para offertar á Senhora
ou para o Senhor José

Os meus offertados
os meus presentes, os meus dados,
vós, Senhor, que tudo me destes
para *alcançar sempre prestes*
o perdão dos peccados
pois por peccados viestes,
Assim digo
que não peço gado nem trigo,
fazenda nem euxoval
Só vos peço Senhor
que me livreis do mal
porque eu sou um vosso amigo
e serei um vosso filho
haveis de me guiar
Sempre até morrer.

Offerecimento de Lourenço

L.—E agora que hei de dizer
que tu já dissesie tudo.
R.—Falalhe tu como mudo
que o que aqui emmudecer
esse fica mais sezudo.
L.—Que prazer
não ha esta assim de ser
tambem eu hei de rezar,
Senhor venhovos loyvar
porque quizestes nascer

L.—O' Rodrigo, o que hei de dizer.
que tu já disseste tudo
R.—Fala-lhe tu como mudo
Por que o que disseres
ficará mais sizudo
L.—Que prazer
não ha da festa assim ser!
tambem eu vos quero rezar
Senhor, venho-vos lonvar,
por que quizestes nascer

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
de graça por me salvar.	de graça para nos salvar
E bem quigera	Eu bem quizera
que esta lingua soubera	que a minha lingua soubera
fallar como a do Rodrigo,	fallar como a do Rodrigo
porque tambem vos figera	porque vos faria uma *pratica*
hũa pratega, e dixera	*e ao Santo dissera, o que não digo*
O que sinto e que não digo.	....
Mas a verdade	
Vossa benta Magestade	Vossa benta Magestade
sabe o feyto e por fazer,	sabe o feito e por fazer
sem ponta de falsidade	sem ponta de falsidade;
e o que eu posso dizer	Eu só o que vos posso dizer
he o que tenho na voutade.	e'o que tenho na voutade
E he Senhor	Oh Senhor
Que me chega vosso amôr	Eu chego ao vosso amor
ás cordas do espinhaço,	e as cordas do espinhaço
por vos ver meu Redemptor	por ver o meu Redemptor
como qualquer peccador	como qualquer peccador
jazer hi nesse teiraço.	fazer nelle *teasso*
Item mais	E então mais
Que tão cedo começais	Que tão cedo começais
padecer nessa carninha,	a padecer nessa *caminha*
por ella nos perdoais	por hora nos perdoais
á primeira hora que entrais	na primeira hora que entrais
em esta vida mesquinha,	nesta vida mesquinha
E quem padece	Quem padece
Cá no mundo, ou merece,	neste mundo merece,
ou que faz por seu proveito	quem faz por seu proveito
que o rapaz do interesse,	*oh rapaz do interesse,*
donde elle espera, bem, esse	*donde esperas algum bem*
trabalha até abrir o peito,	*trabalhas ate abrir o peito*
Mas vós,	
Que prol recebeis de nós	
ou aq i que entereçais,	
tudo tendes, tudo dais,	
não os bens da terra sós	
mas ainda os celestiais.	
E pois que necessidade	Que necessidade
Tinha vossa Santidade	Tinha vossa Santidade
de fazer este caminho	em vir fazer este caminho,
nenhum, a fallar verdade,	nenhuma, a fallar verdade.
mas foi tal vossa bondade	mas foi tal a vossa bondade
que vos deiton nesse ninho.	que vos deitaram nesse ninho.
E meis peccados	
E de meis antepassados	
e de quantos ha por vir,	
que todos eis de remir	
os que Adam tem condenados	
como creio sem mentir.	
E vos me ensinais	E vós nos ensinais

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
Isto com todo o demais, que vos eu não sey dizer, porem sey o conhecer que até estes alimais são alegres com vos ver, E a minha alma ponho eu na vossa palma porque ma encaminheis, e na morte me guardeis, que não va cahir na calma onde ardem os lugafeis. A neste enseijo Como quaes que são prevejo não vos pude trazer mais que hum tassalho e hú queijo, não por que vós o comais mas por mostrar meu desejo, E por ter Algo mais que offerecer, trago a pelle d'um recente, que ainda que he fraco presente nella poderia jazer como um cabeçal quente, Que é de cordeiro, e se eu sonhera primeiro questaveis tão misterioso eu vos trouvera hum colmeiro de palha muito mimoso parece (1) vosso ninheiro. Que he o que importa, E áboafé que me corta vervos em lugar tão nú porque o tempo vai tão cru que abonda o ar desta porta.	Isto com todo o demais que eu não vos sei dizer, mas devemos conhecer que até os animais se alegram em vos ver. Os meus peccados dos meus antepassados e de todos que ham de vir vós haveis de remir por Adão condenados como creio não mentir. A minha alma pranto na vossa palma para que m'a encaminheis e da morte me guardeis que não vá *morrer á calma* *como arde não soffreis* Neste *ensejo* Não vos pude trazer mais que um tassalho e um queijo; não por que vós o comais mas para mostrar o meu desejo. Por ter mais que offertar trago a pelle de um *rosète* ainda que é fraco presente nella podeis jazer como num cabeçalho quente Mas que importa, A boa fé que nos corta em ver-vos em lugar tão nú que o tempo vai tão cru que vem muito ar daquella porta
S.—Loirenço acabas tu pois que já tens compeçado? *L.*—Ah como és mal ensinado se mestou (2) offerecendo por que não estás callado, assim que estava dizendo sois, Senhor, santificado E vós sabeis por que o que hi sofreis de frio e de nudeza de miseria e de probreza, vós tão só a entendeis pela vossa divineza,	*S.*—Oh Lourenço tu acabas ou agora és começado? *L.*—Cala-te tu mal ensinado, se eu me estou offerecendo por que não estás calado? Sei bem o que vos digo, sois, Senhôr, sanctificado, E vós sabeis por que o que ahi soffreis de mizeria de *nueza* do frio e de pobreza vós tão so intendeis pela vossa dívineza

(1) Para esse. (2) Me estou.

ORIGINARIAMENTE

De vosso grado
Por isso sede loivado
para sempre sempiterno,
Defendeyme do inferno
e guardayme o meu gado,
que delle só me governo
E serão enfadar
Tambem vos heyde rogar,
já que sois Filho de Deos,
que a mim e a todos os meus
nos queyrais encaminhar
pela carreyra dos ceos,
Se pode ser.

S.—Senhor, eu venho vos ver
para me certificar,
porque não podia crer,
que vós viesseis nascer
por tal frio a tal lugar,
venho-vos tambem loivar
polo que vindes fazer,
folgo de vos conhecer,
mas não tenho que offertar
mais que o aqui disser
numa razão.
Douvos o meu coração
melhor alfaya que tenho
(Põe as mãos nas barbas)
E estas poucas vos empenho
que os que volo não dão
nunca o verão mui gamenho,
e a vontade.
O querer e amizade
e esta alma que em mim puzestes
e tudo quanto me destes
vos offerto de verdade
porque emfim, vós, me fizestes
e remisteis,
Que já que por mim nasceis
por mim haveis de morrer,
como eu sempre ouvir dizer,
e por todos fieis,
quantos em vós hão de crer.
a bem confeço
Que até agora fuy travesso
e na crença referteyro (2)
quando la meu companheiro

ACTUALMENTE

De vosso agrado
para sempre sempiterno
defendei-me do inferno
e guardai o meu gado
que com elle me governo

E se não vos enfadar
Tambem vos quero rogar
que me haveis d'encaminhar
a mim e a todos os meus
pela carreira dos céos
se poder ser.
Offerecimento de Silvestre

S.—O' Santo Deus Menino
Eu tambem vos venho ver
Somente a certificar-me
por que não queria crer
que o Santo Deus Menino
viesse aq i nascer,
por tal sitio e tal logar,
folgo muito em vos conhecer,
Pesa-me de ser pobrezinho
e não ter que vos offertar
mais o que aqui disser
numa razão:
Dou-vos o meu coração
a melhor alfaia que tenho
até (aponta para as barbas) estas poucas
que aqui tenho
vol-as empenho
que é o que muitos não darão
nem no verão
Oh *magamanha* vontade
o querer e a amizade
que nesta alma puzestes
Eu vos offerto na verdade
Vós que nos criastes e remistes
por nós haveis de morrer
como tenho ouvido dizer
e por todo os fieis
que em vós hão de crer

e bem confesso
que toda a vida fui travesso
E lá em *Querença refeitoreiro*
estando la meus companheiros

(1) Vistoso, casquilho, etc. (2) Desenhoso.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
Rodrigo e mais Loirenço mo dixeram no oyteiro Mas agora a minha alma se enamora de vos ver como vos vejo, quem todo o mundo adora nascido desta Senhora vestido neste pelejo. E outro espirito sinto em mim mais contrito neste prove portalzinho por vos ver Senhor bemdito immenso e infinito tão pequeno criancinho. A que o preço Que por meus males mereço já conheceis a pagar, tomando neste logar a mangedôra por berço o vento para embalar. E isso fazeis Somente por que quereis sem alguem o merecer. mas amôr, e bem querer vos fazem que o pagueis todo o nosso mal viver. E por isso eu Vos entrego Senhor meu cento e vinte louvores e rogo que estes Pastores a que o Anjo apparecen os tenhais por servidores. A mais vos aviso Que me acabedes com sizo para que lêdo me veja la no dia do juizo e levaime ó Paraizo por qualquer *via* que seja. Mas o que me pesa Porque vossa gentileza não dá sequer uma fala ou por elle essa Princeza mas emfim quem ouve e calla consente sem dar defeza, *L.*—Pois á Senhora não havemos de fazer algua festa em boa ora? *S.*—Antes que eu daqui vá fóra lhe heyde cantar, e tanger. *R.*—Não, não tenho eu devoção	Lourenço e mais Rodrigo que matinavam comigo no criterio; mas agora a minha alma se enamora Em vos ver como vos vejo que todo o mundo vos adora nascido dessa Senhora vestido nesse pelejo. e oh espirito! que me sinto mais contrito neste pobre portalzinho por vos ver, Senhor bemdito, immenso e infinito, tão pequeno criancinho *Pelo preço* Não vejo mais que a mangedôra servindo a vós de berço e o vento só para vos embalar Isto fareis por querer, sem o merecer mas o amôr, bem querer vos fazem que pagueis todo o nosso mau viver Eu vos offereço, Senhor meu cento e vinte louvores e rogo que estes pastores aquem o Anjo apparecen os tenhais por servidores E mais vos aviso Oh Santo Deus Menino! que lá no dia do Juizo levai-me ao Paraizo por qualquer *dia* que seja, porque a vossa gentileza não dá sequer uma fala, mas emfim quem ouve e calla consente sem dar defeza. *L.*—Pois á Senhora não havemos de fazer festa em boa hora? *S.*—Nem vocês sabem a alegria que em mim entrou antes que d'aqui vá fora quero cantar e tanger.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
para tanger, nem cantar	
nem mo leva a condição	*R.*—Não vem á condição
mas he a occasião	o tanger nem cantar
de gemer e suspirar	porque é occasião
	de gemer e snspirar
L.—Essa *che* (1) *nego*	*L.*—Vai-te *satanejo,*
e ó contrario te prego,	pelo contrario te prego
porque já nasceu a luz	eu já vi a luz do mundo
ó mundo que estava cego,	pois até pouco estava cego;
o demo queu arrenego	do demonio eu arrenego
de dó vestio hum capuz,	de dó deitou o capuz
Elle seja triste	Elle seja triste
e não já en, e tu que viste	Depois que tu viste
a teu Deus homem nascido,	O Deus-Homem nascido
tanto tempo ha promettido,	por cinco mil annos promettido
como tu dizes que ouviste,	como tu dizes que ouviste
desejado e tão sabido,	é desejado e sabido.
R.—Bem dixeste	*R.*—Bem disseste
e delle o aprendeste	e delle aprendeste
porque em fim elle he verdade	porque isso é verdade,
mas eu tenho piedade	mas eu tenho piedade
ver um Infante comeste	ver um Infante como este
em tanta esterilidade	posto em tal esterilidade
A mei Deos!	Oh meu Deus!
Que foram tão maus *incréos*	Foram tão maus os *hebreus*
estes *rafiõens* de Belem,	estes *refens* de Belem
que aqui o Senhor vos tem,	que aqui o Senhor vos tem;
vindes vós por males seus	vindes vós por males seus
padecer mal, e dar bem	padecer mal e dar bem
Meu formoso,	Oh bem formoso
Que fostes tão querençoso	que foste tão piedoso
de saude dos mortais	*conforme ahi mostrais*
que nasceis entre alimais	
só de puro piedoso	
como vós vos hi mostrais.	
Lagremejando,	Lagrimejando
E quereis estar chorando	pareceis chorando,
posto aqui entre o gado	posto aqui entre o gado,
de frio badelejando (2)	de frio *bandejando*
só por pagar o peccado	só para apagar o peccado
que homem comete folgando	que o homem commete rindo e folgando
E padecer,	Oh o padecer!
Com lédice e com prazer	com delicias e prazer !
por quem vos offende a molhos	quem vos offende
e tarde se arrepender,	e mais tarde se arrepende,
bem escançados (3) os olhos	Bem aventurados olhos
que vos mereçam ver	que mereceram que vos visse

(1) Che nego—te nego. (2) Tiritando.
(3) Escançados—felizes.

ORIGINARIAMENTE	ACTUALMENTE
E que vós vistes Que os meus não serão tristes vendo a sua salvação, como hoje lhe prometestes, mas como o velho Semeão, Direy, já nunca demites: Domine	que os meus não serão tristes esperando de Deus a salvação conforme vós promettestes ao bom velho Simeão *Nunc dimites* *Domi ne*
(*Aqui falla com a Senhora*) E vós vara de Jessé que brotastes esta roza e frol do campo formosa chamemvos os que tem fé mais bendita e bem ditosa Das mulheres: Das quaes honras e prazeres se alegrou vosso espirito quando no ventre bendito pelos vossos merecêres se encerrou infinito A porque crestes E ó Anjo respondestes com palavras de humildade logo a hora concebestes o verbo que hoje nos déstes vestido de humanidade E oitro loivôr vos deu inda este Senhor na hora em que nasceo que o paristes sem dôr, e criaes o criador co leite que elle vos deu, E basta Que só vós honreis a casta, que paristes sem estrovo, e cobreis um nome novo, porque Eva fica madrasta, vós May de Deus e do povo, E pois paristes e ó mundo descobristes sua luz celestial, fazendo alegres os trites estes proves que aqui vistes livrayos de todo o mal	E vós, vara de Jessé, flôr dos campos a mais formosa chamaremos, tendo fé Oh bendita das mulheres causam honras e prazeres quando no vosso ventre bendito se encarnou o Infinito Ao mesmo Anjo respondeste com palavras de humildade na mesma hora concebestes ao verbo que nos destes vestido de humanidade Vós Senhora, tiveste o Deus menino e não o sentistes, pois ao mundo descobristes uma luz tão celestial, fazendo alegres os tristes estes pobres que aqui vistes livrai-os do mal. Vós Senhora, é que honrastes a casta e cobreis um nome novo porque Eva fica madrasta vós mãe de Deus e do Povo.
L.—Rodrigo, tu tem cuydo, que o rebanho desgarrado asinha pode trespor, *R.*—Deixo vá por onde fôr não se hade perder o gado	*L.*—Rodrigo, tem cuidado que o rebanho desgarrado *poderá trespôr* *R.*—Deixo, vá por onde fôr não se ha de sumir

ORIGINARIAMENTE

estando nós como (1) pastor
S.—Tu estás a parolar
e elle desingula e cala
L.—Menino, sabeis fallar.
S.—Pois logo porque não falla
a Senhora em seu logar
R.—Bem pudera elle fallar
se elle tivera vontade,
porem quer desingular
para nisso conformar
a lingua com a idade.
E já que assim he
Disso Senhor darey fé
não vos quero enfadar
mas dayme cá esse pé
que vo-lo hey de beijar
por me fazerdes mercê
(*Beija o pé ao Menino*)
L.—E eu tambem
R.—Ja que para todos vem
a nenhum se negará
S.—Quanto o pé bem no lo dá,
se assim der o mais que tem
a todos contentará,
sua senhorança
R.—Agora sem mais tardança
digamos uma cantiga
de chacota com mudança
por que a Senhora não diga
que somos de má criança,
L.—Eu estou á vella
mas abrota (2) tu com ella
que hes o chefre da folia,
R.—Ha de ser aprol do dia
porque alegre a donzella
se tiver melancolia.
Cantiga
Virgem antes do parto,
no parto, e sempre
bendito seja o fruito
do vosso ventre.
Nove mezes trouxestes
encuberto
o fructo que hoje destes
manifesto,
razão tendes por certo
estar contente,
bendito seja o fruito, etc.

(1) como—com o. (2) começa.

ACTUALMENTE

estando nós como pastor
S.—Estás ahi a parolar
e o Menino simulla e calla
L.—Menino, sabeis falar
R.—Não falla elle,
fala a Senhora
em seu logar,
Bem pudera elle fallar
se tivera na vontade,
porém quer dissimular
para assim conformar
a lingua com a *humanidade;*
e pois que assim é
não o vamos enfadar
O' Santo Deus Menino
Deite-nos o seu pesinho
que o queremos beijar
se delle nos fizer mercê.
L.—E eu tambem
R.—Já que para todos é
a nenhum se negará
R—E' verdade
S.—Oh que bem o Santo Deus
o seu pesinho dá,
Elle tudo quanto tem
a todos contentará
a sua Senhorança
R.—Pois agora, sem tardança,
vamos cantar uma cantiga
de chacota com mudança
para que esta gente não diga
que somos de má herança.
S.—Abrochem-se com ella
que vocês são chefes da folia
R.—Eu por mim estou velho,
hade ser a flor do dia
para que se alegre a donzella
que estiver de *menancolia.*

E' no fim da *Pratica dos Tres Pastores*, segundo a copia que nos foi offerecida, por pessoa de Querença, que vêm os versos, que transcrevemos a pag.

Parece, pois, que os que figuram na representação do acto, substituiram os versos finais.

ORIGINARIAMENTE

O que Eva nos tirou
vós no lo destes
aos que ella matou
vivos fizestes,
a vida nos trouxestes
em vosso ventre.
Virgem antes do parto
no parto e sempre
bendito seja o fruito. etc.
Paristes o Criador,
vós criatura,
sem corrupção. nem dôr
ficando pura,
a gloria futura,
e paz presente,
nos destes com o frifito
do vosso ventre, etc.
criaes quem vos crion
Virgem Sagrada
vistis quem vos formou,
e fez do nada
entre todas criada,
mais excellente
bendito seja o fruito, etc.
Dais de mamar a quem
sustenta o mundo:
mantendes a quem mátem
e cria tudo,
mysterio profundo
tendes presente
Deus, e homem fruito
do vosso ventre.
Virgem antes do parto
no parto, e sempre
bendito seja o fructo
do vosso ventre.
Laus Deo

Em Lisboa
Com todas as licensas necessarias.
Por Domingos Carneiro. Anno 1659.

*

* *

Quer-nos parecer que, embora o aucto tenha a data de 1659, o seu auctor valeu-se de redacção mais antiga, naturalmente para não destoar da linguagem dos pastores do

seu tempo. As repetidas accepções do *a* por *e* fazem-nos lembrar os versos de Guesto Ansur,

No figueiral, figueiredo
A no figueiral entrei,

em que o *a* tem a accepção de *e*.

(E) *pag. 176*

Devemos informar os leitores que por uma escritura outhorgada nas notas do tabellião da comarca de Loulé — Joaquim Antonio Teixeira — em 18 de junho de 1905, e em que são partes outhorgantes João Gregorio de Figueiredo Mascarenhas, de Massines, João Francisco Martins, de Silves, Joaquim Marreiros Mascarenhas Neto e Joaquim Clemente Pereira, de um lado, e Jean Boudriot, francez, do outro, se acordaram fazer a exploração da mina do Picalto, em Messines. E' tambem certo que brevemente o mesmo Jean Boudriot vae fazer os precisos estudos em relação ás minas de Alte, Salir e Querença, sendo esta, no entender de um engenheiro de minas, a que offerece garantias mais solidas de abundancia de minerio.

Felicitamos o concelho de Loulé, se forem verdadeiras as informações que nos foram fornecidas.

(F) *pag. 198*

Com relação a este pequeno romance escreveu Estacio da Veiga o seguinte:

«A *fonte das almas*, *A fonte fadada*, ou a *fonte santa*, é como no Algarve o povo denomina o singelo romance-lenda que em seguida vou escrever. Uma só lição obtive deste romance, e muito adulterada, com o titulo de *Milagre da Senhora do Roçario;* e bem assim mais uns fragmentos pouco validosos. O que de feito sei, é que baldadas foram as diligencias que aventurei para ácerca desta tradição popular colher apontamentos, que podessem indicar-me a localidade, a que a lenda parece referir-se.

«Talvez haja no Algarve alguma *Fonte das almas* ou *Fonte fadada;* eu nenhuma descobri com taes denominações. *Fonte santa*, sim, que ha uma entre Alte e Paderne, no concelho de Albufeira (aliás: concelho de Loulé). Bem póde ser que a esta se refira, pois dá-se a coincidencia de não ficar muito longe da Senhora da Orada, para quem a Virgem tecera uma capella de mirto e rosas pouco antes de transformar um bronco rochedo em fonte de agua cristalina».

Conhecemos outra *Fonte Santa* na freguezia de S. Clemente de Loulé; mas certamente o romance-lenda a esta se não refere, pois não está a sua topografia de accordo com a descrição que o romance faz do sitio por elle descrito. Pensamos em tempo dever localizar o romance no povo da Guia, mas entre este povo e a da Senhora da Orada não encontramos fonte alguma com a designação de *Fonte Santa*. Por isso acceitamos, sem esforço, que a *Fonte santa*, a *Fonte das almas* ou a *Fonte fadada* é a que existe na freguezia de Alte, concelho de Loulé.

Na opinião do benemerito algarvio, que pela primeira vez publicou esta *lenda cristã*, não é ella anterior ao seculo 17.

(G) *pag. 215*

Poucos dias depois de publicada a edição deste magnifico folheto—*A Resposta do Paiz*, resolveu-se Marçal Pacheco a fazer a publicação da segunda edição, como os leitores podem ver dos seguintes documentos:

Ex.^mo^ Amigo e Snr.

Varios amigos meus enviam-me as cartas, que remeto a V. Ex.ª, pedindo-me um exemplar do seu folheto. Onde o poderei adquirir, não sabendo se V. Ex.ª o pôz á venda?

Agradece o favor da sua resposta o que é com toda a consideração,

De V. Ex.ª

Mt.º Att.º Ven.^or^ Obrig.º

S/C. *M. Gomes.*

Lisboa, 17 de Janeiro de 1905.

Meu... Amigo.

Respondo á sua carta dizendo-lhe que, tendo mandado imprimir sómente quinhentos exemplares da *Resposta do Paiz*, não para os pôr á venda, mas para os offerecer ás redacções dos jornaes, escritores publicos e alguns amigos meus, restam-me apenas dois daquelles exemplares dos quaes tenho o prazer de lhe enviar um — não podendo, por isso, satisfazer ao seu pedido.

De V....

com muita estima e consideração

Marçal Pacheco.

S/C Rua das Amoreiras.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1895.

Meu Ex.mo Amigo.

Muito obrigado pelo favor da sua carta e pela obsequiosa remessa do seu folheto. Ainda na mesma ordem de ideias não permittiria V. Ex.a que se aproveitasse o successo com que tem sido acolhido o seu folheto, fazendo immediatamente uma edição, cujo producto liquido reverteria em favor dum asylo?

Seria uma bella occasião a aproveitar para mais uma obra de caridade a que V. Ex.a associaria o seu bello talento.

Com a maior consideração me subscrevo

De V. Ex.a

Att.o Ven.or Obrig.o

M. Gomes.

S/C.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1895.

Meu.... amigo.

Em resposta á sua amavel carta cumpre-me dizer-lhe que da melhor vontade annuo aos seus desejos; e que V... me obsequiará em extremo, enviando o producto da venda ao Hospital dos pobres da Villa de Loulé.

Como sempre

De V...

Com muita estima e consideração

Marçal Pacheco.

S/C. Rua das Amoreiras.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1895.

E vejam os bandidos da honra alheia — de um môrto — como ao benemerito filho desta terra não esqueceu o *Hospital dos pobres de Loulé!...*

Intendemos no texto simplesmente transcrever o folheto, e desacompanhado da sua introducção; neste logar, porem, não duvidamos transcrevel-la: E' a seguinte:

«Em meio da profusão extraordinaria de comicios, relatorios e manifestos, que surgem de toda a parte, dirigidos ao paiz, occorreu-me tambem a lembrança d'escrever um manifesto. E por que não? Em momentos tão criticos, como este que aflige a nossa patria, que é o conjunto dos interesses e affectos de todos nós, o proposito de contribuir cada um com idéas e alvitres, no empenho da publica salvação, não haveria de ser levado á conta de vaidade ou de reclamo messianico, senão de patriotico dever, imposto ainda aos mais modestos. Resolvido a realisar este proposito, preocupava-me, cheio de angustia,

pelo que havia de dizer ao paiz, quando numa das ultimas noites, já meio adormecido de cançaço e de anciedade, fui surprehendido por subita apparição maravilhosa. Erguera-se diante de mim um vulto agigantado – heroica figura colossal – d'aspecto entre colerico e melancholico, a bocca numa expressão d'ironia amargurada, a voz flemejante d'imprecações e queixas. A barba branca descia-lhe á cintura, os cabellos fluctuantes cobriam-lhe as espaduas, os braços eram de musculos e de ferro, as mãos, de granito e de sangue. Nas faces, cavadas pelas lagrimas, viam-se-lhe abertas grandes feridas purulentas; em todo o corpo enorme, profundas chagas cancerosas. E dos olhos, meio amortecidos pela dôr e pela tristeza, sahiam-lhe, por vezes, scentelhas de tremendas resoluções.

– Quem és tu? que queres de mim? – perguntei eu entre condoido e aterrado, num pesadelo pungitivo.

– Eu sou o teu velho e empobrecido Paiz – respondeu e venho dizer-te que para mim não são precisos manifestos. Assaz me têem falado já, assaz os tenho ouvido a todos. Do que eu preciso é de falar tambem, por minha vez, e de responder a todos os que para mim falam. Põe de parte o proposito d'escrever-me, ou, se queres, escreve antes o que vou dictar á tua penna.

E num tom de voz, ora dolorido e compassivo, ora tragico e terrivel, a heroica figura collosal falou assim: etc.

Termina:

Segue-se ao que foi transcrito no texto:

«Assim falou a heroica figura collossal. Quando, de manhã, tornei a mim, acordado deste sonho angustioso, vi dispersas pelo chão, em fragmentos de papel, escritas com sangue e lagrimas as palavras que ahi ficam.

Que me restava fazer?

Imprimil-as sem demora para aviso aos illudidos, e para ensino de nós todos».

Eis, pois, completo o folheto mais sensacional que ainda foi escrito em assuntos desta natureza. Entendemos em um livro dedicado á memoria de Marçal Pacheco transcrever *A Resposta do Paiz,* um dos seus artigos politicos mais notavel. Alem desta rasão, acresce o receio de que um pequeno folheto não possa resistir ao tempo que tudo gasta, e assim engastamo-lo no nosso livro, constituindo uma das suas joias mais preciosas.

(H) *pag. 260*

Em 31 de março de 1795 foi lavrado o seguinte termo de obito na freguezia de S. Clemente de Loulé:

«Aos trinta e um do mez de Março de mil sete centos e noventa e cinco se sepultou no jazigo da capella de S. Braz, Marçal d'Azevedo e Silva, marido de D. Violante Maria Mascarenhas Lobo, desta villa. Faleceu com testamento; e como, segundo as ordens de S. Magestade

e disposições de direito acresça duvida sobre o direito que o mesmo defuncto tivesse para escolher em um testamento a referida sepultura, e ao mesmo tempo falte este para se recorrer da sua legitima decisão, me deliberei consentir na escolha da dita sepultura, com o protesto de não conferir o dito acto aos seus herdeiros, antes de obrigar por este termo seu filho, o sargento mór Simão José de Azevedo a recorrer a S. Magestade dentro de um anno afim de mostrar o direito que elle e seus herdeiros teem ao referido jazigo, aliaz haver-se-ha por nenhum. Fiz este termo que foi assignado pelo referido sargento-mór e por mim.

A' margem deste termo encontra-se o seguinte:

«Como do 1.º livro das Visitas, a fol. 8, consta que o instituidor da capella de S. Braz foi Gonsalo Mendes Caeiro; e do mesmo livro a fol. 178 consta que no anno de 1607 era administrador da referida capella Manuel Mendes Caeiro; como se mostra tambem pelo livro dos casamentos de 1694 ser aquelle Caeiro pai de Diogo Barros e Souza; e pelo livro dos baptismos do anno de 1714 a fol. 117 mostra-se ser Diogo Barros e Sousa ascendente do defuncto Marçal d'Azevedo e Silva, facilmente se conclue e se desvanece a duvida ponderada no termo a respeito do direito dos herdeiros de Marçal ao referido jazigo. Por tanto ali foi bem sepultado por se verificar que Marçal d'Azevedo e Silva é descendente em linha recta do primeiro instituidor daquelle jazigo e capella de S. Braz.»

(I) *pag. 260*

Referimo-nos no cap. XVIII a este notavel filho de Loulé. Então não nos foi possivel determinar a epoca em que apparecera. Devido ao especial obsequio do nosso amigo, o ex.mo Francisco Soares Victor, dig. redactor, do «Campo de Ourique», conseguimos ler um dos sermões do eminente orador, por elle recitado em Lagos.

Resa assim o frontispicio do folheto, em letras maiusculas

ORAÇÃO
de
S. Gonsalo
De Lagos
que
Na primeira solemnissima festividade
que celebrou

A Veneravel Ordem Terceira
De
Nossa Senhora
Do Monte Do Carmo
Da mesma cidade de Lagos
Recitou o Padre Mestre
Fr. Joaquim de Loulé

Ex-Reitor de Theologia, filho da Reformada Provincia da Piedade, e Qualificador do Sancto Officio.

Aos 15 do mez de outubro de 1781.

Lisboa
Na Regia officina typografica
Anno M.DCCLXXII
Com Licensa da Real Mesa Censoria.

Tem a *Oração sacra*, em um folheto de 32 paginas, muito que ensinar aos nossos modernos oradores. Lê-se; e tanto pelo arrojado das imagens, pela concepção dos pensamentos, como pela vernaculidade da linguagem e correcção do estilo, parece-nos ler um dos mais brilhantes sermões do Padre Antonio Vieira.

O thema da oração tirou-o elle daquellas palavras do antigo testamento: *Prophetam de gente tua, et de fratribus tuis suscitavit tibi Dominus Deus tuus.*

Não foi esta oração escrita para ser impressa, e somente para ser recitada em Lagos. A pedido de um devoto de S. Gonsalo foi impresso este panegirico, como se vê da seguinte declaração, que procede o discurso:

Aos devotos
De
S. Gonsalo de Lagos.

O grande affecto e a rigorosa obrigação, que tenho de agradecer o muito, que devo ao glorioso S. Gonsalo de La-

gos, me obrigou a pedir ao Padre Mestre Fr. Joaquim de Loulé este Elogio, que elle no breve tempo de oito dias trabalhou e recitou com applauso universal. Confesso que me foi custoso alcançar delle o dito Elogio; mas triunfaram da sua humildade as minhas suplicas. Agora sahe á luz publica, e o offereço a todos os devotos do Santo, afim de que lendo-o, se inflamem mais, e cada vez mais na sua devoção. Lagos, 20 de Novembro de 1781.

O que mais deseja empenhar-se nos louvores
De S. Gonsalo
José Antonio de Oliveira Marques.

Neste famoso panegirico não sabemos que mais admirar, se o profundo estudo das letras santas, na feliz aplicação dos factos biblicos, se a grande leitura dos livros profanos da historia, a proposito da fundação da cidade de Lagos, por parte do seu auctor.

No desenvolvimento do assunto, Fr. Joaquimde Loulé segue a rigôr os ensinamentos do Quintilisano, e vae-se insinuando por tal forma no espirito dos ouvintes durante a exposição que necessariamente devia a breve trecho empolgar a atenção dos ouvintes. E' uma verdadeira peça oratoria, oiro de lei.

Em vista deste documento, pela centesima vez incomodamos o muito rev. paroco encomendado, o nosso amigo, Antonio João Mendes, no intuito de descobrir, por intermedio dos livros dos obitos, o dia, mez e anno em que falecera o famoso orador. Não foi encontrado o termo.

E' sabido que o antigo paroco José Rafael Pinto procedeu á encadernação de todos os livros antigos da sua paroquia, queixando-se de que muitos desses livros se achavam incompletos; sabe-se tambem que o frade não vivia sempre no mesmo convento, sendo transferido de uns para outros, consoante as necessidades do serviço. Faleceria Fr. Joaquim em freguesia extranha? Será verdadeira a lenda que ensina ter Fr. Joaquim sido encontrado morto em um caminho de freguezia extranha, depois de ter melhorado de uma doença em que esteva ás portas da morte?

Ignoramos.

(J) *pag. 264*

Estes ultimos capitulos do nosso livro, que, tinham sido enviados para o Porto, em 1 de janeiro do corrente anno, soffreram remodelações, resultantes de informações colhidas á ultima hora. Em cinco de junho fômos informado pelo snr. dr. Mello Mascarenhas, de Lagos, espirito investigador de assuntos antigos, que em uma capella do convento de Santo Antonio dos Capuxos, de Loulé, mas fazendo parte de um predio particular, vira a inscrição a que nos referimos no texto. Dirigimo-nos, no dia seguinte, ao referido logar e effectivamente ali encontramos a lapide. Informamos do facto o ex.mo snr. conde de Azambuja, pedindo a s. ex.a a fineza de nos auxiliar com a sua arvore completa de geração, afim de podermos com precisão determinar a epoca precisa em que fôra fundado o convento primitivo de S. Antonio. Esperamos por alguns dias a resposta; e como não podiamos prolongar a composição do livro, demos ordem para que continuassem os trabalhos da composição.

Em 28 d'agosto recebemos do ex.mo snr. conde de Azambuja uma carta escrita em 22 d'agosto, datada de Genebra. S. ex.a, com a amabilidade que o caracterisa, informou-nos de ter recebido a nossa carta, com grande demora, pois a tinhamos subscritado para a sua Quinta da Palhavã, e por isso mais cedo nos não respondera. Nesta preciosa carta s. ex.a confirma o que já tinhamos escrito com relação á nobre familia dos Barretos. Pertencerv effectivamente o reguengo de Quarteira á corôa portuguesa, pertencendo o senhorio de Sernache á familia Barretos. Uma filha, herdeira de um Barreto, casou com um ascendente do nobre Conde de Azambuja, naquelle tempo com o titulo de Conde do Valle de Reis.

E de nada mais nos pôde informar, por se achar ausente. Prometteu-nos dar informações precisas quando chegasse a Lisboa; e em 2.a edição deste livro consignaremos essa util informação, visto não podermos demorar a publicação desta.

(K) *pag. 269*

Como nos honramos de ser filho do Algôs, permittam-nos que annotemos estes periodos.

Tres senhoras, nascidas no Algôs, filhas de Pedro Corrêa Mascarenhas, casaram em Loulé: chamava-se uma D. Josepha Theresa Maria Xavier Mascarenhas, que casou com seu primo Nuno Mascarenhas Pessanha, de Loulé. Deste casamento nasceram diversos filhos, sendo um Manuel José da Gama Lobo, capitão-mór de Loulé, fid. caval. e foi casado com D. Victoria Josepha Theresa da Conceição de Lima Lobo, da Villa de Lagôa. Deste casamento, entre outros, nasceram D. Maria Joanna Lobo Pessanha Mascarenhas, que casou com José Victorino Zuzarte Coelho da Silveira, tenente coronel de milicias e coronel agregado ao regimento de Villa Viçosa, procuradôr ás côrtes em 1828, e Francisco de Paulo Lobo Pessanha, coronel de milicias em Loulé.

Do casamento de D. Maria Joanna com José Victorino Zuzarte nasceu, entre outros filhos, Manuel Mascarenhas Zuzarte de Vasconcellos Coelho da Silveira e Sande, de Borba, bacharel em Canones, fid. caval. deputado ás côrtes pelo Algarve em 1836, que foi casado com D. Maria do Carmo de Azevedo Barahona Sovereira Cordovil, natural de Lagos. Deste casamento nasceram diversos filhos, sendo um João de Azevedo Mascarenhas Sovereira Zuzarte, deputado em diversas legislaturas, que foi casado com D. Anna Izabel de Mascarenhas Gaivão. Deste casamento nasceu D. Maria Joanna Mascarenhas Zuzarte, que foi casada com o dr. Luis Simões de Sarrea Garfias, há poucos annos falecido, deixando sete filhos: D. Maria da Piedade Zuzarte Sarrea, D. Maria Izabel Zurarte Sarrea, Luis Zuzarte Sarrea, D. Maria do Carmo Zuzarte Sarrea, D. Maria do Patrocinio Zuzarte Sarrea, D. Maria da Conceição Zuzarte Sarrea e Paula Zuzarte Sarrea, residentes em Lisboa.

O outro filho de Manuel José da Gama foi o coronel, cav. fid., Francisco de Paula Lobo Pessanha, que foi casado com D. Maria Paula de Brito e Castro Peixoto, de Borba, tia da ex.ma marquesa de Pomares, D. Maria Manuela de Brito. Deste casamento nasceram alem das filhas os dois filhos: Manuel José da Gama, capitão-mór de Loulé e Sebastião Alexandre da Gama Lobo, falecendo todos no estado de solteiros, sobrevivendo-lhes o ultimo, que era o mais novo. Por sua morte foram herdeiros da sua opulenta casa a ex.ma marquesa de Pomares, e sua prima a ex.ma D. Maria Augusta Mascarenhas Zuzarte Lobo, como se vê da escritura de partilhas outhorgada em 21 de janeiro de 1874.

E deste modo apresentámos em resumido quadro a illustre descendencia de D. Josepha que foi casada com o seu primo Nuno Mascarenhas Pessanha, como se vê do seguinte termo:

«Aos quatro dias do mez de outubro de mil sete centos e vinte e dois, em presença do Rev. Snr. doutor Fr. Pedro de Mello, Provisôr e Governador do bispado do Reino do Algarve, e das testemunhas, o Rev. Conego José Frias Costa e Rev. Nuno Mascarenhas Pessanha, Vigario da Vara da Villa de Loulé, Francisco Palermo, da cidade de Faro e Francisco Xavier, da Villa de Loulé, e de outras pessoas, se receberam por palavras de presente, *in facie Ecclesiae*, Nuno Mascarenhas Lobo, solteiro, filho do tenente coronel Diogo Lobo Pereira e de D. Genebra Maria Pessanha, moradores em Loulé, e D. Josepha Maria de Oliveira Marreiros, solteira, filha do capitão Pedro Corrêa Mascarenhas e de D. Maria de Oliveira Marreiros, moradores neste logar do Algôs. De que fiz este termo etc.

A outra filha de Pedro Correia Mascarenhas casou no mesmo dia, como se vê do seguinte termo:

«Aos quatro dias do mez de outubro de mil e sete centos e vinte e dois, em presença do Rev. Sr. doutor Fr. Pedro de Mello, Provisor e Governador deste bispado do Reino do Algarve e das testemunhas Nuno Mascarenhas Pessanha, Vigario da Vara da Villa de Loulé, do Rev. Conego José de Frias Costa e de Francisco Palermo, da cidade de Faro, e de outras pessoas, se receberam por palavras do presente *in facie Ecclesiae*, João da Costa Aragão, solteiro, filho do tenente coronel Diogo Logo Pereira e de D. Genebra Maria Pessanha, moradores na Villa de Loulé, e D. Maria Josepha Mascarenhas, solteira, filha do Capitão Pedro Correia Mascarenhas e de D. Maria de Oliveira Marreiros, moradores neste logar do Algôs. De que fiz este termo etc.

Não podemos organisar a arvore da geração resultante deste casamento por insuficiencia de documentos.

Tambem casou com um cavalheiro de Loulé outra filha de Pedro Correia Mascarenhas chamada Antonia Theresa Maria Angelica. Casou esta senhora com Ruy Dias da Silveira, capitão-mór de Loulé e neto de outro Ruy da Silveira. Deste casamento nasceu, entre outros, Joaquim José da Silveira, tambem capitão-mór desta villa. Casou o capitão-mór Joaquim José da Silveira e do seu casamento nasceram duas senhoras e um filho, o desembargador Francisco Xavier da Silveira e Silva Mascarenhas. Uma das filhas, chamada D. Maria da Madre de Deus Silveira, casou em Loulé com o juiz de fóra nesta comarca Francisco d'Assis Salgueiros. Deste casamento nasceu D. Maria Joan-

na Silveira, que casou com Antonio Vaz da Fonseca e Mello, nascendo deste casamento o snr. Antonio Vaz Mascarenhas, actualmente em Lisboa. Deste modo a nobre filha do Algôs, chamada Antonia Theresa Maria Angelica, é terceira avó do sr. Antonio Vaz Mascarenhas. E assim se explica a razão porque a Ermida de S. José do Algôs, pertencendo a Pedro Correia Mascarenhas passou depois para a herança do sr. Vaz Mascarenhas.

E assim temos provado que as primeiras familias nobres do Algarve teem por tronco illustres senhoras nascidas no Algôs. Não ficamos aqui nesta demonstração. Quasi por estes tempos vivia no Algôs um dos illustres descendentes dos fidalgos Tenreiros, que escolheram para seu solar, no reinado do rei D. Fernando, a villa do Algôs. Este descendente chamava-se Manuel Lopes Guisado. Foi pessoa muito importante como se prova com o seguinte documento:

«Dom José por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem-mar, em Africa, senhor do Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e das Indias etc.

Faço saber aos que esta carta de quitação virem que eu mandei tomar contas na minha contadoria geral da guerra e reino aos herdeiros de Manuel Lopes Guisado, que serviu de Pagadôr geral da gente de guerra, fortificações e marinha do reino do Algarve, do primeiro de junho de mil sete centos e vinte e tres até fim de dezembro de mil sete centos e trinta e tres; e pelo livro de arrecadação da sua conta se mostra receber trezentos e noventa e quatro contos, duzentos e trinta e cinco mil sete centos e dez reis e cinco sextos de real, que dispendeu e entregou, sem ficar devendo cousa alguma, como se viu da mesma conta, que lhe foi tomada pelo contador Antonio da Silva de Carvalho e vista pelo Provedôr Manuel da Silva Valladares; pelo que por quites e livres aos referidos herdeiros do dito Pagador Geral do dinheiro acima, e no encerramento da referida conta, declaro, para que nunca em tempo algum por elle sejam requeridos, nem executados na dita contadoria geral, nem fóra della, por de tudo ter dado conta e entrega, como dito hé. E mando aos Ministros da Junta dos Tres Estados, superintendente da Contadoria geral da guerra e Reino e a todos os Provedores, Corregedores, Ouvidores, Juizes, Justiças, Officiaes e mais pessoas a quem o conhecimento desta pertencer, a cumpram, guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar como nella se contem, sem duvida nem embargo algum. Dado na cidade de Lisboa aos oito dias do mez de outubro, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e cincoenta e cinco. El-Rei.

Este nobre fidalgo casou com D. Catharina Martins Cavaco. Deste casamento nasceu, entre outros filhos, D. Catharina Jacintha Rosalia, que, em 1745, casou com o dr.

Manuel de Garfias Torres Fragoso, familiar do Santo Officio e administrador do morgado de Garfias. Deste casamento nasceu, entre outros filhos, D. Marianna Victoria de Garfias Torres, que casou com Manuel de Sarrea Tavares, administrador do morgado da Donalda, cavalleiro da Ordem de Christo e capitão-mór de Villa Nova de Portimão. Deste casamento nasceu, entre outros filhos, Francisco de Paula Sarrea Tavares, coronel de milicias, de Lagos, que casou com D. Rita de Cassia de Azevedo Coutinho. Deste casamento nasceu Manuel José de Sarrea Tavares Garfias e Torres, que foi casado com D. Maria da Piedade Michaela da Motta Feo Henriques de Castello Branco; e deste casamento nasceu o nosso desditoso amigo e saudoso contemporaneo de Coimbra o dr. Luis Simões de Sarrea Garfias, que foi casado com D. Maria Joanna Mascarenhas Zuzarte. Faleceu o dr. Luis muito novo, deixando sete filhos supra mencionados.

De tudo quanto fica exposto é forçoso concluir que ainda a freguesia de Ferragudo se achava ligada a Estombar, Pera a Alcantarilha, Olhão a Quelfes, os laboriosos pescadores da Fuseta, secando ás ardencias do sol peninsular o polvo e a pailona, que lá fóra vendiam, se achavam presos a Moncarapacho, e já o Algôs escrevia em letras de ouro nos velhos pergaminhos o seu nome immaculado, de onde sairam os primeiros troncos da nossa fidalguia provinciana. E como esses fidalgos conquistavam os seus titulos honrosos, dil-o a historia: de espada em punho defendendo a patria contra os mouros e contra os hespanhoes. Foi assim que o Algôs se distinguiu em antigos tempos, como ainda hoje se distingue pela instrucção que tem sabido distribuir por seus filhos. Nenhuma povoação algarvia ainda melhor se compenetrou dos seus deveres em relação aos seus filhos.

De ha pouco mais de cincoenta annos a esta parte deste pequeno povo sairam quatro bachareis formados em direito, um em medicina e outro em theologia; seis dignissimos ecclesiasticos, alguns dos quaes paroquiando freguesias importantes desta diocese; dois majores e quatro tenentes; tres farmaceuticos e mais de vinte professores, de ambos os sexos, que, no Algarve e no Alemtejo, affirmam a sua superior competencia.

Se quizessemos avolumar esta nota mencionariamos os nomes daquelles, e ainda dos que, do Algôs, estão em-

pregados nas diversas repartições do Estado, no continente e nas nossas possessões ultramarinas, onde teem colhido valiosos documentos das suas aptidões.

Dizem que o elogio, quando aplicado sem restricção, é tão suspeito como a censura, quando feita sem medida. Esta sentença não nos póde ser aplicada pois o que escrevemos não significa mais do que a simples homenagem de um filho á sua querida terra natal, baseada em documentos.

Tem o Algôs batalhado a sua grande batalha da instrucção em favôr dos seus filhos; e como na frase do escritor latino — *labor improbus omnia vincit* — o Algôs tem conseguido ver coroados os seus exforços. E' esta a verdade, sem receios de que outra povoação, villa ou cidade, do Algarve, deduza embargos contra as nossas affirmações.

(L) *pag. 273*

Os apontamentos referentes á *arvore de geração* da familia Barros foram em tempo colligidos pelo dr. Barros, membro distinto desta familia. Falando deste assunto com o ex.^{mo} sr. João Barros de Aragão, deste cavalheiro obtivemos aquelles apontamentos, fineza que temos em alta consideração. Esta arvore foi organizada pelo mencionado doutor tendo por escopo o sr. João Barros de Aragão, pondo de parte outros descendentes dos diversos enlaces. Resumindo o que diz relação a este cavalheiro, temos: D. Maria Thomasia de Aragão, mãe do sr. João Barros de Aragão, era filha de D. Maria Victoria de Aragão e de Francisco Palermo de Aragão; aquella filha do dr. Anselmo José de Sousa Callado, medico, e de D. Maria Victoria de Aragão; e Francisco Palermo de Aragão, capitão de milicias, filho de Francisco Palermo e mulher D. Josepha Maria de Aragão, sendo este capitão de milicias d'Estoy. O dr. Anselmo José de Sousa Callado foi filho de Nicolau de Sousa e de sua mulher Margarida Correia, moradores na rua de Santo Antonio de Loulé.

Francisco Palermo, capitão de milicias, de Estoy, foi filho de Pedro de Sousa Contreiras, capitão de Estoy, e de sua mulher D. Joanna Baptista d'Aragão Palermo, da Conceição, e sua esposa D. Josepha era filha de Manuel Mathias e de sua mulher Josepha Maria de Estoy.

Esta é a geração do sr. João Barros pelo tronco ma-

terno; pelo paterno é a seguinte: seu pae chamou-se José Bernardo de Sousa, capitão de milicias, do Olival, e teve um irmão chamado Antonio Joaquim de Barros, major de milicias, de que mais abaixo escreveremos.

José Bernardo de Sousa foi filho do capitão de ordenanças José Ricardo de Sousa e de sua mulher D. Anna Rosa de Barros, dos Cannos; este filho de Mathias Mendes Vieira e de sua mulher Barbara de Sousa Baião, este filho de Beatriz Vieira de Barros da Goldra e de seu marido Manuel Mendes Estaço, sendo ella filha do tronco commum, Pedro Affonso Pires de Barros, alferes da Goldra, e de sua esposa Leonor Rodrigues Soares Adains, da Goldra.

O major Antonio Joaquim de Barros casou, e do seu casamento houve os seguintes filhos: D. Maria Antonia de Barros, solteira, Augusto Antonio de Barros, já falecido no estado de casado com D. Maria Francisca Rebello Barros, José Ricardo de Barros, casado com D. Maria Quiteria Judice Samora Barros, Antonio Joaquim de Barros, solteiro, Joaquim Bernardo de Sousa Barros, casado com D. Maria dos Prazeres Guerreiro Barros, Francisco Candido de Sousa Barros casado com D. Quiteria Judice Samora Barros e D. Francisca de Barros Rebello casada com Luis d'Albuquerque Rebello.

Na arvore dos Barros, em que o alferes Pedro Affonso Pires de Barros e mulher é o tronco commum, encontramos um seu neto, Pedro José de Barros, que foi casado com Barbara Joaquina Rosa Vasco d'Estoy. Deste casamento nasceram: João Baptista de Barros, que foi lente de medicina em Coimbra, Pedro José de Barros, bacharel formado, e que morreu paroco da Vinha da Rainha, no concelho de Soure, José Pedro de Barros, e Francisco José de Barros, que foi tenente de artilheiria e casado com D. Francisca Theresa de Lima. Deste casamento nasceram: Maria Francisca de Barros, Anna Francisca de Barros, Barbara Joaquina de Barros, João Baptista de Barros, Maria do Carmo Barros e Francisco José de Barros.

(a) Maria Francisca de Barros foi casada tres vezes; 1.º com Antonio Guerreiro Mathias, do Poço Novo; e deste casamento nasceu Antonio Guerreiro de Barros e uma filha chamada Maria Joaquina; 2.º com Manuel Alexandre de Mendonça Rasquinho, sem geração; 3.º com Miguel de Barros Vasco Contreira, e tambem sem geração.

Antonio Guerreiro de Barros é casado e tem cinco filhos, um dos quaes o nosso amigo Miguel Guerreiro de Barros casado com D. Generosa, filha do falecido Francisco Mendes Matheus, e de sua segunda esposa, pois que a primeira era irmã do segundo marido da avó do sr. Miguel de Barros.

(a) Anna Francisca de Barros foi casada com João Luis do Pilar e deste casamento nasceram Maria Barbara de Barros, Maria da Piedade Barros, Maria do Pilar Barros, João Luis Ferreira Barros, ajudante pratico da Conservatoria de Loulé, Maria da Encarnação Barros, Francisca de Barros Santos, Joaquim Luis Ferreira Barros e Alexandre Luis Ferreira Barros, thesoureiro eclesiastico da freguesia de S. Clemente de Loulé, aquem agradecemos aqui o seu auxilio na indagação de alguns documentos antigos arquivados na Paroquia.

João Luis Ferreira Barros casou e do seu casamento nosceram tres filhos, o mais velho dos quaes o nosso afilhado João Chrisostomo de Freitas Barros, coadjutor á pessoa do rev. paroco de S. Thiago de Tavira.

Maria da Piedade Barros casou com João Gregorio dos Santos Junior e deste casamento nasceram seis filhos, um dos quaes o nosso afilhado Antonio de Barros Santos, ajudador da freguesia de S. Sebastião de Lagos.

(a) Francisco José de Barros, coronel reformado de infanteria foi casado duas vezes: 1.ª com D. Maria da Gloria Feio, sem filhos; 2.ª com D. Laurinda Frias de Barros; deste casamento nasceram os seguintes filhos; João Baptista de Barros, tenente da marinha, casado com D. Joanna Amalia Pereira de Barros, Francisco José de Barros, alferes de infanteria, José Francisco de Barros, estudante, e Adelia Frias de Barros.

(a) Maria do Carmo Barros casou com José Guerreiro Palaco, e deste casamento nasceram tres filhos, sendo o mais velho capitão de infanteria José Francisco de Barros.

E... ficamos aqui. Se quizessemos enumerar as familias Barros desde o seu tronco commum não nos bastaria um livro. Falta-nos, porém, duas filhas de Francisco José de Barros e de sua mulher Francisca Theresa de Lima: são *(a)* Joaquina Barbara falecida, nos Corgos de Santa Lusia *(a)* João Baptista de Barros, falecido tambem em Almancil, ambos com geração (1).

(1) A letra — *a* — ao lado dos nomes proprios, indica que as pessoas designadas são irmãos.

(M) *pag. 274*

Nesta altura podemos organizar a arvore de geração do conselheiro Marçal (cuja memoria ainda hoje se conserva muito viva entre o nosso povo louletano), tomando apenas uma das linhas da qual o registo paroquial da freguezia de S. Clemente póde atestar:

Marçal Henrique de Azevedo Aboim foi filho de Simão José d'Azevedo Silva Lobo, sargento-mór de Loulé, e de D. Serafina Izabel Francisca de Brito e Aboim, aquelle de Loulé, e esta de S. Miguel do Pinheiro, termo de Mertola, bispado de Braga.

Simão José d'Azevedo Silva Lobo foi filho de Marçal d'Azevedo e Silva e de D. Violante Maria Mascarenhas Lobo, desta villa.

Marçal d'Azevedo e Silva foi filho de Diogo Barros e Sousa de D. Joanna de Azevedo e Silva.

Diogo Barros e Sousa foi filho de Manuel Mendes Caciro, e este descendente de Gonsalo Mendes Caieiro, o fundador e padroeiro da capella de S. Braz, que, no dizer do Fr. Agostinho de Santa Maria, auctor do *Sanctuario Mariano,* é tão antigo como o templo.

Do exposto vê-se que o conselheiro Marçal esteve aparentado com os *Aboins* por sua mãe; com os *Mascarenhas Lobos* por sua avó paterna; e com os *Azevedos e Silvas* por sua bisavó, tambem paterna.

Não podemos ascender mais alto porque não encontramos os livros respectivos no arquivo da paroquia de S. Clemente de Loulé.

Iguaes direitos invocavam os Lobos Pessanhas á capella da Senhora da Consolação, hoje chamada capella do Senhor da Boa-Morte. Diz a *Visitação dos freires* de S. Thiago ter esta capella sido fundada por Fornão Peres Camacho e sua mulher Constancia Vaz. Em 1565 era seu administrador Francisco Camacho. Não tivemos meio de apurar se este Camacho fôra ascendente dos Lobos Pessanhas, E' de suppôr que sim, aliás a nobre familia não se julgaria com direitos á referida capella.

Sabemos pelo *Sanctuario Mariano* que, em 1720, a nobre viuva Antonia Palermo de Faria, de Loulé, instituira, nesta capella, uma missa quotidiana e nomeara por administrador da mesma capella o capitão-mór Francisco de Fa-

ria Mascarenhas, seu primo, e por capellão o seu sobrinho Nuno Mascarenhas, filho do mesmo capitão-mór, e que era Vigario da Vara de Loulé. Como os Lobos Pessanhas eram tambem Mascarenhas, muito possivel parece que os herdeiros destes fossem os mesmos Lobos Pessanhas, invocando por esse os seus direitos á capella.

Do casamento do conselheiro Marçal Henrique de Azevedo Aboim com sua esposa D. Anna Victoria de Aboim nasceram os seguintes filhos:

1.º José Serafina de Azevedo Aboim, bacharel formado em direito, hoje falecido e representado pela sua filha D. Maria Luisa casada com o nosso illustre amigo, o dr. Antonio Maria Fructuoso da Silva, delegado do Ministerio Publico em Tavira.

2.º José Francisco de Azevedo Aboim, falecido e representado por suas duas filhas D. Maria da Piedade Rua e D. Amelia Augusta, aquella viuva, esta casada com o snr. José Maldonado.

3.º Luis de Azevedo Aboim, falecido, sem filhos.

4.º Simão José de Aboim, solteiro.

5.º Henrique de Azevedo Aboim, casado, e residente em Faro.

6.º Marçal Henrique de Azevedo Aboim, hoje falecido, sem filhos.

7.º D. Violante, viuva do dr. Galvão.

8.º D. Serafina, solteira.

Dos Azevedos e Silvas descende o dr. José Francisco de Azevedo e Silva, distincto advogado em Lisboa.

(N) *pag. 279*

Poucas são as informações que podemos dar dos signatarios, que firmaram a Representação dirigida a sua A. R. (D. João VI), Manuel José da Gama Lobo era nesse tempo coronel de milicias. Faleceu em 7 de janeiro de 1822.

O desembargadar José Francisco Xavier Lobo Pessanha, parente daquelle, faleceu fóra de Loulé, pois examinando os livros dos obitos da freguezia de S. Clemente, não encontramos o seu termo.

Tanto aquelle como este residiram ao fundo da Praça, em um predio nobre, que foi herdado pela sr.ª marquesa de Pomares.

João Palermo de Aragão residia na rua de Santo Antonio. Foi o pai de quatro senhoras muito recomendadas pelas suas virtudes: uma casou com Manuel Albuquerque Rebello e outra com Francisco d'Assis Rebello; as outras duas permaneceram no estado de solteiras.

José Francisco de Azevedo e Silva residiu no Terreiro do Ricardo. Foi capitão de milicias, e era parente do capellão fidalgo, Fr. Bernardo José Mathieus de Azevedo e Silva.

O padre Sebastião Diogo de Barros Sousa Lobo era igualmente do nobre estirpe. Foi vigario das Religiosas do Espirito Santo. Seus pais foram Marçal de Azevedo e Silva e D. Violante Maria Andrade Lobo. Teve duas irmans, D. Anna Genebra de Azevedo e Silva e D. Maria da Graça Azevedo, as quaes foram nomeadas testamenteiras no testamento com que faleceu o referido vigario.

O capitão Manuel Joaquim Mogo faleceu em um predio da rua da cadeia, predio onde actualmente reside o conservador privativo desta comarca, o auctor destas linhas.

Romão José de Almeida, segundo as enformações collhidas, era farmaceutico e morava nas casas onde actualmente reside o sr. João Rodrigues da Gama, empregado da Fazenda.

Francisco Palermo de Aragão foi capitão de milicias. Era irmão de João Palermo de Aragão e foi pae de D. Maria Thomasia. No seu predio de residencia moram os seus netos: José Francisco de Barros e João de Barros Aragão. Joaquim José de Barros foi escrivão de juiz de Fóra.

Antonio Joaquim de Souza Caliço era proprietario. Antonio Rodrigues Mialha era alferes de milicias e avô do sr. João Rodrigues Mealha. Manuel Mendes Correia era farmaceutico.

São estas as poucas informações que podemos colher em relação a alguns dos signatarios.

Não se comprehende o despacho lançado na petição. E' certo que Melchior da Costa Tinoco foi, por muitos annos, professor de latim nesta villa, e cremos ter-se aqui desempenhado brilhantemente da sua missão.

As tradições veneram-no como muito intendido. Morreu em Loulé em uma casa que habitava na rua dos Grillos.

Pelo conteudo da petição vê-se que nesse tempo, nesta villa, era professor, pago pela camara, Manuel Coelho,

que cremos ser avô do sr. Manuel Coelho, professor particular de primeiras letras, como aquelle fôra de latim.

E' necessario concluir do quanto temos escrito em relação a Loulé que teem sido diversas as alternativas pelas quaes os seus moradores teem passado no tocante á instrucção dos seus filhos.

Nos primeiros seculos da monarquia, quando os povos em armas mal ou nada pensavam na illustração dos seus filhos, e só cuidavam da guerra, o povo de Loulé acudia valentemente ao campo dos combates, mas sem descurar do ensino. Registamos no texto deste livro a prova comprovativo, *fol. 85, in fine.*

Decorreram os annos e vemos em 1806 a nobreza e povo de Loulé a pedir a instrucção para os seus filhos, que viviam mergulhados na mais crassa ignorancia, petição esta altamente significativa, pois que naquella epoca, com a guerra ás portas da nação, poucos pensariam no professorado.

Descuidou-se, é verdade a penultima geração de dar sufficiente desenvolvimento á instrucção dos seus filhos, mas hoje trabalha em recuperar o logar que chegara quasi a perder.

Loulé preza-se hoje de ter excellentes professores de instrucção primaria, que habilitam as crianças, num proximo futuro, a ser laureadas nos cursos superiores.

Quem conheceu Loulé ha trinta annos a tenta comparar com a actual Loulé, no tocante ao desenvolvimento da instrucção primaria, reconhece immediatamente uma enorme differença. Loulé caminha desafrontadamente a pôr-se ao lado das villas e cidades, que mais cuidam da instrucção dos seus filhos.

Bem haja a sagrada memoria de uma senhora que na ultima parte do seculo dezenove imprimiu uma bella orientação ao ensino primario do sexo feminino, a distinta professora, D. Emilia Pinto, e bem haja o aturado estudo que preside no mehodo de ensino do illustrado professôr do sexo masculino, o nosso amigo e patricio João Cabrita da Silva! A'quella senhora, hoje falecida, e a este cavalheiro, actual professôr da cadeira de instrucção primaria na freguezia de S. Clemente, deve a villa de Loulé um grande capital de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados em favor da nova geração de estudantes, de ambos os sexos.

DECLARAÇÃO

Reiteramos os nossos agradecimentos a todos os que nos auxiliaram com as informações, na factura do presente livro, e mui especialmente ao nosso illustre primo e amigo, o ex.mo sr. Antonio de Magalhães Barros, que nos forneceu os apontamentos historicos muito curiosos, registados na Torre do Tombo, e que s. ex.ª obteve do seu illustre amigo, o ex.mo sr. dr. Antonio Barão, dignissimo conservador daquella Repartição. Indicamos adiante esses apontamentos, que nos prestaram grande subsidio, e podem facilitar o estudo dos que, depois de nós, tentem colligir importantes documentos para a historia da nossa provincia.

Não tentaremos ensinuar no espirito dos leitores a ideia de que a nossa *Monografia* seja uma obra perfeita e completa. Tem deficiencias: umas resultantes das nossas acanhadas faculdades e habilitações literarias nesta especie de publicações; outras da propria deficuldade de obter documentos, confundidos entre o pó dos arquivos, ou nada legiveis, por se acharem exarados em papel deteriorado, e escritos numa letra deficil com tinta completamente apagada. Para vencer estas dificuldades envidamos todos os esforços; e se algumas vezes saimos victorioso desta lucta em alguns casos fomos vencidos.

Tome-se na divida conta a nossa confissão ingenua e verdadeira. Fizemos o que podemos, trabalhando com tenacidade, consultando tudo e todos, passando dias a ler documentos de dificil leitura, e isto no intuito de depositar na mão dos louletanos a historia do seu concelho.

E porque no logar competente, quando escrevemos de Boliquême, não mencionamos o nome do nosso querido afilhado, e muito digno eclesiastico, Sebastião de Jesus Palma, que tão solicito foi em nos subministrar mui curiosos apontamentos em relação áquella freguesia, é nosso dever aqui registar o nosso agradecimento aos seus estimaveis obsequios e favôres dispensados, com sacrificio do seu tempo precioso. Somente quem se entrega a estes trabalhos de investigação é que bem póde avaliar quanto, muitas vezes, vale a mais pequena informação, a mais simples noticia.

CONCLUSÃO

Referindo-nos ás diversas determinações, documentos e leis no texto do presente livro, nem sempre as citámos, para não tornar mais pesada a *Monografia*. Quem, porem as deseje estudar nos documentos originaes, tem enumeração aqui a dos mesmos e a Estancia Superior, onde os pode encontrar.

Na Chancellaria-mór da Corte e Reino, em referencia ao reinado de D. Affonso 3.º, encontram-se relativos a Loulé:

Carta do foral dos Mouros forros — Liv. 1.º fl. 97 v.º.

Carta do foral a seus moradores — Liv. 1.º fl. 83 v.º.

Carta da quita a seus moradores das jugadas de vinho e linho — Liv. 1.º fl. 86 v.º.

Carta pela qual se entregou o seu castello a El-Rei — Liv. 1.º fl. 87 v.º e liv. 2.º dos Reis, fl. 141 v.º.

Carta sobre a colheita dos fructos—Liv. 1.º fl. 116 v.º.

REINADO DE D. DINIZ

Aforamento de casas no logar da Horta d'El-Rei, no termo de Loulé a Marcos Pires e outros — Liv. 1.º fl. 35.

Aforamento da herdade do reguenho a Martinho Matheus — Liv. 4.º fl. 55 v.º.

Aforamento do moinho, em Quarteira de Cima, a Mousem Judeu e a sua mulher — Liv. 2.º fl. 53.

Aforamento de moinho em Quarteira a Gil Martins — Liv. 4.º fl 78.

Aforamento do mesmo a Martinho Annes—Liv. 4.º fl. 77 v.º.

Aforamento do monte das Lousas (?) a Lourenço Domingues — Liv. 4.º fl. 15.

Aforamento do reguengo da Quarteira e João Pires — Liv. 1.º fl. 54 v.º.

Carta da demarcação do seu relego — Liv. 2.º fl. 19.

Carta do escambo das casas entre El-Rei, Gonsalo Martins e sua mulher — Liv. 3.º fl. 157.

Carta para feira — Liv. 2.º fl. 17.

Doação de vinhas etc, no logar do Cano, a Lourenço Escola — Liv. 1.º fl. 290.

REINADO DE D. AFFONSO IV

Aforamento de Azenhas a Gonsalo Martins—Liv. 3.º fl. 4.º.

Aforamento do reguengo da Quarteira a Martinho Annes—Liv. 3.º fl. 32 v.º.

REINADO DE D. PEDRO I

Carta de confirmação de privilegios—Liv. 1.º fl. 11 v.º.

Carta de Merces dos direitos da sua alcaidaria a Alvaro Affonso—Liv. 1.º fl. 2.

Carta de privilejos a seus besteiros—Liv. 1.º fl. 129 v.º.

Carta para os seus moradores não pagarem disima e outros direitos—Liv. 1.º fl. 9 v.º.

REINADO DE D. FERNANDO I

Aforamento da vinha e chão em Betunes a João Affonso—Liv. 2.º fl. 39 v.º.

Aforamento da vinha e mosteiro a Vasco Esteves—Liv. 2.º fl. 68.

Carta de confirmação de previlegios—Liv. 1.º fl. 39.

Carta de merce do Castello a Alvaro Affonso—Liv. 1.º fl. 1 v.º.

Carta do Castello e suas rendas a João Gonsalves de Vieira—Liv. 4.º fl. 24 e 27 v.º.

Carta de Merce da herdade dos Bacos e Estacas a Vasco Affonso—Liv. 1.º fl. 29 e 105 v.º.

Carta de merce reguengo da Quarteira e Martinho Garcia—Liv. 1.º fl. 4.

Carta para os mouros darem a El-Rei certo foro—Liv. 2.º fl. 40.

Carta para não se tomar aos mouros pescado contra sua vontade—Liv. 3.º fl. 87 v.º.

Carta para os seus moradores comprarem mantimentos em quaesquer logares—Liv. 2.º de Guadiana—fl. 290.

Doação da herdade da Quarteira a Martinho Garcia cavalleiro—Liv. 1.º fl. 69 v.º.

REINADO DE D. JOÃO I

Aforamento de vinhas e figueiras em Betunes a Pedro Esteves—Liv. 3.º fl. 160 v.º.

Carta da confirmação de privilegio—Liv. 1.º, fl. 186.

Carta da confirmação de privilegios á communa dos mouros—Liv. 1.º, fl. 181.

Carta de escambo d'El-Rei pela qual pertencem ao Condistavel varios direitos desta villa e uma herdade no seu termo—Liv. 2.º de Direitos Reaes, fl. 247 v.º

Carta de mercê de casas no Castello a Alvaro Peres Pimentel—Liv. 1.º, fl. 73 v.º

Carta de protecção real á communa dos mouros—Liv. 2.º, fl. 116 v.º

Carta para os almoxarifes pagarem metade das atalaias da villa—Liv. do Guadiana, fl. 279.

Carta para o Condestavel lhe pôr almoxarifes de suas rendas com os privilegios dos d'El-Rei — Liv. 1.º de D. Duarte fl. 29.

Carta para ser sempre da Corôa — Liv. 1.º fl. 195 v.º

Carta para seus moradores não pagarem dizimos de certas mercadorias — Liv. 2.º fl. 29.

Carta para seus moradores não servirem em Castro Marim — Liv. 2.º do Guadiana fl. 280 v.º

Carta para ter por sesmeiros os juizes da Villa—Liv. 2.º de Guadiana fl. 280 v.º.

Doação dos direitos de sua alcaidaria e dos seus fornos a João Gonsalves de Vieira — Liv. 1.º fl. 6 v.º

Doação de foros, tendas e vinhas a Gonsalo Nunes Barreto — Liv. 3.º fl. 185.

Doação dos pardieiros ao concelho para adro da egreja de S. Clemente — Liv. 3 fl. 28.

Doação do pardieiro a João Gonsalves de Vieira — — Liv. 2.º fl. 122.

Sentença para que os mouros paguem a El-Rei dizimo das terras sesmeiras — Liv. 1.º de Direitos Reaes, fl. 242 v.º

REINADO DE D. DUARTE

Carta de privilegios á comuna dos judeus — Liv. 1.º fl. 125 v.º

Carta de privilegios á communa dos mouros. — Liv. 1.º fl. 83 v.º

Carta de privilegio a seu almoxarife — Liv. 1.º fl. 29.

Doação das suas rendas á infanta D. Izabel —Liv. 1.º de Mysticos, fl. 19. v.º

Doação das rendas de pastagem e relego a Gonsalo Barreto — Liv. 3.º fl. 22.

REINADO DE D. AFFONSO V

Capitulo de Cortes — Liv. 15.º fl. 144 v.º — Liv. 20.º fl. 46 v.º — Liv. 24.º fl. 56.

Carta de ordenado a um cirurgião—Liv. 16.º fl. 8.

Carta de privilegios dos besteiros—Liv. 20.º fl. 132.

Carta de privilegios dos estalajadeiros—Liv. 28.º fl. 64.

Carta de privilegio, aos lavradores do reguengo de Quarteira—Liv. 3.º de Guadina, fl. 223.

Carta de quita da dizima do pão que fôr a vender na villa—Liv. 15.º fl. 103.

Carta para a camara haver 4$000 reaes das rendas da villa—Liv. 2.º do Guadiana, fl. 281.

Carta para a camara pagar a El-Rei 200 libras de foro por uma horta—Liv. 1.º de Direitos Reaes, fl. 175.

Carta para fazer casas junto á muralha a Gonsalo Nunes Barreto—Liv. 5.º do Guadiana, fl. 35.

Carta para que se não façam correições na villa — Liv. 7.º fl. 36.

Carta sobre certos direitos de communa dos mouros —Liv. 13.º fl. 177 v.º.

Carta sobre as sizas dos pannos com os de Faro— Liv. 1.º fl. 123.

Carta sobre a negociação dos vinhos em Faro—Liv. 2.º do Guadiana, fl. 282.

Doação ao Conde Valença—Liv. 21.º fl. 85 v.º.

Doação a D. Henrique de Menezes—Liv. 7.º fl. 36.

Doação dos pardieiros a Alvaro de Athaide—Liv. 20.º fl. 9 v.º.

Doação dos pardieiros a Gil de Athaide—Liv. 6.º de Guadina, fl. 97.

Doação de renda da portagem e relego a Affonso Telles Barreto—Liv. 30.º fl. 19.

REINADO DE D. JOÃO II

Capitulo das Cortes—Liv. 23.º fl. 106—Liv. 25.º fl. 41 Liv. 27.º fl. 5 v.º.

Carta de Coudel (capitão de cavallaria) a Diogo de Athaide—Liv. 27.º fl. 83 v.º.

Carta de privilegios ao capellão dos mouros forros—Liv. 18.º fl. 11.

Carta de privilegios a seus estelajadeiros—Liv. 8.º fl. 195 v.º.

Carta de privilegios aos lavradores do reguengo de Quarteira—Liv. 1.º de Guadiana, fl. 4 v.º.

Carta de quitação de certo donativo—Liv. 27.º fl. 96.

Carta para seu almoxarife pagar metade das atalaias da villa—Liv. 8.º fl. 980.

Carta para os seus juizes o serem das sesmarias—Liv. 8.º fl. 980 v.º.

Carta onde são dados ao concelho 4$000 reis das rendas da villa—Liv. 8.º fl. 181.

Carta a seus moradores para levarem mantimentos de outros logares—Liv. 8.º fl. 180 v.º.

Carta aos seus moradores para não servirem em Castro-Marim—Liv. 8.º fl. 180 v.º.

Carta aos seus moradores para visinharem com os de Albufeira—Liv. 8.º fl. 199.

Carta sobre o carregar dos vinhos de Loulé por mar no porto de Faro—Liv. 8.º fl. 180 v.º.

Carta sobre a jurisdicção do officio de Adiantado—Liv. 8.º fl. 181 v.º.

Doação da renda da portagem a Affonso Telles Barreto.

REINADO DE D. MANUEL

Aforamento de casas a Affonso Telles Barreto—Liv. 1.º de Guadiana, fl. 209.

Carta a D. Francisco Coutinho para aquelles que possuirem rendas ou direitos não os poderem vender—Liv. 1.º de Mysticos, fl. 166 v.º

Carta á Infanta D. Brites sobre os direitos que devem pagar aquelles que possuirem bens de mouros—Liv. 1.º de Mysticos —fl. 40 v.º

Carta de privilegio a seus moradores—Liv. 38 fl. 46 v.º

Carta de sesmaria nas vinharias a Soeiro Mendes Neto—Liv. 7.º de Guadiana, fl. 48 v.º

Carta sobre a data dos officios—Liv. 39.º fl. 48.

Carta sobre a eleição de vedôr da igreja principal—Liv. 31.º fl. 90.

Doação de Loulé e sua alcaidaria a D. Francisco Coutinho—Liv. 29.º fl. 45.

Doação do reguengo na ribeira de Atôr a Diogo Fernandes—Liv. 1.º de Guadiana, fl. 64.

REINADO DE D. JOÃO III

Carta de privilegio aos moradores sobre suas prisões —Liv. 52.º fl. 120 v.º

Doação á Infanta D. Guiomar—Liv. 39.º fl. 88 v.º.

REINADO DE D. SEBASTIÃO

Carta para ter acongue—Liv. 7.ª fl. 274.

REINADO DE PHILIPPE II

Carta para os seus moradores terem açougue—Liv. 6.º fl. 190.

Carta para Loulé ser sempre da corôa—Liv. 18.º fl. 63.

REINADO DE D. JOAO IV

Alvará aos moradores do termo para não levar o gado á boiáda do concelho—Liv. 12.º fl. 234.

REINADO DE D. AFFONSO VI

Alvará para feira franca—Liv. 28.º fl. 267.

Alvará sobre as despesas dos engeitados—Liv. 37.º fl. 287 v.º.

REINADO DE JOÃO V

Alvará de administração dum reguengo a Antonio Garcez da Silva Telles e Menezes—Liv. 47.º fl. 311.

Alvará de mercê da alcaidaria mór a Lourenço Philippe de Mendonça e Moura, conde do Valle de Reis—Liv. 82.º fl. 342 v.º

Alvará ao bacharel Luis Pereira da Silva da Mercê do officio do escrivão do judial e notas—Liv. 30.º fl. 221 v.º

Alvará aos moradores de Loulé para lançarem no cabeção das sizas 30$000 reis para um mestre do latim—Liv. 36.º fl. 186 v.º

Carta do juiz de fóra ao bacharel Salvador Jorge Vaz de Sousa—Liv. 114.º fl. 329 v.º

Seguem-se neste reinado outras cartas referentes aos diversos juizes de fóra, Jeronimo Tavares Mascarenhas, João Soares Espinosa, Estevão Fragoso Ribeiro, Luis Daniel, Philippe Peixoto de Moura, José de Oliveira da Costa e Philippe Teixeira de Sequeira.

Provisão á irmandade de S. Sebastião e Ordem Terceira de S. Francisco para levarem terrado duma feira—Liv. 122.º fl. 258.

CHANCELLARIA DA ORDEM DE S. THIAGO

Alvará da commenda ao Cardeal Cacini, de 1840—Liv. 29.º fl. 90 v.º

Provisão da confirmação do cumpromisso da Irmandade de S. João Baptista sita na egreja de S. Clemente, de 1727—Liv. 23.º fl. 173.

Alvará daquella commenda a Lopo Furtado de Mendonça com a pensão de 400$000 reis annuaes para D. Brites de Lima, sua mãe—Liv. 18.º fl. 229 v.º

ARCHIVO DO DESEMBARGO DO PAÇO

Instituição da capella, em Loulé, 1802, por Bartholomeu Rodrigues. M. 349, n.º 4.

Bens do morgado dos Pessanhas (1828) Março 734 n.º 5.

Camara de Loulé	Anno	Março	Numeros
»	1765	456	37
»	1767	457	101
»	1768	458	3 e 17
»	1793	495	46
»	1795	497	106
»	1802	505	94
»	1803	507	14
»	1804	508	60
»	1806	510	15 e 57
»	1810	513	37
»	1813	515	67 e 75
»	1814	516	68
»	1815	517	76
»	1819	523	72
»	1821	526	2
»	1824	530	100 e 115
»	1826	531	63
»	1795	559	40
»	1800	565	49
»	1802	568	20
»	1806	575	82
»	1807	577	53
»	1809	580	76 e 98
»	1812	584	105
»	1815	587	35 e 36
»	1817	589	24
»	1823	728	7
»	1824	729	27
»	1761	743	76
»	1769	774	38
»	1770	745	30 e 48
»	1776	746	25
»	1776	746	42

Camara de Loulé	Anno	Maço	Numeros
»	1782	747	9 e 28
»	1786	747	46 e 59
»	1793	748	102
»	1795	»	22
»	1799	749	36
	a		
»	1801	750	1
»	1804	751	27
»	1802	751	93
	a		
»	1804		
»	1805	752	1
	a		
»	1809	753	1
»	1814	756	25
	a		
»	1816		
»	1821	756	27
»	1820	759	5
	a		
»	1822		
»	1824	760	1
	a		
»	1826		
»	1827	767	10
	a		
»	1829	763	2
	e a		
»	1831		
»	1832	764	13
»	a		
»	1834		
»	1825	779	18
»	1786	777	28
»	1815	779	60
»	1819	784	52
»	1831	801	24
»	1830	801	95
»	1803	802	14
»	1785	808	72

Camara de Loulé	Anno	Março	Numeros
»	1769	809	89
»	1823	824	86
»	1812	831	40
»	1813	»	83
»	1818	»	234
»	1820	831	298
»	1821	832	2
»	1823	832	178
»	1817 a 1819	757	29
»	1811	831	32
»	1813	»	87
»	1815	»	123
»	1819	»	219
»	1819	»	258

São de duas especies os processos da camara catalogados: processos eleitoraes, e processos judiciaes em que a camara de Loulé foi auctora ou ré.

Ainda outros assuntos referentes ás collegiadas, conventos e confrarias de Loulé, se acham devidamente catalogados. Não indicamos os seus maços e os seus numeros porque é muito secundario, na actualidade, o seu valôr.

*

* *

Devemos francamente confessar, que alguma vez empregamos na apreciação de certos factos, uma ou outra palavra mais dura. Nunca foi nossa intenção, nem está nos nossos habitos, melindrar ou maguar alguem isoladamente. Casos ha em que as organisações psiquicas, ainda as mais moderadas, em frente de certos factos, irrompem, não podendo conservar e manter a sua inherente placidez.

Dedicando este livro á memoria sagrada de um amigo, que, por muito tempo, foi *duramente combatido* sem que da sua posição social, aliás elevadissima, se servisse para tirar um *desforço cruel*, desejamos seguir-lhe o exemplo de extrema benevolencia, não reabrindo feridas. Aos que foram

seus dedicados amigos e aos seus adversarios intransigentes, mas honestos e serios, e que hoje lastimam a falta que ficou fazendo a sua autoridade beneficiente em favor do seu querido concelho, lembramos a necessidade de se acercar do estandarte, que representa o seu concelho, afim de que mantenham a sua integridade, entregando aos seus filhos o deposito sagrado que conquistaram com seus exforços ou herdaram dos seus paes. Não somos filhos de Loulé, mas aqui residimos ha trinta annos, e magoam-nos profundamente dessidencias, que redundam em desprestigio do concelho.

Pode cada cidadão professar os principios mais em harmonia com os seus sentimentos, mas adaptando-os ao bem estar do seu concelho. Um sentimento, porem, que em logar de ser liberal, é intolerante, invejoso e feroz—escreveu Bastos, é um vicio abominavel e não patriotismo, por mais que se lhe queira dar este nome.

Pensem no que escreveu o filosofo citado: «o patriotismo estreita os laços da sociedade, mas o espirito do partido os relaxa». Unam-se os filhos do concelho, lembrando-se de que são elles, e não os extranhos, os unicos que têem interesse na integridade do seu municipio. Fechem os ouvidos aos discursos balofos dos que nas occasiões criticas lhes batem ás portas, promettendo tudo. Elles apenas advogam *os seus interesses* e não os vossos.

Pensem constantemente no Evangelho das nações civilisadas, que reza assim: *amai a vossa familia mais do que a vós mesmos; a vossa patria mais que a vossa familia; o que em boa linguagem, quer dizer:* Sêde patriotas—tudo pelo vosso concelho.

Era e foi sempre esta a dívisa do benemerito filho desta terra, a cuja memoria dedicamos este livro. E para terminar, como começamos, ainda outra vez repetiremos aquelles maviosos versos do nosso illustre condiscipulo e velho amigo —o dr. Candido de Figueiredo — que no frontispicio deste livro reproduzimos, com a falta de um verso, que escapou á cuidada revisão:

AO MENOS...

Ao menos dorme o somno derradeiro
na terra, em que folgou quando creança!
reclina-se no tumulo, e descansa
onde raiou sua primeira esperança,
onde florio o seu abril primeiro!

Elle ha de ouvir por noites estrelladas,
em notas doces de ideaes balladas,
aquella aragem acariciadora,
que lhe embalou a meninice outr'ora!

Quando o sol apontar alem da serra,
e na alameda aves soltarem hymnos,
Talvez se oiça no tumulo qu' o encerra
«Reconheço-vos, canticos divinos,
«Reconheço-vos, sol da minha terra!

Loulé 1-1-905.

FIM

INDICE

		PAG.
Dedicatoria		5
Duas palavras		7
CAPITULO I – Historia dos Concelhos		11
» II – Concelho de Loulé § 1 Territorio		16
§ 2	Clima	17
§ 3	Orografia	18
§ 4	Hidrografia	19
§ 5	Hidrologia	20
§ 6	Hidrografia da Costa	21
§ 7	População	22
§ 8	Molestias endemicas	23
§ 9	Minas	25
§ 10	Viação publica	26
§ 11	Emigração	27
§ 12	Agricultura	27
§ 13	O Commercio	31
§ 14	Industrias	32
§ 15	Praias	33
§ 16	Peixe e marisco	34
§ 17	Eclesiastico	35
§ 18	Beneficencia	36
§ 19	Associações de Previdencia	37
§ 20	Tribunal e Repartições publicas	37
§ 21	Instrucção publica	38
§ 22	Imprensa	39
§ 23	O Theatro	40
§ 24	Edificios da camara	40
§ 25	Expostos	43
§ 26	Impostos	44
§ 27	Receita e despesa do municipio em relação a 1904	45
§ 28	O Estandarte da camara	46
CAPITULO III – Loulé		47
» IV – Noticias historicas		59
§ 1	Tomada do Castello de Loulé	60
§ 2	Movimentos geologicos	61
§ 3	Inundações	63
§ 4	Guerras, revoluções e revoltas	67
§ 5	Inscripções e memorias antigas	69

PAG.

CAPITULO V—Curiosidades historicas e modernas 73
» VI—Freguesia de S. Clemente. § 1 Matriz. 87
§ 2 Misericordia 90
§ 3 Hospital. 94
§ 5 Convento da Graça. 97
§ 6 » dos Grilos 98
§ 7 Convento do Espirito Santo. 99
§ 8 Ermida de S. Genes ou S. Gens 100
§ 9 » » N. Senhora de Farrobilhas 101
§ 10 » » S. Domingos 102
§ 11 » » N. Senhora do Carmo 103
§ 12 Ermida de N. Senhora do Pilar 103
§ 13 » » » da Conceição 103
§ 14 » » » » das Portas do Ceu. 105
§ 15 » » St. Anna na Rua de Portugal 105
§ 16 » » Santa Luzia 107
§ 17 Santa Catharina 107
§ 18 Area da freguezia de S. Clemente 108
CAPITULO VII—Freguezia de S. Sebastião—S. Sebastião do Rabaldo (Ermida dos arrebaldes) 110
§ 2 Convento de Santo Antonio 118
§ 3 Nossa Senhora da Piedade 119
§ 4 » » » Conceição de Quarteira 123
§ 5 » » « Boa Hora 123
§ 6 » » do Bom Successo. 124
§ 7 Area da freguezia de S. Sebastião. 125
CAPITULO VIII—Almancil 127
» IX—Alte 132
» X—Ameixial ou Maxial 141
» XI—Boliquême 144
» XII—Querença. 150
» XIII—Salir, ou melhor, Selir 158
» XIV—Noticias historicas relativas ás freguezias ruraes 168
§ 1 Civilização neolithica neste concelho. 174
CAPITULO XV—Caracter louletano 183
» XVI—Superstições. 188
» XVII—Contos, lendas e tradições. 193
» XVIII—Catalogo dos filhos de Loulé que, por seus feitos, e illustração, se recomendaram á posteridade 200
CAPITULO XIX—Filhos do concelho de Loulé notaveis pelas suas forças herculeas 235
CAPITULO XX—Martires da Liberdade 243
» XXI—Predios brazonados e sem brazão 259
» XXII—Familias illustres do Concelho de Loulé . . . 267
Notas 285
Declaração 344
Conclusão 345

ERRATAS

Alem de uns pequenos erros tipograficos de facil emenda, outros escaparam ao revisor, sendo mais importantes os seguintes:

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
75	15	em	em Aljustrel
81	1	mirantc	No mirante
103	12	ermida	avenida
104	8	collinas	ultimas
108	20	Pombares	Pomares
115	20	manço	mansa
123	5	lado	adro
133	6	talha	telha
148	20	Arretorta	Arroteia
173	16	Salir	Selir
281	5	prometeram-nos	e prometeram-nos
300	10	esfreveria	atreveria
»	28	agradados	agravados
303	12	sos oio	sos oito
306	18	desto	deste
307	34	untos	juntos
324	43	aucto	auto
344	7	Barão	Baião
»	22	rcidos	vencido
212	14	cadeias	cadeiras

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 5238